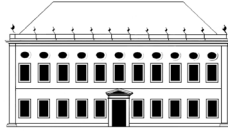




Brian F. Head

**P**LAN POUR L'ÉDUCATION  
D'UN JEUNE SEIGNEUR RUSSE

MANUSCRITO DE RIBEIRO SANCHES (1766).  
LEITURA, TRANSCRIÇÃO, TRADUÇÃO E  
COMENTÁRIOS FILOLÓGICOS.



D O C U M E N T O S



**EDIÇÃO**

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Email: imprensa@uc.pt  
URL: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)  
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

**COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Imprensa da Universidade de Coimbra

**CONCEÇÃO GRÁFICA**

António Barros

**IMAGEM DA CAPA**

Sanches / Sanchez, Antonio Nunez Ribeiro (1699-1783)  
Levillain, G. (Auteur de l'image)  
[Cortesia da Biblioteca Municipal de Penamacor]

**INFOGRAFIA**

Mickael Silva

**EXECUÇÃO GRÁFICA**

Simões e Linhares, Lda.

**ISBN**

978-989-26-1075-7

**ISBN DIGITAL**

978-989-26-1076-4

**DOI**

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1076-4>

**DEPÓSITO LEGAL**

414506/16

Brian F. Head

**P**  
**LAN POUR L'ÉDUCATION  
D'UN JEUNE SEIGNEUR RUSSE**

MANUSCRITO DE RIBEIRO SANCHES (1766).  
LEITURA, TRANSCRIÇÃO, TRADUÇÃO E  
COMENTÁRIOS FILOLÓGICOS.

(Página deixada propositadamente em branco)

à Larisa

(Página deixada propositadamente em branco)

*In memoriam*  
Amadeu Torres



(Página deixada propositadamente em branco)

## SUMÁRIO

Prefácio .....	11
Introdução.....	13
Manuscrito e transcrição .....	22
Tradução .....	135
As palavras russas num manuscrito de Ribeiro Sanches (1766).....	183
Comentários filológicos sobre o francês do manuscrito .....	267

(Página deixada propositadamente em branco)

## PREFÁCIO

O presente trabalho consiste num estudo de um ensaio da autoria de António Nunes Ribeiro Sanches, médico, filósofo e pedagogo do século XVIII. O ensaio encontra-se num manuscrito de 55 páginas que pertence a um conjunto de divesos manuscritos de Ribeiro Sanches, do Arquivo Distrital de Braga, com o título abrangente de *Colecção de Autographos inéditos do célebre médico portuguez António Riberio Sanches--Pensées sur l'éducation*. O objeto deste estudo é o número 2 da *Colecção*, das folhas 63 a 90, com o nome, para fins de catalogação, *L'éducation d'un Seigneur Russe*; o manuscrito data de 1766.

O presente estudo inclui uma introdução sobre a vida e obra de Ribeiro Sanches, a reprodução do manuscrito original, a transcrição do texto com base numa nova leitura, a tradução do manuscrito para português, comentários filológicos referentes ao francês do manuscrito, observações sobre a leitura e a tradução das palavras russas do manuscrito, com comentários filológicos referentes às palavras russas e às relações entre estas e palavras de outros idiomas, especialmente das línguas do Indo-Europeu.

Há vários estudos anteriores referentes às obras da autoria de Ribeiro Sanches. Faz poucos anos, Fernando Augusto Machado publicou o livro com o título *Educação e Cidadania na Ilustração Portuguesa--RIBEIRO SANCHES* (Porto: Companhia das Letras, 2006), o qual consiste principalmente de um ensaio original, seguido por um anexo com a reprodução do manuscrito de Ribeiro Sanches (1766), com transcrição e tradução.

Encontram-se divergências substanciais entre a leitura e a transcrição do referido livro e as do presente estudo. Tais divergências são referidas em notas deste trabalho.

A leitura e a transcrição do manuscrito de Ribeiro Sanches (1766) deste estudo estão de acordo com os princípios da edição diplomática, segundo os quais se procura fazer um representação fiel ao manuscrito original.

Devo ao saudoso colega e amigo o Professor Amadeu Torres o estímulo de preparar uma nova edição do manuscrito de Ribeiro Sanches (1766), *L'éducation d'un Seigneur Russe*. Por não ter podido terminar e publicar o presente estudo quando o ilustre Colega ainda estava em vida, dedico-lho agora.

## INTRODUÇÃO.

António Ribeiro Sanches nasceu na Beira Interior, em Penamacor, em 1699 e faleceu na França, em Paris, em 1783.

Divide-se em três fases distintas a sua vida de 84 anos: (1) em Portugal e na Espanha, de 1699 a 1726, (2) em diversos países da Europa, incluindo-se a Rússia, de 1726 a 1747, e (3) em Paris, de 1747 a 1783.

Na primeira fase, destacam-se a preparação nos estudos formais e o exercício inicial da profissão de médico, em Portugal. Aos treze anos de idade, saiu de Penamacor e foi morar na Guarda, no intuito de adquirir maior conhecimento da música e das Letras. Na Guarda, onde morava na casa de um dos tios, nasceu o seu interesse pela medicina, ao contrário das esperanças do pai e do tio, que queriam que se tornasse advogado.

De 1716 a 1719, morou em Coimbra, onde estudou Letras, Direito e Filosofia. Por ser pouco adequado para os estudos o ambiente de Coimbra na ocasião, devido a atitudes reacionárias entre os estudantes e ao caráter retrógrado do ensino na Universidade, decidiu continuar os estudos no estrangeiro, seguindo o conselho de Martinho de Proença, membro da Real Academia de História e Bibliotecário Régio. Optou por estudar medicina na Universidade de Salamanca, onde completou o grau de doutor em 1724, com uma dissertação intitulada *Venae rubrae nunquam absorvent*, da qual não se conhecem exemplares actualmente.

Regressou a Portugal, onde exerceu a profissão de médico em Lisboa durante alguns meses, a tratar doentes da febre amarela

durante uma epidemia que havia na época. Em 1725, foi nomeado médico na aldeia de Benavente, onde combatia febres intermitentes comuns na região. Preocupado com a Inquisição e desejando adquirir novos conhecimentos, decidiu sair do país. Embarcou para Génova em 1726, onde iniciou a segunda fase da vida.

Depois da Itália, foi à Inglaterra, onde assistiu a aulas de medicina e de matemática em Londres. Devido ao agravamento de uma doença devido ao clima húmido, regressou ao Continente, onde visitou algumas universidades francesas. Foi a Marselha para encontrar-se com o Doutor Bertrand, que lhe proporcionou conhecimentos da atividade do Doutor Boerhaave, de Leida, cujas aulas eram frequentadas por médicos de renome. Bertrand mostrou o livro de Boerhaave sobre aforismos médicos a Ribeiro Sanches, incentivando este a deixar a França e ir aos Países Baixos e inscrever-se na Universidade de Leida, onde assistiu a aulas de química, física e farmacologia, além das aulas de Boerhaave.

Ribeiro Sanches destacou-se tanto entre os estudantes que Boerhaave o escolheu em resposta a um pedido da Czarina Ana Ivanova, que havia solicitado enviar os nomes de três dos melhores alunos para ocuparem postos médicos honorários no Império Russo. Segundo versão lendária, Boerhaave transmitiu à Czarina o nome de Ribeiro Sanches, recomendando a este que terminasse o bacharelato o mais rápido possível. Foi só então que o médico português revelou ao mestre que já era doutor em medicina pela Universidade de Salamanca.

Em outubro de 1731, com 32 anos de idade, Ribeiro Sanches foi para a Rússia, onde foi imediatamente nomeado para o posto de médico principal em Moscovo. Com 34 anos, foi convocado a São Petersburgo, sede da corte russa. Em 1735, assumiu o posto de médico principal do exército Imperial, atividade que exerceu durante seis anos, com participação da campanha contra a Polónia e da guerra entre a Crimeia e a Turquia, de 1735 a 1737, assim como de conflitos posteriores com a Ucrânia.

Ao regressar a São Petersburgo, foi nomeado médico do Corpo Imperial de Cadetes, seguido, em 1740, pelo posto de médico da Corte Russa, o qual manteve durante sete anos, até ao fim da estadia na Rússia.

Durante o período de residência na Rússia, Ribeiro Sanches não se limitava à atividade clínica, mas também manteve uma procura constante de novos conhecimentos. Manteve correspondência com as principais instituições culturais e com pessoas doutas, colocando-se entre os humanistas mais esclarecidos da época.

Através de caravanas que ligavam São Petersburg a Pequim, mantinha contacto com os missionários da corte chinesa, de quem obtinha plantas orientais e informações sobre os seus usos medicinais, assim como outras práticas da medicina chinesa. Costumava trocar livros de medicina por tratados de astronomia. Do cirurgião de uma missão na Pérsia recebeu diversas plantas de uso médico, além de um sal colhido em Astracã que Ribeiro Sanches pensava ser uma espécie de bórax e mandou analisá-lo.

A experiência da participação em campanhas militares levou-o a propor a ventilação dos hospitais e das prisões, ao contrário das práticas comuns na época. De anotações roubadas durante o cerco de Azof, colheu numerosas observações sobre doenças frequentes entre militares. Ao seu antigo professor de farmacologia de Leida, que estava então em Viena, revelou as vantagens observadas no tratamento de sífilis pela administração de cloreto de mercúrio.

Comunicou os resultados de algumas das suas pesquisas etnográficas a Buffon, que os incluiu na sua *Histoire Naturelle*. Com frequência trocava cartas com Macran, que o nomeou sócio correspondente da Academia das Ciências da França. Interessavam-lhe todos os domínios do saber, desde a medicina até a física, da história até a política, da etnografia até a pedagogia, o que o levava a manter correspondência com numerosos especialistas da Europa. Em 1737, por intermédio da Academia Imperial de São



Petersburgo, enviou uma coleção das suas obras à Real Academia de História de Portugal.

Em 1740, foi pedida a intervenção de Ribeiro Sanches no tratamento da Czarina Ana Ivanova, durante a fase final da vida. Ao contrário da opinião de outros médicos em atendimento, Ribeiro Sanches diagnosticou a doença da Czarina como nefrolitíase e fez um prognóstico sombrio. Havia iniciado a sua participação no tratamento demasiadamente tardio para impedir a morte. A autópsia confirmou a opinião de Ribeiro Sanches, o que lhe valeu a admiração dos colegas.

Com o falecimento da Czarina, começou na Rússia um longo período de agitação sócio-política e de disputas sobre a sucessão à coroa imperial: Bühren, o antigo amante da czarina, governou durante três semanas, sendo depois demitido pelo Marechal Munique, que entregou a regência a Ana Leopoldina em nome do herdeiro Ivan IV; um novo golpe, chefiado pelo cirurgião Lestoy, resultou na demissão de Ana Leopoldina, passando o poder à Grã Duquesa Isabel, filha de Pedro o Grande. Só depois de muitos anos voltou estabilidade ao governo, com o reino de Catarina II.

Inevitavelmente, Ribeiro Sanches estava envolvido nas conspirações palacianas. Acusado de judaísmo, passou algum tempo na prisão. Pediu exoneração de todos os cargos a fim de poder deixar a Rússia, mas o pedido foi negado. Devido à sua fama como clínico, foi obrigado a dar tratamentos a Ana Leopoldina e a Ivan IV, sendo posteriormente solicitados os seus cuidados para o Duque de Holstein, que resultaram num novo êxito depois de trinta dias de tratamento constante. Também cuidou da Princesa Anhalt-Zerst, que se tornou Catarina a Grande. Foi nomeado Conselheiro do Estado, mas o desejo de sair da Rússia permanecia, até que, finalmente em setembro de 1747, recebeu a necessária autorização.

Ao deixar a Rússia, optou por ir para a França, de forma que, com 48 anos de idade, iniciou a residência em Paris, onde passaria

os seus últimos 36 anos, que constituem a terceira fase da vida de Ribeiro Sanches, um período caracterizado por intensas atividades no estudo e na escrita, em diversos domínios: a medicina, a pedagogia e algumas áreas sociais e políticas. Durante este período, manteve correspondência com várias pessoas ilustres, tais como: d’Alembert, Diderot, Buffon, Falconet, Fothergill, Pringle e Mertens. Doou a maior parte da sua rica e diversificada biblioteca à Academia Imperial das Ciências, que o nomeou sócio honorário.

Devido à sua fama como médico, não podia abandonar a atividade clínica durante o período na França, mas reduziu-a bastante, limitando-se ao atendimento de amigos, compatriotas, russos e pobres. Como resultado da conseqüente redução na renda, chegou a enfrentar dificuldades financeiras, que lhe causaram problemas durante os últimos anos da vida.

O governo de Portugal concedeu a Ribeiro Sanches uma pensão anual de trezentos mil reis e Catarina II da Rússia estabeleceu, em 1763, uma pensão anual de mil rúpias, além de conceder-lhe um brasão com a legenda *Non sibi se toti genitum* («Não para si próprio mas para todos»). Por pedido especial da Czarina, o Grão Duque Paulo visitou Ribeiro Sanches em 1782.

No âmbito da Medicina, uma das áreas principais dos seus interesses era o tratamento das doenças venéreas. Registava as manifestações clínicas do sífilis, indicando possíveis remédios, como o sublimato corrosivo. Acreditava que o sífilis podia ser hereditário, mas estava errado ao incluí-lo no mesmo grupo de diagnóstico que as outras doenças venéreas transmissíveis. Colaborou na *Encyclopaedie* de Diderot com um extenso artigo sobre doenças venéreas, o tema de um dos seus livros que provocava grandes discussões: *Dissertação sobre a origem da doença venérea*, traduzido para o inglês pelo Dr. Jacob de Castro Sarmiento, que também apresentou à Sociedade Real de Londres a obra de Ribeiro Sanches sobre a «Observação da parálise do *caecum* intestinal.»

Ribeiro Sanches também se ocupava de diversos aspetos da higiene e saúde públicas. Estava preocupado com a higiene das latrinas urbanas e com a poluição do ar. Escreveu uma *Dissertação sobre os banhos russos*. A seguir ao grande terramoto de Lisboa em 1755, escreveu, a pedido do Marquês de Pombal, o *Tratado sobre a conservação da saúde de um povo*, com uma demonstração de como o clima de Lisboa havia melhorado depois da catástrofe. O *Tratado* foi traduzido para o italiano pelo irmão Marcelo, médico na Sicília.

Em Paris, junto com Payen, encarregou-se de uma pesquisa sobre o uso do barro de Mafra, que pensava ter benefícios no tratamento do cancro. Introduziu na França o uso de tintura de cantarides e a raiz de Colombo, até então desconhecido no Ocidente, que lhe fora revelado na Rússia. Também a pedido do Marquês de Pombal, fez um ensaio sobre a América portuguesa, do qual a maior parte está atualmente perdida. Os capítulos restantes são: (1) sobre as colónias, (2) a colónia portuguesa na América, (7) a plantação e o comércio do açúcar, (8) sobre o tabaco: preparação e comércio, além de alguns parágrafos sobre os jesuítas no Paraguai, o governo do Brasil, e bispos e padres.

No âmbito sócio-político, as suas escritas incluem, entre outras, uma *Dissertação sobre o método de preservar as conquistas e as colónias portuguesas*, *Algumas considerações sobre o casamento dos clérigos*, um livro sobre a *Origem dos termos antigo cristão e cristão novo*, e outro sobre *O cultivo das ciências e artes no Império Russo*.

Nos domínios da pedagogia e da educação, os seus trabalhos incluem os *Projetos para o estabelecimento de uma escola de agricultura*, o *Plano para a educação de um jovem fidalgo* e *Cartas sobre a educação da juventude*.

Na medicina, escreveu um *Memorial sobre o ensino da cirurgia patológica* por pedido da Escola de Medicina de Estrasburgo, além de algumas *Notas sobre pensamentos acerca do governo da comunidade médica e dos médicos*, que comunicou à Escola de Moscovo em 1754. A sua obra principal na área da pedagogia da medicina

é o Método para aprender e estudar a medicina, escrito em Paris em 1763, em que Ribeiro Sanches se mostrava pioneiro pela ênfase da ligação entre os hospitais e as escolas de medicina e a união entre o ensino da medicina e a cirurgia. Ribeiro Sanches propunha que os estudos médicos seguissem os *Aforismos* de Aristóteles e as *Instituições médicas* de Boerhaave, de forma que unissem o tradicional com o inovador.

As ideias de Ribeiro Sanches tiveram grande influência junto ao Marquês de Pombal. Com base nelas, foi fundado em Lisboa em 1761 o Real Colégio dos Nobres, que seguia o *Plano para a educação de um jovem fidalgo* e *Cartas sobre a educação da juventude*. O *Método para aprender e estudar a medicina* inspirou a reforma pombalina da universidade portuguesa em 1772, mormente no tocante ao ensino da medicina.

Em novembro de 1782, tratou o embaixador de Portugal em Paris, D. Vicente de Sousa Coutinho. A sua dedicação e os seus conhecimentos inspiraram uma carta da Embaixada a considerar Ribeiro Sanches um dos maiores sábios na história do País.

Ribeiro Sanches deixou mais de 27 volumes de manuscritos inéditos. O seu amigo, o Dr. Andry, tratou da publicação de alguns desses manuscritos.

Segue-se uma lista de alguns dos trabalhos de Ribeiro Sanches.

## **Obras publicadas:**

*Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne, dans laquelle on prouve qu'elle n'a point été apportée d'Amérique, mais qu'elle a commencé en Europe par une épidémie.* Paris 1750, 1752, 1756 (com o título ligeiramente alterado). *A Dissertation on the Origin of the Venereal Disease* é a tradução inglesa de Jacob de Castro Sarmiento, editada em Londres em 1751.

*Tratado da Conservação da Saúde dos Povos: obra útil, e igualmente necessária aos Magistrados, Capitães Generais, Capitães de Mar e Guerra, Prelados, Abadessas, Médicos e Pais de Família; com um apêndice - Considerações sobre Terramotos, com a notícia dos mais consideráveis de que faz menção a História, e dos últimos*

*que se sentiram na Europa desde 1 de Novembro de 1755*. Paris, 1756, reimpressão: Lisboa, 1757, com tradução italiana de Marcelo Sanches.

*Cartas Sobre a Educaçao da Mocidade*. Köln, 1760.

*Método para Aprender e Estudar a Medicina, ilustrado com os Apontamentos para estabelecer-se uma Universidade Real na qual deviam aprender-se as Ciências Humanas de que necessita o Estado Civil e Politico*. Paris, 1763

*Examen historique sur l'apparition de la maladie vénérienne en Europe et sur la nature de cette épidémie*. Lisboa, 1774.

*Observations sur les maladies vénériennes, par le M. Antonio Nunes Ribeiro Sanches, publiées par M. Andry*, publicação póstuma pelo Dr. Andry. Paris, 1785.

«Affections de l'âme», artigo em *l'Encyclopédie Méthodique; Médecine*, 1787, v. 1, pp. 245-277.

«Observação da Parálise do Intestino Cego», com tradução para o inglês pelo Dr. Jacob de Castro, apresentada à Royal Society of London, *Phil. Trans.* n.º494, art. XVI.

«Maladie vénérienne chronique», artigo no *Dictionnaire Raisonné des Sciences et des Arts*.

Dos manuscritos que passaram ao Dr. Andry, incluem-se, entre outros, os seguintes.

Sobre doenças venéreas e infecciosas:

«Pensées sur les effets de l'inoculation faite avec le poison de la petite vérole en différentes maladies et particulièrement dans la maladie vénérienne»,

«De cura variolarium Vaporarii opa apud Ruthenos omni memoria anliquioris usu recepta»

«Remarques sur l'ouvrage intitulé Parallèle de différentes méthodes de traiter la maladie vénérienne»,

«Réflexions sur les maladies vénériennes».

Filosofia, pedagogia, interesses políticos e sociais:

«Dissertação sobre as paixões d'alma», 1753.

«Lettre adressée à l'Université de Moscou sur la méthode d'apprendre et d'enseigner la médecine. Instruction pour le Professeur qui enseignera la chirurgie dans les Hôpitaux de S. Petersburg», 1754

«Plan sur la manière de nourrir et d'élever les enfants trouvés dans l'hôpital de Moscou», 1764 «Dissertation sur les beaux-arts, leur utilité, leurs inconvenients, leurs avantages», 1765

«Traité sur le rapport que les sciences doivent avoir avec l'Etat civil et politique, appliqué à l'état présent de l'Empire de Russie», 1765.

«Moyens pour conserver le commerce déjà établi en Russie et pour le faire fleurir à perpétuité», 1766.

«Moyens pour lier et attacher de plus en plus les Provinces conquises à l'empire de Russie de la même manière que fit Auguste par rapport aux Provinces de son Empire», 1766.

- «Réflexions sur l'économie politique des Etats, appliquées particulièrement à l'Empire de Russie»
- «Réflexions sur l'état désavantageux des Laboureurs de Russie, des Esclaves des Domaines et des seigneurs; lesquels souffrent les plus grands charges de l'Etat, de manière qu'ils diminuent tous les jours avec les moyens propres à pouvoir recruter les armées de terre et mer, sans y employer les laboureurs et récompenser les soldats et les officiers qui ont servi pendant 20 ans»
- « Traité sur les moyens propres pour augmenter le commerce de Russie»
- «Traité sur le commerce de l'empire de Russie», 1770
- «Traité dans lequel on prouve que l'introduction d'une meilleure administration de la justice contribue à l'amélioration de la société»
- «Projet pour rétablissement d'une Ecole d'agriculture»
- «De l'origine des hôpitaux», 1772
- «Du mariage des prêtres»
- «Plan pour l'éducation d'un jeune seigneur»
- «Lettre sur les moyens de faire entrer un cours de morale dans l'éducation publique»
- «Dissertation dans laquelle on examine si la ville, appelée par les Romains Pax Augusta est celle de Beja au Portugal ou celle de Badajoz, en Castella» - «Origem da denominação de cristão velho e de cristão novo no reino de Portugal e das causas destas denominações, assim como da perseguição aos Judeus, com os meios de fazer cessar em pouco tempo esta distinção entre súbditos dum mesmo estado...»
- «Dissertação sobre os meios próprios para governar e conservar as conquistas e colónias de Portugal»
- Outros textos da sua autoria:
- Venae rubrae nunquam absorvent*, 1724, dissertação de doutoramento, Universidade de Salamanca,
- «Memória sobre as éguas de Penha Garcia»,
- «Dissertação sobre os banhos Russos»,
- «Pecúlio de várias receitas», sobre o sífilis
- «Memória acerca do ensino da cirurgia patológica», por pedido da Escola Médica de Estrasburgo,
- »Ramal de observações sobre todas as partes da Medicina e principalmente sobre a prática», «Discurso Sobre a América Portuguesa»,
- «Fundamentos da Sociedade Cristã e Política», 1760,

Ribeiro Sanches também promoveu uma edição d'*Os Lusíadas* de Luis de Camões, Paris, 1759.

Em 1959 a Imprensa da Universidade de Coimbra publicou uma coletânea de trabalhos da autoria de António Ribeiro Sanches.

**MANUSCRITO**

## **TRANSCRIÇÃO**



C. 120 211 11

63

N.º 2. Monseigneur

Si V'Excellence approuvera les pensées ci dessus, sur l'Education dont Elle m'a fait l'honneur de m'en charger, l'envie que j'ai de réussir, & le vif interet, que je prens, pour tout ce qui Le regarde, font tout leur mérite: Il faut naturellement être destitué d'humanité, d'amour, & de reconnoissance, pour n'être pas touché vivement, et <sup>sur tout</sup> ~~exalté~~ penetrer du plus profond respect pour son Pere, qui prend tant à coeur l'education, avec tant de soins, de peines et de depenses; ~~de sa famille~~. Je tâcherai en mauvais françois, de contribuer autant qu'il me sera possible de seconder, de si excellentes, si nobles, et si aimables intentions: ~~de penser, que malheureusement je n'ai pu que elle soient accomplies~~

## Monseigneur

Si V Excellence approuverà les pensèes ci dessous, sur l'Education dont Elle m'a fait l'honneur de m'en charger, l'envie que j'ai de reussir, & le vif interet, que je prens, pour tout ce qui Le regarde, font tout leur merite: Il faut naturellement être destitué d'humanité, d'amour & de reconnoissance, pour n'etre pas touché vivement et sur tout penetré du plus profond respect pour un Pere, qui prend tant a coeur l'education de sa famille, avec tant de soins, de peines et de depenses. Je tâcherai en mauvais françois, de contribuer autant qu'il me sera possible de seconder, de si excellentes, si nobles, et si aimables intentions:

1. 1. approuverà; Machado: approuverâ.
1. 10. françois; Machado: francês (com cedilha, que não ocorre no ms.).

avec le bonheur, le plus parfait, <sup>ni</sup> augmenté mes peu de connoissances par  
le rendre plus constant, & qu'il s'étend a la posterité la plus reculée

Je ne m'arrêterai presentement a detailler les connoissances  
des langues étrangères, et des sciences elementaires, necessaires aux  
Jeune seigneur destiné a servir sa patrie pendant le tems de paix,  
et pendant celui de guerre: Tout cela a été déjà ordonné & fait par  
Vos ordres, Monseigneur; ~~celles que j'ai presentement~~ <sup>celles que j'ai presentement</sup> se reduisant  
a'claircir, et mettre en tout son jour, La proposition, qui voici

„ L'Education d'un seigneur doit être divi-  
„ gée pour obeir, et commander dans les pays, ou  
„ il est né, pendant la paix, & pendant la guerre.

Si le seigneur sera Russe, il faut <sup>pour diriger son édu-</sup>  
~~connoître~~ <sup>pour diriger son éducation</sup> connoître a fond la Constitution de cet Empire, il faut  
en connoître son Etat Politique, son Etat Civil, son état  
Economique, C'est a dire ses loix, ses coutumes, & ses  
Usages.

Un seigneur François destiné également a ser-  
-vir sa patrie doit être élevé selon la Constitution de la Monar-  
chie Française; & afin de pouvoir comparer mieux ces deux  
differentes éductions, et en apprecier les resultats, il faut ici  
en donner un succinct detail.

Je ne m'arreterai presentement a detaillier les connoissances des langues étrangères, et des sciences elementaires, necessaires a un Jeune Seigneur destinè a servir sa patrie pendant les tems de paix et pendant celui de guerre: Tout cela à été déjà ordonné & fait par Vos ordres, Monseigneur; Celles que j'ai presentement, se reduisent a éclaircir, et mettre en tout son jour, la proposition, qui voici

«L'Education d'un Seigneur doit ètre dirigée pour obeïr, et commander dans les pays, ou il est nè, pendant la paix, & pendant la guerre».

Si ce Seigneur serâ Russe, il faut connoitre a fond, la Constitution de cett'Empire pour diriger son education, il faut en connoitre son état politique, son état civil, son état Économique, c'est a dire ses loix, ses coutumes, & ses usages.

Un Seigneur François destiné également a servir sa patrie doit ètre elevè selon la Constitution de la Monarchie Française; & afin de pouvoir comparer mieux ces deux differentes educations, et en aprecier les resultats, il faut ici en donner un succinct detail.

1. 5. Vos; Machado: vos.
1. 11. Constitution; Machado: constitution (cf. 1. 16, Constitution).
1. 16. elevè; Machado: élevé.

Tous les sujets, qui composent cette Considerable Monarchie. sont partagés entrais classes.

1. La Noblesse, employée dans le Militaire et dans l'Eglise
- 2 Les Gens de Robe, employés dans la Magistrature
- 3 Les Citoyens. employés dans l'Economie civile, et Politique, dans le Commerce, Arts &c.

Tous les sujets ont par droit de la Monarchie propriété des biens, & Liberté déterminée, et defendue par ses Loix.

Il est facile alors de déterminer les connoissances, et les sciences que doivent entrer dans l'education de chacune de ces trois classes.

Un Jeune Seigneur Comme sa destination est ~~par~~ de servir dans les armées, et sur les Flottes, ou dans l'Etat Ecclesiastique: Comm il est destiné a etre Courtisant & être employé dans le Ministère, Comme Secretaire d'Etat, Ambassadeur, Envoyé &c. son education est executée généralement de la maniere qui voici.

Comme l'education des Seigneurs est ordinairement chez Leur Peres, un ou plusieurs Maîtres subalternes ~~lui~~ instruisent un Jeune Seigneur dans les connoissances, ~~qui~~

de la

Tous les sujets, qui composent cette considerable Monarchie sont partagés en trois classes.

1. La Noblesse, employée dans le Militaire et dans l'Eglise

2. Les Gens de Robe, employées dans la Magistrature

3. Les Citoyens. employés dans l'Economie civile, et Politique, dans le Commerce, Arts &<sup>a</sup>.

Tous les sujets ont par droit de la Monarchie propriété des biens, & Liberté déterminée, et defendue par ses Loix.

Il est facile alors de determiner les connoissances, et les sciences que doivent entrer dans l'education de chacune de ces trois classes.

Un Jeune Seigneur comme sa determination est de servir dans les armées, et sur les Flottes, ou dans l'Etat Ecclesiastique: comm'il est destiné a etre courtisant & être employé dans le Ministere, comme Secetaire d'Etat, Ambassadeur, Envoyé &<sup>a</sup>. son education est executée generalement da la maniere que voici.

Comme l'education des Seigneurs est ordinairement chez Leur Peres, un ou plusieurs Maitres subalternes instruisent un Jeune Seigneur dans les connoissances,

1. 8. propriété; Machado: propriété. 1. 14. armées; Machado: armées. I. 16. être; Machado: etre.

servici de la Langue Maternelle, de la Langue Latine, Geographie, Elimens de l' Histoire, Blason, Dessen, Geometrie, Trigonometrie, l' Art Militaire.

C'est la premiere partie de Cette education: Et voici la Seconde. C'est l'art de plaire & de se rendre aimable tant ala Cour, comme p<sup>armi</sup> le grand monde; la danse, la musique parler et ecrire sa ~~de~~ Langue avec propreté et elegance, & l'acquisition ~~de~~ d'un air facile, et degagé, qu'on Contracte par la frequen- tation des gens de qualite, & principalement dans les Cercles de Dames pendant les bals, les Soupers, & le jeu.

La Noblesse Francoise n'est pas obligé d'apprendre dans sa jeunesse, Ni le droit Naturel, ni le Civil, parce qu'elle n'est pas destinée ala Magistrature, et moins encore a L' Economie Civile ou Politique, qui dans la quelle sont employés pour la plus grande partie les Bourgeois notable, ou les Citoyens: Son education est parfaitement calculée pour servir sa patrie selon sa constitution; ou chaque sujet à la propriété de son bien, avouée par ses loix & defendue par le Souverain: ou la Jurisdiction Royale est déposée entre les mains de ses Parlemens, qui sont les executeurs & les Gardiens des Loix de ce Royaume de Cette Puissante Monarchie. Or le Souverain emploie uniquement sa Noblesse dans les Armées, dans les Flottes, dans sa Cour, dans son Minytere, & dans

de la langue Maternelle, et de la Langue Latine, Geographie, Elemens de l'Histoire, Blason, Dessen, Geometrie, Trigonometrie, l'Art Militaire.

C'est la premiere partie de cette education: Et voici la Seconde. C'est l'art de plaire & de se rendre aimable tant a la Cour, comme parmi le grand monde; la danse, la musique parler et ecrire sa langue avec proprietè et elegance, & acquirir l'air facile, et degagè, qu'on contracte par la frequen tation des gens de qualite, & et principalement dans les cercles des Dames pendant les bals, les soupers, & le jeu.

La Noblesse Francoise n'est pas obligé d'apprendre, dans sa jeunesse, ni le droit Naturel, ni le civil, parce qu'Elle n'est pas destinèe a la Magistrature, et moins encore a L'Economie Civile ou Politique, dans la quelle sont employés pour la plus grande partie les Bourgeois notables, ou les Citoyens: Son education est parfaitement calculèe pour servir sa patrie Selon sa constitution; ou chaque sujet a la proprieté de Son bien avouèe par ses loix & defendue par le Souverain: ou la Jurisprudence Royale est deposée entre les mains de ses Parlemens, que sont les executeurs & les Gardiens des Loix de cette Puissante Monarchie. Ou le Souverain emploie uniquement sa Noblesse dans les Armees, dans Les Flottes, dans sa cour, dans son Ministere, & dans

1. 4. premiere; Machado: premiere 1. 5. Seconde; Machado: seconde.  
 1. 10. & le jeu; Machado: et le jeu. 1. 11. Francoise; Machado: Française.  
 1. 12. droit; Machado: droit.  
 1. 17. Selon... proprietè; Machado: selon... proprieté (com acento agudo, acento grave no texto original). 1. 18. Son bien; Machado: son bien.



L'Eglise.

Et quoi que beaucoup de Noblesse suive la Magistrature & elle soit employée dans plusieurs emplois civils, la Constitution de l'Etat n'est pas alterée jamais par ce double emploi de la Noblesse; parce<sup>que</sup> la Grande & du premier <sup>ordre</sup> ne Connoit d'autre emplois que la Cour & les Armees.

Il est tems de représenter maintenant la Constitution de l'Empire de Russie, faire Connoître les différentes classes de ses Sujets & quelques unes de ses loix fondamentales, afin de pouvoir déterminer l'education qui convient a sa Noblesse, Or si l'Education Francoise ~~reçoit les besoins & pour être~~ sera suffisante pour en être servi a son avantage.

Les Sujets de l'Empire de Russie sont partagés en deux classes: La première contient toute sa Noblesse: plus par privilege, que par la Constitution de l'Empire; Cette première classe a la propriété de biens, & peut faire testament, nommer des heretiers: et quoi que la liberté s'est commencée a montrer depuis que la Maison de Romanow est montée sur le trone, elle n'est pas encore avouée, ni ~~maintenue~~ <sup>maintenue</sup> par la loi.

La Seconde classe de Sujets est destitué totalement de propriété de biens et de Liberté; et quoi que par les privileges on y trouve quelques exceptions, La Constitution de l'Empire ne Connoit jamais, ni propriété de biens, ni liberté.

M  
D

l'Eglise.

Et quoi que beaucoup de Noblesse suive la Magistrature & elle soit employée dans plusieurs emplois civils, la constitution de l'Etat n'est pas alterée jamais par ce double emplois de la Noblesse; parce que la Grande & du premier ordre ne connoit d'autre emplois de la Cour & les Armees.

Il est tems de représenter maintenant la Constitution de l'Empire de Russie, faire connoitre les différentes classes de ses sujets & quelques unes de ses loix fondamentales, a fin de pouvoir déterminer l'éducation que convient a sa Noblesse, & si l'Education Francoise sera suffisante pour en être servi a son avantage.

Les sujets de l'Empire de Russie sont partagés en deux classes: La première contient toute sa Noblesse: plus par privilège, que par la constitution de l'Empire; cette première classe a la propriété de biens; Elle peut faire testament, nommer des héritiers: et quoique la liberté s'est commencée a montrer depuis que la Maison de Romanow est montée sur la trône, elle n'est pas encore avouée, ni maintenue par la loi.

La Seconde classe de sujets est destitué totalement de propriété de biens et de Liberté; et quoi que par les privilèges ou y trouve quelques exceptions, La constitution de l'Empire ne connoit jamais, ni propriété de biens, ni liberté.

1. 5. premier; Machado: premier. 1. 6. Constitution; Machado: constitution.  
 1. 11. Francoise; Machado: François (com cedilha onde não esta no ms.).  
 1. 14. première; Machado: première. 1. 15. première; Machado: première.  
 1. 19. avouée; Machado: avouée. 1. 20. Seconde; Machado: seconde.

Par une loi de Pierre le Grand tout la Noblesse est obligée entrer dans le service des Armées, ou de la Flotte à l'âge de treize ans: comme par la Constitution de l'Empire le tiers Etat, C'est adire le Citoyen, ou Bourgeois notable n'y soit pas connu; Comme La Noblesse Russe n'embrasse jamais les Dignités Ecclesiastiques, il s'en suit, que de cette premiere classe sortent, tous ceux, qui sont employés à la Cour dans les grandes charges, dans le Ministère; de cette classe sortent les Generaux, & les Amiraux; les Magistrats, et tous ceux qui sont employés dans l'Economie Civile & Politique de ce vaste Empire.

En France, et dans presque toutes les Puissances d'Europe ceux, qui commandent les armées, ceux qui administrent la Justice, & qui president à la recette & depense de l'Etat, sortent des trois classes de Sujets: De la premiere Noblesse: de la Noblesse, et Bourgeoise; et uniquement de la Bourgeoisie.

En Russie toutes les Charges, tous les Emplois Civils, Militaires, Economiques Politiques, de la Cour & ~~du~~ du Ministère sont exercés par la seule classe de la Noblesse, toute admise ou élevée dans le Militaire

Par une loi de Pierre le Grand tout la Noblesse est obligée entrer dans le service des Armées, ou de la Flotte a l'âge de de treize ans: comme par la constitution de l'Empire le tiers Etat, C'est a dire le Citoyen, ou Bourgeois notable n'y soit pas connu; comme La Noblesse Russe n'embrasse jamais les Dignites Ecclesiastiques, il s'en suit, que de cette premiere classe sortent tous ceux, qui sont employes a la cour dans les Grandes charges, dans le Ministère; de cette classe sortent le Generaux, & les Amiraux; les Magistrats, et tous ceux qui sont employés dans l'Economie civile & Politique de ce vaste Empire.

En France, et dans presque toutes les Puissances d'Europe ceux, qui commandent les armées, ceux qui administrerent la Justice, & qui president a la recette & depense de l'Etat, sortent des trois classes de sujets: De la Premiere Noblesse: de la Noblesse, et Bourgeoisie; et uniquement de la Bourgeoisie.

En Russie toutes les charges, tous les Emplois civils, Militaires, Economiques Politiques, de la cour & du Ministère sont exercés par la seule classe de la Noblesse, toute alistée ou élevée dans le Militaire:

1. 4. C'est... le Citoyen; Machado: c'est... le citoyen. 1. 7. premiere; Machado: premiere. 1. 17. Premiere; Machado: Premiere.

En France Un Seigneur apres ~~ses propres~~ la Guerre ou il reste dans le Militaire, ou il se retire sur ses terres: Les Grades de General Major de Lieut Tenant General pendant la paix ne retirent pas l'air Militaire; ils peuvent etre employes a la Cour ou dans le Ministere; mais jamais ils entrent dans la Magistrature, dans les Intendances de Province, dans les Charges de Finance, ni d'Economie.

En Russie Un General, un Felt-Marschall, un Colonel apres avoir servu pendant la guerre avec honneur & distinction, sort du Militaire, il devient Senateur, President des Colleges de Guerre, de Justice, Grand Euyer, Gouverneur de Province, Vainode; ils sont employes dans tous les departemens de Finance, d'Economie, ou entre la recette & la depense de l'Empire.

On demanda a Aristippe, Ce qu'il falloit enseigner a un jeune homme? ce qu'il doit faire, repondit-il, Lors qu'il deviendra homme. Par cette reponse on sera convaincu que l'education Francoise est tres a propos pour la Noblesse Francoise; et que la meme non seulement est insuffisante pour la Noblesse Russe, mais qu'il en faut encore retrancher une grande partie pour la remplacer par des autres Connoissances.

Par l'exposè ci dessus, Un Noble Russe et Militaire sera obligé devenir Magistrat, ~~Administre~~ & gouverner les Finances de l'Empire: Il faut que dans son Education ~~entre~~

entrent

En France un Seigneur après la Guerre ou il reste dans le Militaire, ou il se retire sur ses terres: Les Grades de General Major de Lieu Tenant General pendant la paix ne retirent pas sallaire Militaire; ils peuvent entre employés a la Cour ou dans le Ministere; mais jamais ils entrent dans la Magistrature, dans les Intendances de Province, dans les charges de Finance, ni d'Economie.

En Russie un General, un Felt Marechall, un Colonel apres avoir servi a la guerre avec honneur & distinction, sort du Militaire, il devient Senateur, President des Colleges de Guerre, de Justice, Grand Ecuyer, Gouverneur de Province, Vainode, ils sont employés dans tous les departemens de Finance, d'Economie, ou entre la recette & la depense de l'Empire.

On demanda a Aristippe, ce qu'il falloit enseigner a un jeune homme? Ce qu'il doit faire, repondi-t-il, lors qu'il deviendra homme. Par cette reponse on sers convaincu que l'education Francoise est tres a propos pour la Noblesse Francoise; et que la meme non seulement est insuffisante pour la Noblesse Russe, mais qu'il en faut encore retrancher une grande partie pour la remplacer par des autres connoissances.

Par l'exposè ci dessus, un Noble Russe et Militaire sera obligé devenir Magistrat, & gouverner les Finances de l'Empire: Il faut que dans son Education

1. 3. Major; Machado: Mayor.

1. 17. Francoise; Machado: Française. 1. 18. Francoise; Machado: Française.

66

ontrent non seulement les Connoissances necessaires dans l'art Militaire, et de la Cour, mais encore celle de Magistrat, et de l'Economie <sup>des Etats</sup> interieure, & Etrangere. ~~de~~

Malgré l'evidence de Ces details entre la difference, qu'il doit avoir entre l'education de la Noblesse Prusse et la Francoise, depuis vint ou vint & Cinq ans la Prusse est inondée de Esclaves d' & Litteraux, ou precepteurs Francoiis, ou Berlinois, qui pretendent que l'Education dont ils se chargent rendra un ~~un~~ Seigneur Capable de servir sa patrie et de se faire aimer & Considerer ala Cour, & ala Ville.

Autant comme mon experience me fournit, Ces precepteurs ou & Litteraux font tout ce qui depende d'eux que son eleve parle Correctement le francois, & qu'il en puisse écrire une lettre; ~~on~~ <sup>il</sup> lui fait apprendre par Coeur quelques fables de la Fontaine, ~~on~~ <sup>il</sup> lui fait lire Telamache, quelque Roman bien écrit; quelque peu de geographie sans principes, les Elements de l' Histoire, qui Consiste dans le nom des Rois, des Empereurs; une superficielle tincture du Blason, qu' ~~on~~ <sup>il</sup> s'efforce de lui montrer ale Coulourer: apres cela la danse, Commander Comm il doit être fuisé pour la journée; & aussi tot quel Eleve vient a se marier, ou avoir un emploi aux gardes, at armée, ou ala Cour, l'education est finie, & l' Eleve sans entraves, oublie en peu de jours <sup>tout</sup> ce qu'il a appris; \* Cependant il lit les livres de toilette pendant

une

entrent non seulement les connoissances necessaires dans l'art Militaire, et de la Cour, mais encore celle de Magistrat, et de l'Economie des Etats interieure, & Etrangere.

Malgré l'evidence de ces details entre la diference, qu'il doit avoir entre l'education de la Noblesse Russe et la Francoise, depuis vint ou vint & cinq ans la Russie est inondee des Essains d' *Сучитиѣлк*, ou precepteurs Francois, ou Berolinois, qui pretendent que l'education dont ils se chargent rendra un Seigneur capable de servir sa patrie et de se faire aimer & considerar a la cour, & a la ville.

Autant comme mon experience me fournit, ces precepteurs ou *Сучитиѣлк* font tout ce qui depende d'eux que son eleve parle correctement le françois, & qu'il en puisse ecrire une lettre; il lui fait apprendre par coeur quelques fables de la Fontaine, lui fait lire Telamache, quelque Roman bien escrit; quelque peu de geographie sans principes, les Elements de l'Histoire, qui consiste dans le noms des Rois, des Empereurs; une superficielle tincture du Blason, qu'il s'efforce lui montrer a le coulorer: apres cela la danse, commander comm'il doit etre frisé pour la journé; & aussi tot que l'Eleve vient a se marier, ou avoir un emplois aux gardes, a l'armée, ou a la Cour, l'education est finie, & L'Eleve sans entraves, oublie en peu de jours, tout ce qu'il a appris; cependant il lit les livres de toilette pendant

1. 6. Francoise; Machado: Françoise. 1. 7. d'учитили; Machado: d'Читили, (omissão da primeira letra, uso indevido de maiúsculo). 1. 7. Francois; Machado: François.

1. 12. учители; Machado: Читили, (omissão da primeira leter... v. l. 7.)

1. 13. françois; Machado: français. 1. 15. Telamache; Machado: Telemache.

1. 23. L'Eleve; Machado: l'Eleve.



une ou deux heures <sup>de</sup> temps <sup>chaque jour</sup> ~~dedie~~ ~~travaillant~~ <sup>a</sup> se fixer le poudrex.

Le Cœur me saigne quand je Considere les pernicious effets, qui s'en suivront <sup>un jour</sup> en Russie, si Cette Education des 840000 continuera encore pendant un demi siecle ! Il ~~me~~ <sup>me</sup> ~~parait~~ <sup>me</sup> ~~quand ils~~ ~~font~~ ~~de~~ ~~la~~ ~~glace~~ ~~et~~ ~~sur~~ ~~la~~ ~~glace~~ ~~et~~ ~~sur~~ ~~la~~ ~~neige~~ ~~avec~~ ~~des~~ ~~quettes~~ ~~de~~ ~~toile~~ ~~blanche,~~ ~~frises,~~ ~~et~~ ~~poudrey.~~ ~~avec~~ ~~des~~ ~~profusions.~~ Je vous demande pardon Monseigneur, pour cet ecart, ~~ne~~ ~~sorti~~ ~~de~~ ~~l'attachement~~ ~~que~~ ~~j'ai~~ ~~pour~~ ~~Voire~~ ~~patrie~~ ? En fin Comme j'esuy persuade que j'ai demontre l'insuffisance de l'education francoise pour rendre un ~~seig~~ ~~seigneur~~ ~~russe~~ capable de servir sa patrie pendant la paix ~~et~~ pendant la guerre, j'ose proposer celle qui me semble ~~est~~ ~~le~~ ~~plus~~ s'accorder mieux avec la Constitution de Russie.

Plan de l'Education

De un Seigneur Russe  
L'Art Militaire

Primiere partie de l'Education d'un Seigneur Russe

Je compte qu'un Seigneur Russe at age d'etre inscrit au college de Guerre, ou aux Gardes, qu'il sçait écrire sa langue materielle correctement, écrire une lettre, et une relation. ~~de papier~~ Il seroit a souhaiter qu'il sçeu le Slavon pour écrire plus correctement et entendre les livres de sa Religion. Je compte qu'il parle et écrit passablement le Francois, et l'Allemand. Je

Compte

une ou deux heures, tems dedie chaque jour a se friser & poudrer.

Le coeur me saigne quand je considere les pernecieux effects, qui s'en suivront un jour en Russie, si cette education des учителя continuera encore pendant un demi siècle! Il saignoit aussi a la vue des Regimens Russes quand ils marchoient sur la glasse & sur la niége aves des guettes de toile blanche, frisés, et poudrés. Je Vous demande pardon Monseigneur, pour cet ecart, sorti de l'attachement que j'ai pour Votre patrie! En fin comme je suis persuadé que j'ai demontre l'insuffisance de l'education francoise pour rendre un Seigneur Russe capable de server sa patrie pendant la paix & pendant la guerre, j'ose proposer celle qui me semble s'accorder mieux avec la Constitution de Russie.

#### L Art Militaire

Primiere partie de l'Education d'un Seigneur Russe  
Je compte qu'un Seigneur Russe a l'age d'etre inscript au college de Guerre, ou aux Gardes, qu'il scait ecrire sa langue maternelle correctement, ecrire une letter, une relation.  
Il seroit a souhaiter qu'il scu le selavon pour ecrire plus correctement & entendre les livres de sa Religion. Je compte qu'il parle et escrit passablement le Francois, & l'Alemand: Je

- II. 4-5. учили; Machado: Читили (omissão da vogal inicial, maiúsculo sem motivo.) 1. 8. Vous; Machado: vous.  
1. 10. Votre; Machado: votre. 1. 11. francoise; Machado: française.  
1. 18. scait; Machado: sçait (com cedilha onde nk hã no original).  
1. 20. scu; Machado: sçu (com cedilha onde Mo hã no original).  
1. 22. Francois; Machado: François (com cedilha onde nao hã no ms.).

Je compte aussi qu'il sçait les principes du dessein, sans  
 vouloir les pousser ~~pour~~ <sup>a</sup> devenir peintre: Le Geographie, étude  
 d'un mois, quand on la sçait montrer sur le globe terrestre  
 comparé avec les cartes geographiques, sans autre lecture que  
 l'explication d'un ~~habile~~ Maître habile, seroit la meilleure  
 preparation pour connoître l'histoire profane, & sacrée, <sup>au moins</sup> depuis la  
 naissance de Sauveur, ou d'Auguste Cesar, jusqu'à nos jours.  
 on pourroit estre instruit dans les premierez regles de l'arithmetique  
 et dans les premiers six livres d'Euclides.

Et lors que le Jeune Seigneur pourroit faire un  
 examen de ses connoissances, ou chercheroit un Ingenieur  
 pour lui apprendre l'art de la guerre au moins pendant deux ans.  
 Une heure par jour employée dans l'instruction du Cabinet, &  
 quelque vney dans le meme jour dans la pratique de cet art.

Si on aura le bonheur de trouver un Ingenieur experimenté  
 homme fait, & instruit, il n'est pas necessaire que j'entre ici dans  
 ce qu'il doit lui montrer dans le Cabinet: Lui apprendre la  
 Geometrie ~~ou~~ Lineaire & des Solides, La Trigonometrie &  
 les sections Coniques, & au meme temy l'arithmetique les fractions  
 les decimales & l'Algebre jusqu'à la resolution de quelques  
 soudey, ~~ce n'est pas un étude tres difficile ni tres long,~~  
 si le Maître la Fortification, les principes de l'Architecture civile, l'  
 attaque & defense de places, et la Tactique, ce n'est pas un étude difficile  
 dans le quel il soit necessaire plusieurs années. Plutot par la faute  
 des Maîtres que par l'incapacite des disciples ils ne profitent ordinaire-

Je compte aussi qu'il scait les principes du dessein, sans vouloir les pousser a devenir peintre: Le Geographie, étude d'un mois, quand on scait montrer le globe terrestre compareé avec les cartes geographiques, sans autre lecture que l'explication d'un Maitre habile, seroit la meilleure preparation pour connoitre l'histoire profane, & sacrée au moins depuis la Naissance du Sauveur, ou d'Auguste Cesar, jusqu'a nos jours, on pouvoit etre instruit dans les premieres regles de l'Arithmetique et dans les premiers six livres d'Euclides.

Et lors que le Jeune Seigneur pourroit faire un examen de ces connoissances, on chereroit un Engineur pour lui apprendre l'art de la Guerre au moins pendant deux ans. Une heure par jour employée dans l'instruction du cabinet, & quelque'un dans le meme jour dans la pratique de cett'art.

Si on aura le bonheur de trouver un Engineur experimenté, homme fait, & instruit, il n'est pas necessaire que j'entre ici dans ce qu'il doit lui montrer dans le cabinet: Lui apprendre la Geometrie Lineaire & des Solides, La Trigonometrie & les sections coniques, & au meme tems l'arithmetique les fractions les decimals & l'Algebre jusqu'a la resolution des equations sourdes, la Fortification, les principes de l'Architecture civile, l'attaque & defense de places, et la Tactique, ce n'est pas un etude difficile dans le quel il soit necessaire plusieurs années. Plutot par la faute de Maitres que par l'incapacite des disciples ils ne profitent ordinaire-

1. 1. scait; Machado: sçait.

1. 2. Le Geographie; Machado: La Geographie. 1. 3. la scait; Machado: la sçait.

1. 6. & sacrée; Machado: et Sacrée. 11. 22-23. l'attaque; Machado: d'attaque.

ment : ~~Mais~~ s'ils leur montreroit ce qu'ils enseignent avec ordre avec une certaine affabilité, aisance & avec un esprit amoureux que son élève profite, tout cet étude seroit achevée en moins de deux ans. Les Maîtres qui sont conduits plus par leur vile intérêt que par le plaisir de se rendre recommandable, lors qu'ils sont sûrs qu'ils feront leurs ~~affaires~~ ~~avec~~ fortune avec leurs élèves ils ~~font~~ retardent leur avancement. Alors il faut prendre ses mesures, quand on accorde avec eux : Et cette méthode devroit être suivie avec tous les Maîtres, qui devroient être employés dans l'éducation.

Si je voudrois faire un Académicien, un Professeur, ou un Sçavant quelque Mathématicien habile pourroit enseigner ce que je viens de détailler ; Mais je veux former un Général, un Marechal Capable de former, instruire, nourrir, et conserver une armée, & la rendre formidable à l'ennemi ; il faut que son éducation ne soit pas dans son Cabinet à calculer, designer fortresses et de machines, il lui faut de la pratique de l'art de la guerre chaque jour après midi, ayant passé une heure ou deux le matin dans le Cabinet avec son Ingénieur.

Je souhaiterois que les après midi fussent toujours employés en Compagnie de son Ingénieur à examiner, par exemple, la forteresse de Péterbourg, ou quelque autre, où on lui montreroit de quelle sorte de fortification, & tous les parties en détail. Un autre jour aller au Corps du génie, y voir, observer, & examiner les modèles de fortresses, les plans des Campemens, les armées, les pontons,

les

ment: S'ils leur montreroit ce qu'ils enseignent avec ordre avec une certaine aisance, & avec un'envie amoureuse que son élève profite, tout cet etude seroit achevé en moins de deux ans. Les Maitres qui sont conduits plus par leur vile interet que par le plaisir de se rendre recommandables, lors qu'ils sont surs qu'ils feront leur fortune avec leurs élèves ils retardent leur avancement: Alors il faut prendre ses mesures, quand on accorde avec eux: Et cette methode devroit être suivie avec tous les Maitres, que doivent etre employes dans l'education.

Si je voudrois faire un Academicien, un Professeur, ou un scavant quelque Matematicien habile pourroit enseigner ce que je viens de detailler; Mais je veux former un General, un Marechal capable de former, instruire, nourrir et conserver un armée, & la rendre formidable a l'ennemi; il faut que son education ne soit pas dans son cabinet a calculer, dessiner fortresses et des machines, il Lui faut de la pratique de l'art de la guerre chaque jour apres midy, ayant passé une heure ou deux le matin dans le cabinet avec son Engineer.

Je souhaiterois que les apres midy fussent toujours employes en compagnie de son Engineer a examiner, par exemple, la fortresse de Peterburg, ou quelque'autre, où on lui montreroit quelle sorte de fortification, & tous ses parties en detail: Un autre jour aller au corps du genie, y voir, observer, & examiner les modeles des fortresses, les plans de campemens, les armes, les pontons,

1. 12. scavant; Machado: sçavant.

1. 17. Lui; Machado: lui.

11. 20-21. employes; Machado: employés.

1. 22. quelqu'autre; Machado: quelque autre.

Les jours de Campagne: on Conçoit bien que la Curiosité de l'elève  
animera son Maître a lui expliquer les usages, & la meilleure manie-  
re de s'en servir.

Un autre jour, ou un autre semaine, ou mois, il  
fauroit la revue dans le train de l'artillerie: y voir faire les epreu-  
ves de la force de la poudre à canon, Comme on charge les  
Cannons, les mortiers, Comm' on charge le bombes, les gre-  
nades, & devroit instruit par la simple vue, et remarques de  
son Maître de ce qu'on ne peut pas apprendre par le livre.

Un autre mois seroit employé de quelle maniere  
on habille, & on nourrit un armée, & encore avec la Connoissance  
de la meilleure maniere de Construire les Chariots ou Transports

On voit clairement que je ne negligerois jamais  
les <sup>ex.</sup>exercices avec le fusil, le Sponton, & le fleuret, ni l'exercice mili-  
taire, ni les evolutions. Si l'Engineur sera expérimenté, plein  
de son art & avec amour d'enseigner, il se portera facilement  
à cette instruction pratique, qui lui servira, & à son élève de  
delaquement de l'étude du matin.

C'est inconcevable Combien la pratique de l'art  
Noble & de la Science, contribue pour Comprendre leur theorie: me-  
disoit un Excellent Engineer & très expérimenté, Les Domestiques  
de l'Engineur, qui sont employés dans leur art, tous  
devennent Engineers. ~~de l'art de l'Engineur~~: Les disciples de l'Engi-  
neurs

Les fours de campagne: on conçoit bien que la curiosité de l'élève animera son Maître à lui expliquer les usages, & la meilleure manière de s'en servir.

Un autre jour, ou un'autre semaine, ou mois, il feroit la revue dans le train de l'artillerie: y voir faire les épreuves de la force de la poudre à canon, comme on charge les canons, les mortiers, comm'on charge les bombes, les grenades, & devenir instruit par la simple vue, et remarques de son Maître de ce qu'on ne peut pas apprendre par les livres.

Un autre mois seroit employé de quelle manière on habille, & on nourrit une armée, & encore avec la connoissance de la meilleure manière de construire les chariots ou палубы.

On voit clairement que je ne négligerois jamais les exercices avec le fusil, le sponton, & le fleuret, ni l'exercice militaire, ni ses évolutions. Si l'Engineur sera expérimenté, plein de son art & avec amour d'enseigner, il se portera facilement à cette instruction pratique, que Lui servira, & à son élève de délassament de l'étude du matin.

C'est inconcevable combien la pratique des arts Nobles & des sciences, contribue pour comprendre leur théorie: me disoit un Excellent Engineur & très expérimenté «Les Domestiques des Engineurs, que son employes dans leur art, tous deviennent Engineurs: Les disciples des Engi

1. 4. semaine; Machado: samaine.

1. 12. палубы; Machado: пользы (leitura errada de quatro letras cirílicas: а, у, б, ы). 1. 14. Les exercices... & le foret; Machado: les exercices... et le foret. 1. 17. servira; Machado: servira.

1. 18. delassament; Machado: delassement.



neurs elevés dans les Ecoles du genie tous deviennent Mathématiciens; Je pourrois dire autrui de bien d'autres arts.

Je n'entrerois ici à détailler les livres nécessaires pour comprendre cette Science; le Maître habile doit les faire connaître à son élève. Je ne puis pas cacher 2<sup>e</sup> ouvrage de cette Science qui est publié depuis peu avec ce titre, "Eléments de l'Art Militaire Antient et Moderne. Par M. Cugnot Ancien Ingenieur. Paris. 1766." Les Connoisseurs en font un grand cas; & ce ~~livre~~ livre pourra servir pour l'éducation que je viens de tracer.

### Morale Droit Naturel et Civil Seconde Partie de l'Education d'Un Seigneur Russe

Heureusement, Monseigneur, que vous avez trouvé ~~le~~ le digne Mr Schoepflin pour diriger les études de Messieurs vos Chers Enfants: Lui qui connaît le prix de ~~ces~~ ces matières indiquées dans le titre ~~ou~~ aura sans doute pris un soin particulier de <sup>les</sup> faire ~~en~~ instruire: Je me bornerois donc à l'application de ces Connoissances qui seront exercées en Russie dans le Senat, dans le Collège de Justice dans l'Administration dans les Gouvernemens de Province, et dans les charges de ~~la~~ <sup>Cet</sup> ~~Administration~~

Surement que par la Constitution de <sup>Cet</sup> Empire ~~de Russie~~ Le Souverain est l'unique loi: Malgré l'Orlogenie

mal

neurs elevés dans les Ecoles du genie tous deviennent Mathematiciens»: Je pourrois dire autant de bien des autres arts.

Je n'entrerois ici a detailer les livres necessaries pour comprendre cette science; le Maitre habile doit les faire connoitre a son eleve Je ne puis pas cacher un ouvrage de cette Science qui est publié depuis peu avec ce titre «Elemens de l'Art Militaire Antien et Moderne. Par M. Cugnoz Antient Engineer. Paris: 1766»; Les connoisseurs en font un grand cas: & ce livre pourra servir pour l'education que je viens de tracer.

Morale Droit Naturel et Civil

Seconde Partie de l'Education d'un Seigneur Russe

Heureusement, Monseigneur, que Vous avez trouve le digne Mr Schouplin pour diriger les Etudes de Messieurs Vos Cheres Enfants: Lui qui connoit le prix de ces matieres indiquées dans le titre aura sans doute pris un soin particulier de les faire en instruire: Je ne bornerois donc a l'application de ces connoissances que seront exercées en Russie. Surement que par la Constitution de cet Empire Le Souverain est l'unique loi: Malgrè l'Oulogenie

f. 69f. Sem motivo aparente, Machado transfere a transcrição das últimas

linhas da folha 68v. para o início da página com a transcrição da folha 69f (veja-se p. 139, *op. cit.*).

1. 2. autres arts; Machado: autre arts.

1. 4. son eleve; Machado: son eleve. (com ponto onde não há no ms.).

1. 7. Antient Engineer (cf. l. 6, Antient); Machado: Annent Engineer.

1. 8. & Ce livre; Machado: & ce livre. 1. 13. Vos; Machado: vos.

Malgré les OUKAZI de Pierre le Grand & de Ses successeurs, Le Souverain est le Maître de les abroger. ~~avec ses successeurs~~ La propriété des biens n'est pas connue, comme aussi la liberté, parmi les Sujets, que par grâce & privilège. Les biens des Seigneurs antérieurement étoient en fief: Pierre le Grand par la grandeur d'âme ~~leur~~ les a rendus Allodiaux, ou en propre: C'a été grâce: mais Ce n'est pas loi constitutionnelle de l'Empire.

Il semble alors que dans une telle Constitution la Morale, le Droit Naturel, et le Civil y sont superflus. Le Souverain ne s'est jamais départi de Sa Jurisdiction, jamais il l'a déposée entre les mains du Senat, ou de quelque autre Tribunal pour exécuter, & garantir les loix ou les 81123K.

~~Cependant~~ Malgré ~~cette~~ inflexibilité de cette Constitution de l'Empire, La propriété & la Liberté font des progrès, quoiqu'insensibles, et il ne tardera pas un Siècle, que ces biens de la Société ne se montrent avec éclat.

L'état d'esclavage & de servitude est violent: La Nature violente chaque jour fait ses efforts pour acquiescer son état naturel d'aisance, pour se conserver plus long temps.

Le premier chef ou conquérant de Russie ayant conquis avec sa troupe ses voisins, ceux-ci se lui rendent esclaves.

Maigre les Oukazi de Pierre le Grand & de ses successeurs, Le Souverain est le Maître de les abroger. La propriete des biens n'est par connue, comm aussi la liberté, parmi les sujets, que par grace & privilege. Les biens des Seigneurs antiennement etoient en fief: Pierre le Grand par Sa grandeur d'ame les a rendus Allodiaux, ou en propre; C'a été grace: mais ce n'est pas loi constitutive de l'Empire.

Il semble alors que dans une telle constitution la Morale, le Droit Naturel, et le Civil y sont superflus. Le Souverain ne s'est jamais departi de Sa Jurisdiction, jamais il l'a déposé entre les mains du Senat, ou de quelqu'autre Tribunal pour executer, & garantir les lois ou les указы.

Malgré l'inflexibilité de cette constitution de l'Empire, la propriété & la Liberte fait des progres quoiqu'insensibles, et il ne tarderâ pas un siecle, que ces biens de la Societé ne se montrent avec eclat. L'etat d'esclavage & de servitude est violent: La Nature violentèe chaque jour fait les efforts pour acquerir son etat naturel d'aisance, pour se conserver plus long tems.

Le premier chef ou conquerant de Russie ayant conquis avec sa troupe ses voisins, ceux-ci se lui rendirent esclaves,

1. 3. propriete ... liberté; Machado: propriete ... liberté (com itálicos, em vez de sublinhado). 1. 11. S'est; Machado: s'est.

1. 13. указы; Machado: ази [azi], com omissão da letra inicial y e erro na interpretação do sinal que representa a letra κ. É de notar que a forma correspondente em francês é a palavra Oukasi, que ocorre na primeira

linha da mesma página. 1. 21. premier chef; Machado: premier chef.

C'est adire, lui rendront ses biens, tout leur pouvoir, et liberté, a condition de leur ~~claver~~ sauver la vie: ~~Lesquels~~ Presque toutes les Monarques eurent les memes principes.

Le Souverain alors tant par son propre interet, Comme pour satisfaire au Contract ~~ou Condition~~ d'esclavage, epargna toujours la vie de ses Sujets esclaves. La Loi de Pierre le Grand par laquelle il defend au Seigneur de tuer son esclave, n'est pas un effet de sa clemence: C'est rendre justice al'esclave: Le Souverain meme n'en est pas le Maitre, pendant qu'il ~~se~~ <sup>son</sup> conservera innocente; il a fait present de tout ce qu'il avoit de cher et estimable a son Chef Conquerant, ou ses anctres, a condition de lui conserver la vie: il l'a conserve dans le moment la; alors sans injustice le meme chef ne peut pay l'en priver, pendant qu'il ne se verra coupable.

Lors que les Souverains de Russie (principalement depuis que la Maison Romanow monta sur le trone) Commencerent a faire de loix a faveur de ses Sujets, Leur accordant faire donations entre vrvant, faire testameny a faveur dey parens, Contracter marriages sans permission de leurs Seigneurs, La Loi Naturelle prenoit peu a peu a ses droitz <sup>au meme temps</sup> Et relachoit la dureté d'esclavage: Ces graces et ces privileges augmentent chaque jour en Russie par la clemence des Souve-

rains

c'est a dire, lui rendirent ses biens, tout leur pouvoir, et liberté, a condition de leur sauver la vie: Presque toutes les Monarques eurent les memes principes.

Le Souverain alors tant par son propre interet, comme pour satisfaire au Contract d'esclavage, epargna toujours la vie de ses sujets esclaves. La Loi de Pierre le Grand par la quelle il defend au Seigneur de tuer son esclave, n'est pas un effect de sa clemence: C'est rendre justice a l'esclave: Le Souverain meme n'en est pas le Maitre, pendant qu'il conservera son innocence; il a fait present de tout ce qu'il avoit de cher et estimable a son chef conquerant, ou ses ancetres, a condition de lui conserver la vie: il l'a conservé dans ce moment là; alors sans injustice ce meme chef ne peut pas l'en priver, pendant qu'il ne se rendra coupable.

Lors que les Souverains de Russie (principalement depuis que la Maison Romanow monta sur le trône) commencerent a faire de loix a faveur de Ses Sujets, Leur accordant faire donations entre vivans, faire testamens a faveur des parens, contracter mariages sans permission de Leurs Seigneurs, La Loi Naturelle prenoit peu a peu ses droits & relachoit au meme tems la dureté d'esclavage: ces graces et ces privileges augmentent chaque jour en Russie par la clemence des Souve-

1. 15. rendra; Machado: rendra. 1. 18. Ses Sujets, Leur (cf. Lors, 1. 15) ; Machado: ses sujets, leur. 1. 20. Leurs (cf Lors, 1. 15); Machado: leurs.

11. 20-21. La Loi Naturelle (cf Lors, 1. 15); Machado: la Loi Naturelle. 1. 21. relachoit au meme tems; Machado: au meme tems relachoit (ordem invertida)

rains, & autant que le Minytere, & les Courtisans seront plus  
 éclairés, et plus instruits dans les droits de l'humanité, et de  
 la saine Politique, Ces graces et privileges seront bien plus frequents  
 seulement l'ignorance de ces deux droits, seulement la mauvaise  
 et barbare Education sont cause de la tyrannie & du esclavage  
 le plus dure: ~~Seuley Courtisans & des autres~~ Quand les Souverains  
 ne parleront qu'avec des Minytrez & de Courtisans <sup>bien</sup> ~~autres~~  
 elevés, et ~~autres~~ <sup>bien</sup> instruits, on ~~peut esperer~~ <sup>peut esperer</sup> que leurs esprits  
 contracteront le meme tour de pensées, et d'agir.

Comme la Noblesse Russe est destinée à Sieger dans  
 les Tribunaux de Judicature, dans le Senat, College de Guerre, &  
 Ammirauté & dans les Gouvernemens des Provinces, Comme Elle est  
 destinée également à servir la Cour, non seulement dans ses  
 grandes charges, may encore dans celles du Minytere  
 tant dans l'Empire, comme dans les Cours Etrangeres, il  
 faut ~~qu'on se propose de~~ que dans l'education d'un Seigneur  
 Russe entre la Morale, le Droit Naturel, le Civil & le  
Politique: qu'il en sache les principes, & qu'il les apprenne  
 autant qu'il sera possible par la pratique des Tribunaux.

Mais le Maître qui doit montrer ces Connoissances ne  
 doit pas être un Esclave: il faudra chercher un homme in-  
 struit

rains, & autant que le Ministere & les Courtisans seront plus éclairés, et plus instruits dans les droits de l'humanité, et de la saine Politique, ces graces et privileges seront bien plus frequens. Seulement l'ignorance de ces deux droits, seulement la mauvaie et barbare education sont cause de la tyranie & du esclavage le plus dure: Quand les Souverains

ne parleront qu'avec des Ministres & des Courtesans bien elevés, et biens instruits, on peut esperer que leurs esprits contracteroient le meme tour de penser, et d'agir.

Comme la Noblesse Russe est destinée a sieger dans Les Tribunaux de Judicature, dans le Senat, College de Guerre, & Aumireauté & dans les Gouvernemens des Provinces, comm'Elle est destinée egalment a servir la Cour, non seulement dans Ses grandes charges, mais encore dans Celles du Ministere tant dans l'Empire, comme dans les Cours Etrangeres, il faut que dans l'education d'un Seigneur Russe entre la Morale, le Droit Naturel, Le Civil & le Politique: qu'il en sache les principes, & qu'il les apprend autant qu'il sera possible para la pratique des Tribunaux.

Mais le Maitre qui doit montrer ces connoissances ne doit pas être un учитель: il faudra chercher un homme ins-

1. 8. biens; Machado: omissão da palavra. 1. 11. Les; Machado: les.  
1. 13. Ses (cf. 1. 13, Senat); Machado: ses. 1. 14. Celles (cf. 1. 13, la Cours,

1. 15, les Cours); Machado: celles.

1. 21. учитель; Machado:11 Чител [tchitiel] (omissão da leitura da primeira letra da palavra, uso impróprio do maiúsculo).

1. 21. ins-; Machado: omissão do fim da última linha da folha 70v.



instruit, & qui auroit été employé auprès quelque Ambassadeur, ou auprès quelque Tribunal, non seulement pour conserver les principes qu'on a appris dans l'Université, mais pour ~~augmenter~~ les développer par la pratique, par la lecture de bons Auteurs (& ~~de~~ les bons en sont rares) et par la Conversation d'un homme rompu dans les affaires politiques et Civils d'Europe: Un tel homme si l'auroit au même tems les qualités du Coeur avec un liant pour aimer, & se faire aimer, seroit un trésor dans Votre Maison Monseigneur: Il seroit l'ami, le Directeur de la vérité & la solide instruction, qui est en vérité si rare.

Je voudrois que le Jeune Seigneur alla seul ou accompagné à entendre debout derrière les sièges des Sénateurs, & Præsidents de Collèges, les affaires Contentieuses qui s'y traitent et de suivre une même cause, et un même affaire civil, économique, ou Criminel depuis le commencement de la procédure jusqu'à la fin: En Dinamarc cette loi est en vigueur: La Jeune Noblesse après avoir fait ses études dans les Droits, est obligée de fréquenter les Tribunaux du Royaume Comm' Auditeurs.

Cette pratique produiroit dans l'esprit de ce Jeune Seigneur des effets considérables pour son bonheur & de sa patrie Il feroit alors plus de Cas de sa langue que des Etrangères;

il

instruit, & qui auroit été employé aupres quelque Ambassadeur, ou aupres quelque Tribunal, non seulement pour conserver les principes qu'on a appris dans l'Université, mais pour les développer par la pratique, par la lecture de bons Auteurs (& Les bons en sont rares) et par la conversation d'un homme rompu dans les affaires politiques et civils d'Europe: Un tel homme sil auroit au meme tems les qualités du Coeur avec un liant pour aimer, & se faire aimer, seroit un tresor dans Votre Maison Monseigneur: Il seroit l'ami, le Directeur de la vraye & la solide instruction, que est en venté si rare.

Je voudrois que le Jeune Seigneur alla seul ou accompagné a entendre debout derriere les Sieges des Senateurs, & Presidents de Colleges, les affaires contentieuses qui s'y traitent et de suivre une meme cause et un meme affaire civile, économique, ou criminel depuis le commencement de la procedure jusqu'a la fin: En Dinamarc cette loi este en vigeur: La Jeune Noblesse apres avoir fait ses etudes dans les Droits, est obligée de frequenter les Tribunaux du Royaume comm'Auditeurs.

Cette pratique produiroit dans l'esprit de ce Jeune Seigneur des effects considerables pour son bonheur & de sa patrie Il fairoit alors plus de cas de sa langue que des Etrangeres;

1. 5. Les bons; Machado: les bons.1. 7. sil; Machado: s'il.
1. 12. Sieges (cf. Senateurs, na mesma linha); Machado: sieges.
1. 16. vigeur; Machado: vigeur. Il. 18-19. Auditeurs; Machado: Auditeurs (sem sublinhado).
1. 20. Cette (a iniciar um novo parágrafo); Machado: sem início de novo parágrafo com a palavra Cette.

il l'apprendroit & l'entendrait plus facilement que par la lecture  
 il vendroit dans la Connoissance des Loix, des usages de la patrie,  
 il vendroit dans la Connoissance des revenus, de deponses de  
 L'Empire, & sur tout, il seroit rempli du merite des homi-  
 mes respectables qui sont ala tête des affaires. ~~de ses parents~~

On pourra s'appliquer al' Art de guerre, de la ma-  
 niere marquée ci dessus & au meme tems al' Instruction du  
 Droit Naturel et Civil avec la pratique ci dessus mentionnée  
 on trouvera assez de tems, si on aura envie de le mena-  
 ger, & de profiter.

L' Art de se rendre aimable

Troisième Partie de l' Education d'un Jeune Seigneur

Si la Noblesse Russe seroit seulement destinée a servir  
 la Cour, peut estre que l' education françoise, seroit suffisante, pour  
 remplir sa destination: Mais un ~~seigneur~~ ne formera  
 jamais plus qu' un singe d' un galant homme, digne de servir  
 une Cour: Les pauvres Peres qui ne connoissent en quoi Consis-  
 te l' education admirent les Singeries de Contorsions, et des  
 reverences de son enfant avec une volubilité de langage que le  
 fils entend ~~assez~~ si peu comme son Pere, tout Ebrié.

Le Feu Prince Kourakin Grand Ecuier, sachant ce qui

estoit

il l'apprendroit & l'entendrait plus facilement que par la lecture, il viendrait dans la connoissance des Loix, des usages de sa patrie, il viendrait dans la connoissance des revenues, de depenses de L'Empire, & sur tout, il seroit rempli du merite des hommes respectables que sont a la tete das affaires.

On pourra s'appliquer a l'Art de guerre, de la maniere marquèe ci dessus & au meme tems a l'Instruction du Droit Naturel et Civil avec la pratique ci dessus mentionnée; on trouvera asses du tems, si on aurâ envie de le menager, & de profiter.

#### L'Art de se rendre aimable

##### Troisieme Partie de l'Education d'un Jeune Seigneur

Si la Noblesse Russe seroit seulement destinèe a server la Cour, peut etre que l'education françoise, seroit suffisante, pour remplir sa destination: Mais un учитель ne formerá jamais plus qu'un singe d'un galant homme, digne de servir une cour: les pauvres Peres qui ne connoissent en quoi consiste l'education admirent les singeries de contorsions et des reverences de son enfant avec une volubilité de langage que le fils entend si peu comme son Pere; tout ebay!

Le Feu Prince Kourakin Grand sçachant ce qui

1. 2. Loix; Machado: Lois. 1. 12. Jeune Seigneur; Machado: Seigneur Russe (*sic!*). 1. 13. destinèe; Machado: destinè. l. 14. françoise; Machado: françoise.

l. 15. учитель; Machado: Читель, omissão da letra inicial, emprego impróprio de maiúsculo.

etait la Cour, si Orageuse de son tems, et qui elle etait la cause de la perte des Maisons, par le luxe, par le jeu, & par les intrigues, Sept determine de faire inscrire Soldat aux Gardes, son fils unique al age de douze ans: Dans l'intention (me faisoit-il l'honneur de me dire) qu'il lui donneroit une education plus mâle & moins dissipée que s'il le mettoit ala Cour: La mort l'a enlevé peu de tems apres, & son fils entra ala Cour ala fin, par le derangement de la maison.

Cet exemple montre bien qu'un Seigneur Russe doit etre elevé, tel qu'il puisse servir la Cour: Il faut qu'il possede en quelque degre cet art si estimée en France, se rendre aimable: Se chiffer, d'ancer, prendre sa place dans les Cercles, a table, ni dire, ni faire chose qui blesse les usages, les Coutumes reçus, ni encore meme son habilleement, son maintien & sa marche: tout doit etre arangé ala volonte de la Compagnie: apprende cet art au dernier degre en Russie, c'est difficile; Les bals, les souppers, et les Cercles de Dames y etant plus rares qu'a Paris; Cependant, ces lieux sont les meilleurs écoles pour devenir gradué dans l'art de plaire.

Pendant ce temps là on doit faire plus grand cas de l'exercice du manège ala Cour & s'y exercer aussi souvent que ses fonctions lui permettront: tout le monde connoit la necessite, & utilite de cet excellent exercice en tous les differens etats d'un Gentilhomme au service de sa patrie.

etoit la Cour, si orageuse de son tems, et qu'elle estoit la cause de la perte des Maisons, par le luxe, par le jeu, & par l'intrigues, s'est determine de faire inscrire soldat aux Gardes, son fils unique a l'age de douze ans: Dans l'intention (me faisoit-il l'honneur de dire) qu'il lui donneroit un'education plus mâle & moins dissipée que s'il le mettroit a la Cour: La mort l'a enlevé peu de tems apres, & son fils entra a la Cour a la fin, pour le d'arrangement de sa maison.

Cett'exemple montre bien qu'un Seigneur Russe doit etre elevé, tel qu'il puisse servir la Cour: Il faut qu'il possede en quelque degre cet'art si estimé en France, se rendre aimable: Se coiffer, danser, prendre sa place dans les Cercles, a table, ni dire, ni faire chose qui blesse les usages, les Coutumes vecûs, ni encore meme en son habillement, son mantient & sa marche: tout doit etre arrangé a la volonté de la compagnie: apprendre cet'art au dernier degre en Russie, c'est difficile; Les bals, les souppers, et les cercles de Dames y etant plus rares qu'a Paris; cependant, ces lieux sont les meilleures écoles pour devenir gradué dans l'art de plaire.

Pendant ce temps là on doit faire plus grand cas de l'exercice du manège a la Cour & s'y exercer aussi souvent que ses fonctions lui permettront: tout le monde connoit la necessite, & utilite de cett'excellent exercice en tous les differens etats d'un Gentilhomme au service de sa patrie.

1. 1. et qu'elle; Machado: et qui elle. 1. 2. Maisons; Machado: maisons. 1. 12. Cercles; Machado: cercles. 1. 13. Coutumes; Machado: coutumes (cf. Cour, 11. 5, 6, 8 supra). 1. 16. en Russie; Machado: en Russe. 1. 18. meilleures écoles; Machado: meilleurs écoles. 1. 20. temps là; Machado: tems là.

Voilà pour l'exterieur, & pour ce qui regarde l'art de plaire:  
 Mais pour jouer le role de Courtisan, il faut bien d'autres talens:  
 Il faut connoître l'homme a fond; animal le plus pernicieux en-  
 tre tous les animaux, quand il est ignorant & feroce, ou simulé:  
 il est le meilleur de tous les Vivans doués des vertus agreables  
 et bien faites a soi & aux autres. Le Courtisan traite avec  
 des hommes composés de ce melange de <sup>vertes, et de vices</sup> qualitez. Il y faut  
 de l'intelligence, de la prudence, du secret, et de patience, qui  
 est le plus difficile dans le feu de la Jeunesse: Dans les Memoires,  
 de l'Histoire, & dans quelques Histoire, on peut lire & mediter  
 les fonctions des Courtisans; & leur Conduite, & un Jeune Seigneur  
 ne perdra pas son temps, s'il a parvenu a connoître ce qui  
 est ce sejour, & si seduisant pour ceux, qui ne le connoissent pas.  
 Ce, qui est la Cour.

Il me semble, que si la Bibliotheque d'un Courtisan  
 seroit composée des livres dont je mettrai ici le titre, qu'il epargne-  
 rait beaucoup de temps & de peine en lisant d'autres.

Toutes les Oeuvres de Plutarque par Dacier, &  
 Amelot.

Les Oeuvres de Tacite par Amelot de la Haussaye

Science du Gouvernement par St. Real. 8 volumes  
 in 4°. ouvrage nouvellement sorti de la presse

On y trouve les connoissances en general pour un Courtisan

pour

Voila pour l'exterieur, & pour ce qui regarde l'art de plaire: Mais pour jouer le role de Courtisan, il faut bien d'autres talens: Il faut connoitre l'homme a fond; animal le plus pernicieux entre tous les animaux, quand il est ignorant & feroce, ou simulé: il est le meilleur de tous les vivans douüé des vertus agreables et bien faisants a soi & aux autres. Le Courtisant traite avec des hommes composes de ce melange de vices, et de vertus. Il y faut de l'intelligence, de la prudence, du secret, et de pacience, qui est le plus difficile dans le feu de la Jeunesse: Dans les Memoires de l'Histoire, & dans quelques Histoires, on peut lire & mediter Les fonctions des Courtisans, & leur conduite, & un Jeune Seigneur ny perdra pas son tems, s'il a parvenu a connoitre ce qui est ce sejour, si seduisant pour ceux, qui ne connoissent ce, qui est la Cour.

Il me semble, que si la Biblioteque d'un courtisan seroit composée des livres dont je mettrai ici le titre, qu'il epargneroit beaucoup du tems & de peines en lisant d'autres.

Toutes les Oeuvres de Plutarche par Dacier, &  
Ameloz.

Les Oeuvres de Tacite = par Ameloz de lá Haussaye  
Science du Gouvernement par St. Real. 8 volumes  
in 4° / ouvrage nouvellement sorti de la presse  
On y trouve des connoissances en general pour un courtisan

- 1. 5. virtus (cf. 1. 5, vivans, 1. 7, vices); Machado: vertus.
- 1. 9. Jeunesse; Machado: jeunesse (cf. Jeune Seigneur, 1. 11 *infra*).
- 1. 11. Les fonctions; Machado: les fonctions.
- 1. 12. ny; Machado: n'y. 1. 14. Cour; Machado: cour.



pour Un Ministre Etranger, & pour Un secretaire d'Etat.

Le danger des emplois de la Cour est d'y contracter l'avers-  
sion pour le travail, pour la reflexion; on tombe dans les vices  
opposés par la dissipation de mille objets, quelque fois féroces, par  
la paure eblouissante, par la musique, par le theatre, quelque  
fois par la debauché; on tombe dans l'habitude de se lever tard,  
puis qu'on entre au lit a deux & trois heures apres les Souppes.  
L'Économie sans ordre on tombe en dettes, on est réduit  
a des extremités: on souhaite alors des changemens pour red-  
resser ses affaires ruinées, & le plus souvent pour changer son état.

Pour éviter ces dangers il faut s'efforcer de plus en plus  
que l'education de la Jeune Noblesse soit la plus vertueuse & la  
plus active: Et ce sera tout ce que je fais intention de de-  
tailler ci desous.

L'Économie civile & Politique de l'Empire de  
de Russie,  
Quatrième Partie de l'Education d'Un Seigneur Russe

La Constitution de l'Empire de Russie demande que  
la Noblesse soit plus instruite dans l'Économie Politique, & parti-  
culiere, que celle du reste de l'Europe. Tous ses Puissances  
ont devint Marchandes: Les guerres se font de nos jours pour acquerir  
le

pour Un Ministre Etranger, & pour Un Secretaire d'Etat.

Le danger des emplois de la Cour est d'y contracter l'aversi-  
 on pour le travail, pour la reflexion; on tombe dans les vices  
 opposées par la dissipation de mille objets, quelque fois frivoles, par  
 la parure eblouissante, par la musique, par le theatre, quelque  
 fois par la debauche; on tombe dans l'habitude de se lever tard,  
 puis qu'on entre au lit a deux & a trois heures apres les souppers:  
 L'Economie sans ordre on tombe en dettes, on est reduit  
 a des extremités: on souhait alors des changements pour red-  
 ser ses affaires ruinnés, & le plus souvent pour changer son ètat.

Pour eviter ces dangers il faut s'efforcer de plus en plus  
 que l'education de la Jeune Noblesse soit la plus vertueuse & la  
 plus active: Et ce sera tout ce que je fais intention de de-  
 tailler ci dessous.

L'Economie civile & Politique de l'Empire de  
 de Russie,  
 Quatrieme Partie de l'Education d'un Seigneur Russe

La Constitution de l'Empire de Russie demande que  
 sa Noblesse soit plus instruite dans l'Economie Politique, & parti-  
 culiere, que celle du reste de l'Europe Tous ses Puissances  
 ont devenû Marchandes: La guerre se font de nos jours pour acquerir

1. 1. Un Secretaire; Machado: un Secretaire (cf. Un Ministre, na  
 mesma linha). 1. 10. ruinnés; Machado: minnés.  
 1. 12. vertueuse; Machado: vertueuse. 1. 19. sa Noblesse; Machado:  
 la Noblesse.

le plus étendu & le plus lucratif. Les Ministres Etrangers ne sont  
 occupés que de Traités de Commerce: L'ne Puissance calculée au  
 jourd'hui sa Recette & sa Depense comme un Banquier &  
 un Marchand; Elle ne vend pay plus à l'Etranger, que  
 ce qu'elle en achete, Elle envisage sa perte, & sa des-  
 truction. Il faut donc que les Seigneurs Russes en charge soient  
 au fait de ces moyens de gouverner les Etats plus que ceux  
 des autres Puissances: Supposons que la Russie pour acheter  
 plus de l'Etranger, que ce qu'elle lui vend, vient à manquer  
 de revenu: Elle ne pourra pay augmenter les impôts sur  
 les paysans esclaves au delà de 70 Kopeks; car alors ~~est~~ <sup>le seroit</sup>  
 les mettre dans la nécessité ou de desertter, ou de n'être pas  
 payés: Mais supposons que la nécessité presse; Il faut  
 alors que les Seigneurs de terres fournissent les fonds pour  
 remédier aux nécessités, telles qu'elles pourront arriver:  
 Ils donneront double et triple recrue, ruineront leurs villa-  
 ges; Seront obligés de les nourrir, habiller, conduire pen-  
 dant la première, ou seconde année: Ce fardeau ne tom-  
 bera pay immédiatement sur le peuple, comme dans le Royau-  
 mes d'Europe: Il tombera uniquement sur les Seigneurs  
 de terres.

Un Seigneur Russe par la même Constitution doit  
 être plus Economique, que quelque autre d'Europe: Un Seigneur

le commerce le plus étendu & le plus lucratif: Les Ministeres Etrangers ne sont occupés que de Traitès de Commerce: Une Puissance calcûle au jourd'hui sa Recette & sa Depense comme un Banquier & un Marchand; S'Elle ne vend pas plus que a l'Etranger, que ce qu'Elle en achette, Elle envisage sa perte, & sa destruction. Il faut donc que les Seigneurs Russes en charge soient au fait de ces moyens de gouverner les Etats plus que ceux des autres Puissances: Supposons que la Russie pour acheter plus de l'Etranger, que ce qu'Elle Lui vend, vient a manquer de revenûs: Elle ne pourra pas augmenter les impots sur Les paysans Esclaves au delà de 70 Kepeks; car alors ce seroit Les mettre dans la necessitè ou de deserter, ou de n'etre pas payée: Mais supposons que la necessité presse; Il faut alors que les Seigneurs de terres fournissent les fonds pour remedeer aux necessités, telles que'elles pourront arriver: Ils donneront double ou triple recrues, ruineront leurs villages; Seront obligés de les nourrir, habiller, conduire pendant la premiere, ou second annèe: Ce fardau ne tombera immediatement sur le peuple, comme dans les Royaumes d'Europe: il tombera uniquement sur les Seigneurs de terres.

Un Seigneur Russe par la meme constitution doit être plus Econome, que quelque autre d'Europe: Un Seigneur

1. 2. Traitès; Machado: Traités. 1. 6. Seigneurs Russes; Machado: seigneurs Russes.

1. 9. Lui; Machado: lui. 1. 11. Les paysans; Machado: les paysans (cf. Les Ministeres, 1. 1).

1. 12. Les; Machado: les (cf. Les Ministeres, 1. 1).

1. 18. premiere... annèe; Machado: premiere... année. 1. 23. être; Machado: etre.

François, ou ~~le~~ Allemand Catholique peut placer sa famille en trois ou quatre états différens, sans ruiner sa maison: Il place un fils dans le Militaire, le Cadet dans l'Etat Ecclesiastique ou devient Chanoine, Evêque, Abbé Commendataire: Les Troisième dans les Parlemens; Les Filles dans les Couvents ou Abbayes Royales.

Un Seigneur Russe est dénué de toutes ces avantages: En France & en Allemagne les grandes Maisons ont plusieurs biens substitués, qui ne peuvent pas être aliénés que par crime d'Haute traison: en Russie les substitutions sont inconnues: Si le Père a détruit sa maison ses terres sont vendues pour payer les Créanciers.

En France, et en Allemagne les Nobles font élever ~~leurs~~ <sup>ses</sup> enfans de deux sexes dans des Collèges, dans des Couvents, avec très peu de dépense: En Russie il faut qu'un Seigneur les élève avec des dépenses considérables.

Par ces raisons, & bien d'autres, qu'il ne faut pas détailler ici, un Seigneur Russe doit être élevé avec toute la connoissance possible de l'Economie particulière, et de <sup>celle de</sup> l'Etat.

Les

Francois, ou Alemand Catholique peut placer sa famille en trois ou quatre etats differents, sans ruiner sa maison: Il place un fils dans le Militaire, le Cadet dans l'Etat Ecclesiastique ou devient Chanoine, Eveque, Abbé Commandataire: Le Troisieme dans les Parlemens; Les Filles dans les Couvents ou Abbayes Royalles.

Un Seigneur Russe est destitué de toutes ces avantages: En France & en Alemagne les Grandes Maisons ont plusieurs biens substitués, qui ne peuvent pas etre alienés que par crime d'Haute traison: en Russie Les substitutions sont inconnues: Si Le Pere a detruit sa maison ses terres sont vendues pour payer les Creanciers.

En France, et en Allemagne Les Noblesse fait élever ses enfans de deux sexes dans des Colleges, dans des Couvens, avec tres peu de depense: En Russie il faut qu'un Seigneur les élève avec de depenses considerables.

Par ces raisons, & bien d'autres, qu'il ne faut pas detailler ici, un Seigneur Russe doit etre élevé avec toute la connoissance possible de l'Economie particuliere, et de celle de l'Etat.

1. 1. Francois... Catholique; Machado: François... catholique (cf. Cadet, 1. 3, Chanoine, 1. 4 *infra*).

1. 11. Le Pere; Machado: le Pere. 1. 13. Les Noblesses; Machado: les Noblesses.

1. 14. des Colleges; Machado: les Colleges. 1. 15. des Couvens; Machado: les Couvens.

Les Regles Economiques pour regler Une Maison, & Un Empire sortent d'un seul principe Connu de Caton Censorin dans son livre d'Agriculture, „ Il sied, & il convient  
 „ Dit ce Senateur, a un Pere de famille vendre, & faire  
 „ vendre autant qu'il lui sera possible, & d'acheter le  
 „ moins qu'il pourra.

On a negligé jusqu'a present dans l'education de la Noblesse l'art de tenir livres de Recette & de De-  
 \* pense, qu'on peut apprendre en trois leçons par un habile  
 \* Commis de Marchand, quand on est instruit dans l'Arithmetique ordinaire: Les Romains connoissoient cet Instruction, & la practiquoient, malgré leurs grandes richesses, & leurs grandes possessions. La Constitution de Leur Republique & de leur Empire en estoit la Cause.

Un Jeune Chevalier, ou Patricien, devenu Centurion, ou au grade semblable a celui de nos Colonels, <sup>qui estoient ~~ces~~ ceux</sup> vouloit se distinguer, & monter aux plus eclatans employ, de Preteur, de Consul, et de Censeur.

Les Regles Economiques pour regler une Maison, & un Empire sortent d'un seul principe connu de Caton Censorin dans son livre d'Agriculture «Il sied, & il convient», dit ce Senateur, «a un Pere de famille vendre, & faire vendre autant qu'il sera possible, & d'acheter le moins qu'il pourra».

On a negligoit jusqu'a present dans l'education de la Noblesse l'art de tenir livres de Recette & de Depense, qu'on apprendre en trois leçons par un habile Commis de Marchand, quand on est instruit dans l'Arithmetique ordinaire: Les Romains connoissoient cet' Instruction, & la practiquoient, malgré leurs grandes richesses, & leurs grandes possessions. La Constitution de Leur Republique & de leur Empire en estoient la cause.

Un Jeune Chevalier, ou Patricien, devenu Centurion, ou au grade semblable a celui de nos Colonels, vouloit se distinguer, & montrer aux plus eclatans emplois, qui estoient ceux de Preteur, de Consul, et de Censeur.

- 1. 1. Regles Economiques; Machado: regles Economiques.
- 11. 1-2. Une Maison & Un Empire; Machado: une maison & un Empire. 1. 4. Senateur; Machado: senateur.
- 11. 12-13. Constitution; Machado: constitution.



Il se presentoit candidat dans l'Assemblée du Peuple Romain, qui donnoit les emplois & les charges de la Republique; Il demandoit être Questeur, qui correspond aux tresoriers du tresor Royal, du tresor de l'Armée, &c.

Leur devoir principal, et le plus difficile, C'est de pourvoir une armée de tout ce qui lui étoit nécessaire en campagne & en quartiers: S'il rendoit ses Comptes à la satisfaction du Senat, il avoit l'entrée de cet Auguste Corps, & il avoit franchi le chemin pour arriver aux plus hautes dignités

Si les Romains jugerient des Jeunes Seigneurs comme nous en jugeons aujourd'hui, il estimoient pour tresoriers de Leur Revenu, & de Leurs depensey d'Etat, Un Riche Citoyen ou Patricien, homme au delà de cinquante ans, prudent, menager, et nullement guerrier

Mais les Romains pensoient mieux que nous. Voici leur raisonnement sur la Questure exercée par des Jeunes officiers: ou ce Jeune homme sortira de cette epineuse charge avec honneur & integrité, ou non? S'il en sortira avec honneur & reputation, nous ~~avons~~ <sup>précise</sup> la

Somme

11 se presentoit candidat dans l'Assemblée du Peuple Romain, qui donnoit les emplois & les charges de la Republique; Il demandoit être Questeur, qui correspond a nos tresoriers du tresor Royal, du tresor de l'Armée, &<sup>a</sup>.

Leur devoir principal, et le plus difficile, c'étoit dé provisionner un'armée de tout ce qui lui étoit necessaire en campagne & en quartiers: S'il rendoit ses comptes a la satisfaction du Senat, il avoit l'entrèe de cet Auguste corps, & il avoit franchi le chemin pour arriver aux plus hautes dignités.

Si les Romains jugeroient des Jeunes Seigneurs comme nous en jugeons aujourd'hui, ils eliroient pour tresoriers de Leur Revenûs, e de Leurs depenses d'Etat, un Riche Citoyen ou Patricien, homme au delà de Cinquante ans, prudent, menager, et nullement guerrier

Mais les Romains pensoient mieux que nous. Voici leur raisonnement sur la Questure exercée par des Jeunes officiers: ou ce Jeun homme sortira de cette epineuse charge avec honneur & integrité, ou non? S'il en sortira avec honneur & reputation, nous

11. 5-6. dé provisionner; Machado: d'éprovisionner.

1. 13. Revenûs; Machado: revenûs. 1. 13. Leurs depenses; Machado: leurs depenses.

1. 14. Riche Citoyen; Machado: riche citoyen.

1. 15. Cinquante; Machado: cinquante. 1. 18. Jeune; Machado: jeune.

Sommes assurés de sa Capacité, de sa Diligence & de son intégrité: Un jeune guerrier, <sup>lui</sup> maître de l'argent de l'Etat entre les mains, les manier, l'employer, & en rendre compte avec honneur, c'est la plus rude épreuve que nous pourrions faire de ses talens.

S'il n'avoit pas satisfait a son devoir, La République en lui fermant la porte des emplois, auroit gagné beaucoup: Connoître a fond un homme, ou mal adroit, ou infidèle, convenoit extrêmement au Senat comme le Romain.

Voilà que dans l'éducation distinguée, <sup>des</sup> Romain, il entroit l'art des livres de Recette & de Depense a l'aide des quels, on gouverne une grande maison, & un puissant Etat.

La Constitution de l'Empire de Russie demande necessairement que cet art entre dans son éducation, a fin de l'exercer dans la maison Paternelle et dans les emplois ou il faut recevoir & depenser les deniers de la Couronne.

Il faudroit un Jeune Seigneur a conduire dans

sommes assurés de sa capacite, de sa diligence & de son integrité: Un jeune guerrier Lui mettre de l'argent de l'Etat entre les mains, les manier, les employer, & en rendre compte avec honneur, c'est la plus rude epreuve que nous pourrions faire de ses talens.

S'il n'avoit pas satisfait a son devoir,  
La Republique en lui fermant la porte des emplois, avoit gagné beaucoup: Connoitre a fond un homme, ou mal adroit, ou infidele, convenoit extremement a un Senat comme le Romain.

Voila que dans l'educaton distinguée des Romains, il entroit l'art des livres de Recette & Depense a l'aide des quels, on gouverne une grande maison, & un Puissant Etat.

La Constitution de l'Empire de Russie de-  
= mande necessairement que cet'art entre dans son educa-  
= tion, a fin de l'exercer dans la Maison Paternelle  
et dans les emplois ou il faut recevoir & depenser  
Les deniers de la Couronne.

Si j'aurois un Jeune Seigneur a conduire

1. 2. Lui; Machado: lui. 1. 10. Senat; Machado: senat.  
1. 17. Maison Paternelle; Machado: maison Paternelle (cf. maison, 1. 13).  
1. 19. Les deniers; Machado: les deniers. 1. 20. j'aurois; Machado: j'auroit.

~~son~~ je conseillerai qu'il lui fut permis de prendre sous sa direction la dépense de toutes les tables de sa maison, batterie de cuisine, bois, charbon, Linge, toute sorte de boissons.

Quand il aurait obtenu cette permission, il prépareroit un livre blanc rayé, et numéroté, avec un Index, à l'imitation de ceux des Marchands avec le titre Recette et Dépense

Chaque jour à une heure déterminée, il demanderoit au Maître d'Hotel les Comptes de tous les achats, de toutes les provisions depuis un certain tems, tant celles achetées ~~avec~~ argent comptant, ou à Credit, comme celles fournies par les Villages appartenans à la maison.

En très peu d'articles ~~on~~ il pourroit marquer en son livre tout le détail demandé au Maître d'Hotel.

Quand il seroit familiarisé dans cet exercice, il prendroit sous son Roy l'autre partie de l'Economie qui regarde l'habillement, la parure & les meubles; & Il viendroit dans la Connoissance de la dépense, & au même tems de toute ce qu'il faut pour conserver une maison, si le Roy chaque année determineroit une certaine somme entre les mains du trésorier pour fournir à ces deux <sup>domestiques</sup> ~~parties de l'économie~~ departemens principaux de l'économie ~~parties de l'économie~~:

je conseillerois qu'il fut permis de prendre sous sa de direction la depense de toutes les tables de sa maison batterie du cuisine, bois charbon, linge, toute sorte de boissons.

Quand il auroit obtenu cette permission, il prepareroit un livre blanc rayé, et numeroté, avec un Index, a l'imitation de ceux des Marchands avec le titre de Recette et Depense.

Chaque jour a un heur determinèe, il demanderoit au Maitre d'Hotel les comptes de tous les achats, de toutes les provisions depuis un certain tems, tant celles achetées d'argent comptant, ou a credit, comme celles fournies par les villages appartenans a la maison.

En tres peu d'articles il pourroit marquer en son livre tout le detail demande au Maitre d'Hotel.

Quand il seroit familiarisé dans cet'exercice, il prendroit sous ses soiens l'autre partie de l'Economie qui regarde l'habillement, la parure & les meubles; il viendrait dans la connoissance de la depense, & au meme tems de tout ce qu'il faut pour conserver une maison, si Le Pere chaque annee determineroit une certaine somme entre les mains du tresorier pour fournir a ces deux departemens principaux de l'economie domestiques

1. 2. sa maison; Machado: sa maison:(com pontuação que difere do ms.). 1. 14. Maitre d'Hotel; Machado: Maitre d'Autel (*sic!* cf. linha 9, *supra*). 1. 15. familiarisé; Machado: familiarisé. 1. 20. Le Pere; Machado: le Pere. 1. 22. domestiques; Machado: domestique.

Les Antiens Perses vivoient heureux & respectés de leurs  
 Enemis avec ces deux loix. Ne devoir, & ne faire  
 point de dettes. Ne Mentir jamais.

L'object principal de gouverner une maison  
 a l'aide d'un livre de Recette & Depense, c'est pour  
 observer la premiere loi: Par ce moyen on regle  
 sa depense a proportion de son revenu; et quand l'es-  
 prit dans le premier age est accoutumé a l'ordre, a l'exac-  
 tude, cet ordre s'en melera en toutes ses dispositions  
 & il paratra d'avantage dans ses emplois.

Cet instruction de Conserver un semblable livre  
 et gouverner une branche de l'economie particuliere doit  
 estre dirigée par un Commis de Marchand pendant  
 quelques semaines: l'habitude rendroit moins possible ce  
 travail; & apres le premier mois, cet exercice lui vrendra  
 agreable; ce qui seroit le plus grand bonheur, signe  
 certain qu'il estoit persuade de l'utilité de cette occupation.

Je n'ai jamais entendu que les Dames Russes  
 prennent le moindre soin du menage: En France cette  
 Vertu n'est pas rare, et encore moins en quelques

Prin- ~~Loten~~

Les Antiens Perses vivoient heureux, & respectés de leurs Enemis avec ces deux lois. Ne devoir, & ne faire point de dettes. Ne Mentir jamais.

L'object principal de gouverner une maison a l'aide d'un livre de Recette & Depense, c'est pour observer la premiere loi: Par de moyen on regle sa depense a proportion de son revenû; et quand l'esprit dans le premier âge est accoutumé a l'ordre, a l'exactitude, cet'ordre s'en melerâ en toutes ses dispositions & il paroitra d'avantage dans ses emplois.

Cet'instruction de conserver un semblable livre et gouverner une branche de l'economie particuliere doit etre dirigée par un commis de Marchand pendant quelques semaines: l'habitude rendroit moin penible ce travail; & apres le premier mois, cet exercice Lui viendrait agreable; ce qui seroit le plus grand bonheur, signe certain qu'il etoit persuadé de l'utilité de cett' occupation.

Je n'ai jamais entendu que les Dames Russes prennent le moindre soin du menage: En France cette vertu n'est pas rare, et encore moins en quelques

1. 3. Mentir; Machado: mentir. 1. 6. premier; Machado: premier.  
1. 14. moin; Machado: moins. 1. 15. premier... Lui; Machado: premier... lui.



Puissances d'Allemagne: Ce ne sera point une ~~une~~ raison  
 de ne s'introduire dans un pays, une utilité remarquable  
 s'elle n'existait auparavant: Il seroit a souhaiter que  
 sexe aimable fuisse elevé dans l'economie de la maison  
 qu'elle commande, ou quelcune de ses filles: Le habil-  
 lement, les meubles, Le linge semble etre de leur  
 departement: on y employeroit le tems que plusieurs  
 fois devient ennuyeux, et releveroit les vertus ai-  
 mables, Leur fournissant matiere a les augmenter.

## Objections

Et  
 Reflexions sur le plan d'education proposé  
 ci dessus

On objectera qu'il est impossible qu'un jeune seigneur  
 puisse suffire a autant de leçons de theorie & de pratique,  
 a autant de Maitres: que son esprit en sera confondu  
 & brouillé, & qu'il n'aura jamais aucune idee claire  
 de

Puissances d'Alemagne: Ce ne sera point une raison de ne s'introduire dans un pays, une utilité remarquable s'elle n'existoit auparavant: Il seroit a souhaiter que sexe aimable fusse elevé dans l'economie de la maison qu'Elle commande, ou quelcune de ses filles: Le habillement, Les meubles, Le Linge semble etre de Leur departement: on y employeroit le tems quê plusieurs fois devient ennouyeux, et releveroit les vertus aimables, Leur fournissant matiere a les augmenter.

#### Objections

Et

#### Reflexions sur le plan d'education propôsé ci dessus

On objectera qu'il est impossible qu'un jeune seigneur puisse suffire a autant de leçons de theorie & de pratique, a autant de Maitres: que son esprit en sera confundu & brouillé, & qu'il n'aura jamais aucune idee claire

- 1. 6. Les..., Le Linge..., Leur; Machado: les..., le linge..., leur.
- 1. 7. quê; Machado: que. 1. 9. Leur; Machado: leur.
- 1. 15. suffire; Machado: omissão desta palavra na transcrição do ms.

des ce qu'il apprendra.

Que si un jeune Seigneur doit avoir un Ingenieur pour Lui montrer la theorie & la pratique de l'Art Militaire; & au meme tems, un precepteur homme de science et d'experiance dans la connoissance de la morale, de l'histoire, du Droit Naturel & Civil, frequenter des Tribunaux, comme Auditeur; Et un troisieme pour montrer ~~l'art~~ l'Art de tenir le Livre de Recette et de Depense avec l'exercice de l'Economie domestique on objectera que le Seigneur n'aura jamais le tems de se faire friser, d'apprendre à danser, et moins encore la musique ou vocale, ou Instrumentalle: Et qu'il faut a son age quelque fois s'amuser a designer & a peindre ou en portrait, ou quelque echantillon curieux, & rare, de l'histoire Naturelle.

Que je ne fais pas mention de l'Astronomie, de la Physique Experimentale, et moins encore de la chimie des metaux, ni des arts; que ces connoissances sont indispensabley dans un Seigneur

qui

de ce qu'il apprendra.

Que si un Jeune Seigneur doit avoir un Engineur pour Lui montrer la theorie & la pratique de l'Art Militaire; & au meme tems, un precepteur homme de science et d'experience dans les Connoissances de la morale, de L'Histoire, du Droit Naturel & Civil, frequenter Les Tribunaux, comme auditeur; Et un troisieme pour montrer l'Art de tenir le Livre de Recette et Depense avec l'exercice de l'Economie domestique on objectera que ce Seigneur n'aura jamais le tems de se faire friser, d'apprendre a dancer, et moins encore la musique ou vocale, ou Instrumentale: Et qu'il faut a son âge quelque fois s'amuser a designer & a peindre ou en portrait, ou quelqu'échantillon curieux, & rare, de l'Histoire Naturelle.

Que je ne fais pas mention de l'Astro-  
nomie, de la Physique Experimentale, et moins encore de la chimie des metaux, ni des arts; que ces con-  
noissances sont indispensables dans un Seigneur

1. 1. apprendra; Machado: apprendera. 1. 3. Lui; Machado: lui.  
1. 5. Connoissances; Machado: connoissances.  
1. 14. en protrait; Machado: un portrait. 1. 18. chimie; Machado: Chimie.

qui doit fréquenter les grandes Compagnies, et que les ignorer, tourneroit a son désavantage, comme si son Education avoit été négligée.

Pour résoudre tant de difficultés, qui semblent bien fondées à ceux, qui ne connoissent que les éducations en usage, il faudra, que je déclare auparavant mes intentions dans l'éducation proposée.

La Russie a pour voisin la Suède à l'Occident & la Grande, & la Petite Tartarie au Levant, & au Sud-est. Suède est un Royaume pauvre par <sup>la</sup> nature. Mais les habitans sont actifs, Courageux, intelligens, & Constants, adonnés, depuis Gustave Adolphe à l'Economie domestique, et Politique avec un ardeur, que chose au monde les rebute. La Pragmatique, qu'ils viennent de mettre en execution contre toute sorte de luxe, montre bien l'esprit altier & indomtable, qui les anime, & dont ils sont capables. Par cette pragmatique les <sup>dés cheveux</sup> friseurs, & la poudre à perruque sont défendus, et anéantis en Suède. C'est couper racine à la destruction de la Jeunesse, et à la ridicule du Siècle: on

qui doit frequenter le grandes Compagnies, et que les ignorer, tourneroit a son desavantage, comme si son education avoit ete negligée.

Pour resoudre tant de difficultés, qui sembleront bien fondées a ceux, que ne connoissent que les educations en vogue, il faudra, que je declare auparavant mes intentions dans l'education proposée.

La Russie a pour voisin la Suede a l'Occident & la Grande, & la Petite Tartane au Levant, & au Sudest. Suede est un Royaume pauvre par la nature: Mais les habitans sont actifs, courageux, intelligens, & constans, addonnés de-  
= puis Gustave Adolphe a l'Economie domestique, et Politique avec un ardeur, que chose au monde les rebute: La Pragmatique, qu'ils viennent de mettre en execution contre toute sorte de luxe, montre bien l'esprit altier & indomtable, qui les anime, & ce dont ils sont capables: Par cette pragmatique les friseurs des cheveux & la poudre a peruque sont defendûs, et aneantis en Suede: C'est couper racine a la destruction de la Jeunesse, et a la ridiculerie du siecle: on

1. 4. resoudre; Machado: repondre (sic!). É de notar que a leitura errada resulta numa forma verbal, cujas propriedades de regência não se combinam com o contexto gramatical e semântica do respectivo periodo.

1. 5. fondées; Machado: fondées. 1. 6. faudra; Machado: foudrà.

voit par cette loi, que cette Nation aspire à devenir mâle, active, et Entreprenante.

Regardons Les Mongals, les Catmuques, les Tartares de la Grande, & de la Petite Bucharie, les Carakalbagues, Nations que la Russie ne craint pas aujourd'hui: Mais elles vivent sans nécessité, ni besoins; Nations endurcies, courageuses, indomtables, seulement par la mort.

Lendant que l'Empire Romain se Conservoit en sa vigueur, il méprisait les barbares du Nord, qu'il avoit détruit plusieurs fois; <sup>Comm' après</sup> Les Arabes <sup>qu'il avoit domptés.</sup> alors non seulement ils étoient domptés, mais leur nombre pour petit n'étoit pas remarquable.

Constantin le Grand transporte l'Empire à Constantinople, & par la Communication, & le Commerce des Rois de l'Orient ~~entra~~ le luxe de mille manieres ~~entra~~ dans cette nouvelle Cour; Les ~~barbares~~ La discipline militaire des Legions Romaines se perd peu à peu par la frivole Education Grecque & Asiaticque; vers le <sup>neuvième</sup> ~~septième~~ siècle quand ~~Heracleus~~ ~~est~~ ~~Empereur~~ ~~il~~ ~~est~~ ~~par~~ ~~venu~~ ~~qu'~~ ~~on~~ ~~voit~~ ~~qu'~~ ~~le~~ ~~courage~~ ~~Romain~~ ~~avoit~~ ~~disparu~~ ~~de~~ ~~ce~~ ~~temps~~

voit par cette loi, que Cette Nation aspire a devinir mâle, active, et Entreprenante.

Regardons Les Mongals, les Calmuques, les Tartares de la Grande, & de la Petite Bucharie, les Carakalbaques, Nations que la Russie ne craint pas aujourd'hui: Mais elles vivent sans nécessités, ni besoins; Nations endourcies, courageuses, indomtables, seulement par la mort.

Pendant que l'Empire Romain se conservoit en sa vigueur, il meprisoit les barbares du Nord, qu'il avoit destruit plusieurs fois; comm'aussi Les Arabes, qu'il avoit domttés.

Constantin le Grand transporte Cett'Empire a Constantinople, & par la communication, & le commerce des Rois de l'Orient le luxe de mille manieres entra dans cette nouvelle cour; La discipline militaire des Legions Romaines se perd peu a peu par la frivole education Greque & Asiatique; vers le huitieme siecle le courage Romain avoit disparû.

1. 1. a devenir; Machado: a devenir. 1. 3. Les Mongals; Machado: les Mongals. 1. 11. Les Arabes; Machado: les Arabes. 1. 12. Cett'Empire; Machado: cett'Empire. I. 17. Greque; Machado: Grecque.



des armées de l'Empire le Grec.

La Suite du Luxe Grec & Oriental, l'amour des amusemens frivoles & de disputes chimeriques, que les memes Nations ne pisees, & vaincues furent celles qui detruirent l'Empire d'occident & d'Orient

La Russie doit regarder les Nations mentionnez Leur ~~enemi~~

Et par quelles Nations est-il peri cet Empire? Par celles qu'il avoit dompté & meprisé: par les Huns; et par les Arabes et par les Turques: Nation alors pauvre, errante, endurcie, courageuse, sans besorn, ni necessité

La Suede du ~~cote~~ al'occident, & la Tartarie al'orient sont les enemis que la Russie doit toujours craindre: Les fortresses les remparts, & les armées les plus redoutables, qu'elle leur doit opposer c'est l'education de sa Noblesse, ~~et qu'elle soit si bien calculee pour attaquer & defendre pour la rendre capable de les attaquer & dompter, si l'envie les en prend de remuer.~~

Mais pour faire la guerre a ces Nations, il ne faut pas estre elevé ala francoise; il faut un'education plus mâle, & qui soit plus conforme au climat, et ala maniere de vivre de Suede, de Russie & de Tartarie.

Cette Education, que j'appellerai al'avenir Russe, se reduira a rendre le Corps robuste, vigoureux, actif, et endurant, &

des armées de l'Empire le Grec.

Et par quelles Nations est-il péri cet'Empire? Par celles qu'il avoit dompté & méprisé: par les Huns; et par les Arabes et par les Turques: Nations alors pauvres, errantes, endurcies, courageuses, sans besoins, ni nécessités.

La Suede a l'occident, & la Tartarie a l'orient sont les ennemis que la Russie doit toujours craindre: Les fortresses les ramparts, & les armées les plus redoutables, qu'Elle Luir doit opposer c'est l'éducation de sa Noblesse, pour la rendre capable de les attaquer & dompter, si l'envie les en prend de remuer.

Mais pour faire la guerre a ces Nations, il ne faut pas être élevé a la françoise; il faut l'éducation plus mâle, & qui soit plus conforme au climat, et a la maniere de vivre de Suede, de Russie & de Tartarie.

Cett'Education, que j'appellerai a l'avenir Russe, se réduira a rendre le corps vigoureux, actif, et endurant, &

1. 2. quelles Nations; Machado: quelle Nation. 1. 2. est-il péri; Machado: a-t-il péri.

1. 3. dompté; Machado: domptés. 1. 5. nécessités; Machado: cecessités.

1. 8. qu'Elle; Machado: qu'elle. 1. 8. Luir; Machado: lui.

1. 9. sa Noblesse; Machado: la Noblesse.

1. 13. françoise; Machado: françoise. 1. 13. qui; Machado: que.

l'esprit instruit & orné de connoissance utile a soi, & a sa patrie.

Je souhaiterois, que pendant <sup>l'instruction d'un</sup> le Jeune Seigneur, ou  
 Seigneurs, <sup>leur instruction</sup> ~~par leurs precepteurs~~, que ~~leur~~ Leur table du soir fut  
 séparée de celle du Père de famille; que le soupper avec leur  
 precepteurs, ou Gouverneur fut si modéré, qu'ils pourroient se coucher  
 entre dix & onze heures; Et qu'y fut une regle inalterable de  
 se lever le matin a dix heures, pendant toute l'année, & plus a Dieu  
 que pendant toute leur vie! Aussi, tot qu'il seroit levé, il de-  
 voit commencer ses exercices, ci desuy mentionnez avec les Maîtres  
 ou precepteurs. Comme j'et ai marqué: Pendant ces exercices  
 la porte doit être fermée au valet de chambre, aux laquais, &  
 ces differents mesages du tailleur, du peruquier &c. Si les precep-  
 teurs entendent leur devoir, & il y auront a coeur l'ordre, & le pro-  
 fit que revient de la bonne education, ils s'empreseront a l'  
 observance de cette regle: S'ils ne vaudont pas s'assu-  
 rer, il faut prendre le parti, ou de ne les engager pas,  
 ou de les congédier absolument.

Vous savez, Monseigneur, que Pierre le Grand  
 qui a eu le tems pour faire tout ce qui lui étoit necessaire, se  
 levait

l'esprit instruit & orné des connoissances utiles a soi, & a sa patrie.

Je souhaiterois, que pendant l'instruction d'un Jeune Seigneur, ou Seigneurs, que Leur table du soir fut separée de celle du Pere de famille; que le soupper avec leur precepteur, ou Gouverneur fut si moderé, qu'ils pourroient se coucher entre dix & onze heures, Et qu'il fut une regle inalterable de se lever le matin a six heures pendant toute l'annee, & plut a Dieu que pendant toute leur vie! Aussi tot qu'il servit levé, il devoit commencer ses exercices, ci dessus mentionnes avec les Maitres ou precepteurs comme je l'ai marqué: Pendant ces exercices la porte devoit ètre fermée au valet de chambre, aux laquais, a ces differents messages du tailleur, du peruquier &a: Si les precepteurs entendront leur devoir, & ils auront a coeur l'ordre, & le profit que revient de la bonne education, ils s'empresseront a l'observance de cette regle: S'ils ne vaudront pas s'en assujettir, il faut prendre le parti, ou de ne les engager pas, ou de les congedier absolument.

Vous scaves, Monseigneur, que Pierre le Grand qui a eu le tems pour faire tout ce qui Lui etoit necessaire, se

1.4. Leur; Machado: leur. 1. 6. Gouverneur; Machado: gouverneur.  
1. 8. leur vie; Machado: la vie. 11. 16-17. assujettir; Machado: assugettir.

1. 19. scaves; Machado: scaves. 1. 20. Lui; Machado: lui.

levont a trois heures du matin; toute la Cour, les Ministres, les Ge-  
neraux acquerent la meme habitude; Cette habitude a ete la base  
de tout ce qu'il a fait, de batailles, qu'il a gagnees, & de provinces  
qu'il a conquis: il a banni le parasite des Boyards amolys  
par la Deceance de sa ~~seur~~ sœur la Princesse Sophie.

Le Feld Marshall Comte de Munich le plus actif & le plus  
Diligent General, que j'ai connu parmi bien d'autres, se levait  
toujours a trois heures pour travailler, ou seul, ou avec un se-  
cretaire, & quelque fois deux. Dans les Universités quand  
les Professeurs veulent savoir le progres que font leur disciples  
Le Signe le plus certain, ~~que les disciples~~, c'est d'etre informé  
a quelle heure du matin, ~~qu'ils se levont~~, & ce qu'ils font  
apres estre levés. Sixte V ayant appris que le Duc de Mayne, qui estoit aulx  
Jusq' \* Dany <sup>Notre</sup> Corps & notre esprit <sup>sur la maniere</sup> dany ~~cette maniere~~  
d'apprendre, de penser et de reflectir, entre beaucoup de machi-  
nal, & du materiel: on s'accoutume a penser et a Com-  
prendre, quand on est dany le Cabinet destiné a etudier; quand  
on se leve a la meme heure; quand on est seul, quand on  
n'est pas distrait par des meffages, et de visites superflues  
et inutilees. Voilà la base de l'instruction, & la premiere pierre  
de ce grand edifice du bonheur, ou du malheur du royaume de  
Laxie. Entrons presentement a Considerer les pernicious  
effects

\* amidy, et qui disputait la Couronne a Henri IV, qui se levait toujours au  
lejour, malgré qu'il estoit dany les interets du premier ~~ministre~~  
~~ministre~~ Sans ~~une~~ ulterieur information, decida, le ~~Bearnois~~  
~~Bearnois~~ ~~aussi~~ aussi tot, le Bearnois sera Roy.

levoit a trois heures du matin; toute Sa Cour, Ses Ministres, Ses Generaus acquirent la meme habitude; Cette habitudé a ete la base de tout ce qu'il a fait, des batailles qu'il a gagné, & des provinces qu'il a conquis: il a banni la paresse des Boyards amolis par la Regence de sa Soeur la Princesse Sophie.

Le Felt Marechall Comte de Munich le plus actif & le plus vigilant General, que j'ai connu parmi bien d'autres, se levoit toujours a trois heures pour travailler, ou seul, ou avec un Secretaire, & quelque fois deux. Dans les Universités quand Les Professeurs veuillent scavoir le progrès que font leur Disciples Le signe le plus certain, c'est d'etre informés a quelle heure du matin, ils se levent, & de qu'ils font apres etre levés. Sixte V ayant appris que le Duc de Mayne, qui restoit au lit jusq'a midy, et qui disputait la couronne a Henri IV, qui se levoit toujours avant le jour, malgré qu'il etoit dans les interets du premier sans ulterieure information, decida aussi tot «le Bearnois sera Roy».

Dans notre corps & notre esprit sur la maniere d'apprendre, de penser et de reflechir, entre beaucoup de machinal, & du materiel: on s'accoutume a penser et a comprendre, quand on est dans le cabinet destiné a etudier; quand on se leve a la meme heur; quand on est seul, quand on n'est pas distrait par des messages, et des visites superflues et inutiles. Voila la base de l'instruction, & le premiere pierre de ce grand edifice du bonheur, ou du malheur du reste de la vie.

Entrons presentement a considerer les pernicieux

1. 1. Sa..., Ses..., Ses; Machado: sa..., ses..., ses (cf. Sophie, 1. 5 infra). 1. 2. habitudé; Machado: habitude. 1. 6. Le Felt ...; Machado: abre novo paràgrafo, ao contrário do ms.

1. 10. Les..., scavoir..., Disciples; Machado: les..., sçavoir..., disciples

1. 11. Le signe; Machado: le signe. 1. 15. jour, malgré; Machado: jour malgré (sem virgula) 1. 24. premiere; Machado: premiere.

effects qui arrivent, si on ne <sup>pas</sup> observera la regle de se lever de  
 bonne heure & a tems marquée. Quand un Jeune homme a  
 dormi sept ahuit heures, s'il restera plus long tems au lit  
 on sçait les Suitey: Horace Maître de la vie Civile nous les  
 dira; ce qu'il a fait ecrivant a son Ami Lollius, Si des grand  
 „ matin vous ne vous faitez aporter de la lumiere, & des livres,  
 „ si vous ne vous appliquez serieusement a la connoissance &  
 „ a la pratique de vertyz utiles & agreables a vous et aux  
 „ obligations, vous devrendez bien-tot la proie de vos  
 „ passions; l'amour, ou l'envie vous tourmenteront cruel-  
 „ lement.

Si on teste dans cet habitude, on a le tems de regler  
 les affaires de sa maison; & ceux dont est chargé avec des Emplois  
 publiques: L'esprit est toujours plus éveillé, le courage plus  
 mâle, & l'humeur plus constant.

Quand on est élevé avec une certaine roideur, on  
 resiste mieux aux fatigues d'une Campagne, d'un Siege, d'un  
 long voyage; on ne tombe pas si vite malade par les inno-  
 peries de l'air, et des saisons

L'Education cidesuy proposée est pour occuper con-  
 tinuellement un Jeune Seigneur pendant qu'il sera éveillé,

quatre ~~pendant~~ <sup>dans</sup>

effects qui arrivent, si on ne observera pas la regle de se lever de bonne heure & a tems marquè. Quand un jeune homme a dormi sept a huit heures, s'il restera plus long tems au lit on scait les suites: Horace Maitre de la vie civile nous les dira; ce qu'il a fait ecrivant a son Ami Lollius «Si des grand matin vous ne vous faites aporter de la lumiere, & des livres, si vous ne vous appliques serieusement a la connoissance & a la pratique des vertus utiles & agreables a vous et a vos obligations, vous deviendres bien-tot la proie de vos passions; l'amour, ou l'envie vous tourmenteront cruellement».

Si on reste dans cett'habitude, on a le tems de regler les affaires de sa maison; & ceux dont on est chargé avec les Emplois publiques: L'esprit est toujours plus eveillé, le courage plus mâle, & l'humeur plus constant.

Quand on est élevé avec une certaine roideur, on resiste mieux aux fatigues d'une campagne, d'une siege, d'un Long voyage; on ne tombe pas si vite malade par les intemperies de l'air, et des saisons.

L'Education ci dessus proposèe est pour occuper continuellement un Jeune Seigneur pendant qu'il sera eveillé;

1. 4. scait; Machado: sçait. 1. 9. proie; Machado: proi.  
 1. 13. de sa maison; Machado: de la maison 1. 13. Emplois;  
 Machado: emplois (cf. Education, 1. 20). 1. 18. Long voyage;  
 Machado: long voyage. (cf. L'esprit, 1. 14, *supra*).



quatre heures pendant la matinée dans le Cabinet, & le reste du jour hors de la maison dans la pratique de l'instruction ~~pendant ce temps~~ du matin: Cela l'occupera, l'amusera, le delassera, autant Comm' aller ala chasse, ala pêche, ala Comedie, et au ball, dans la supposition que Dieu Tout Puissant lui inspire l'amour de la bienfaisance, et de se rendre estimable par les Vertus. Car sans cet amour du savoir, sans cet ardeur de le poursuivre, tout lui sera fade, encore meme les amusemens.

Voyons presentement l'Utilité que recevra a sa famille, a lui meme, et a sa patrie de passer sa jeunesse occupé toujours, comme je vieny de le tracer.

Le Jeune Seigneur n'aura pay le temy pour les intrigues d'amour: et moiny encore pour ces parties fines de plaisir, que je ne veux pas Caracteriser de debauches: Il ne deviendra pay joueur, <sup>ou</sup> dissipateur, avec la detraction de la maison paternelle; il ne fera dette a credit, qui lui rendront la vie amere, ne <sup>trouvant les</sup> ~~devenant~~ moyens de les payer: Il evitera par ~~ces instructions~~ l'occupation Continuelle, e reglee, ~~de son~~, les Sociétés de

quatre heures pendant la matinée dans le cabinet, & le reste du jour hors de la maison dans la pratique de l'instruction du matin: Cela l'occupera, l'amuserà, le delassera, autant comm'aller a la chasse, a la pêche, a la Comedie, et au ball, dans la supposition que Dieu Tout Puissant lui inspire l'amour de la bienfaisance, et de se rendre estimable par les vertus. Car sans cet amour du scavoir, sans cet'ardeur de le poursuivre, tout Lui sera fade, encore meme les amusemens.

Voyons presentement l'utilité que reviendra a sa famille, a Lui meme, et a sa patrie de passer sa jeunesse occupé toujours, comme je viens de la tracer.

Le Jeune Seigneur n'aura pas le tems pour les intrigues d'amour: et moins encore pour ces parties fines de plaisir, que je ne veux pas caracteriser de debauche: Il ne deviendra pas joueur, dissipateur, avec la destruction de la maison paternelle; il ne fairà dettes a credit, que lui rendront la vie amere, ne trouvant les moyens de les payer: Il evitera par l'occupation continuelle, e reglee, les societés

1. 8. scavoir; Machado: sçavoir. 1. 8. poursuivre; Machado: poursuivre.

1. 9. Lui... lés; Machado: lui... les. 1. 11. Lui; Machado: lui.

1. 12. la; Machado: le.

des Jeunes Seigneurs ruinés, et forcenés par dette, par de-  
bauchey, formant projets de vendre, engager: faisant  
projets, et aimant les changemens de famille, et de  
l'Etat, pour améliorer Leur état desespéré: Ils  
souhaitent alors la mort de leurs Pères, des Freres aînés,  
ils deviennent le fléau, et la ruine de la maison  
et de la Patrie qui les a Elevé.

Cette Education proposée, si elle n'apporterait d'  
autres avantages, que prévenir les malheurs mentionnés, et  
le doit être préférée à l'education ordinaire, diri-  
gée par les  $\delta\chi\mu\tau\epsilon\lambda\lambda$ , ou par quelque homme aimable.

Je ne puis pas vous ni penser sans horreur,  
et sans fremir, qu'un Jeune Seigneur <sup>Rome</sup> se couche aminuit,  
ou à deux heures, qu'il se leve à dix ou à onze du matin,  
qu'il se fasse friser ~~cha~~ pendant une heure, & quelque  
fois deux, avec ~~les biberons~~ un livre de la Bibliothèque  
que a toilette, comme sont les Romans, les Anecdotes,  
les <sup>Contes</sup> ~~Contes~~, les Melanges, & d'autres gâtés esprit, et  
perte du temps. Qu'il se met à table, & qu'au sortir,  
il va au theatre, aux balls, aux Cercles de Dames, aux

des Jeunes Seigneurs ruinés, et forcenées par dettes, par debauches, formant projets de vendre, engager: faisant projets, et aimant les changemens de familles, et de l'Etat, pour ameliorer Leur etat desesperé: Ils souhaitent alors la mort de leurs Peres, des Freres ainés, ils deviennent le fleau, et la ruine de la maison et de la Patrie que les a élevé.

Cett'Education proposée, s'elle n'apporterait d'autres avantages, que prevenir les malheurs mentionnés, elle doit etre preferée a l'education ordinaire, dirigée par les учителя, ou par quelque homm'aimable.

Je ne puis pas voir ni penser sans horreur et sans fremir, qu'un Jeune Seigneur Russe se couche a minuit ou a deux heures, qu'il se leve a dix ou a onze du matin, qu'il se fasse friser pendant une heure, & quelque fois deux, avec un livre de la Bibliotheque a toilette, comme sont les Romains, les Anecdotes, les contes, les Melanges, & d'autres gatte esprit, et perte du tems. Qu'il se met a table, & qu'au sortir, il va au theatre, aux balls, aux cercles de Dames, aux

1. 1. Seigneurs; Machado: seigneurs. 1. 4. Leur; Machado: leur.  
 1. 5. Freres; Machado: freres. 1. 7. élevé; Machado: elevé.  
 1. 11. учителя; Machado: 1.Читатели [tchitieli, com omissão da primeira letre, uso impróprio de maiúsculo. 1. 19. gaffe; Machado: gatté.  
 1. 21. cercles des Dames; Machado: cercles des Dances. (O termo «cercles des Dames» ocorre em trechos anteriores no texto: cf. ff. 64v. 11. 9-10 72f. 1. 17, mas «cercles des Dances» não ocorre.

aux tables du jeu, ou des Dames, ou des joueurs de metier, & qu'il entre en son lit apres minuit.

Cette Education, et cette vie rendra-t-elle l'esprit & le Corps capable de faire la guerre en Finlande ou dans les Montagnes de Verchature, pendant les mois d'Octobre & de Novembre? Que la Russie pense a Ces tems, qui peu-vent arriver ~~dans le tems~~ <sup>quand elle</sup> ~~qu'elle peut penser~~ le moins, et alors, s'il y en aura de la prouoyance on ~~confiera~~ adaptera l'Education de leur Jeunesse au climat, et aux besoins, qui pourroient survenir. tout d'un Coup.

La plus grande destruction que je trouve dans l'Education françoise, c'est que chaque Jeune Seigneur ait son valet de chambre a titre, & comme l'ombre inseparable du Corps, pendant qu'il est dans sa chambre, & en son deyhabilité.

Il entre aujourd'hui dans l'Education, encore même dans la Françoise, que chaque Seigneur se raze soi même, seache friser ses cheveux avec quatre papillottes: . . . . . on accorderoit volontiers cette toilette, pourvu qu'en Russie la frisure & la poudre, ala maniere de suede, fusse banie de l'appartement ou loge le Jeune Seigneur: S'il entroit dans cet-habitude, le valet de chambre ne seroit plus l'ombre de son Corps, son confident, son amy, et son agent. M<sup>r</sup> Lacquij, ou un vieux domestique élevé dans la maison

aux tables de jeu, ou des Dames, ou des joueurs de metier, & qu'il entre en son lit apres minuit.

Cette education , et cette vie rendra-t-elle l'esprit & le corps capable de faire la guerre en Finlande ou dans les Montagnes de Verchature, pendant les mois d'Octobre & de Novembre? Que la Russie pense a ces tems, qui peuvent arriver quand Elle pense le moins, et alors, s'il y en aura de la prevoyance on adaptera l'Education de Leur Jeunesse au climat, et aux besoins, qui pourront survenir tout d'un coup.

La plus grande destruction que je trouve dans l'education françoise, c'est que chaque Jeune Seigneur ait son valet de chambre a titre, & comme l'ombre inseparable du corps, pendant qu'il est dans sa chambre, & en son deshabillé.

Il entre aujourd'hui dans l'education, encore même dans la Françoise, que chaque Seigneur se rase soi meme, sçache friser ses cheveux avec quatre papillottes : . . . . . on accorderoit volontiers cette toilette, pourvu qu'en Russie la frisure & la poudre, a la maniere Suede, fusse banie de l'appartement ou loge le Jeune Seigneur: S'il entretient dans cet'habitude, le valet de chambre ne seroit plus l'ombre de son corps, son confident, son amy, et son agent. Un Lacquais, ou un vieux domestique élevé dans la maison

1. 9. Leur; Machado: leur (cf. Lacquais, 1. 23). 1. 9. Jeunesse; Machado: jeunesse.

11. 11-12. françoise; Machado: française. 1. 15. même; Machado: meme.

1. 16. Françoise; Machado: Française. 1. 16. Seigneur; Machado: seigneur (cf. Seigneur, 1. 12). 1. 21. cet'habitude; Machado: cett'habitude.

prendroit sa place; & on Couperoit par là la racine aux maux  
ci deffuy mentionnéz, & a plusieurs autres qu'on cache pour  
estre Connūz.

Je ne voudrois pas qu'un Seigneur Russe fut ignorant  
du Systeme Planetaire, des proprietéz des quatre elemens, qu'il  
ignore l'usage de la Pompe Boyleane, du thermometre, du  
Barometre, de l'Hygometre: <sup>C'est l'affaire d'un semaine.</sup> Mais je ne voudrois pas qu'il  
fut Astronome, ni Philosophe, et moins encore chimiste: Je  
voudrois bien qu'il entendit autant du dessein qu'il peut Com-  
mander qu'on lui fasse un escalier, un appartement,  
qu'on trace un Camp, qu'on élève un parapet de telle  
et de telle façon: Mais je ne le voudrois pas Sçavoir;  
ni avec un Cabinet de peinture, ni avec un autre au côté  
d'Histoire Naturelle: C'est un etude propre pour les  
Italiens, Nations Esclave abandonnée à la frivolité, & à la  
apparence du Sçavoir, et de la véritable Vertu.

Un Seigneur Russe selon le climat, <sup>selon</sup> et la  
Constitution de sa patrie, doit penser en Romain, agir en  
Romain, & se Conduire en Romain.

La Discipline Militaire introduite par Pierre le Grand  
dans ses armées, & ses flottes merite plus de louanges, que

prendroit sa place; & on couperoit par là la racine aux maux ce dessus mentionnés, & a plusieurs autres qu'on cache pour être connus.

Je ne voudrois pas qu'un Seigneur Russe fut ignorant du systeme Planetaire, des proprietés des quatre elemens, qu'il ignore l'usage de la Pompe Boyleane, du thermometre, du Barometre, de l'Hygometre: C'est l'affaire d'un semaine. Mais je ne voudrois pas qu'il fut Astronome, ni Philosophe, et moins encore chimiste: Je voudrois bien qu'il entendit autant du dessein qu'il peut commander qu'on lui fasse un escalier, un appartemens, qu'on trace un camp, qu'on èleve un parapet de telle et de telle facon: Mais je ne ne le voudrois pas Peintre; ni avec un cabinet de peintures, ni avec un autre au coté d'Histoire Naturelle: C'est un etude propre pour les Italiens, Nation Esclave abandonnée a la frivolité, & a la apparence du scavoir, et de la veritable vertu.

Un Seigneur Russe selon le climat, et selon la Constitution de sa patrie, doit penser en Romain, agir en Romain, & se conduire en Romain.

Le Discipline Militaire introduite par Pierre le Grand dans ses armées, & ses flottes merite plus de louanges, que

1. 7. C'est; Machado: c'est. 1.8. Je; Machado: je.

1. 12. facon; Machado: façon. 1. 12. ne ne; Machado: ne.

1. 16. scavoir; Machado: sçavoir.



que l'invasion de l'Asie par Alexandre le Grand. Je demande  
 Monseigneur, & je vous en demande mille pardons, comme Me-  
 decin, qui a eu l'honneur de l'avoir etoit Пoлe Бoлb, Si cette ex-  
 cellente discipline pourroit se conserver sans l'habit françois, sans  
 guêtres de toile blanche, sans frisure de cheveux et sans poudre?  
 Je demande encore, si la vigueur, la force, & l'activité du soldat  
 ne souffre pas par l'habillement françois, marchant sur la  
 glace, couchant sur la neige, s'éveiller couvert de neige,  
 traverser à pied un ruisseau pendant l'hiver, & ses pieds  
 et jambes devenir gelez Un heure apres?

Ces questions ne sont pas de ce lieu; mais elles montrent  
 que l'éducation d'un jeune Seigneur doit être si bien adaptée  
 au climat, et à la Constitution de sa patrie, <sup>comme</sup> l'habit, & la  
 nourriture des armées, & de ses flottes: Hurter si  
 rudement de front des Loix si puissantes, et si constantes,  
 comme sont celles de la Nature, c'est être esclave  
 du préjugé, c'est être privé de toute sensibilité.

J'allais finir, Monseigneur, par crainte de  
 vous incommoder plus long tems: Mais je  
 vous aime & je vous venerate trop pour vous cacher  
 quelque


que l'invasion de l'Asie par Alexandre le Grand: Je demande Monseigneur, & je vous en demande mille pardons, comme Medecin, qui a l'honneur de l'avoir etoit none боHa, si cett'excellente discipline pourroit se conserver sans l'habit françois, sans guettes de toile blanche, sans frisure de cheveux et sans poudre? Je demande encore, si la vigueur, la force, & l'activite du soldat ne souffre pas par l'habillement françois, marchand sur la glace, couchant sur la niege, s'evveiller couvert de niege, traverser a pied un ruisseau pendant l'hyver, & ses pieds et jambes devenir gelees un'heure apres?

Ces questions ne sont pas de ce lieu; mais elles montrent que l'education d'un Jeune Seigneur doit etre si bien adaptée au climat, et a la Constitution de sa patrie comme l'habit, & la nourriture de ses armées, & de ses flottes: Hurter si rudement de front des Loix se puissantes, et si constantes, comme sont celles de la Nature, c'est etre esclave du prejuge c'est etre privé de toute sensibilité.

J'allois finir, Monseigneur, par crainte de Vous incommoder plus long tems: Mais je Vous aime & je vous Venere trop pour vous cacher

1. 3. поле боиа; Machado: поле воиъ [polie voi], com leitura errada da primeira letra da segunda palavra, e emprego impróprio de ъ.  
 1. 4. françois; Machado: françois. 1. 6. activite; Machado: activité.  
 1. 7. françois; Machado: françois. 1. 9. a pied; Machado: apied.  
 1. 15. Loix; Machado: loix. 1. 19. Vous... Mais; Machado: vous... mais.  
 1. 20. Vous aime... Venere; Machado: vous aime... venere.

quelques Considerations, qui sortent des principes ci dessus mentionnez.

 C'est l'usage ordinaire qu' aussitot qu'un Seigneur Ruyse est en age d'exercer quelque emploi, at armée, aux Gardes, ou ala Cour, il quitte son precepteur ou Gouverneur: Quand il se voit sans entraves & sans gêne, s'il n'a pas l'ame bien placée, & l'esprit bien instruit, il se jette dans les vices pour remplir le vuide, qu'il avoit fait, pendant son education: on a tant d'exemples de cette maniere d'agir, qu'on sera facilement persuadé de cette verité.

Les Romains ne finissoient jamais leur education, ils s'instruisoient autant avant d'être employés, que dans les emplois de General, de Commandans des armées, et meme ~~des~~ quand ils devenoient Empereurs. Scipion Affricain a eu pour maitre, pour ami, et confident Polibe le plus excellent de tous les Historiens que nous reste de l'Antiquité. Le grand Pompee, qui Commanda les Legions Romaines d'age de Vint & trois ans a conservé toujours auprès  
Lui

quelques considerations, qui sortent des principes ci dessus mentionnès.

C'est l'usage ordinaire qu'aussi tot qu'un Seigneur Russe est en age d'exercer quelque emploi, a l'armée, aux Gardes, ou a la cour, il quitte son precepteur ou Gouverneur: Quand il se voit sans entraves & sans gêne, s'il n'a pas l'ame bien placée, & l'esprit bien instruit, il se jette dans les vices pour remplir le vuide, qu'il avoit fait, pendant son education: on a tant d'exemples des cette maniere d'agir, qu'on sera facilement persuadé de cette verité.

Les Romains ne finissoient jamais leur education, ils s'instruisoient autant avant d'etre employés, que dans les emplois de General, de Commandans des armées, et meme quands ils devenoient Empereurs. Scipion Affricain a eu pour maitre, pour ami, et confident Polibe le plus excellent de tous les Historiens qui nous reste de l'Antiquité. Le grand Pompee, qui commanda les Legions Romaines a l'age de vint & trois ans a conservé toujours aupres

1. 5. Gardes; Machado: gardes. 1. 6. Gouverneur; Machado: gouverneur.

Lui dans ses expedition Dins d'Italicarnage. Trajan, qui a si grandement illustre le trone, a eu Plutarque pour Maître pour ami & pour Confident: Je ne finis pas, si je vouldoy chercher d'exemples semblabley. Mais cette mode n'est plus: on aime plutot avoir chez soi un excellent musicien, ou deux; un Negre d'Angola, & d'autre raretey semblabley a grand frais, que de chercher un homme sçavant, experimente, qui est servi ou dans les armées, ou soy les Ambassadey, ou auprey les Tribunaux, avec la probité digne du sçavoir, avec le liant d'un homme qui connoit le monde.

Il seroit a souhaiter que cette mode d'avoir toujours un homme doie de cey qualitey resteroit toujours dans la maison du Jeune Seigneur. Lorsqu'il seroit employe, ou qu'il changeroit d'Etat: Cet homme resteroit en qualite d'amy: il seroit utile, par son exemple a mille chosey, dans la ~~bonne~~ prosperite, & dans l'adversite:

En retranchant del'etat de la depense <sup>domestique</sup> quelqu'article superflu & de luxe, on remplaceroit par un amy adopte, doie dey qualites quejevions de detailler.

~~En lisant~~ En lisant l'histoire de la ruine & de la destruction dey Rojaumey & dey Republiques on n'attribue

Lui dans ses expedition Dinis d'Halicarnasse. Trajan, qui a si grandement illustré le trone, a eu Plutarque pour Maître pour ami & pour confident: Je ne finirai pas, si je voudrois chercher d'exemples semblables. Mais cette mode n'est plus: on aime plutot avoir chez soi un excellent musicien, ou deux, un Negre d'Angola, & d'autre raretes semblables a grand frais, que de chercher un homme scavant, experimenté, que est servi ou dans les armées, ou sous les Ambassades, ou aupres les Tribunaux; avec la probité digne du scavoir, avec le liant d'un homme qui connait le monde.

Il seroit a souhaiter que cette mode d'avoir toujours un homme douè de ces qualites resteroit toujours dans la maison du Jeune Seigneur Lorsqu'il seroit employé, ou qu'il changeroit d'Etat: Cet homme resteroit en qualité d'amy; il seroit utile, par son exemple a mille choses, dans la prosperite, & dans l'adversité: en retranchant de l'etat de la depense domestique quelque'article superflu & de luxe, on le remplaceroit par un amy adoptè, doué des qualites que je viens de detailler. En lisant l'histoire de la ruine & de la destruction des Royaumes & des Republicues on n'attri-

1. 1. d'Halicarnasse. Machado: d'Halicarnasse, (virgula, em vez de ponto). 1. 8. scavant; Machado: sc̃avant.

1. 10. scavoir; Machado: sc̃avoir. 11. 19-20. adoptè; Machado: adopté.

bue jamais la Cause au defaut de ~~recevoir~~ l'argent, ni de cho-  
 ses neceffaires ala vie, & moy<sup>en</sup> encore ~~de~~ defaut d'une ar-  
 mee; Le defaut de Grand<sup>royauté</sup> homme ~~pendant le present~~  
~~produit la guerre~~ <sup>en a été</sup> la Cause; quand il y manquent  
 l'experience l'intelligence, la diligence, le Conseil & la prevoyen<sup>ce</sup>  
 qualitez ~~seules~~ <sup>seules avec l'assorce</sup> qui Conservent les Empirey.

Le second defaut, et blamé par les plus bien instruits  
 de la conduite des hommes en Société; est que les Jeunes seigneurs  
 voyagent par toute l'Europe sans la moindre Connoissance de leur  
 propre pays: & C'est l'unique raison du peu de profit qu'ils  
 retirent de leur voyages: Comme ils n'ont pas l'esprit orné  
 avec les loix de leur patrie, ni avec les Connoissances de leur agri-  
 culture, Commercial fabriquey, ni miney, ni pecheriey, quand  
 ils rencontrent dans leur voyages ces objects, ils n'en  
 peuvent juger, puy qu'ils leur manque l'object de compa-  
 raison; alors tout leur paroit merveilleux, ou il y n'en  
 sont pas touchéy, ne Connoissant ni l'usage, ni l'utilité.

Un Jeune seigneur doit chaque année aller  
 voir une province de Russie acompagné, ou de son amy, ou  
 de quelque homme instruit, qu'il pourroit lui insinuer les  
 observations qu'il feroit sur les <sup>Sibien</sup> producty de la nature &c  
 De

bue jamais la cause au defaut de l'argent, ni de choses necessaires a la vie, & moins encore le defaut d'une armee; La rareté de Grands hommes en a été la Cause; quand il y manquoit l'intelligence, la diligence, le conseil & la prevoyance, qualités qui seules avec la force conservent les Empires.

Le second defaut, et blamé par les plus bien instruits de la conduite des hommes en societe, est que les Jeunes Seigneurs voyagent par toute l'Europe sans la moindre connoissance de leur propre pays: & c'est l'unique raison du peu de profit qu'ils retirent de leur voyages: Comme ils n'ont pas l'esprit orné avec les loix de leur patrie, ni avec les connoissances de leur agriculture, commerce fabriques, ni mines, ni pecheries, quand ils rencontrent dans Leur voyages ces objets, ils n'en peuvent juger, puis qu'ils leur manque l'objet de comparaison; alors tout leur paroît merveilleux, ou ils n'en sont pas touchés, ni connoissant ni l'usage, ni l'utilité.

Une Jeune Seigneur devoit chaque année aler voir une province de Russie acompagné, ou de son Amy, ou de quelque homme si bien instruit, qu'il pourroit Lui insinuer les observations qu'il feroit sur les produits de la nature &

1. 2. le; Machado: au. 1.4. Cause; Machado: cause.

1. 14. Leur; Machado: leur. 1. 20. Amy; Machado: amy.

1. 21. Lui; Machado: lui.



de l'art, de la maniere de vivre des habitans, de leurs usages et de leurs coutumes : on y observeroit l'agriculture des grains, du chanvre, du lin, les differensj sortes de ~~des~~ troupeaux, leur nombre, force; les fabriques de toiles, de cuirs de draps de laine, les pecheries, les Mines; habiter en differens Cantons dans les maisons des paysans, observer leur nourriture, leurs Usages, coutumes, dans les ~~maison~~ noces, dans les enterremens; Connoitre les routes, les rivières navigables, les Lacs, les forêts; dans les villes observer le Commerce, les arts, les fabriques & les metiers, & le debouché de ces fabriques &c.

Ces Connoissances de l'interieur de la vaste Empire entrent dans <sup>son</sup> l'Economie particuliere & Politique: La Connoissance ~~en~~ Lui sera utile pendant toute sa vie, employé ou à la Cour, à l'Armée, ou au Senat, et principalement dans les Cours Etrangères: avec de telles Connoissances si on voyageroit alors en Europe, l'Utilité qu'on retireroit des Voyages seroit Complète: Comme ces details sont si-faciles à Comprendre, je ne m'en arreterai plus long-tems.

Quand j'ai commence cette lettre, je n'avois

pas

de l'art, de la maniere de vivre des habitans, de leurs usages et de leurs coutumes: on y observeroit l'agriculture des grains, du chanvre, des lins, les differentes sortes des troupeaux, leur nombre, force; les fabriques de toile, de cuir de draps de laine, les pécheries, les Mines; habiter en differens cantons, dans les maisons des paysans, observer leur nourriture, leurs usages, coutumes, dans les nées, dans les enterremens; connoitre les routes, les rivieres navigables, les Lacs, les forets; dans les villes observer le commerce, les arts, les fabriques & les metiers; & le debuché de ces fabriques &<sup>a</sup>.

Ces connoissances de l'interieur de ce vaste Empire entrent dans son Economie particuliere & Politique: La connoissance Lui sera utile pendant toute sa vie, employé ou a la Cour, a l'Armee, ou au Senat, et principalement dans les Cours Etrangeres: avec de telles connoissances si on voyageroit alors en Europe, l'utilité qu'on retireroit des voyages seroit complete: comme ces details sont si faciles a comprendre, je ne m'en arreteroie plus longtemps.

Quand j'ai commence cette lettre, je n'ai

1. 5. pécheries; Machado: pecheries.

1. 14. Lui; Machado: lui (cf. Lacs, 1. 9; La, 1. 13). 1. 21. commencé; Machado: commence.

pas pensé à y parler de la Religion; Mais ayant réfléchi dans la grande vogue des Livres de M<sup>r</sup> de Voltaire, de M<sup>r</sup> Rousseau de Geneve, & d'un millier de brochures qui touchent de détruire la Religion, & d'en faire perdre tout le respect, j'ai pensé qu'il seroit utile à un Jeune Seigneur d'être instruit de la Nécessité et du besoin indispensable que chaque Royaume, chaque République, ils ont de la Sainte Religion, qui est la croyance d'un Dieu, Auteur de tout bien, et de toutes les vérités révélées pour le bien des hommes en société.

Je lui représenteroy, qu'un Etat ne peut jamais subsister sans Religion: & que si on la vouloit anéantir du Cœur des Sujets, que cet Etat tomberoit en poussière, & seroit réduit à rien.

Un Etat ne peut subsister sans la Sainteté du Serment: voyons ce qui est le Serment!

L'homme qui donne Serment, ou entre les mains du Magistrat, ou de son Souverain, il promet il s'engage de faire, accomplir inviolablement telle et telle chose à lui faisable; et en signe de vérité

pas pense a y parler de la Religion; Mais ayant reflechi dans la grande vogue des Livres de Mr de Voltaire, de Mr Rousseau de Geneve, & d'un millier de brochures qui tachent de detruire la Religion, & d'en faire perdre tout le respect, j'ai pense qu'il seroit utile a un Jeune Seigneur Russe etre instruit de la Necessité et du besoin indispensable que chaque Royaume, chaque Republique, ils ont de la Sainte Religion, qui est la croyance d'un Dieu, Auteur de tout bien; et de toutes les verités revelées pour le bien des hommes en societé.

Je lui representerois, qu'un Etat ne peut jamais subsister sans Religion: & que si on la voudra aneantir du Coeur des sujets, que Cet'Etat tomberoit en poussiere, & seroit reduit a rien.

Un Etat ne peut subsister sans la santité du Serment: voyons ce qui est le Serment!

L'homme qui donne Serment, ou entre les mains du Magistrat, ou de son Souverain, il promet, il s'engage de faire, accomplir inviolablement telle et telle chose a Lui faisable; et en signe de verité

1. 2. Livres; Machado: livres. 1. 14. Coeur... Cet'Etat; Machado: coeur... cet'Etat.

1. 17. Serment... Serment; Machado: serment... serment. (cf. Seigneur. 1. 6, supra).

1. 18. Serment; Machado: serment. 1. 21. Lui; Machado: lui.

et qu'il sera fidele, il Invoque Dieu, Comme temoin de Son engagement.

Quand Un Senateur fait Serment de fidelite as. M. J., Un Marechal, qu'ils Lui seront fideles, Ils ont invoque Dieu Tout Puissant pour temoin de Leur engagement. Par Ce Serment le Senateur exerce Sa charge sans prevarication, par Ce Serment le Marechall expose sa vie a mille fortes de dangers.

Si vous osez la Croiance d'Un Etre Tout Puissant Vous detruisez touz les lienz qui lient les Sujets au Souverain. Vous detruisez tous les Contracts, toutes les Armées, qui sont la defence de la vie, des biens, et de tout le repos en societe.

Qu'on ne me vante l'Honneur, et qu'il est suffisant pour produire dans la Societe tout ce qui opere la Religion : C'est vouloir se tromper, que juger ainsi des hommes : La force de l'Honneur, ne va plus loin que pendant qu'il aura temoing des actions : L'Incedule Lors qu'il pourra trahir son serment simule, ~~et~~ ~~la~~ ~~on~~ il le fera sans remord, aussi tot qu'il sera sur que

et qu'il sera fidele, il Invoque Dieu, comme temoin de son engagement.

Quand un senateur fait serment de fidelité a s. M F., un Marechal, que Lui seront fideles, ils ont invoqué Dieu Tout Puissant pour temoin de Leur engagement. Par ce Serment le Senateur exerce sa charge sans prevarication, par ce Serment le Marechall expose sa vie a mille sortes de dangers.

Si vous otés la croyance d'un Etre Tout Puissant Vous detruises tous les liens qui lient les sujets au Souverain; Vous detruises tous les contracts, toutes les Armées, qui sont la defence de la vie, des biens, et de tout le repôs en societé.

Qu'on ne me vante l'Honneur, et qu'il est suffisant pour produire dans la societé tout ce qui opére la Religion: C'est vouloir se tromper, que juger ainsi des hommes: Là force de l'Honneur, ne va plus loin que pendant qu'il aura temoine des actions: L'Incredule Lors qu'il pourra trahir son serment simulé, il le fera sans remord, aussi tot qu'il sera sur

1. 4. a s. M F.; Machado: as. M F. (falta separar as letras de as.).

1. 4. Lui; Machado: lui. 1. 5. Ils ont; Machado: ils ont.

1. 6. Leur... Serment; Machado: leur... serment. 1. 8. Serment; Machado: serment.

1. 11. Vous; Machado: vous. 1. 12. Vous; Machado: vous.

1. 17. C'est; Machado: c'est. 1. 18. Là; Machado: La. 1. 20. Lors; Machado: lors.

que son infidélité ne sera pas connue de personne.

Ceux qui font les Missionnaires de l'Irrigion ne pourront pas <sup>assurés</sup> ~~ni~~, que sans le serment, un Etat pourra subsister: S'ils accorderont le serment un acte nécessaire pour le conserver, ils accordent nécessairement un être supreme, comme témoin & garant de l'engagement entre le sujet & le Souverain.

Je voudrais que le Jeune Seigneur <sup>soit</sup> persuadé de ce principe incontestable de la Religion, et de l'Etat Civil; et qu'il y en donneroit quelque <sup>peu</sup> ~~temps~~ <sup>à</sup> réfléchir sur l'étendue de ce principe: S'il en sera convaincu par la lecture, <sup>ou</sup> ~~et par sa propre réflexion~~, il aura <sup>un</sup> en aversion <sup>pour</sup> ~~les~~ ces discours libertins & scandaleux contre l'Evangile, contre les Mysteres de la Religion, sachant bien que ces discours non seulement <sup>ils</sup> sont impies, mais qu'ils sont contre la loi du pays, ou il est né; loi, qu'il doit observer par le serment tacite qu'il a fait lors, qu'il a atteint à l'âge de raison.

La Loi d'observer <sup>de</sup> croire la Religion chrétienne en Dupie doit être observée par les sujets qui l'ont embrassée, comme la loi <sup>contre le</sup> meurtre: Celui qui tue est si coupable par loi civile, comme celui qui blasfème: Et par le serment de fidélité au Souverain,

il

que son infidélité ne serà pas connue de personne.

Ceux que sont les Missionnaires de l'Irriligion ne pourront pas assurer, que sans le Serment, un Etat pourra subsister: S'ils accorderont le Serment un acte necessaire pour le conserver, ils accordent necessairement un Etre supreme, Comme temoin & garant de l'engagement entre le Sujet & le Souverain.

Je voudrois que le Jeune Seigneur fut persuadé de ce principe incontestable de la Religion, et de l'Etat Civil; et qu'il y en donneroit quelque tems pour reflechir sur l'etendue de ce principe: S'il en serà convaincu & par la lecture aussi, il aura un'aversion pour ces discours libertins & scandaleux contre l'Evangile, contre Les Mysteres de la Religion, sachant bien que ces discours non seulement ils sont impies, mais qu'ils sont contre la loi du pays, on il est né, loi, qu'il doit observer par le serment tacite qu'il a fait lors, qu'il a atteint a l'âge de raison.

La Loi d'observer & de croire la Religion chretienne en Russie doit etre observée par les sujets qui l'ont embrassé, comme la loi contre le meurtre; celui qui tûe est si coupable par loi civile, comme celui qui blâsfeme: Et par le Serment de fidelité au Souverain,

1. 3. assurer, que; Machado: assurer que.

1. 4. le Serment; Machado: le serment (sem sublinhado e sem maiúsculo).

1. 6. Comme; Machado: comme.

1. 7. le Sujet & le Souverain; Machado: le sujet & le suverain (sem maiúsculos).

1. 14. Les... sachant; Machado: les... sçachant.

1. 18. a l'âge; Machado: a l'age



il s'<sup>en</sup>est rendu coupable doublement.

Voilà, ce me semble, a quoi les Missionaires de l'Irreligion n'ont pas pris garde; s'ils penseroient serieusement ~~dans~~ les Consequencies, qui <sup>s'en suivent</sup> resulteront de leurs assertions, quelque fois metaphysiques, quelque fois, issues de l'ignorance, Je suis persuade' qu'ils seroient plus reserves a repandre des principes, <sup>si contraires</sup> de la Societe, où ils vivent, & où ils sont nés.

Je suis persuade' de ce que je viens d'assurer; Je suis persuade' que tout homme raisonnable sans prejuge's enracinez, sera de mon sentiment. Mais par malheur de l'Esprit humain, il ne peut pas rester dans <sup>un</sup> milieu & en equilibre; Plin le grand qui connoissoit si bien l'homme, deplore cette qualite' de notre esprit; que lors qu'il est a son aise ~~ou quelque contemplan~~, qu'il agrandit aussi tot les objects, ou qu'ils les rend plus petits, et comme en migniture: C'est ce qui a arrive a tous les hommes, quand ils se sont familiarise' dans les recherches de la Religion. ou Ils deviennent superstitieux, ou Ils deviennent Incredules

Parmi le peuple de Russie, il est sans contredit, que la superstition excede la sphere de la Religion; ou pour parler plus clairement, parmi le peuple, au lieu de la Vraie Religion La Superstition a pris sa place: l'ignorance est le partage  
du.

il s'en est rendu coupable doublement.

Voilà, ce me semble, a quoi les Missionnaires de l'Irreligion n'ont pas pris garde; s'ils penseroient serieusement les consequences, qui s'en suivent de leurs assertions, quelques fois metaphysiques, quelque fois, issues de l'ignorance, je suis persuadé qu'ils seroient plus reservés a repandre des principes si contraires a la société, où ils vivent, & où ils sont nés.

Je suis persuadé de ce que je viens d'assurer; Je suis persuadé que tout homme raisonnable sans prejugués enracinés, será de mon sentiment: Mais par malheur de l'Esprit humain, il ne peut pas rester dans un milieu & en equilibre; Plin le Grand qui connoissoit si bien l'homme, deplore cette qualité de notre esprit, que lors qu'il est a son aise, qu'il agrandit aussi tot les objects, ou qu'ils les rend plus petits, et comme en miniature: C'est ce qui a arrivé a tous les hommes, quand ils se sont familiarisé dans les recherches de la Religion. ou Ils deviennent superstitieux, ou Ils deviennent Incredules.

Parmi le peuple de Russie, il est sans contredit, que la Superstition excede la sphere, de la Religion; ou pour parler plus clairement, parmi le peuple, au lieu de la vraye Religion La Superstition a pris sa place: l'ignorance est le partage

1. 1. il s'en est; Machado: ils'en est (sem espaço entre il e s'en).

1. 12. en equilibre; Machado: un equilibre. 1. 17. familiarisé; Machado: familiarisés.

1. 18. Religion.; Machado: Religion (sem ponto a seguir).

1. 18. Ils... Ils; Machado: ils... ils (cf. Incredules, 1. 19). 1. 23.

La; Machado: la.

87

du peuple; l'instruire de ses devoirs, est chose impossible, & par  
la même raison prétendre qu'il ne soit superstitieux, c'est  
prétendre le rendre éclairé.

La Superstition, ~~est~~, pendant qu'elle n'  
est pas nuisible à la vraie Religion; pendant qu'elle ne  
détruit pas les obligations ~~de la Loi naturelle~~ aux quelles  
oblige la Loi naturelle, il faut la tolérer, & la laisser là.  
Mais lors qu'elle devient pernicieuse à la Société il  
faut la combattre, & l'abandonner.

Jean attends, Monseigneur, que vous ayez été  
surpris que j'avance si loin dans l'article de la Religion,  
pendant que vous ne réfléchirez pas que les Creux  
Diables finissent toujours hermites; Mais vous  
serez bien tôt, que la Mission n'est pas mon partage.

Dieu cet Etre Infini que nous ne pouvons jamais  
concevoir que par ses adorables bontés envers nous est la Cause  
de tout le bien que nous connaissons: le mal que nous  
éprouvons parmi nous, provient de nous. Le Soleil est  
indubitablement l'Origine de la Lumière; Celle-ci ren-  
contre la terre et de cette rencontre <sup>nous</sup> l'ombre se pro-  
duit: Le mal moral dont nous <sup>nous</sup> plaignons, doit être

du peuple; l'instruire de ses devoirs, est chose impossible, & par la meme raison pretendre [qu'il ne soit superstitieux, c'est pretendre] le rendre eclaire.

La Superstition, pendant qu'elle n'est pas nuisible a la vraie Religion; pendant qu'elle ne detruit pas les obligations aux quelles oblige la Loi naturelle, il faut la tolerer, & la laisser là.. Mais lors qu'elle devient pernicieuse a la Societe il faut la combattre, & l'abandonner.

Je m'attends, Monseigneur, que Vous allez etre surpris que j'avance si loin dans l'article de la Religion, pendant que Vous ne reflechisserez pas que les Vieux Diabes finissent toujours heremites; Mais vous veres bien tot, que la Mission n'est pas mon partage.

Dieu cet Etre Infini que nous ne pouvons jamais concevoir que par ses adorables bontés envers nous est la Cause de tout le bien que nous connoissons: le mal que nous eprouvons parmi nous, provient de nous. Le Soleil est indublitement l'origine de la Lumiere; celle-ci rencontre la terre et de cette rencontre l'ombre se produit: Le mal moral dont nous nous plaignons, doit être

11. 2-3. Machado: omissão da sequência «qu'il ne soit superstitieux, c'est pretendre».

1. 4. Supersition; Machado: superstition.

1. 8. Societe; Machado: societe. 1. 10. Vous; Machado: vous.

1. 12. Vous... Vieux; Machado: vous... vieux. 1.21. Le mal; Machado: le mal.

être conçu comme l'ombre, ou la nuit dont la terre est la Cause.

Dieu a planté dans l'ame humaine l'envie de sa Conservation, & le pouvoir de produire un semblable a soi. L'intelligence, l'adresse, les forces, la prouoyance, dont Il a donié l'homme est pour Conserver sa vie, & pour la prolonger dans sa posterité. Et voilà la Loi Naturelle; par la quelle nous sommes en droit de nous Conserver, et d'écarter tout ce que nous sera contraire.

La Religion Revelée est un bien d'une nature Superieure; C'est pour rendre l'homme plus heureux et plus Content dany soi meme par l'esperance, et pour Communiquer, aider, et aimer ses semblables; Cette Seconde Loi est la Confirmation de la Loi Naturelle et une augmentation de notre Conservation, et de notre bien être

Donc, que ni la Religion Naturelle, ni la Revelée ne font pas pour détruire notre Corps, ni empêcher nos devoirs, qui tendent a notre Conservation: Si ces deux Religions serviroient a nous détruire, a nous tourmenter, elles ne pourroient pas provenir de Dieu, Auteur de tout bien.

être conçu comme l'ombre, ou la nuit dont la terre est la cause.

Dieu a planté dans l'ame humaine l'envie de sa conservation, & le pouvoir de produire un semblable a soi: L'intelligence, l'adresse, les forces, la prevoyance, dont Il a cloné l'homme est pour conserver sa vie, & pour la prolonger dans sa posterité. Et voilà La Loi Naturelle; par la quelle nous sommes en droit de nous conserver, et d'ecarter tout ce que nous serà contraire.

La Religion Revelée est un bien d'une nature superieure; c'est pour rendre l'homme plus heureux et plus content dans soi meme par l'esperance, et pour communiquer, aider, et aimer ses semblables; Cette seconde Loi est la confirmation de la Loi Naturelle et une augmentaton de notre conservation, et de notre bien être.

Donc, que ni la Religion Naturelle, ni la Revelée sont pas pour detruir notre corps, ni empecher nos devoirs, qui tendent a notre conservation: Si ces deux Religions serviroint a nous detruir, a nous tourmenter, elles ne pourroient pas provenir de Dieu, Auteur de tout bien.

1. 5. adresse; Machado; adresse. 1. 8. la quelle; Machado: laquelle.

1. 14. Cette; Machado: cette. 1. 16. conservation; Machado: conservayion.

1. 21. serviroint; Machado: serveroient.

Le Jeune, le maigre, Les prieres dans les maisons des Seigneurs chantées pendant plusieurs heures depuis le grand matin, et quelque fois le Soir, sont un excès du devoir.

Cet excès est nuisible a la Conservation du Corps, a la vigueur qu'il faut avoir pour le travail, Si rude en Russie pendant l'hiver. a decouvert: Ces longues prieres chantées pendant plusieurs heures empêchent ceux qui ont des devoirs, de les accomplir.

Voilà le cas ou ces excès ne doivent pas être tolérés, ni suivis.

Le Jeune avec la moderation que la saine Religion ordonne doit être observé, Comme Loi reçu dans La Religion, et dans l'Etat Civil: Manger maigre, Le Corps robuste, & sain et exercé peut en faire sa nourriture sans se détruire: L'Etat Civil par là augmente prodigieusement la nourriture abon marché pour ses Sujets. Mais ~~ne doit pas~~ prolonger Le jeune jus qu'à trois <sup>jours</sup> atteindre le maigre au pain et a l'eau & aux champignons, cela viendra nuisible a la Conservation du Corps, aux devoirs, & aux obligations, qu'on a contracté dans la Société.

Le Jeune, le maigre, Les prieres dans les maisons des Seigneurs chantées pendant plusieurs heures depuis le grand matin, et quelque fois le soir, sont un excès de devoir.

Cet excès est nuisible a la conservation du corps, a la vigeur qu'il faut avoir pour le travail, si rude en Russie pendant l'hiver a decouvert: Ces longues prieres chantées pendant plusieurs heures empechent ceux qui ont des devoirs, de les accomplir.

Voila le cas ou ces excès ne doivent pas etre tolerés, ni suivis.

Le Jeune avec la moderation que la Saine Religion ordonne doit etre observé, comme Loi recu dans la Religion, et dans l'Etat civil: Manger maigre; Le corps robuste, sain et exercè peut en faire sa nourriture sans se detruire: L'Etat civil par là augmente prodigieusement la nourriture a bon marché pour les sujets. Mais prolonger Le jeune jusqu'a trois jours astreindre le maigre au pain et a l'eau & aux champignons, celà viendra nuisible a la conservation du corps, aux devoirs, & aux obligations, qu'on a contracte dans la societé.

1. 1. Jeune; Machado: jeune (cf. 1. 12. Jeune infra; folha 86v., 1. 8).

1. 1. Les prieres; Machado: les prieres. 1. 4. excès; Machado: excès (cf. chantées, 1. 8).

1. 5. excès; Machado: excès (cf. chantées, 1. 8).

1. 15. exercè; Machado: exercé (cf. chantées, 1. 8). 1. 18. les sujets; Machado: ses sujets.

1. 19. Le jeune; Machado: le jeune. 1. 20. celà; Machado: celà.



Voici ma Mission presque au bout. Comme j'ai proposé  
 ci dessus que le Jeune Seigneur doit se lever pendant toute sa  
 vie a six heures du matin; Comme j'y ai proposé, qu'im-  
 mediatement apres, il Commenceroit son instruction avec  
 le precepteur du Livre de Recette et Depense, ou avec  
 son Engineur; ou avec son autre Maître de Morale,  
 Histoire, Droit Naturel et Civil, Scachant l'usage &  
 la devotion (quelque fois blamable) de maisons de Seigneurs  
 Russes, j'ai eu crainte, que le Seigneur, ou par Supersti-  
 tion, ou par paresse frequenteroit plutot la chapelle a  
 chanter, qu'à faire ses exercices recommandés ci dessus.  
 et voila la Cause unique, Monseigneur, qui m'a  
 obligé un vieux Medecin de parler de Religion.

S'il seroit ici le lieu, je ~~vous~~ montrerois evidemment par  
 l'histoire que toutes les superstitions, et excès fanatiques avec les  
 quels la sainte Religion est obscurcie, viennent de ces cloîtres des  
 Moines de l'Orient: Lors que ces bons Peres s'establirent  
 apres les Monarches élevés par ces ignorans Moines, ils repen-  
 dirent plus leurs chimères, que la vraie Religion, qu'ils ne con-  
 noissoient pas: alors avec le pouvoir qui usurperent les Patriar-  
 ches, tous les Sujets de ces Monarches devinrent si Superstitieux  
 et si forcenés, comme les Moines: mais c'est assez dans  
 cette occasion.

Voici ma Mission presque au bout: Comme j'ai proposé ci dessus que le Jeune Seigneur doit se lever pendant toute sa vie a six heures du matin; comme j'y ai proposé, qu'immediatement apres, il commenceroit son instruction avec Le precepteur du Livre de Recette et Depense, ou avec son Engineur; ou avec son autre Maitre de Morale, Histoire, Droit Naturel et Civil, sachant l'usage & La devotion (quelque fois blamable) des maisons des Seigneurs Russes, j'ai eu crainte, que le Seigneur, ou par superstition, ou par paresse frequenteroit plutot la chapelle a chanter, qu'a faire ses exercices recommandés ci dessus. et voila la cause unique, Monseigneur, qui a obligé un vieux Medecin de parler de Religion.

S'il seroit ici le lieu, je montrerois evidemment par l'histoire que toutes les superstitions, et excés fanatiques avec lesquels la sainte Religion est obscurcie, provient des clotres des Moines de l'Orient: Lors que ces bons Peres s'establirent aupres les Monarches élevés par ces ignorans Moines, ils repandirent plus leurs chimeres, que la vraie Religion, qu'ils ne connoissoient pas: alors avec le pouvoir que usurperent les Patriarches, tous les sujets de ces Monarchies devinrent si superstitieux et si forcennés, comme les Moines. mais c'est asses dans cet'occasion.

1. 1. Mission; Machado: mission. 1. 5. Le... Livre; Machado: le... livre.  
 1. 8. La... quelque fois; Machado: la... quelquefois.  
 1. 11. dessus.; Machado: dessus (sem ponto; cf. Religion. 1. 13).  
 1. 17. Lors que; Machado: lors que.  
 1. 19. la vraie Religion; Machado: la vraie religion. 1. 22. forcennés; Machado: forcenés.

Je Scai qu'il manque ~~ici~~ <sup>ici</sup> quelques tirades de preceptes pour empêcher le Jeune Seigneur a ne tomber pas dans Les intrigues, & dans les desordres de l'amour: Je Scai que c'est l'usage reçu des Auteurs de l'Education: Mais Comme je n'ai pas la moindre prétention pour entrer dans leur Catalogue je n'en dirai rien.

Je dirai seulement que la matiere d'AMOUR est un Mystere: et qu'~~on ne parle~~ <sup>agissant</sup> ~~avec~~ <sup>avec</sup> sagement, on ne doit pas écrire jamais de mystere, <sup>ni</sup> <sup>en</sup> parler: & que s'il <sup>est</sup> <sup>sera</sup> necessaire absolument que <sup>l'on</sup> <sup>sait</sup> cette matiere, on doit ~~seulement~~ <sup>seulement</sup> la Communiquer <sup>à l'oreille</sup>, Comme la Doctrine Orale de Pythagore, ou des Antiens Druides.

Donla, Monseigneur, tout ce que j'ai pu méditer pour accomplir vos ordres. Je Scais bien que <sup>vous</sup> <sup>avez</sup> déjà fait plus pour l'education de Messieurs vos cheres Enfants, que ce que je viens de proposer; Si j'ai été si heureux que de <sup>avoir</sup> <sup>recontré</sup> vos pensées la dessus, je ~~suis~~ me trouve recompensé au delà de mes desirs. J'aime autant la Russie, Comme je lui dois: & je lui dois tout ce que j'ai, tout ce que je possède, & tout ce que je suis.

Je scai qu'il manque ici quelques tirades de preceptes pour empêcher le Jeune Seigneur a ne tomber pas dans Les intrigues, & dans les desordres de l'amour: Je scai que c'est l'usage reçu des Auteurs de l'Education: Mais comme je n'ai pas la moindre pretention pour entrer dans leur catalogue je n'en dirai rien.

Je dirai seulement que la matiere d'amour est un Mystere: et qu'agissant sagement, on ne doit pas écrire jamais de mysteres, ni en parler: & que s'il en sera necessaire absolument que cette matiere soit revelée on doit la communiquer seulement a l'oreille, comme la doctrine orale de Pythagore, ou des Antiens Druides.

Voila, Monseigneur, tout ce que j'ai pu mediter pour accomplir vos ordres. Je scais bien que vous avez déjà fait plus pour l'education de Messieurs vos cheres Enfans, que ce que je viens de proposer; si j'ai été si heureux que d'avoir rencontré vos pensées la dessus, je me trouve recompensé au dela de mes desirs. J'aime autant la Russie, comme je lui dois: & je lui dois tout ce que j'ai, tout ce que je possède, & tout ce que je

1. 1. scai; Machado: scais. 1. 3. Les intrigues; Machado: les intrigues.

1. 1. scai; Machado: sçai. 1. 12. Pythagore; Machado: Pithagore.

1. 14. déjà; Machado: deja.

Suis. Je Considere que les Seigneurs Russe vous imiteront  
 d'avenir dany l'education <sup>de</sup> ~~qu'ils donneront~~ a leurs Enfants  
 Il est impossible que vous ne Soyés pay imité. La place,  
 L'etat, et Situation si elevee, et si distinguee, que vous  
 possedez si dignement, vous faisant aimer et respecter,  
~~La benediction due tout d'abord~~

Le bonheur d'une nombreuse et charmante famille avec  
 La quelle Le Tout Puissant vous a beni, tout cela contri-  
 buera au bonheur de la Russie, et a votre gloire pour  
 avoir etc le Premier de Ses Seigneurs, qui ont intro-  
 duit une education qui sera le plus solide appui  
 de ce formidable Empire: Une vie & Une Santé  
 si chere, donc, a tout ceux que vous faites, et que  
 vous ferez <sup>al'avenir</sup> heureux, est digne, que ~~tout~~ ceux qui  
 aiment le bonheur du genre humain, la paix, et la  
 stabilité de l'Empire, et le bonheur de famille, fassent  
 de Sinceres vœux, & les plus ardens, pour <sup>voire</sup> ~~leur~~ Conserva-  
 tion, <sup>et pour votre bonheur</sup> j'y joins le ~~même~~ du fond de mon ame, & avec  
 le plus profond respect & avec la plus vive recon-  
 noissance

Monsieur

l'Excellence

Paris 6 Novembre 1766

tres humble tres obeissant  
 et tres oblige serviteur  
 \*\*\*

suis. Je considere que les Seigneurs Russes vous imiteront a l'avenir dans l'education de Leurs Enfants:

Il est impossible que vous ne soyes pas imité. La place, L'etat et situation si elevees, et si distinguees, que vous possedes si dignement, vous fassant aimer et respecter, Le bonheur d'une nombreuse et charmante famille avec La quelle Le Tout Puissant vous a beni, tout celâ contri buera au bonheur de la Russie, et a votre gloire pour avoir ete le Premier de ses Segneurs, qui ont intro- duit une education qui sera le plus solide appui de ce formidable Empire: Une vie & une santé si chere, donc, a tous ceux que Vous faites, et que Vous feres a l'avenir heureux, est digne, que ceux qui aiment le bonheur [du genre humain, la paix, et la stabilité des Empires, et le bonheur] des familles, fassent de sincerés voeux, & les plus ardents, pour votre conserva- tion et pour votre bonheur j'y joins le miens du fond de mon ame, & avec le plus profond respect & avec la plus vive recon- noissance

Monseigneur

de V Excellence  
tres humble, tres obeissant  
et tres oblige serviteur

Paris 6 Novembre 1766

\* \* \*

1. 3. Il est; Machado: il est.

11. 14-15. Machado: omissão da sequência «du genre humain, la paix, et la stabilité des Empires, et le bonheur».

11. 2, 4, 6, 7, 12, 13. Leurs, L'etat, Le bonheur, La quelle, Le Tout Puissant, Vous, Vous; Machado: sem maiúsculos das letras «L» e «V» nas palavras indicadas). (Comparem-se na folha 88v, com as letras iniciais de Loi, 1. 13, e Voila, 1. 10).

NOTA: Ao longo do texto do manuscrito, a elisão da vogal *e* da preposição *de* ocorre sempre e unicamente diante de vogal (nunca antes de consoante). Este facto, que se confirma mediante a mera observação (--mais de oitenta casos da referida elisão no manuscrito), deverá ser suficiente ao investigador atento para indicar que *d'* (a forma que representa a preposição *de* com elisão da vogal), na sequência de + ukase citada, só poderá ocorrer diante da vogal (no caso, o som [u], representado pela letra «uk»). nunca diante de κ, que é o início da palavra, segundo a leitura errada de Machado. que manifesta simultâneamente numa mesma transcrição desconhecimento da grafia russa, por um lado, e das regras de elisão no francês, por outro.

2. Na leitura de Machado, ocorre a letra Ъ, o «sinal de brandura», depois da letra lida como з (que representa o som [z]: tal leitura de Machado é contrária às normas da grafia e da ortoépia da língua russa.

## TRADUÇÃO



(Página deixada propositadamente em branco)

Senhor

Se Vossa Excelência aprovar os pensamentos que se seguem sobre a Educação

de que me fez a honra de me encarregar, o desejo que tenho de ser bem sucedido, & o vivo interesse que eu tenho por tudo que Lhe diz respeito, far-

ão todo o seu mérito: é necessário ser naturalmente destituído de humanidade, de amor & de reconhecimento para não ser tocado vivamente e sobretudo penetrado pelo mais profundo respeito por um Pai que toma tanto a peito a educação da sua família, com tantos cuidados, dificuldades e gastos. Eu tentarei,

em mau francês, contribuir quanto me for possível de secundar tão excelentes, nobres e amáveis intenções:

63v

Não me deterei, neste momento, a descrever os conhecimentos das línguas estrangeiras e das ciências elementares, necessários a um Jovem Fidalgo destinado a servir a sua pátria em tempos de paz

e em tempo de guerra. Tudo isso já foi ordenado e feito segundo Vossas ordens, Meu Senhor; as que tenho neste momento reduzem-se a esclarecer, e pôr todo em dia, a proposição que se segue:

”A Educação de um Fidalgo deve ser orien

tada para obedecer e para dar ordens nos países em que nasceu, em tempo de paz e em tempo de guerra”.  
Se este Fidalgo for Russo, será preciso conhecer a fundo a constituição deste Império para orientar a sua educação, será preciso conhecer o seu estado Político, o seu estado civil, o seu estado Económico, isto é, as suas leis, o seus costumes, & os seus usos. Um Fidalgo Francês destinado igualmente a servir a sua pátria deve ser educado segundo a Constituição da Monarquia Francesa; & a fim de poder comparar melhor estas duas diferentes educações e apreciar os resultados, é preciso aqui fornecer uma informação sucinta.

## 64

Todos os súbditos que compõem essa notável Monarquia estão divididos em três classes:

1. A Nobreza, que exerce cargos no meio militar e na Igreja;
1. Os Magistrados, que exercem cargos na Magistratura;
2. Os Cidadãos empregados na Economia civil e na Política, no Comércio, nas Artes, etc.

Todos os súbditos têm por lei da Monarquia propriedade de bens, & Liberdade determinada e garantida por suas Leis. É portanto fácil determinar os conhecimentos e as ciências que devem entrar na educação de cada uma dessas três classes.

Como o destino de um Jovem Fidalgo é servir nos exércitos e nas Armadas, ou no Estado Eclesiástico; como ele está destinado a ser cortisão & a ser empregado no Ministério, como Secretário de Estado, Embaixador, Enviado etc., a sua educação é

geralmente conduzida da seguinte forma:

Como a educação dos Fidalgos ocorre comumente na casa dos seus Pais, um ou vários Mestres subalternos instruem o Jovem Fidalgo nos conhecimentos

64v

da língua Materna, da Língua Latina, de Geografia, de Elementos de História, de Heráldica, de Desenho, de Geometria, de Trigonometria, de Arte Militar.

Esta é a primeira parte desta educação. Eis a segunda: a arte de agradar & de se fazer amável tanto na corte como na alta sociedade; a dança, a música, falar e escrever a sua língua com propriedade e elegância, & adquirir um ar simples e desembaraçado que se obtém através da convivência com pessoas de qualidade, & principalmente em círculos de Damas durante os bailes, as ceias & o jogo.

A Nobreza Francesa não está obrigada a aprender, na juventude, nem o direito Natural nem o Civil, já que ela' não está destinada à Magistratura, e menos ainda à Economia Civil ou Política, em está empregada em grande parte os Burgueses notáveis ou as Cidadãos.

A sua educação ésta perfeitamente calculada para servir a sua pátria segundo a constituição desta; em que cada súbdito tem a propriedade de seus bens reconhecida pelas leis e defendida pelo Soberano; em que a Jurisdição Real está depositada entre as mãos dos Parlamentos, que são os executores & os guardiões das Leis desta Poderosa Monarquia. Em que os Soberano ocupa somente a sua Nobreza nos Exércitos, nas Armadas, na sua corte, no seu Ministério, & na

Igreja.

Embora muitos da Nobreza sigam a Magistratura & eles exerçam funções em vários empregos civis, a Constituição do Estado nunca se altera devido a este duplo emprego da Nobreza; porque a mais ilustre e de primeira ordem não conhece outro

emprego senão o da Corte & os Exércitos.

Está na altura de apresentar a constituição do Império da Rússia, dar a conhecer as diferentes classes de seus súbditos & algumas das suas leis fundamentais, a fim de poder determinar qual a educação que convém a sua Nobreza, & si a Educação Francesa será suficiente para dela ser servido com vantagem.

Os súbditos do Império da Rússia estão divididos em duas classes: a primeira contém toda a sua Nobreza: mais por privilégio do que pela constituição do Império; essa primeira classe tem a propriedade de bens. Ela pode fazer testamento, nomear herdeiros. E embora a liberdade tenha começado a aparecer depois que a Casa Romanov tenha subido ao trono, ela ainda não está reconhecida nem sustentada pela lei.

A segunda classe de súbditos está totalmente destituída de propriedade de bens e da Liberdade; e embora por privilégios se encontrem algumas excepções, a constituição do Império nunca lhes reconhece propriedade de bens, nem liberdade.

Por uma lei de Pedro o Grande, toda a Nobreza está obrigada a entrar no serviço dos Exércitos ou da Armada aos

treze anos de idade. Visto que pela Constituição do Império o terceiro Estado, isto é, o cidadão ou Burguês notável, não é reconhecido nisso; como a Nobreza Russa nunca abraça as Dignidades Eclesiásticas, segue-se que é dessa primeira classe que saem todos aqueles que são empregados em altas funções da corte no Ministério. Desta classe saem os Generais & os Almirantes, os Magistrados e todos aqueles que são empregados na Economia civil & Política deste vasto Império.

Em França, e em quase todas as Potências da Europa, os que comandam nos exércitos, os que administram a Justiça, & os que presidem sobre a receita & despesa do Estado, saem das três classes de súbditos: da Primeira Nobreza, da Nobreza e Burguesia, e somente da Burguesia.

Na Rússia todos os cargos, todos os Empregos civis, Militares, Económicos e Políticos da Corte & do Ministério são exercidos só pela classe da Nobreza, totalmente alistada ou educada no Militar.

## 66

Em França, um Fidalgo depois da Guerra ou permanece na vida Militar ou se retira para as suas terras. As patentes de General Major e de Tenente General durante a paz não recebem o salário Militar; eles podem ser empregados na corte ou no Ministério, mas nunca entram na Magistratura, nas Intendências de Província, nos cargos de Finanças nem de Economia.

Na Rússia, um General, um Marechal de Campo, um Coronel,

depois de terem servido na guerra com honra & distinção, saem do Militar; tornam-se Senador, Presidente de Colégios de Guerra, de Justiça, Estribeiro-Mor, Governador de Província, Chefe Militar; são empregados em todos os departamentos de Finanças, de Economia ou na receita e despesa do Império.

Foi perguntado a Aristipo o que era precisa ensinar a um jovem? O que ele deve fazer, respondeu, quando ele se tornar homem. Por esta resposta, estamos convencidos de que a educação Francesa é muito própria para a Nobreza Francesa, e que a mesma não só é insuficiente para a Nobreza Russa, mas ainda é preciso eliminar uma grande parte para substitui-la por outros conhecimentos.

Pelo acima exposto, um Nobre e Militar Russo será obrigado a tornar-se Magistrado & a governar as Finanças do Império. É preciso que na sua Educação

## 66v

entrem não só os conhecimentos necessários na arte Militar, e da Corte, mas também o da Magistratura, e da Economia estadual interna & Estrangeira.

Não obstante a evidência destes pormenores sobre a diferença que deve haver entre a educação da Nobreza Russa e a Francesa, desde há vinte ou vinte & cinco anos a Rússia está inundada de enxames de *Учиттели*, ou de preceptores Franceses, ou Berlinenses, que pretendem que a educação que eles ministram torne o Fidalgo capaz de servir a sua pátria e de se fazer amar & considerar na Corte & na cidade.

Tanto quanto a minha experiência me proporciona, esses preceptores ou *учители* fazem todo o que dependem deles para que

o seu aluno fale correctamente o francês & que ele possa escrever nela uma carta; obrigam-no a aprender de cor algumas fábulas de la Fontaine; fazem-nõ ler Telémaco, algum Romance bem escrito; um pouco de geografia sem princípios, os Elementos da História, que consiste dos nomes dos reis, dos Imperadores; uma pincelada superficial de Heráldica, que ele se esforça lhe mostrar a cores; depois disso, a dança, explicar como ele deve anelar o cabelo para o dia; & logo que o Aluno resolve casar-se ou ter um emprego nos guardas, nas forças armadas ou à Corte, a educação está terminada, & o Aluno, sem entraves, esquece em poucos dias tudo que ele há aprendido; entretanto, ele lê os livros de toilette durante

67

uma hora ou duas, o tempo dedicado cada dia para se frisar & empoar.

Sangra-me o coração quando considero os perniciosos efeitos resultam disso algum dia na Rússia, se essa educação dos Читили continuar ainda durante meio século!

Sangrava-me, também, ao ver os Regimentos Russos a marcharem sobre o gelo e a neve, com artigos de linho branco, com o cabelo frisado e empoados. Peço-Vos perdão, meu Senhor, por este desvio, nascido da dedicação que tenho pela Vossa pátria. Enfim, como estou convencido de ter demonstrado a insuficiência da educação francesa para tornar um Fidalgo Russo capaz de defender a sua pátria durante a paz & durante a guerra, ousou propor aquela que me parece mais de acordo com a constituição da Rússia.

A Arte Militar

Primeira Parte da Educação de um Fidalgo Russo



Parto do pressuposto de que um Fidalgo Russo na idade da  
[inscrição no colégio  
de Guerra, ou no corpo de Guardas, sabe escrever a sua língua mater-  
na correctamente, escrever uma carta e um relatório.  
Seria de desejar que ele soubesse o eslavo para escrever mais correcta-  
mente & entender os livros da sua Religião. Pressuponho que ele  
fale e escreva sofrivelmente o Francês & o Alemão;

## 67v

Conto também com o seu conhecimento dos princípios do de-  
senho, sem

querer torná-lo pintor: da Geografia, estudo  
de um mês, quando se sabe mostrar no globo  
comparado com as cartas geográficas, sem qualquer leitura além  
da explicação de um Mestre hábil, seria a melhor  
preparação para aprender a história profana & a Sagrada, pelo  
menos depois do

Nascimento do Salvador, ou de César Augusto até aos nossos dias.  
Pode ser instruído nas primeiras regras da Aritmética  
e nos primeiros seis livros de Euclides.

E logo que o Jovem Fidalgo pudesse fazer um  
exame desses conhecimentos, buscar-se-ia um Engenheiro  
para lhe ensinar a arte de guerra, pelo menos durante dois anos.  
Uma hora por dia empregada para a instrução de gabinete, &  
algumas outras no mesmo dia na prática dessa arte.

Se tiver a sorte de encontrar um Engenheiro experimentado,  
homem feito e instruído, não é necessário que eu entre aqui no  
que ele lhe deve mostrar no gabinete: ensinar-lhe-á a  
Geometria Linear e os Sólidos, a Trigonometria &  
as secções cónicas, & ao mesmo tempo a aritmética, as fracções,

as decimais, e a Álgebra até à resolução das equações surdas, a Fortificação, os princípios da Architectura civil do ataque & da defesa de praças, e a Tática, que não é um estudo difícil em que sejam necessários vários anos. Mais por defeito dos Mestres do que por incapacidade dos discípulos, estes não beneficiam usual

68

mente: se eles lhes mostrarem o que ensinam com ordem, com uma certa comodidade, & com um desejo afectuoso de que o aluno tenha aproveitamento, todo este estudo acabará em menos de dois

anos. Os Mestres que se conduzem mais pelo seu vil interesse do que pelo prazer de se tornarem estimáveis, logo que estão seguros de que farão a sua fortuna com os seus alunos retardam a seu progresso; sendo assim, é preciso tomar medidas quando há acordo com eles, E este método deveria ser seguido com todos os Mestres que estão empregados na educação.

Se eu quisesse produzir um Académico, um Professor, ou um sábio, qualquer Matemático poderia ensinar o que eu acabo de especificar; mas eu quero formar um General, um Marechal, capaz de

formar, instruir, nutrir e conservar um exército, & o tornar temível ao inimigo; é preciso que a sua educação não se oasse bi gabinete a calcular e desenhar fortalezas e máquinas, é-lhe necessária a prática da arte de guerra cada dia à tarde, depois de passar uma hora ou duas durante a manhã no gabinete

com o seu Engenheiro.

Desejaria que as partes da tarde fossem sempre empregadas na companhia do seu Engenheiro a examinar, por exemplo, a

fortaleza de Petersburgo, ou alguma outra, onde se lhe mostrasse o tipo de fortificação, & todas as partes em pormenor; que um outro dia se fosse ao corpo de engenharia, lá ver, observar & examinar os modelos das fortalezas, os planos de acampamentos, as armas, os pontões,

## 68v

os fornos de campanha. Pensamos efectivamente que a curiosidade do aluno

animará o seu Mestre a lhe explicar os seus usos e a melhor maneira de se servir deles. Vê-se claramente que nunca negligenciará Num outro dia, noutra semana ou noutro mês, eles farão o exame da secção da artilharia: ver aí fazer as provas de força da pólvora de canhão, como são carregados os canhões, os morteiros, como se carregam as bombas, as granadas, & tornar-se instruído pela simples visão as observações pelo seu Mestre sobre o que não se pode aprender nos livros.

Um outro mês seria aplicado à forma como se farda e se alimenta um exército, & ainda ao conhecimento da melhor maneira de construir plataformas móveis ou ползьи Vê-se claramente que nunca negligenciará os exercícios com a espingarda, com o espontão & o florete, nem o exercício mili-

tar, nem as suas evoluções. Se o Engenheiro for experimentado, completo

na sua arte e com amor da ensinança, ele irá facilmente ao encontro desta instrução prática, que lhe servirá, & ao seu aluno, de

descanso do estudo da manhã.

É inconcebível quanto a prática das artes

Nobres e das ciências contribui para compreender a sua teoria. Dizia-me um excelente e muito experimentado Engenheiro: "Os Criados Engenheiros, que estão empregados na sua arte, todos tornam-se Engenheiros. Os discípulos dos Enge-

69

nheiros educados nas Escolas de engenharia todos tornam-se Matemáticos". Eu poderia dizer o mesmo de muitas outras artes.

Não entrarei aqui a especificar os livros necessários para compreender esta ciência; o Mestre hábil deve dá-los a conhecer ao seu aluno.

Eu não posso esconder uma obra desta Ciência que foi publicada há pouco tempo com o título "Elementos da Arte Mili-

tar Antiga e Moderna, por M. Cugnoz Antigo Engenheiro. Paris: 1766".

Os especialistas têm-na em grande conta; & Este livro poderá servir para a educação que acabo de delinear.

Moral Direito Natural e Civil Segunda Parte da Educação de um Fidalgo Russo

Felizmente, Meu Senhor, que encontrastes o

digno Sr. Schoepflin para dirigir os estudos dos Senhores vossos queridos filhos. Ele que conhece o valor destas matérias indi-

cadas no título, terá tomado sem dúvida um cuidado particular de os instruir nelas. Limitar-me-ei, por isso, à

aplicação desses conhecimentos que serão exercidas na Rússia.

Seguramente que pela Constituição deste Império O Soberano é a única lei. Apesar da Oulogenie;

Não obstante os Ukazi de Pedro o Grande & dos seus sucessores, O Soberano é o Mestre de os revogar. A

propriedade de bens não é conhecida, como também a liberdade, entre os súbditos, a não ser por graça & privilégio. Os bens dos Fidalgos estavam antigamente em feudo; Pedro o Grande, pela Sua grandeza de alma tornou-os Alodiais ou de posse própria. Isto foi mercê, mas não é lei constitutiva do Império. Parece, então, que numa tal constituição a Moral, o Direito Natural, e o Civil são supérfluos. O Soberano nunca renunciou à Sua Jurisdição, nunca a depôs nas mãos do Senado, ou de qualquer outro Tribunal para

executar, & garantir as ou os указы

Apesar da inflexibilidade desta constituição do império, A propriedade & a Liberdade fizeram progressos, se bem que insensíveis, e não demorará um século para que esses bens da Sociedade se mostrem com brilho.

O estado de escravatura e servidão é violento: A Natureza violentada faz cada dia os seus esforços para adquirir o seu estado natural de bem-estar, para se conservar por mais tempo. O primeiro chefe ou conquistador da Rússia, tendo conquistado com a sua tropa os povos vizinhos, estes renderam-se-lhe como escravos.

isto é, entregaram-lhe os seus bens, todo o seu poder e liberdade na condição de lhes poupar a vida. Quase todas as Monarquias tiveram as mesmas origens.

O Soberano então, tanto por interesse próprio, como

para satisfazer o Contrato da escravatura, poupou sempre a vida dos seus súbditos escravos. A Lei de Pedro o Grande, pela qual proíbe ao Fidalgo matar o seu escravo, não é consequência da sua demência: é acto de justiça para com o escravo. O próprio Soberano não é o seu Dono, enquanto ele conserva a sua inocência; ele entregou tudo que ele tinha de caro e de estimável ao Seu Chefe conquistador, ou aos seus antepassados, na condição de lhe conservar a vida; conservou-lha naquele momento; assim, sem injustiça, o mesmo chefe não pode lhe privar dela, enquanto ele não se tornar culpável.

Quando os Soberanos da Rússia (principalmente depois que a Casa Romanov subiu ao trono) começaram a fazer leis a favor dos seus súbditos, permitindo-lhes fazer doações entre vivos, fazer testamentos a favor dos parentes, contratar casamento sem autorização dos seus Senhores, A Lei Natural tomou pouco a pouco os seus direitos, ao mesmo tempo que abrandava a dureza da escravatura. Estas graças e estes privilégios aumentam cada dia na Rússia por demência dos Sobera-

**70v**

nos, & ao mesmo tempo que o Ministério e os Cortesãos forem ficando mais esclarecidos e instruídos nos direitos da humanidade, e da sã Política, estas graças e privilégios serão bem mais frequentes. Só a ignorância desses dois direitos, só a educação perversa e bárbara são causa da tirania & da escravatura mais duras. Quando os Soberanos

não falarem senão com Ministros e Cortesãos bem educados e bem instruídos, pode esperar-se que os seus espíritos contrairão a mesma forma de pensar e de agir.

Como a Nobreza Russa está destinada a ocupar cargos nos Tribunais de Judicatura, no Senado, no Colégio de Guerra & Almirantado & nos Governos das Províncias, como Ela está destinada igualmente a servir a Corte, não só nos seus grandes cargos mas também nos do Ministério tanto no Império como nas Cortes Estrangeiras, é preciso que na educação de um Fidalgo Russo entre a Moral, o Direito Natural, o Civil & o Político, que saiba os princípios destes & que os aprenda tanto quanto possível através da prática dos Tribunais. Mas o Mestre que deve ensinar estes conhecimentos não deve ser um учитель. Terá que se procurar um homem ins-

71

instruído, & que tenha estado a trabalhar junto a algum Embaixador, ou a algum Tribunal, não só para conservar os princípios que ele aprendeu na Universidade, mas para os desenvolver pela prática, pela leitura de bons Autores (& estes são raros), e através da conversação de um homem experimentado nos assuntos políticos e civis da Europa. Um tal homem se ele tivesse ao mesmo tempo as qualidades de um coração com afabilidade para

amar & fazer-se amado, seria um tesouro em Vossa Casa, Meu Senhor. Ele seria o amigo, o Director da verdadeira & da sólida instrução, que é, na verdade, tão rara.

Gostaria que o Jovem Fidalgo fosse, sozinho ou acompanhado, ouvir de pé, atrás dos assentos dos Senadores &

dos Presidentes de Colégios, as acções contenciosas que lá são tratadas, e de seguir uma mesma causa e uma mesma questão civil, económica ou criminal, desde o início do processo até ao fim. Em Dinamarca essa lei está em vigor. A Jovem Nobreza, depois de ter feito os seus estudos em Direito, é obrigada a frequentar os Tribunais do Reino como Auditores.

Esta prática produziria no espírito do Jovem Fidalgo efeitos consideráveis em benefício da sua felicidade & de sua pátria.

Faria, então, mais caso da sua língua e da dos Estrangeiros;

71v

ele aprenderia e compreenderia mais facilmente do que através da leitura,

chegaria ao conhecimentos das Leis, dos usos da sua pátria, chegaria ao conhecimento das receitas e despesas do Império, & sobretudo, adquiriria o atestado mérito de homens respeitáveis que estão à frente dos assuntos.

É possível dedicar-se à Arte da guerra da maneira acima indicada & ao mesmo tempo à Instrução do Direito Natural e Civil com a prática acima mencionada; encontrar-se-á tempo suficiente, se houver vontade de a gerir, & de aproveitar.

A Arte de se tornar amável

Terceira Parte da Educação de um Jovem Fidalgo

Se a Nobreza Russa estivesse apenas destinada a servir a Corte, talvez a educação francesa fosse suficiente para cumprir o seu destino. Mas um *учител.* nunca formará mais do que uma imitação de um homem distinto, digno de servir



uma corte: Os pobres pais que não sabem em que consiste a educação admiram as macaquices de contorções e das reverências do seu filho com uma volubilidade de linguagem uma vez que o filho entende tão pouco como o seu pai, todo admirado! O Falecido Príncipe Kourakin, Estribeiro-Mor, que sabia bem o que

72

era a Corte, tão tumultuosa no seu tempo, e que ele era a causa da perda das Casas de luxo, pelo jogo & pelas intrigas, decidiu fazer inscrever como soldado da Guarda o seu único filho de doze anos de idade, com a intenção (fazia-me a honra de dizer) de lhe dar uma educação mais vigorosa & menos dissipada do que se ele o metesse na Corte. A morte levou-o pouco tempo depois & o seu filho entrou finalmente na Corte, para a desgraça da sua casa.

Este exemplo mostra bem que um Fidalgo Russo deve ser educado de forma que possa prestar servir a Corte: É preciso que possua num cer-

to grau essa arte tão estimada em França, de se tornar amável: se pentear, dançar, ocupar o seu lugar nos círculos sociais, à mesa, não dizer, nem fazer nada que ofenda os usos e os costumes habituais, nem mesmo no vestuário, na postura ou na marcha. Tudo deve ser feito à vontade da companhia.

Aprender esta arte com perfeição na Rússia torna-se difícil; os bailes, as ceias e os círculos de Damas são mais raros do que em Paris. No entanto, estes lugares são as melhores escolas para adquirir formação na arte de agradar.

Durante este tempo deve fazer-se o maior caso do exercício do manejo na Corte & exercitar-se nela com tanta frequência

que as suas funções permitirão: toda a gente conhece a necessidade deste excelente exercício em todas as diferentes situações de um Gentil-homme ao serviço da sua pátria.

72v

Eis o que diz respeito às exterioridades e à arte de agradar. Mas para desempenhar o papel de Cortesão, são precisos bastantes outros talentos.

É preciso compreender o homem a fundo: animal o mais pernicioso entre todos os animais quando é ignorante & feroz, ou simulado: ele é o melhor de todos os seres vivos se dotado de virtudes agradáveis e benéficas a si & aos outros. O Cortesão trata com homens compostos desta mistura de vícios e de virtudes. É nisso necessário algo de inteligência, alguma prudência, alguma discrição, paciência, o que é o mais difícil no furor da juventude. Nas Memórias Históricas & em algumas Histórias, pode-se ler & meditar sobre as funções dos Cortesãos & a sua conduta, & um Jovem Fidalgo não perderá o seu tempo se chegar a conhecer o que é essa estada, tão sedutora para aqueles que não conhecem o que é a Corte.

Parece-me que, se a Biblioteca de um cortesão fosse composta dos livros de que vou aqui indicar o título, ele pouparia

muito tempo & muito sacrifício na leitura de outros.

Todas as obras de Plutarco por Dacier & Ameloz.

As Obras de Tácito = por Ameloz de l'Haussaye. Ciência do Governo por St. Real, 8 volumes in 4º./ obra recentemente impressa.

Neles se encontram os Conhecimentos em geral para o Cortesão,

para um Ministro no Estrangeiro & para um Secretário de Estado. O perigo do exercício das funções da Corte, é de aí contrair a aversão ao trabalho, à reflexão; cai-se em vícios opostos devido à dissipação em mil coisas, por vezes frívolas, pela adorno deslumbrante, pela música, pelo teatro, algumas vezes pelo deboche; cai-se no hábito de levantar-se tarde, já que se vai para a cama duas ou três horas depois das ceias. A Economia desordenada, cai-se em dívidas, está-se reduzido a extremos. Deseja-se ter mudanças para endireitar os negócios minados, & a mais frequentemente para mudar a condição. Para evitar esses perigos é preciso fazer um esforço cada vez maior para que a educação da Jovem Nobreza seja a mais virtuosa & a mais activa. E isto será tudo o que tenho a intenção de por-menorizar a seguir.

A Economia civil & Política do Império de de Rússia

Quarta Parte da Educação de um Fidalgo Russo

A constituição do Império da Rússia exige que a Nobreza seja mais instruída na Economia Política & particular, do que a do resto da Europa. Todas as suas Potências se tornaram Mercantis: A guerra faz-se nos nossos dias para adquirir

Francês ou Alemão católico pode colocar a família em três ou quatro condições diferentes, sem a arruinar: coloca um filho na função militar, o mais novo na vida Eclesiástica, onde se tornará Cónego, Bispo ou Abade Comendatário. O terceiro nos Parlamentos, as Filhas nos Conventos ou nas Abadias Reais.

Um Fidalgo Russo está privado de todas estas vantagens. Em França & em Alemanha as Casas Nobres

têm vários bens de substituição, que não podem ser alienados senão por crime de Alta traição: na Rússia, as substituições são desconhecidas. Se o Pai destruiu a sua casa as suas terras são vendidas para pagar aos Credores. Em França & em Alemanha, A Nobreza manda educar os filhos dos dois sexos nos Colégios ou nos Conventos, com muito pouca despesa; em Rússia, é preciso que um Fidalgo os eduque com despesas consideráveis.

Por estas razões & várias outras que não é preciso aqui descrever, um Fidalgo Russo deve ser educado com todo o conhecimento possível da Economia particular e a do Estado.

74v

As Regras Económicas para ordenar uma Casa, & um Império provêm de um só princípio conhecido de Catão Censor, do seu livro de Agricultura: "É desejável & convém, diz este Senador, a um Pai de família vender & mandar vender tanto quanto lhe for possível e comprar o menos que ele puder".

Negligenciou-se até agora na educação da Nobreza a arte de manter livros de Receita & de Despesa, que se pode aprender em três lições de um hábil Caixeiro Comercial, quando se é instruído na Aritmética comum. Os Romanos conheciam esta Instrução & praticavam-na, apesar das suas grandes riquezas & as suas grandes posses. A Constituição da Sua República & do seu Império era disso a Cause.

Um Jovem Cavaleiro, ou Patrício, tornado Centurião, ou com o grau semelhante ao dos nossos Coronéis, desejava distinguir-se & subir a funções mais elevadas, que eram aqueles de Pretor, de Cônsul e de Censor.

75

Ele apresentou-se como candidato na Assembleia do Povo Romano que concedia os empregos & os cargos da República; ele pediu ser Questor, que corresponde a nos tesoureiros do tesouro Real, do tesouro das Forças Armadas, etc.

O seu principal e mais difícil dever era fornecer a um exército tudo que lhe fosse necessário em campanha & no quartel. Se entregasse as contas à satisfação do Senado, ele havia entrado neste Augusto corpo & ficava com o caminho aberto para chegar às mais altas dignidades.

Se os Romanos julgassem os Jovens Fidalgos como nós hoje os julgamos, escolheriam para tesoureiros das Suas receitas e de Suas despesas de Estado, um rico cidadão ou Patrício, homem para lá dos cinquenta anos, prudente, poupa& e de forma alguma guerreiro. Mas os Romanos pensavam melhor do que nós.

Eis o seu raciocínio acerca da Questura exercida pelos Jovens oficiais: ou este mancebo há-de sair desta espinhosa tarefa com honra & integridade, ou não?

Se sair com honra e reputação, ficamos

seguros da sua capacidade, da sua diligência & da sua integridade. Pôr dinheiro do Estado nas mãos de um Jovem guerreiro, para geri-lo, para empregá-lo, & dele prestar contas com honra, é a mais dura prova que nós poderíamos fazer aos seus talentos.

Se ele não tiver cumprido o seu dever, a República ao fechar-lhe a porta dos empregos, ganhará muito. Como a fundo um homem ou inábil ou infiel convinha extremamente a um Senado como o Romano.

Eis que, na distinta educação dos Romanos, entrava a arte dos livros de Receita & Despesa, com a ajuda dos quais se governa uma grande casa, & um Poderoso Estado.

A Constituição do Império da Rússia obriga, necessariamente, que esta arte faça parte da sua educação, a fim de a exercer na casa Paterna e nos cargos em que recebe e gasta os dinheiros da Coroa.

Se eu tivesse um Jovem Fidalgo a orientar

aconselharia que lhe fosse permitido tomar sob a sua direcção os gastos de todas as mesas da sua casa, do trem de cozinha, do carvão vegetal, da roupa, e toda a espécie de bebidas.

Quando ele tivesse obtido esta permissão, ele prepararia um livro branco pautado e numerado, com um índice, análogo

aos dos Comerciantes, com o título Receitas e Despesa. Cada dia, a uma hora determinada, pediria ao Mordomo as contas de todas as compras, de todas as provisões a partir de um certo tempo, tanto as compradas em dinheiro contado ou a crédito, como aquelas fornecidas pelas aldeias pertencentes à casa.

Em muito poucos artigos, ele poderia indicar no seu livro todas as particularidades pedidas ao Mordomo. Quando estivesse familiarizado com esta prática, ele tomaria sob os seus cuidados a outra parte da Economia que diz respeito ao vestuário, aos adornos e às mobílias; ele tomaria conhecimento da despesa & ao mesmo tempo de tudo que é preciso para conservar uma casa, se todos os anos o Pai definisse uma certa quantia entre as mãos do tesoureiro para prover a estes dois departamentos principais da economia doméstica.

76v

Os Antigos Persas viviam felizes & respeitados pelos seus inimigos, com estas duas leis: não dever & não fazer nenhuma dívida. Nunca mentir.

O objectivo principal de governar uma casa com a ajuda de um livro de Receita & Despesa, é de observar a primeira lei. Desta forma, regula-se a despesa em proporção à receita. E quando o espírito está habituado, no primeira idade, à ordem, à exactidão, esta ordem impregnará todas as disposições & aparecerá mais nos seus cargos.

Esta instrução para manter um livro semelhante, e governar um ramo da economia particular, devia

ser dirigida por empregado comercial durante algumas semanas; o hábito tornaria menos penoso este trabalho & depois do primeiro mês, esta prática Lhe será agradável, o que constituiria a maior felicidade, sinal certo de que está convencido da utilidade desta ocupação. Nunca entendi o facto de que as Damas Russas tomam menor cuidado a economia doméstica. Em França esta virtude não é rara, e menos ainda em algumas

77

Potências da Alemanha. Não há razão de não se introduzir num país uma notável utilidade se ela não existia antes. Seria de desejar que o sexo amável fosse educada na economia da casa que governa, ou alguma das suas filhas. O vestuário, os móveis, a roupa branca parecem ser do Seu domínio. Nisso se empregaria o tempo que muitas vezes se torna fastidioso, e realçaria as virtudes amáveis, proporcionando-lhes matéria para aumentá-las.

Objecções

e

Reflexões sobre o plano de educação proposto acima

Objectar-se-á que é impossível que um jovem fidalgo possa aguentar tantas lições de teoria & de prática, e tantos Mestres; que o seu espírito será confundido & perturbado & que ele nunca terá qualquer noção clara



do que aprenderá.

Dizer que se um Jovem Fidalgo tem que ter um Engenheiro para Lhe mostrar a teoria & a prática da Arte Militar, & ao mesmo tempo um preceptor, homem de ciência e de experiência nos conhecimentos da moral, da História, do Direito Natural & Civil, frequentar Os Tribunais, como auditor; e mais um terceiro para mostrar a Arte de manter o Livro de Receita e Despensa, com o exercício da Economia doméstica, objectar-se-á que este Fidalgo nunca terá tempo de se mandar frisar, para aprender a dançar, e menos ainda a música, ou vocal ou Instrumental. E que é necessário, na sua idade, divertir-se algumas vezes a desenhar & a pintar um retrato ou qualquer modelo curioso & raro da História Natural.

Também eu não faço menção da Astro-nomia, da Física Exerimental e menos ainda da química dos metais, nem das artes; que estes conhecimentos são indispensáveis a um Fidalgo

que deve frequentar as grandes Companhias, e que ignorá-los reverteria à sua desvantagem, como se a sua educação tivesse sido negligenciada.

Para responder a tantas dificuldades, que parecerão bem fundamentadas a quem não conheça as educações em voga, será preciso que eu declare daqui para frente as minhas intenções na educação proposta.

A Rússia tem por vizinhos a Suécia ao Ocidente & a Grande & a Pequena Tartária ao Levante & ao Sudeste. A Suécia é um Reino pobre por natureza. Mas o habitantes são activos, corajosos, inteligentes & constantes, dados desde Gustavo Adolfo, à Economia doméstica e Política com um ardor que nada deste mundo os faz recusar. A Pragmática, que eles acabam de pôr em prática contra toda a espécie de luxo, mostra bem o espírito altivo e indominável que os anima & aquilo de que são capazes. Por esta pragmática, os frisadores de cabelo e o pó na peruca são proibidos na Suécia. I cortar a raiz à destruição da Juventude e à ridicularia do século.

78v

Vê-se por esta lei que esta Nação aspira a tornar-se vigorosa, activa e Empreendedora.

Vejamos os Mongóis, os Calmiques, os Tártares da Grande & da Pequena Balcária, os Carakalbaques, Nações que a Rússia não teme hoje em dia. Mas eles vivem sem necessidades, nem faltas; Nações rijas, corajosas, indomáveis, somente pela morte.

Enquanto o Império Romano se conservava no seu vigor, desprezava os bárbaros do Norte, que havia destruído várias vezes, bem como os Árabes que ele havia vencido.

Constantino Magno transporta Este Império a Constantinopla, a através da comunicação & do comércio dos Reis do Oriente, o luxo de mil formas entrou nesta nova corte; A discipli-

na militar das Legiões Romanas perde-se pouco a pouco através da frívola educação Grega & Asiática; por volta do século oitavo, a coragem Romana havia desaparecido

79

dos exércitos do Império da parte Grega.

E através de que Nações morreu este Império? Através das que havia vencido & desprezado: os Hunos, os Árabes e os Turcos. Nações então pobres, errantes, duras, corajosas, sem faltas nem necessidades.

A Suécia ao ocidente e a Tartária ao oriente são os inimigo que a Rússia deve sempre temer. As fortalezas, muralhas e exércitos mais temíveis que Ela Os deve opôr é a educação de Sua Nobreza, para a tornar capaz de os atacar & vencer, se o desejo se lhes prende de se mexerem. Mas para fazer a guerra a estas Nações, não se deve educar à francesa. É preciso uma educação mais vigorosa, & que esteja mais de acordo com o clima e a maneira de viver da Suécia, da Rússia & da Tartária.

Esta Educação, que passarei a chamar Russa, reduzir-se-á a tornas o corpo vigoroso, activo e resistente, &

79v

o espírito instruído e ornado com conhecimentos úteis a si & à sua pátria.

Desejaria que durante a instrução de um Jovem Fidalgo, ou

Fidalgos, a sua refeição de noite fosse separada da do Pai e família, que a ceia com o seu preceptor ou governador fosse tão moderada que pudesse deitar-se entre as dez e as onze horas; E que existisse a regra inalterável de se levantar às seis horas durante todo o ano, & agradasse a Deus durante toda a vida! Logo que estivesse levantado, deveria começar os exercícios acima mencionados com os Mestres ou preceptores, como assinalei. Durante estes exercícios a porta deveria estar fechada ao criado de quarto, aos lacaios, aos diferentes recados mensagens do alfaiate, do cabeleireiro, etc. Se os preceptores entenderem o seu dever e levarem a peito a ordem & o proveito que resultam\* da boa educação, eles empenhar-se-ão na observação desta regra. Se não quiserem se sujeitarem a isto, é preciso tomar a resolução, ou de não os contratar, ou de os despedir definitivamente. Sabeis, Senhor, que o Pedro o Grande,

que tinha tempo para fazer tudo o que lhe era necessário, se  
\* O trecho «l'ordre, & le profit que revient de la bonne education» é traduzida como «a ordem e o proveito que advém [*sic!*] da boa educação» em Machado (*op. cit.* 181). Embora no manuscrito a forma verbal esteja no singular, na tradução o verbo deverá ser no plural, devido ao sujeito no plural. Na mesma página do referido livro, a tradução do trecho «ou de ne les engager pas, ou de les congédier...» é dada como «de ou não os contratar, ou de os despedir...» (com sintaxe confusa).

80

levantava às três horas da manhã; toda a sua Corte, os seus Ministros, os seus Generais adquiriram o mesmo hábito. Este hábito foi a base

de tudo o que fez, das batalhas que ganhou, & das províncias que conquistou. Ele baniu a preguiça dos Boiardos amolecidos pela Regência da sua irmã, a Princesa Sofia.

O Marechal de Campo Conde de Munique, o mais activo & o mais vigilante General que conheci entre muitos outros, se levantava sempre às três horas para trabalhar sozinho ou com um secretário & algumas vezes dois. Nas Universidades quando os Professores querem saber do progresso que fazem os seus Discípulos, o sinal mais certo é serem informados sobre a que horas da manhã se levantam, & o que eles fazem depois de levantados. Sisto V, havendo sabido que o Duque de Maine, que ficava na cama até ao meio dia, e que disputava a coroa a Henrique IV, que se levantava sempre antes do dia, apesar de se mover nos interesses do primeiro, sem informação posterior, decidiu de imediato "o Bearnês será Rei".

No nosso corpo e no nosso espírito, sobre a maneira de aprender, de pensar e de reflectir, entra muito de maquinal & do material: acostumamo-nos a pensar e a compreender quando estamos no gabinete de estudo; quando nós nos levantamos à mesma hora; quando não estamos distraídos por recados e visitas supérfluas e inúteis. Eis a base da instrução & a primeira pedra deste grande edificio da felicidade, ou da infelicidade, para o resto da vida.

Passemos agora a considerar os perniciosos

**80v**

efeitos que ocorrem se não se observa a regra de se levantar

cedo & ao tempo marcado. Quando um homem jovem dormiu sete a oito horas, se ficar mais tempo na cama, sabemos as consequências: Horácio, Mestre da Vida Civil dir-no-las-á; fê-lo quando escreveu ao seu Amigo Lólio: "Se logo de manhã, não mandardes que vos tragam luz & alguns livros, se não vos aplicardes seriamente ao conhecimento & à prática das virtudes úteis e agradáveis a vós e às vossas obrigações, depressa vos tomareis a presa das vossas paixões; o amor ou o desejo atormentar-vos-á cruelmente".

Se permanecermos no hábito contrário, teremos o tempo para ordenar as tarefas da casa, & aquelas dos cargos públicos: O espírito está sempre mais desperto, a coragem mais vigorosa, & o humor mais constante.

Quando se é educado com certa firmeza, resiste-se melhor às fadigas duma campanha, de um cerco, de uma longa viagem; não se cai tão depressa doente pelas intempéries do ar, ou das estações.

A Educação acima proposta é para educar continuamente um Jovem Fidalgo enquanto está acordado;

## 81

quatro horas de manhã no gabinete, &-o resto do dia fora de casa, na prática da instrução da manhã. Isto ocupá-lo-á, diverti-lo-á, distraí-lo-á tanto quanto ir à caça, à pesca, à Comédia e ao baile, no pressuposto que Deus Todo Poderosa lhe inspirará o amor e a beneficência e como tornar-se estimável pela virtudes. Porque sem este

amor do saber, sem este ardor em persegui-lo, tudo  
Lhe será enfadonha, até mesmo os divertimentos.  
Vejam agora a utilidade que reverterá à sua  
família, a si mesmo e à sua pátria, de passar a juventude  
sempre ocupado, como acabo de esboçar.  
O Jovem Fidalgo não terá tempo para as in-  
trigas do amor, e menos ainda para essas diversões finas  
de prazer, que não quero caracterizar como deboche:  
Ele não se tornará jogador, esbanjador, com a destrui-  
ção da casa paterna; não fará dívidas a  
crédito que lhe tornarão a vida amarga por não encontrar os me-  
ios de as pagar. Com a ocupação contínua e regrada, ele evitará  
as companhias

## 81v

dos Jovens Fidalgos arruinados e arrebatados por dívidas, por  
deboches, construindo projectos de vender e hipotecar, fazendo  
projectos e almejando mudanças de famílias, e no  
Estado para melhorarem a Sua condição desesperada. Eles  
desejam então a morte dos seus Pais, dos Irmãos mais velhos.  
Eles tornam-se o flagelo e a ruína da casa  
e da Pátria que os educou.

Esta Educação proposta, se não trouxesse outras  
vantagens que prevenir as infelicidades mencionadas, ela  
deverá ser preferida à educação comum, diri-  
gida pelos учителя, ou por qualquer homem amável.  
Não sou capaz de ver, nem de pensar, sem horror  
e sem tremer, que um Jovem Fidalgo Russo se deite à meia-noite  
ou às duas horas, se levante às dez ou às onze da manhã,  
que ele se faça frisar durante uma hora & quelques

fois duas, com um livro da Bibliotheca adequado à toilette, como são os Romances, os Anedotas, os de contos, as Miscelâneas e outros estragam espíritos, e perda de tempo; que se sente à mesa & que, ao sair, ele vá ao teatro, aos bailes, aos círculos de Damas, às

## 82

mesas de jogos de Damas ou de jogadores profissionais, & que se deite depois da meia-noite. Esta educação e esta vida tomam o espírito e o corpo capazes de fazer a guerra na Finlândia ou nas Montanhas de Verchatúria durante os meses de Outubro & de Novembro? Que a Rússia pense que podem chegar quando Ela menos espera, e então, se houver alguma providência, se adaptará a Educação da Sua Juventude ao clima, e às necessidades, que poderão sobreviver tudo de uma vez. O maior factor na destruição que eu encontro na educação francesa é que cada Jovem Fidalgo tenha o seu criado de quarto por direito, e como a sombra inseparável de seu corpo, enquanto que ele está no seu quarto, no roupão\*\*.

Faz hoje parte da educação, até mesmo da Francesa, que cada Fidalgo se barbeie a si próprio, saiba frisar os cabelos com quatro papelotes• concorda-se facilmente com a adopção desta toilette, contanto que na Rússia a frisagem & a pó, a maneira da Suécia, fossem banidas do apartamento ou alojamento do Jovem Fidalgo. Se ele entrasse nesta hábito, o criado de quarto deixaria de ser a som-



bra\* do seu corpo, o seu confidente, o seu amigo e o seu agente.  
Um Lacaio ou um velho doméstico educado na casa

O trecho «& en son deshabilité» é traduzido por «e em traje ligeiro» em Machado (*op. cit.* 191), com a seguinte nota (n. 27, 227): «O fantasma da promiscuidade e de eventuais intimidades de natureza sexual que esta circunstância de presença recatada a dois poderia ocasionar, foi referência recorrente em Ribeiro Sanches, como as principais obras de temática educativa são prova fecunda. As relações de natureza homossexual seriam, então, nestes casos, prática de fácil acontecer.» São de estranhar o emprego, na nota, da palavra *fantasma* e as afirmações (sem fundamento explícito) que se lhe seguem.

## 82v

tomaria o seu lugar & se cortaria pela raiz aos males  
acima mencionados, & a muitos outros que se omitem por  
serem conhecidos.

Não desejaria que um Fidalgo Russo fosse ignorante  
do sistema Planetário, das propriedades dos quatro elementos,  
que ele

desconhecesse o uso da Bomba Boyliana, do termómetro, do  
Barómetro, do Higrómetro: é assunto de uma semana. Mas não  
quereria que ele

fosse Astrónomo, nem Filósofo, e menos ainda químico. Queria  
que ele entendesse do desenho tanto que ele pudesse man-  
dar que se lhe fizesse um escada, um aposento,

que se lhe esboçasse um acampamento, que se elevasse um  
parapeito de tal e tal

maneira; Mas eu não o queria Pintor,

nem com um gabinete de pintura, nem com outro ao lado  
de História Natural. Este é um estudo próprio para os

Italianos, Nação Escrava abandonada à frivolidade & à  
aparência do saber e da verdadeira virtude.

Um Fidalgo Russo, de acordo com o clima e a  
Constituição da sua pátria, deve pensar à maneira Romana, agir à  
maneira Romana & comportar-se como Romano.

A Disciplina Militar, introduzida por Pedro o Grande  
nos seus exércitos & nas suas frotas, merece mais louvores do que

### 83

a invasão da Ásia por Alexandre Magno. Pergunto  
ao Meu Senhor, e peço-vos mil perdões, como Mé-  
dico que teve a honra de estar no 7-r<sub>g</sub> Gby,Á , se esta ex-  
celente disciplina poderia conservar-se sem a vestimenta fran-  
cesa, sem

sem tecido branco, sem frisagem de cabelo e sem pó?

Ainda pergunto se o vigor, a força & a actividade do soldado  
não sofre com o traje francês quando marcha sobre o  
gelo, deita na neve, acorda-se coberto de neve,  
ao atravessar a pé uma ribeira no inverno, & com os pés  
e as pernas ao tornarem-se gelados uma hora depois?

Estas questões não cabem aqui; mas elas mostram  
que a educação de um Jovem Fidalgo deve ser tão bem adaptada  
ao clima e à constituição da sua pátria, como o vestuário & a  
alimentação dos seus exércitos & das suas frotas. Ir tão  
rudemente contra Leis tão poderosas e tão constantes  
quanto são as da Natureza é ser escravo  
da opinião preconcebida, é estar privado de toda a sensibilidade.  
Eu ia acabar, Meu Senhor, por receio de  
Vos incomodar mais tempo, mas amo-  
Vos e eu venero-vos demasiado para vos ocultar

algumas considerações que decorrem dos princípios acima mencionados.

É uso comum logo que um Fidalgo Russo entre na idade de exercer qualquer cargo, no exército, nos guardas ou na corte, deixa o seu preceptor ou governador. Quando se sente sem entraves & sem constrangimento, se não tiver a alma bem arrumada & o espírito bem instruído, lança-se nos vícios para preencher o vazio que ele tinha durante a sua educação. Temos tantos exemplos desta maneira de agir, que seríamos facilmente convencidos desta verdade.

Os Romanos não terminavam nunca a sua educação; ele se instruíam tanto antes de estarem empregados que durante os cargos de General, de Comandantes dos exércitos, e mesmo quando eles se tornavam Imperadores. Cipião Africano teve por mestre, por amigo e confidente, Políbio, o mais excelente de todos os Historiadores que nos restam da Antiguidade. O grande Pompeu, que comandou as Legiões Romanas à idade de vinte e três anos, conservou sempre junto

a Ele, nas suas expedições, Dionísio de Halicarnasso; Trajano, que tão consideravelmente engrandeceu o trono, teve Plutarco por Mestre, por amigo & por confidente. Não terminaria se quisesse procurar exemplos semelhantes. Mas esta moda não existe mais: gosta-se mais de ter um casa um excelente músico ou dois, um Negro de Angola e outras raridades parecidas de elevado custo, do que procurar um homem

sábio, experimentado, que tenha servido nos exércitos, ou nas Embaixadas, ou junto aos Tribunais, com a probidade digna do saber, com a flexibilidade de um homem que conhece o mundo.

Seria de desejar que esta moda de ter sempre um homem dotado destas qualidades que permanecesse sempre na

casa do Jovem Fidalgo, logo que estivesse empregado, ou quando mudasse de Ocupação. Este homem ficaria na qualidade de amigo; seria útil pelo seu exemplo de mil maneiras, na prosperidade & na adversidade.

Cortando do estado da despesa doméstica qualquer artigo supérfluo e de luxo, ele se substituiria por um amigo per-filhado, dotado das qualidades que acabo de especificar.

Lendo a história da ruína &

da destruição dos Reinos & das Repúblicas, nunca se atri-

84v

bui a causa à falta de dinheiro ou de coisas necessárias à vida, e menos ainda à falta dum exército: a raridade de Grandes homens foi a causa; quando falta a inteligência, a diligência, o Conselho e a providência, qualidades que só, com a força, conservam os Impérios.

O segundo defeito, e reprovada pelos mais bem instruídos da conduta dos homens em sociedade, é que os Jovens Fidalgos viajam por toda a Europa sem o mínimo conhecimento do seu próprio país; & esta é a única razão do pouco proveito que eles tiram destas viagens. Como não têm o espírito enriquecido com as leis da sua pátria, nem com os conhecimentos da sua agricultura, do comércio, das fábricas, das minas, das pescas, quando

nas Suas viagens eles encontram estas coisa, eles não podem julgá-las, pois lhes falta o termo de comparação. Então tudo lhes parece maravilhoso, onde eles não são atingidos pelo conhecimento, nem o uso, nem a utilidade.

Um Jovem Fidalgo deveria ir todos os anos ver uma Província da Rússia, acompanhado, ou do seu Amigo, ou de qualquer homem bem instruído que Lhe pudesse insinuar as observações que ele faria sobre os produtos da natureza &

## 85

da arte, da maneira de viverem os habitantes, dos seus usos e dos seus costumes. Aí se observariam a agricultura dos cereais, do cânhamo, dos linhos, as diferentes espécies de rebanhos, o seu número, força; as fábricas de tecido, de couros, de panos de lã, as pescas, as Minas; aí se poderia habitar em diferentes cantões,

nas casas dos camponeses, observar a sua alimentação, os seus usos, costumes, nas bodas nos enterros;

conhecer as rotas, os rios navegáveis, os

Lagos, as florestas; observar nas cidades o comércio, as artes as fábricas & a saída dessas fábricas &.

Estes conhecimentos do interior deste vasto Império entram na sua economia interna & Política. O conhecimento Lhe será útil durante toda a vida, empregado à corte, ao Exército, ou ao Senado, e principalmente nas Cortes Estrangeiras; com tais conhecimentos, se então ele viajasse pela Europa, a utilidade que se tiraria das viagens seria completa. Como estes detalhes são tão fáceis de compreender, não me detenho neles mais

tempo.

Quando comecei esta carta, eu

**85v**

não pensei em falar nela da Religião; Mas tendo refletido na grande voga dos livros de Senhor Voltaire, de Senhor Rousseau de Genebra & de um milhar de brochuras que tentam destruir a Religião & dela fazer perder o respeito, pensei que seria útil a um Jovem Fidalgo Russo ser instruído sobre a Necessidade e falta indispensável que cada Reino, cada República têm da Religião que consiste na crença em um Deus, Autor de todo o bem, e de todas as verdades reveladas para o bem dos homens em sociedade.

Mostrar-lhe-ei que um Estado não poderá nunca subsistir sem Religião: & que se quiser tirar esta do coração dos súbditos, que este Estado cairá em pó, & será reduzido a nada.

Um Estado não pode subsistir sem a santidade do juramento: vejamos o que é o juramento!

Um homem que presta juramento, ou nas mãos do Magistrado, ou ao seu Soberano, promete, compromete-se a fazer, cumprir inviolavelmente tal e tal coisa que lhe seja exequível; e como sinal da verdade

**86**

e que ele será fiel, Invoca Deus, como testemunho

da sua promessa.

Quando um Senador, um Marechal, prestam juramento de fidelidade a s[ua] Majestade] F[idelíssima] que Lhe serão fiéis, eles invocam Deus Todo Poderoso por testemunha do Seu compromisso. Por este juramento, o Senador exerce o seu cargo sem prevaricação, por este juramento o Marechal expõe a sua vida a mil tipos de perigos.

Se suprimirdes a crença em Ser Todo Poderoso Vós destruíis todos os laços que ligam os súbditos ao Soberano: Vós destruíis todos os contratos, todos os Exércitos, que são a defesa da vida, dos bens, e de todo o sossego em Sociedade.

Não me louvem a Honra, e que ela basta para produzir na sociedade tudo que opera a Religião. É querer enganar-se julgar assim os homens . A Força da Honra não vai mais longe que enquanto houver testemunha das acções. O Incrédulo, logo que possa trair o seu juramento simulado, fá-lo-á sem remorso, tão cedo quanto estiver seguro

**86v**

de que a sua infidelidade não será conhecida por ninguém. Os que fazem os Missionários da Irreligião não poderão garantir que, sem o Juramento, um Estado poderá subsistir. Se eles concordam no Juramento como um acto necessário para o conservar, concordam necessariamente com um Ser supremo como testemunha & garante do contrato entre o súbdito & o soberano.

Desejaria que o Jovem Fidalgo estivesse persuadido

deste princípio incontestável da Religião e do Estado Civil: e que ele desse algum tempo para reflectir sobre o alcance deste princípio. Se estiver convencido disto, e pela leitura também, ele terá aversão por estes discursos libertinos & escandalosos contra o Evangelho, contra os Mistérios da Religião, sabendo bem que estes discursos não só são ímpios, mas que eles são contrários à lei do país em que nasceu, lei que ele deve observar pelo juramento tácito que fez logo que atingiu a idade da razão.

A Lei de observar & crer na Religião cristã na Rússia, deve ser observada pelos súbditos que a abraçaram, como a lei contra a morte: aquele que mata é tão culpado por lei civil, com o que blasfema; E por juramento de fidelidade ao Soberano,

87

tornou-se duplamente culpável.

Eis, parece-me, o que os Missionários da Irreligião não tiveram cuidado; se tivessem pensado seriamente nas consequências que decorrem das suas asserções, umas vezes metafísicas, outras vezes providas da ignorância, estou persuadido de que seriam mais reservados em adoptar alguns princípios tão contrários à sociedade onde eles vivem & onde eles nasceram.

Estou persuadido do que acabo de asseverar: estou persuadido do que todo o homem racional sem preconceitos enraizados, será da minha opinião. Mas por infelicidade do Espirito humano, ele não pode ficar num meio e em equilíbrio: Plínio Grande, que conhe-



cia tão bem o homem, deplora esta qualidade do nosso espírito, que quando está à vontade, que ele aumenta tão rapidamente os objectos, ou que ele os torna mais pequenos, e como em miniatura. É o que aconteceu a todos os homens quando eles estão familiarizados com as pesquisas da Religião, ou se tornaram supersticiosos, ou se tornaram Incrédulos. É indubitável entre o povo da Rússia, que a superstição excede a esfera da Religião, ou, para falar mais claramente: entre o povo, no lugar da verdadeira Religião, a superstição tomou o seu lugar: a ignorância é o lote

87v

do povo; instrui-lo dos seus deveres é coisa impossível, & pela mesma razão pretender que ele não seja supersticioso, é pretender torná-lo esclarecido.

A superstição, enquanto não é prejudicial à verdadeira Religião, enquanto ela não destrui as obrigações às quais a Lei natural obriga, há que tolerá-la & deixá-la assim.

Mas quando se torna perniciosa à sociedade, há que combatê-la e abandoná-la.

Acho, Meu Senhor, que ides ficar surpreendido por eu avançar tanto no capítulo da Religião, enquanto não pensardes que os velhos Diabo terminam sempre eremitas: Mas vós vereis logo que a Missão não é meu desígnio. Deus, este Ser Infinito que nunca podemos conceber senão pelas suas adoráveis bondades para connosco, é a Causa

de todo o bem que conhecemos: o mal que experimentamos entre nós provém de nós. O Sol é indubitavelmente a origem da Luz; esta encontra a terra e deste encontro a sombra se produz; o mal moral de que nós nos queixamos, deve ser

88

concebido como a sombra ou a noite, de que a terra é a causa.

Deus plantou na alma humana o desejo da sua conservação, & o poder de produzir um semelhante a si. A inteligência, a habilidade, as forças, a providência, de que Ele dotou o homem, foi para conservar a sua vida e prolongá-la na posteridade. E eis A Lei Natural, pela qual temos o direito de nos conservar e de afastar tudo que nos for contrário.

A Religião Revelada é um bem duma natureza superior; é para tornar o homem mais feliz e mais contente em si próprio pela esperança, e para comunicar, ajudar e amar os seus semelhantes; esta Segunda Lei é a confirmação da Lei Natural e um acréscimo à nossa conservação e ao nosso bem-estar.

Assim, nem a Religião Natural, nem a Religião Revelada existem para destruir o nosso corpo, nem para impedir os nossos deveres, que tendem à nossa conservação: Se estas duas Religiões servissem para nos destruir, para nos atormentar, elas não poderiam provir de Deus, Autor

de todo o bem.

## 88v

O jejum, a abstinência, as orações nas casas dos Senhores cantadas por várias horas depois da manhã cedo, e por vezes à tarde, são um excesso de dever.

Este excesso é prejudicial à conservação do corpo, ao vigor que é preciso ter para o trabalho tão rude na Rússia durante o Inverno ao ar livre. Estas longas orações cantadas durante várias horas impedem os que têm deveres de os cumprirem.

Eis o caso em que estes excessos não devem ser tolerados, nem seguidos.

O Jejum, com moderação que a sã Religião ordena, deve ser observada, como Lei recebida na— Religião e no Estado Civil: comer com abstinência; O corpo robusto, são e exercitado, pode fazer a sua nutrição sem se destruir. O Estado Civil, desta forma, aumenta prodigiosamente a alimentação a baixo preço para os seus súbditos. Mas prolongar o jejum até três dias a estender a abstinência ao pão, à água & aos cogumelos, isto tornar-se-á prejudicial à conservação do corpo, aos deveres, & às obrigações que se contratam na sociedade.

## 89

Eis a minha missão quase no fim. Como propus

acima que o Jovem Fidalgo deve se levantar durante toda a sua vida às seis horas da manhã, como então eu propus que imediatamente depois começaria a sua instrução com o preceptor do Livro de Receita e Despesas, ou com o seu Engenheiro; ou com o seu outro Mestre de Moral, História, Direito Natural e Civil, conhecendo o uso & a devoção (às vezes reprovável) das casas dos Senhores Russos, tive receio que o Fidalgo, ou por superstição ou por preguiça, frequentasse mais a capela para cantar do que para fazer os exercícios recomendados acima, e esta foi a única causa, Senhor, que obrigou um velho Médico a falar da Religião.

Se fosse este o lugar, mostraria evidentemente pela história que todas as superstições e excessos fanáticos com os quais a sã Religião é obscurecida, provêm dos claustros dos Monges do Oriente. Logo que estes bons Padres se estabeleceram junto aos Monarcas educados por esses Monges ignorantes, eles expandiram mais as suas quimeras do que a verdadeira religião, que eles não conheciam. Então, com o poder que os Patriarcas usurparam, todos os súbditos destas Monarquias se tornaram tão supersticiosos e tão arrebatados como os Monges. Mas basta por agora.

89v

Sei que faltam aqui algumas tiradas de preceitos para impedir o Jovem Fidalgo de cair nas intrigas & nas desordens do amor. Sei que é costume recebido dos Autores da Educação. Mas como eu não tenho a menos pretensão de entrar no seu catálogo, não direi nada sobre isto.

Direi somente que a matéria do amor é um mistério e que agindo sabiamente, não se deve nunca escrever sobre mistérios nem deles falar; & que se for absolutamente necessário que este assunto seja tocado, se deve comunicá-la somente ao ouvido, como a doutrina oral de Pitágoras, ou dos Antigos Druidas.

Eis, Meu Senhor, tudo o que pude meditar para cumprir as vossas ordens. Bem sei que vós já fizestes mais para a educação dos Senhores os vossos queridos Filhos, do que acabo de propor. Se tive a felicidade de ter ido acima ao encontro dos vossos pensamentos, eu sinto-me recompensado para além dos meus desejos. Eu gosto tanto da Rússia quanto eu lhe devo & eu lhe devo tudo que tenho, tudo que possuo e tudo que

90

sou. Eu considero que os Fidalgos Russos vos imitarão no futuro na educação dos seus Filhos; é impossível que não sejais imitado. O lugar, o estado e a situação tão elevados e tão distintos que tão dignamente possuis, fazer amar-vos e respeitar-vos; a felicidade de uma numerosa e simpática família com a qual o Todo Poderoso vos abençoou, tudo isto contribuirá à felicidade da Rússia e para a vossa glória por serdes o Primeiro dos seus Fidalgos que introduziu uma educação que será o mais sólido apoio deste formidável Império. Uma vida & uma saúde assim tão caras a todos os que fazeis agora & que fareis no futuro feliz, é digno de que aqueles que amam a felicidade do género humano, a paz, e a

estabilidade dos Impérios, e a felicidade das famílias  
façam sinceros votos & os mais ardentes, para a vossa con-  
servação e felicidade, votos aos quais junto os meus do fundo  
da minha alma  
e com o mais profundo respeito & com o mais vivo reco-  
nhecimento,

Meu Senhor

de V. Excelência

muito humilde, muito obediente e  
muito obrigado servidor

Paris 6 de Novembro de 1766

\* \* \*

(Página deixada propositadamente em branco)

**AS PALAVRAS RUSSAS NO MANUSCRITO DE  
RIBEIRO SANCHES (1766)**



(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO.

Segue-se a relação das palavras russas que se encontram no manuscrito em letra cirílica cursiva, de acordo com o texto original, com as formas escritas por Ribeiro Sanches apresentadas em imagens digitalizadas.

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.

Tabela 1. As palavras russas no manuscrito de Ribeiro Sanches (1766).

A presente secção trata, em primeiro lugar, das características gráficas e alguns aspectos filológicos das palavras russas incluídas no texto do manuscrito.

Depois, faz-se uma revisão das leituras e das interpretações das mesmas palavras do referido manuscrito segundo a versão de Machado (2001).

## 1. Aspectos gráficos e filológicos das palavras russas do manuscrito.

### 1.1. Leitura das palavras russas do manuscrito.

Segue-se a relação das palavras russas do manuscrito, em letra cirílica, escritas à mão, de acordo com o texto original (sendo as formas escritas apresentadas em imagens digitalizadas, na seguinte tabela), com a indicação do lugar no manuscrito e as respectivas leituras impressas. Além das palavras russas escritas em letra cirílica, estão também incluídas no manuscrito duas formas em romana, *Vaivode*<sup>1</sup> e *Oulogenie* (adaptadas ao francês, folha 66f, linha 18 [vayvod] e folha 69f, linha 19 [ulaženi]), e a forma francesa de указы, *oukazi*.

(a) Forma no manuscrito	(b) lugar no manuscrito	(c) Leitura
1.	folha 66v, linha 7	учители
2.	folha 66v, linha 12	учители
3.	folha 67f, linhas 4-5	учители

4.		folha 68v, linha 12	палубы
5.		folha 69v, linha 13	указы
6.		folha 70v, linha 21	учител
7.		folha 71v, linha 15	учитель
8.		folha 81v, linha 11	учители
9.		folha 83f, linha 3	поле [б]оиа <sup>2</sup>

Tabela 2. As palavras russas no manuscrito de Ribeiro Sanches (1766), (a) escritas segundo a grafia do Autor, com indicação (b) do respectivo lugar no manuscrito e (c) da leitura apresentada em letra de forma.<sup>3</sup>

Incluem-se na Tabela 2 as leituras correctas das formas cursivas das palavras russas do manuscrito. Várias das leituras apresentadas no presente estudo diferem das que se encontram no trabalho publicado anteriormente por Machado (2001), onde se encontram falhas na leitura de oito das nove representações no referido manuscrito, de palavras russas apresentadas em letra cursiva (veja-se a secção 2 *infra*).

### 1.2. Comentários gráficos.



Quanto à representação das palavras russas no manuscrito de Ribeiro Sanches, nota-se que as formas escritas correspondem a práticas gráficas russas da época.

Algumas das variantes gráficas presentes na escrita de Ribeiro Sanches apresentam propriedades que se explicam pela evolução a


partir do antigo eslavónico eclesiástico, sendo que algumas destas formas ainda se encontram em uso nos tempos modernos. Por serem amplamente difundidas as referidas letras em usos contemporâneos da escrita em certos contextos (exemplificados no Apêndice do presente estudo), tais divergências em confronto com outras formas gráficas, mais comuns na representação moderna, não constituem dificuldades de leitura.

### **1.2.1. Relações com práticas gráficas evoluídas a partir do antigo eslavónico eclesiástico.**

Evoluíram a partir do antigo eslavónico eclesiástico as variantes gráficas das letras «y» e «k» que se encontram em escrita cursiva no manuscrito, assim com uma diferença na representação do ditongo crescente [ja].

Os casos representativos das práticas gráficas do eslavo eclesiástico<sup>4</sup> são: a letra russa y [u] em forma cursiva, , que ocorre em várias das palavras russas do manuscrito, e a letra «k» [k], que ocorre só na palavra указы, , com a forma cursiva de dois traços oblíquos paralelos (cf. Иеромонах 1991: 18, Изотов 2001: 18, Щепкин 1999: 154, Siilin 2001: 73-75, Толковая Псалтирь 1998: 588 e *passim*).

#### **1.2.1.1. Origem e uso da forma cursiva .**

A letra cirílica «y» (na referida forma cursiva, ) encontra-se nas várias ocorrências da palavra учитель, no singular (números 6 e 7 da Tabela 1) e no plural (1, 2, 3 e 8 da Tabela 1), e nas palavras палубы e указы (números 4 e 5 da Tabela 1), sempre com a mesma forma básica na escrita cursiva do manuscrito, embora com variantes de

maior ou menor grau de abertura da parte superior. (No apêndice do presente trabalho são apresentados alguns exemplos da forma cursiva da letra y [u], *ѣ*, em diferentes tipos de texto).

Na antiga língua eslavônica, as letras *Ѡ* «ius grande» (em russo, юс большой) e *ѣ*, «uk» (em russo, ук) representavam sons distintos: «ius grande» representava a vogal «o» nasal, [õ] (como o som representado por *-on* no francês *coton*), enquanto «uk» representava o som [u]. A letra «uk» escrevia-se de duas formas diferentes, como «a ligatura» (em russo, лигатура), que constitui o dígrafo «oy», e como «uk», *ѣ*.

Na formação da língua russa, o som [õ] passou a [u], o som que já era representado pela letra «uk». Assim, começou a existirem duas formas diferentes de representar o mesmo som: por isso, havia, com frequência, confusão na representação gráfica de palavras que se escreviam com «ius grande» na língua antiga, que passaram a ocorrer com oy ou com *ѣ*: por exemplo, *ДОУБЪ*, доубъ, com «ligatura», ou com «uk», *ДУБЪ* (no russo moderno: дуб, «carvalho»).

Em face desta confusão na representação gráfica, foi decidido não empregar o «ius grande» em geral: em vez da letra «ius grande» do antigo eslavônico eclesiástico, passou-se a representar o som [u] pelo dígrafo «oy» («ligatura») no início da palavra (por exemplo, оуста, оутро) e empregar a forma «uk», *ѣ*, só no meio e no fim das palavras, independentemente do som representado na língua antiga. Com o decorrer do tempo, foi ampliado o emprego de «uk», *ѣ*, que passou a ser usado também no início da palavra, como se observa na representação cursiva das palavras учитель e указы no manuscrito de Ribeiro Sanches. Na língua russa moderna, é geral o uso da letra y (< oy, *ѣ*), em todos os contextos. Nota-se, porém, que é bastante difundido o emprego contemporâneo da variante *ѣ*, especialmente em textos religiosos (tais como a Bíblia e os Psaltérios), nos lápides de túmulos ortodoxos, em calendários ortodoxos e, ocasionalmente, em textos laicos (vejam-se os exemplos no Apêndice).

### 1.2.1.2. Origem e uso da letra я.

Embora Ribeiro Sanches não empregue a letra я no manuscrito, torna-se relevante considerar a origem e o uso desta letra pelo facto de que uma das palavras russas do manuscrito, боиа, que se regista nos dicionários modernos com a grafia бой , tem a forma боя no genitivo singular, em vez de боиа, a representação gráfica usada por Ribeiro Sanches no manuscrito de 1766.

Na antiga língua eslavónica eclesiástica, as letras Ѧ «ius pequeno» (em russo, юс мальй) e Ѧ «az iotado» (em russo, аз йотированный) correspondiam a dois sons distintos: «ius pequeno» representava o «e» nasal, [ĕ] (o som representado por *-in* na palavra francesa *fin*), enquanto o «az iotado» representava (a) o som «a» [a] depois de consoantes «brandas» (isto é, palatalizadas) e (b) o dígrafo «ia» (isto é, o ditongo crescente [i̯a]) em outros contextos. Assim, a letra «az iotado» do antigo eslavónico eclesiástico tinha, em alguns contextos, o mesmo valor (em termos do som que representava) que a letra я no russo moderno.

Na história da língua russa, o som de «e» nasal, [ĕ], passou a pronunciar-se como [a] depois das consoantes «brandas», no contexto em que o dígrafo «ia» era já usado para representar o mesmo som. Por este motivo, começou a haver confusão nos usos do «az iotado» e do «ius pequeno» na representação do som [a]. Perante tal confusão, foi decidido empregar, na representação do [a] no eslavónico eclesiástico, o dígrafo «ia» no início das palavras, e o «ius pequeno» no meio e no fim, independentemente dos usos anteriores das letras «ius pequeno» e «az iotado» no antigo eslavónica eclesiástico. Posteriormente, houve novamente uma alteração no uso de alguns dos sinais gráficos, já na própria língua russa.

Pelo exposto (nas secções 1.2.1.1 e 1.2.1.2 *supra*), torna-se claro que as formas das letras modernas «y» e «я» do russo, especialmente na escrita cursiva, tiveram origens em factores semelhantes

na história da língua, a partir do antigo eslavónico eclesiástico (veja-se Щепкин 1999: 154, tabela 59, onde se indicam as formas correspondentes de várias letras russas durante os séculos XV-XVII; compare-se Толковая Псалтирь 1998: 588, onde se indicam algumas das formas gráficas do eslavónico eclesiástico e as respectivas correspondências no russo moderno comum).

Nota-se, tanto na evolução que resultou na letra moderna «y» como na que deu origem à letra moderna «я», que o estímulo inicial da mudança na representação gráfica foi a confusão no uso de sinais gráficos devida a um câmbio fonético. Trata-se de um processo relativamente comum na história das línguas. Por exemplo, o uso do dígrafo *ou* em francês para representar a vogal [u] teve sua origem na passagem da vogal [u] a [y] (ou [ü], uma vogal anterior, com os lábios arredondados); foi iniciado posteriormente, para evitar a confusão resultante do uso de uma mesma grafia para a representação de [ü] e de [u], o emprego do dígrafo *ou* para representar [u], provindo novamente, por sua vez, de uma mudança de [o], durante o período do antigo francês (Haudricourt & Juilland 1970; cf. Trager 1974). Assim, o uso de *ou* em francês e o uso de *y* (< *oy*, *ŷ*) em russo tiveram início em mudanças fonéticas que resultariam em confusões na representação gráfica empregada anteriormente. Efectivamente, tanto o dígrafo *ou* como *ŷ* (o sinal que tem o nome «yк» em russo) são formados pela combinação de duas letras: *o* e *u* em disposição horizontal em francês, mas em disposição vertical na escrita cursiva russa típica do século XVIII e ainda conservada em certos contextos modernos (exemplificados no Apêndice do presente estudo).

Por outro lado, não é de estranhar o uso de diferentes variantes gráficas conforme o contexto, por ser também algo relativamente comum nas diferentes línguas. Outro exemplo de variantes na escrita cursiva, encontra-se no russo moderno, em que a letra «т» é representada por  $\bar{\tau}$  (com um traço sobreposto) ou por  $\tau$  (sem traço). Seguem-se alguns exemplos de outros idiomas.



A letra «sigma» do grego apresenta diferentes formas (isto é, variantes contextuais) de acordo com a posição na palavra: Σ no início, Σ no meio, Σ no fim. Na escrita cursiva do árabe, a letra «kāf» tem a forma ك no início da palavra, mas ك no fim. Na mesma língua, há várias outras letras com formas diferentes segundo a posição dentro da palavra.

Na escrita das línguas com o alfabeto romano, é comum usar a letra maiúscula no início da oração e dos nomes próprios. Em geral, no alfabeto romano há diferenças entre as formas das letras maiúsculas e as das minúsculas, quer de impressas, quer cursivas.

Em algumas línguas, factores da categoria gramatical determinam o uso das letras maiúsculas. Por exemplo, os substantivos em alemão começam por letras maiúsculos.

Em russo, escreve-se com letra maiúscula inicial o pronome pessoal Вы quando empregada como forma de respeito, quer no singular, quer no plural, em contraste com o uso comum no plural (sem indicar respeito), com letra minúscula inicial, вы. De modo semelhante, em italiano o pronome «Lei», quando empregado como forma de respeito para a segunda pessoa (singular), começa com letra maiúscula, em contraste com as outras formas pronominais. Em Alemão, o pronome «Sie», quando empregado como forma de respeito para a segunda pessoa, começa com letra maiúscula, em contraste com o uso do mesmo pronome para a terceira pessoa.

### **1.2.1.3. Origem e uso da forma // como representação da letra «K».**

A origem de dois traços, com uma forma mais ou menos semelhante a //, como representação da letra «K» na escrita cursiva, parece ser o resultado da própria natureza das práticas cursivas, que tendem a reduzir as formas gráficas pela eliminação, ou pela redução, de traços redundantes ou desnecessários. No antigo eslavónico eclesiástico, era comum uma forma da letra «K» com o traço do

lado direito praticamente paralelo ao traço do lado esquerdo, com a exceção de um pequeno desvio no meio do traço direito para a esquerda (Щепкин 1999: 56, tabela 5, Толковая Псалтирь 1998: folha de rosto); veja-se o anexo do presente estudo (exemplos 5 a 7).

É sintomático e expressivo o termo russo que corresponde ao conceito de «escrita cursiva»: скоропись, literalmente «escrita rápida». É típica da «escrita rápida» a prática de evitar movimentos desnecessários na simplificação dos traços das letras. Assim, uma simplificação da antiga forma da letra «к» consistiu na eliminação do desvio do traço do lado direito, de maneira que os dois traços passassem a ter a forma de duas linhas paralelas.

A representação da letra russa «к» por dois «traços oblíquos» (linhas paralelas oblíquas, mas quase verticais) é comum na prática cursiva russa: tais traços não são marcas para assinalar a omissão de letras (ao contrário da interpretação de Machado *op. cit.*, nota 15, p. 226): antes, representam a própria letra «к» na grafia *8//а3к*.

O uso da mesma representação na escrita cursiva está exemplificado num texto autógrafo de M. B. Lomonosov (trecho reproduzido de Белявский 1986: 17) em que a letra «к» da palavra «руку» está indicada por dois traços oblíquos. (Veja-se o Anexo do presente estudo). O referido autógrafo é do mesmo século que o manuscrito de Ribeiro Sanches; a representação da letra «к» por dois traços oblíquos ocorre em ambos os textos; cf. folha 69v., manuscrito de Ribeiro Sanches, onde se encontra a grafia cursiva da palavra указы, *8//а3к*, com a letra «к» representada por dois traços, de forma semelhante a //.

### 1.2.2. A modificação de uma letra do manuscrito.

O exame cuidadoso da representação do termo Поле боиа, [polie boia], tal como representado em letra cursiva no manuscrito,

resulta em dúvidas quanto à possível modificação da representação da letra inicial da segunda palavra (veja-se a nota 2, *infra*). Aparentemente, a forma inicial da representação escrita correspondia a б [b], enquanto uma modificação posterior resultou na conversão gráfica em в [v].

Não é possível, sem outros elementos, determinar quem tenha alterado a forma cursiva inicial (o Autor ou outra pessoa), nem quando esta alteração possa ter ocorrido (em 1766 ou depois). No entanto, é muito plausível que, na elaboração do manuscrito, Ribeiro Sanches, tenha representado a palavra com a primeira letra de forma certa: é comum o termo, Ribeiro Sanches tinha um bom conhecimento da língua russa, e há poucos erros, ou lapsos, na escrita cursiva do manuscrito; portanto, não é provável que o Autor tenha errado na representação da respectiva palavra.

É possível, porém, que a modificação da letra no manuscrito tenha sido introduzida por (a) uma associação com palavras com вои- do mesmo campo semântico ou (b) uma confusão entre a letra cirílica в [v] e a letra romana B [b], ou mesmo entre a letra russa e a letra grega β [b].<sup>5</sup> Além disto, convém notar que no grego antigo a letra β representava uma consoante oclusiva bilabial vozeada, [b] (tal como a letra б no russo), enquanto no grego moderno a mesma letra β representa uma consoante fricativa labio-dental vozeada, [v] (como a letra в no russo).

A expressão que significa «campo de batalha», comumente registada nos dicionários, é поле боиа (forma escrita anterior) ou поле боя (forma escrita actual). No entanto, verifica-se que há algumas palavras iniciadas por вои- com semelhança de significado com as palavras com o radical би-, бой-: воин, «guerreiro», воинский, «militar, guerreiro», воинственно, «belicosamente». É possível que a modificação da letra no manuscrito tenha sido introduzida por causa de uma associação com palavras com вои- do mesmo campo semântico.

### 1.2.3. Influência das formas das letras gregas.

No que se refere às formas cursivas empregadas no manuscrito para representar as palavras russas, é clara e correcta, de modo geral, a grafia de Ribeiro Sanches, de acordo com as práticas correntes na escrita da época.

Como erudito e estudioso, Ribeiro Sanches conhecia as línguas clássicas, inclusive o grego. Como se sabe, o alfabeto eslavo, na forma elaborado por Cirilo e Metódio no século IX,<sup>6</sup> baseia-se em grande parte no alfabeto do grego clássico, havendo bastantes semelhanças entre os dois sistemas de representação gráfica. Assim, não é de estranhar encontrar, no manuscrito aqui considerado, alguma influência do conhecimento do grego na forma cursiva de algumas letras cirílicas, nomeadamente das letras russas л п e.<sup>7</sup> No entanto, a comparação entre as formas cursivas das letras russas «л п e» as letras gregas correspondentes, «λ π ε», revela que as diferenças são de grau reduzido, de modo que a influência das formas gregas nas referidas letras cirílicas não afecta a facilidade da leitura das palavras russas do manuscrito.<sup>8</sup>

No que se refere à letra grega «ε» e à letra russa correspondente, verifica-se que Ribeiro Sanches emprega sempre na representação cursiva da vogal *e* nas palavras russas uma forma semelhante à vogal grega ε. Além disso, nota-se que num autógrafo de Lomonosov, do mesmo século que o manuscrito de Ribeiro Sanches, também se emprega, na representação cursiva da respectiva vogal, uma forma semelhante à letra grega ε (Белявский 1986: 17; veja-se o Apêndice do presente estudo, parágrafo 6). A semelhança entre as formas da referida letra em representação cursiva em textos da mesma época não pode ser uma mera coincidência ocasional, mas antes indica que a referida forma na representação desta letra, escrita à mão, era a prática cursiva comum na época (isto é, no século XVIII).

Embora seja plausível ter havido influência da língua grega na forma cursiva da letra e na grafia de Ribeiro Sanches, a resultar na forma  $\epsilon$ , o uso desta forma pode ter sido consequência da evolução da letra «ЯТЬ» do antigo eslavónico eclesiástico, que evoluiu para «Е» (ИЗОТОВ 2001: 19), sendo representada por «е» em forma impressa no russo contemporâneo. É de notar o uso da forma «Е» também no autógrafa de Lomonosov reproduzido em БЕЛЯВСКИЙ 1986: 17, da mesma época que o manuscrito de Ribeiro Sanches (século XVIII). No Apêndice do presente estudo (parágrafo 2), há um exemplo da letra «ЯТЬ», num cartaz de 1915. O uso de «ЯТЬ» foi oficialmente abolido em 1918.

Embora de grau reduzido, são claras as diferenças entre o russo п, л e o grego  $\pi$ ,  $\lambda$ . Quanto às diferenças entre as formas cursivas do russo п e do grego  $\pi$ , nota-se que, na letra grega «pi», o traço horizontal se coloca por cima dos dois traços verticais, estendendo-se um pouco para além de ambos, enquanto na escrita cursiva da letra russa correspondente, o traço horizontal se coloca justamente por cima dos dois traços verticais, sem se estender para nenhum dos lados, sendo a forma da letra a consequência de um movimento contínuo nos sentidos  $\uparrow \rightarrow \downarrow$ . Esta diferença significa que, nas formas cursivas, a letra grega exige três movimentos distintos, enquanto a forma russa correspondente se faz com um movimento único, contínuo (sendo, portanto, a letra russa escrita uma forma gráfica verdadeiramente «cursiva»).

Quanto às diferenças entre as duas letras o russo л e do grego  $\lambda$ , nota-se que a letra russa se faz com um traço contínuo, enquanto a letra grega correspondente se faz com dois traços, um maior (de cima para baixo), que define a altura da letra, outra lateral (de baixo para cima), que liga à anterior aproximadamente num ponto médio. Assim, a letra russa também se escreve (de modo gráfico semelhante à letra russa п), com um movimento cursivo.

### 1.3. Comentários filológicos.

Embora, de modo geral, as formas das palavras sejam corretas, encontram-se alguns lapsos, que não prejudicam a leitura das palavras, nem a compreensão do manuscrito. Seguem-se alguns comentários referentes às variantes no manuscrito.

#### 1.3.1. A palavra учитель [utchitel’], «mestre».

A palavra учитель, utchitel’, com o sentido de *mestre*, «pessoa que ministra conhecimentos», é empregada cinco vezes no manuscrito: quatro no plural (números 1, 2, 3 e 8 das Tabelas 1 a 3), duas no singular (números 6 e 7 das Tabelas 1 e 3).

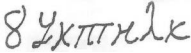
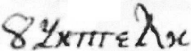

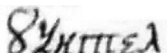
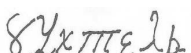
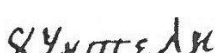
- |  |            |
|--|------------|
| 1.    | (plural)   |
| 2.    | (plural)   |
| 3.   | (plural)   |
| 6.  | (singular) |
| 7.  | (singular) |
| 8.  | (plural)   |

Tabela 3. As formas cursivas da palavra учитель, utchitel’, учителя, utchiteli, no manuscrito de Ribeiro Sanches (1766) (com a mesma numeração que se encontra nas Tabelas 1 e 2).

Observa-se que é sempre átona a vogal da última sílaba do radical desta palavra: -тель [-těl’] no singular, que termina graficamente

com «Ъ», o «sinal de brandura» (isto é, o sinal de palatalização) e – тели [těli] no plural (indicado pela flexão –и [i]), sendo, portanto, o núcleo da última sílaba do radical da palavra uma vogal simples [ě], de qualidade reduzida. Em quatro das ocorrências, Ribeiro Sanches representa a vogal da última sílaba da palavra com a vogal /e/ (forma escrita: ε) no referido contexto. No entanto, na primeira ocorrência (que está no plural), a representação da vogal (pós-tônica) na referida sílaba, da mesma palavra, é com и [i] (sendo [i] uma qualidade a que se aproxima foneticamente à vogal simples reduzida [ě]). Visto que todas as demais ocorrências incluem neste contexto a vogal «e» (forma escrita: ε), trata-se evidentemente de um lapso ocasional.

Por outro lado, as formas da palavra учитель, *utचितel'*, no singular deveriam terminar sempre com o «sinal de brandura», «Ъ», que indica a palatalização da lateral, sem haver flexão da categoria gramatical de nominativo, no número singular, dos substantivos masculinos. Nota-se, porém, a omissão da letra «Ъ» numa das representações desta palavra no manuscrito (o número 6), o que constitui outro lapso.

Quanto à constituição da palavra учитель, *utचितel'*, a é raiz уч-, que tem as variantes ук-, уч-, ык-, ыч-, вык- e выч-, e que ocorre em muitas formas derivadas, tais como наука «ciência», научный «científico», учение «aprendizagem, doutrina», учёный (adjectivo e substantivo) «científico, sábio», училище «colégio», учитель «professor, mestre», учительница «professora», учиться «aprender, estudar», неуч «ignorante», учить «ensinar, treinar», выучить «ensinar bem, aprender a fundo», доучить «completar a aprendizagem ou o ensino», заучить «memorizar, decorar», изучить «aprender bem, dominar», научить «ensinar (alguem a fazer algo)», обучить «treinar, instruir», отучить «mudar ou eliminar (um hábito)», переучить «ensinar novamente», поучить «ensinar um pouco», подучить «incitar», читать «ler», почитать «entreter-se com a leitura», читаться «ler-se», читка «leitura, recitação», учебник «livro de estudo», учёба «estudos», приучить «acostumar, treinar», проучить «ensinar uma boa lição, passar tempo a estudar»,

разучить «aprender (o papel de uma peça teatral)», обыкновение «hábito, costume», обычай «costume, tradição», отвыкнуть «deshabituarse, desacostumar-se», привычка «hábito», свыкнуться «tornar-se habituado», привычка, «hábito», навык «prática».<sup>9</sup>

Observa-se que a palavra учитель tem dois significados, em geral, do mesmo campo semântico, com sentidos próximos mas nitidamente distintos: um mais comum e geral, «professor», o outro mais elevado e especializado: «mestre, mentor, preceptor».

De acordo com as observações de Розенталь (2001: 213-214), existem palavras que são homónimos no singular, com duas flexões distintas no plural, que servem para indicar os diferentes sentidos: -ы (-и) ou -а (-я); assim, a diferença semântica é assinalada formalmente só pela diferença de flexão morfológica que ocorre no plural. A palavra учитель pertence a este grupo, vista que tem dois significados: o primeiro é «professor», especialmente de escola pública ou técnica; o segundo é «mestre, mentor, preceptor», de significado mais elevado. Assim, no singular, учитель tem dois significados próximos mas distintos, com só uma forma para ambos. No plural, há duas formas: учителя (proparoxítona), «mestres, mentores, preceptores», de sentido mais elevado, e учители (oxítona), que significa «professores», de sentido mais comum.

A referida distinção é representada no conto de Puchkine, «A filha do capitão» (2002), em que o Autor refere um учитель, com a palavra russa representada por uma transliteração em francês, empregando como sinónimo a palavra ментор («mentor»)<sup>10</sup>

As palavras constituídas a partir da raiz уч-, com as variantes быч-, ук- ou ык-, representam alternâncias comuns na variação entre os radicais de palavras derivadas da mesma raiz. Nas palavras acima indicadas como exemplificação de derivações, as diferenças que se observam na forma da raiz resultam efectivamente das diversas combinações das alternâncias entre as consoantes «к» e «ч» com as alternâncias entre as vogais «у» e «ы»: ук- e уч-, ык- e быч- (cf. Patrick 1992: 12-13).



A palavra básica учитель está historicamente relacionada com palavras de várias das línguas balto-eslavas. Entre as línguas eslavas, os exemplos incluem ucraniano *учити* «ensinar», bielorusso *учыць* «ensinar» e *навука* «ciência», russo antigo *учити* «ensinar», *укъ* «estudo», servo-croata *учити* «ensinar», esloveno *učiti* «ensinar», checo *učiti* «ensinar», eslovaco *učit'* «ensinar», polonês *uczyc* «ensinar». Entre as línguas bálticas, no antigo prussiano (idioma agora extinto), *iukint* «dominar» e lituano *jaukinti* «habituat». Os referidos exemplos lexicais representam apenas algumas das palavras relacionadas com o russo *учить* «ensinar» (na forma reflexiva, *учиться*, «estudar») e a respectiva raiz nas outras línguas balto-eslavas mencionadas, que não se limitam meramente ao verbo básico, visto que a mesma raiz histórica, do indo-europeu, está na origem de muitas outras palavras do mesmo campo semântico, como se verifica na língua russa.

Volkonsky e Poltoratzky (1961: 375-377) indicam numerosas palavras baseadas nas variantes da raiz russa (a qual provém da raiz original, do Indo-Europeu): *ук-*, *уч-*, *ык-* (*вык-*), *ыч-* (*выч-*), todas com significados do campo semântico de «aprendizagem, ensino, sabedoria, erudição» e noções afins.

Há um número apreciável de palavras derivadas a partir de *учить*, verbo com que se pode formar com substantivos nos casos acusativo e dativo e com infinitivos. As palavras derivadas a partir de *учить* incluem verbos com os radicais formados pelo emprego dos prefixos *вы-*, *до-*, *за-*, *из-*, *на-*, *от-*, *пере-*, *по-*, *под-*, *при-*, *про-*, *раз-*, e o sufixo *-ся*, para a voz passiva ou a reflexividade. É comum haver radicais diferentes para os aspectos perfeito e imperfeito.

Seguem-se alguns exemplos de verbos derivados a partir de *учить*, e de algumas palavras afins: *выучить* (aspecto perfeito) e *выучивать* (aspecto imperfeito) «ensinar, aprender de forma compreensiva», com as formas reflexivas *выучиться* (aspecto perfeito) e *выучиваться* (aspecto imperfeito) «aprender, ensinar-se a si próprio»; *доучить* (aspecto perfeito) e *доучивать* (aspecto imperfeito)

«completar a aprendizagem, o ensino», com as formas reflexivas доучиться (aspecto perfeito) e доучиваться (aspecto imperfeito) «completar a aprendizagem, terminar os estudos na escola», com o adjectivo недоученный «mal aprendido»; заучить (aspecto perfeito) e заучивать (aspecto imperfeito) «aprender por decorar, memorizar», com as formas reflexivas заучиться (aspecto perfeito) e заучиваться (aspecto imperfeito) «estudar em excesso, ser memorizado»; изучить (aspecto perfeito) e изучать (aspecto imperfeito) «estudar bem, conhecer a fundo, dominar uma matéria ou tema», com o substantivo afim изучение «estudo»; научить (aspecto perfeito) e научать (aspecto imperfeito) «ensinar alguém a fazer algo», com as formas reflexivas научиться (aspecto perfeito) e научаться (aspecto imperfeito) «aprender»; обучить (aspecto perfeito) e обучать (aspecto imperfeito) «ensinar, instruir, treinar, fazer praticar», com as formas reflexivas обучиться (aspecto perfeito) e обучаться (aspecto imperfeito) «ser ensinado, aprender»; отучить (aspecto perfeito) e отучать (aspecto imperfeito) «mudar um hábito», com as formas reflexivas отучиться (aspecto perfeito) e отучаться (aspecto imperfeito) «perder um hábito, ser treinado a perder um hábito»; переучить (aspecto perfeito) e переучивать (aspecto imperfeito) «ensinar de novo, aprender de novo», com as formas reflexivas переучиться (aspecto perfeito) e переучиваться (aspecto imperfeito) «aprender de novo, estudar demais»; поучить (aspecto perfeito) e поучать (aspecto imperfeito) com as formas reflexivas поучиться (aspecto perfeito) e поучаться (aspecto imperfeito) «aprender», com o substantivo поучени «lição, precepto, sermão» e o adjectivo поучительный «edificante»; подучить (aspecto perfeito) e подучать (aspecto imperfeito) «ensinar um pouco, incentivar» com as formas reflexivas подучиться (aspecto perfeito) e подучиваться (aspecto imperfeito) «aprender um pouco, receber algum ensino»; приучить (aspecto perfeito) e приучать (aspecto imperfeito) «habituar, acostumar, ensinar o hábito de», com as formas reflexivas приучиться (aspecto perfeito) e приучиваться

(aspecto imperfeito) «habituar-se a»; проучить (aspecto perfeito) e проучать (aspecto imperfeito) «ensinar uma boa lição, passar tempo a estudar, sem formas reflexivas; разучить (aspecto perfeito) e разучивать (aspecto imperfeito) «aprender, como papel de peça», com o substantivo разучивание «aprender, como papel de peça», e com as formas reflexivas разучиться (aspecto perfeito) e разучиваться (aspecto imperfeito) «esquecer algo aprendido».

Além das formas verbais e outras palavras acima referidas, há algumas outras derivadas da raiz russa: наука «ciência», научный (adjectivo) «científico», научно (advérbio) «cientificamente», научность «estado de ser científico», учёба (coloquial) «estudos», учебник «livro de texto», учебный «relacionado com o ensino, educativo», учение «aprendizagem, ensinaça», ученик e ученица «estudante, discípulo, aprendiz», ученический «pertencente a um estudante», ученичество «período de treinamento ou de aprendizado», учёный (substantivo e adjectivo) «cientista, científico», неуч «ignorante», учёность «erudição», училище «escola, instituição educativa», учитель «professor, mestre, preceptor», навык «hábito, prática», обыкновение «hábito, costume, maneira», обыкновенный (adjectivo) «costumeiro, comum, usual», обыкновенно (advérbio) «usualmente, habitualmente, via de regra», необыкновенный (adjectivo) «não comum, não usual, extraordinário»; обычай «costume», обычный (adjectivo) «habitual, usual, costumeiro», обычно (advérbio) «usualmente, de costume, habitual», необычайный (adjectivo) «não comum, raro, extraordinário», необычайно (advérbio) «excepcionalmente, especialmente», необычность «invulgaridade, singularidade»; отвыкнуть (aspecto perfeito), отвыкать (aspecto imperfeito) «perder o hábito, estar deshabitado, estar sem prática»; привыкнуть (aspecto perfeito), привыкать (aspecto imperfeito) «habituar-se, acostumar-se»; свыкнуться (aspecto perfeito), свыкаться (aspecto imperfeito) «acostumar-se, tornar-se habituado»; привычный (adjectivo) «extraordinário, extremo».

Embora extensa, não é exaustiva a relação de palavras formadas a partir da raiz russa, que se apresenta no presente estudo. No entanto, é suficiente para levantar a hipótese de que a raiz russa pertença ao domínio das palavras básicas e tradicionais do léxico. Tal hipótese encontra apoio em factos diacrónicos e sincrónicos: (1) é muito antiga a raiz russa, provinda do indo-europeu \*euk- «entender, habituar-se a», (2) por serem muito numerosas as palavras que nela se baseiam, a raiz russa é de comprovada vitalidade.

É digna de nota a presença da mesma raiz em palavras relacionadas com os antónimos «ensinar» e «aprender», sendo que esta relação se encontra em diversos idiomas balto-eslavos, além do russo (učit' «ensinar», učit'sja «aprender»): no antigo eslavónico eclesiástico (učiti «ensinar», učiti sę «aprender»), no polaco (uczyć «ensinar», uczyć sę «aprender»), no checo (učiti «ensinar», učiti se «aprender»), no eslovaco (učiti «ensinar», učiti se «aprender»), no servo-croata (uciti «ensinar», učiti «aprender»), no letão (mācīt «ensinar», mācīties «aprender»), no lituano (mokyti, mokinti «ensinar», mokintis, mokytis «aprender») (cf. Buck 1949: 1221-1224). Nota-se que, em várias das referidas línguas, a forma que significa «aprender» difere da palavra «ensinar» por ser a forma reflexiva desta.

Além dos reflexos da raiz IE \*euk- «entender, habituar-se a» do âmbito das línguas balto-eslavas acima indicados, Vasmer (1953, 1989: IV, 180), também indica reflexos da mesma raiz nalgumas línguas indo-europeias de outros ramos desta família de línguas: o antigo índico, *úcyati* «tem prazer, tem costume» e *ōkas* «prazer, satisfação», o arménio *usanim* (com o [k] palatalizado no contexto de [u], passando a [s]) «eu estudo, habituo-me», o gótico *biūhts* «habitual, usual» e o latim *uxor* «esposa». <sup>11</sup>

Junto com algumas palavras dos ramos referidos por Vasmer, Pokorny (2005: 347) refere, entre outros reflexos, o antigo irlandês *toucc-* «abranger, entender» e o grego *ἐκῆλος* «à vontade» (Homero, *Odisséia* 17.478), *εὔκηλος* «calmo, tranquilo, com satisfação».

São do âmbito das línguas indo-europeias, os três dicionários etimológicos acima referidos, Vasmer (1953), Pokorny (1958) e Watkins (2011). As informações referentes à raiz IE \*euk- «entender, habituar-se a» das referidas obras são apresentadas segundo a ordem cronológica das respectivas primeiras edições. É de notar, porém, que algumas das informações citadas destas obras foram identificadas antes por Ernout e Meillet (1939: 1143). Segundo Ernout e Meillet, a palavra latina *uxor* («esposa») resultou da combinação de \*uk- com -sor- (\*uk- + sor : *uxor* [uksor]), o mesmo elemento que se encontra em *soror*, que refere uma «pessoa feminina do grupo». Compare-se com o uso do arménio *us-*, na composição da forma verbal *usanim*, «eu aprendo».

Da palavra *uxor* (empregada por Virgílio e Cícero, entre outros autores), havia algumas formas derivadas desta palavra na língua latina, tais como a diminutiva *uxorcula*, empregada no sentido de «minha querida esposa» (*Mea uxorcula!* «Minha querida mulher!», Plauto), o adjectivo *uxoriosus*, referente ao «marido muito amigo da sua mulher» (Plauto), o substantivo *uxorium*, para indicar uma muleta que se impunha aos celibatários (referido pelo gramático Festus), o adjectivo *uxorius*, relativo à mulher casada (Cícero, Ovídio). Exemplos de usos comuns encontram-se em frases tais como *uxorem ducere* «tomar uma mulher em casamento» ao par de *uxorem adiungere* do mesmo significado (compare-se com *coniugare* «casar-se», com a mesma raiz, -iug-, também em *iugum* «jugo, canga»), *uxorem habere* «ser casado» literalmente «ter esposa» (Cícero), *uxore excidit* «o casamento falhou» (Terrêncio), *res uxoria* «casamento» (Séneca), «dote da mulher, contrato matrimonial» (Cícero), *uxoria forma* «beleza medíocre», como o marido deveria desejar à esposa, segundo os costumes romanos (Gellius). Havia o *uxorium*, um imposto exigido aos celibatados; *uxoria bibere* «tomar bebidas para conquistar o amor da esposa»; *uxorius amnis* «rio complacente», em referência ao Tíber, por causa do mito tradicional, registado pelo

historiador grego Diocles de Peparitus, posteriormente completado por Virgílio, referente a Rhea Sílvia, que, como consequência das suas relações sexuais com a divindade Marte, tornou-se mãe de Remus e Romulus. (Considera-se Romulus o fundador de Roma, enquanto há diversas lendas no tocante ao destino do irmão gêmeo, Remus).

Nas línguas românicas, o latim *uxor* passou a ser o termo genérico para designar a «esposa» no antigo espanhol e no antigo veneziano (*uxor*), no antigo francês (*oissour*) e no provençal (*oisor*), no romeno *însura* e no dálmato *urizare*, enquanto a forma *uxor* entrou como raiz de palavras derivadas, tais como, em português, *uxorcida*, *uxorcídio*, *uxório*. em espanhol, *uxorcida*, *uxorcidio*, e palavras afins em outras línguas.

Segundo Meyer-Lübke (*op.cit.*), no macedônio (idioma da província setentrional da Grécia) e no ístri-romeno (do baixo Danúbio) o verbo *însura* também significa «tomar como marido», havendo o verbo correspondente *urizare* no antigo dálmata (actualmente extinto, antes falado pelos habitantes da Dalmácia).

Em sumo, a raiz primitiva indo-europeia IE \*euk-, «habituar-se, entender, aprender» está representada em línguas de diversos ramos do indo-europeu (Watkins, Ernout-Meillet, Pokorny).<sup>12</sup>

Alguns dos reflexos da raiz IE \*euk- «habituar-se, acostumar-se», de acordo com a constituição e os respectivos significados (segundo Watkins, *op cit.*: 25b), incluem: a forma de grau zero \*uk- in **a**. a forma sufixada (feminina) \*uk-sor- no latim *uxor* «esposa» («aquela que se habitua ao novo domicílio», depois do casamento patrilocal): base das palavras inglesas *uxorial*, *uxorious*, *uxoricide*; **b**. a forma nasalizada \*u-n-k- no antigo irlandês *tuicim* «compreendo, habituo-me» (< *to-ucc*-...). [Pokorny *euk-* 347. ]

Segundo Pokorny (*op. cit.*, 347), os reflexos da raiz IE \*euk- em línguas de diversos ramos, com os seus respectivos significados, incluem: o antigo índico *ókas* «morada, habitação, domicílio», *úcyati* «habitou»; o sogdiano *ywčt* (*yōčat*) «ele aprende», *yywtčb* «habitou» (com

y secundário)...; arménio *usanim* (*k* palataliza depois de *u*) «estudar, aprender»; o grego ἐχρηλοσ (Píndaro ἐχᾶλοσ) ao lado de εὔχρηλοσ «em tranqüilidade não perturbada»;... antigo irlandês *to-uicc-* «to understand, perceber» (*cc = gg*) de *\*u-n-k-*; *ro-uicc do-uicc* from *\*inj-i-s-t* (to *enek-* ,...), gótico *bi-ūhts* (*\*unkto-*) «habitado»; lituano *jūnkstu*, *jūnkti* «habituar-se», *jaukūs* «habituar, acostumar», *jaukinti* «habituar, domesticar», *jūnktas* «habitua»; letão *jūkt* «tornar-se habituado», *jaukt*, *jaucēt* «acostumar-se», antigo prussiano *jaukint* «praticar», lituano *úkis* «granja», compare o antigo índico *ōkas* «lar», antigo eslavônico eclesiástico *učiti* «aprender» *ukъ* «ensino», *vyknoŭi* «habituar-se».

Roberts e Pastor (1994: 55) referem algumas das palavras que são apontadas por Watkins e Porkorny, sem mencionar nenhuma forma adicional.

O latim *uxor* serviu de base histórica para a formação do verbo latino *\*ūxōrāre*, dando origem à forma verbal romena *însura* «tomar como esposa» (evidentemente relacionada com o substantivo romeno *însura*), aromano (romeno de Macedónia) *nsor*, megleno-romeno (*a*) *nsor*, istro-romeno *ănsor*, havendo também no neapolitano *'nzorare* e formas afins em outros idiomas da Itália, tais como brindisi *nzurî*, campobasso *nzor*, e, cerignola. *nzûre*, bari *ndzerá*, neapolitano arpino *nzurá*, tarentino *nzurare*, abruzzese *nzurar*, calabrese *nzurare* (*nzuratu =* romeno *însurat* «casado»), alatri *m'assore* (Puşcariu 1905: 76, n.º. 874). De acordo com Puşcariu (*ibidem*): *însor* verbo do romeno, aroman *nsor*, meglano-romeno (*a*)*nsor*, istro-romeno *ănsor*, significam «casar(-se)», provindo do latim *\*UXORO, - ARE* (UXOROR ist bei Ps. Augustin, sermão 36 ad fratres in eremo, Migne 40, 1301): em diversos falares italianos, brindisi *nzurî*, campobasso *ndzore*, cerignola *nzûre*, bari *ndzerá*, neapolitano arpino *nzurá*, tarentino *nzurare*, abruzzo *nzurar*, calabria *nzurare* (*nzuratu =* romeno *însurat* «casado»), alatri *m'assore*. Em daco-romeno kann *însor* nur vom Manne gebrancht werden (unter den it. Formen kann ich diesen Gebrauch nur für Calabrere und Arpino belegen), em

aromeno, ou romeno da macedônia, e em istro-romeno, dagegen kann es sich auch auf die Frau beziehen (Weigand: *Die Aronumen* II, 190; Ib. I, 128). Im Megl. heisst «zum zweiten male heiraten» vom Manne: *prinsór* I vb. von der Frau: *primărit* I vb. – Über den Anlaut der ital. Formen vgl. Subak: *Zeitschr. rom. Phil.*, XXIV, 320.

Ainda há outras palavras do romeno provindas da raiz IE \*euk-, «habituar-se, entender, aprender», por intermédio do latim \*uxorare: o verbo *însura*, a. transitivo «casar», metaforicamente «deitar solas novas» e b. reflexivo «casar-se, arranjar uma mulher», com o sentido figurado de «concordar», o adjetivo *însurat* «casado», com a frase *de însurat* «casadoiro», o substantivo *însurat* «casamento», o substantivo *însurăţel* «recém-casado», o substantivo *însurătoare* «casamento»; por influência eslava (russa), as palavras *ucenie* «discípulo, aprendiz», *ucenici* «fazer aprendizagem, aprender», *ucenie* «aprendizagem».

### 1.3.2. A palavra палубы [palubɨ] (numero 4, Tabela 1), «carros».13

O radical луб- provém da raiz IE \*leup-, \*leub-, \*leubh- «descascar». As formas cognatas baseadas nesta raiz incluem, entre outras, as seguintes palavras: o antigo eslavo *lubŭ*, «casca» (de árvore), ucraniano луб, búlgaro луб, bielorrusso луб, servo-croata лѷб, checo *lub*, polonês *lub*, lituano *lúoba*, albanês *labë*, norueguês, *laup*, antigo islandês *laupr*, dinamarquês, *lób*, proto-germânico \**lauban*, gótico *laufs*, neerlandês *loof*, alemão *Laub*, inglês *leaf* (antigo inglês *lēaf*, inglês médio *leef*), irlandês *luibh*, latim *liber*, possivelmente *loba*, «folhelho de espiga de milho» (Plínio), «tipo de herva», além de formas em outros idiomas indicadas por Vasmer e pelos autores de outros dicionários etimológicos. Trata-se, evidentemente, de uma raiz bastante difundida entre diversos ramos da família indo-europeia.

De acordo com Watkins (*op. cit.*, 51a), as derivações, a partir da raiz IE \*leup-, \*leub-, \*leubh-, segundo variantes de forma e de



significado, incluem: **1.** o germânico \**laubaz*, com *lēaf* no antigo inglês, *leaf* «folha» no inglês moderno; **2.** o germânico \**laubja* «teto feito de casca de árvore»; reflexos com o significado de «abrigo» em: **a.** antigo francês *loge* «casa pequena» (>inglês médio *loge*>inglês moderno *lodge* «cabana, casa de campo ou de veraneio, chalé, casinha, habitação ou abrigo de uso temporário») **b.** latim medieval *lobium*, *lobia*, *laubia* «claustro monástico» (latim medieval *lobia* «claustro monástico»>inglês *lobby* «entrada» ou «sala de espera, perto da entrada de uma casa», «sala pública ao lado da câmara de assembleia de um órgão legislativo», «grupo de pessoas empenhado em influenciar os legisladores ou outros funcionários públicos em prol de determinada acção governamental», sendo que, a partir deste último sentido, há neologismos correspondentes em numerosos outros idiomas, como resultado de empréstimos do inglês, embora, nalgumas línguas, como no albânio, com o termo correspondente grup politik, haja expressões perifrásticas – simples traduções, em vez de empréstimos. Exemplos de empréstimos do termo inglês *lobby* ocorrem nas seguintes línguas, entre outras (de acordo com informações do site [www. translation.babylon.com](http://www.translation.babylon.com)): o italiano *lobby*, o francês *lobby*, o espanhol *lobby*, o romeno *lobby*, o catalão *lobby*, o português *lóbi*, o polaco *lobby*, o russo лобби, o mongólio лобби, o búlgaro лоби, o ucrânio лобі, o croato *lobi*, verbo, e *lobirati*; nota-se que nalgumas das línguas referidas, ocorre a forma do próprio inglês, como reconhecido empréstimo, nalguns casos também indicado pelo uso de aspas ou de letras itálicas; quando o empréstimo está integrado, de grau maior ou menor, na língua importadora, como no caso do russo e do português, por exemplo, o termo inicial pode servir de base para derivações de palavras afins, por vezes de diferentes categorias gramaticais (comparem-se, por exemplo, o português *lóbi*, *lobista*, *lobismo*, *lobístico* -- todos substantivos --. e o russo лобби, лоббизм, лоббисты, лоббирование, лоббировать -- quatro substantivos e um verbo); alemão moderno *laube*, «casa

de verão», antigo neerlandês *love*, «galeria de um teatro ou de uma igreja», antigo francês *loge*, «alojamento» 3. da mesma raiz, segundo alguns, o germânico \**luftuz* «céu», a. antigo nórdico *lopt* «ar, sótão, céu», inglês *loft* «sótão, galeria elevada», *aloft* «em suspenso, no ar, no alto», b. germânico \**luftjan*, «levantar no ar», no antigo nórdico *lypta* «levantar» (e no inglês *lift*, «levantar, elevador»).

Por sua vez, Pokorny (2005 [1957]: 690-691) apresenta os reflexos da raiz indo-europeu \**leup-*, \**leub-*, \**leubh-*, segundo a constituição da forma da variante de origem (com *b-*, com *bh-* ou com *p-*): com *b-*: antigo islandês *laupr* «cesto, trabalho feito de madeira», anglo-saxão *léap* «casto, casca», baixo alemão médio *lōp* «recipiente feito de madeira», *lōpen* «cesto», ..., com *bh-*: latim *liber* (\**luber*, \**lubbh-ro-s*) «entrecasca, livro», albanês *labë* (\**loubh-*) «casca, cortiça», antigo irlandês *luib*, irlandês moderno *luibh* «couve», antigo irlandês *lub-gort* «quintal», antigo gualês *luird* «quintais», gótico *lubja-leis* «conhecedor de veneno», antigo islandês *lǫf* «planta medicinal», anglo-saxão *lybb* «veneno, magia», *lyfesn* «magia, fascinação», antigo saxão *léaf*, antigo alto-alemão *luppi* «seiva, veneno, magia», gótico *laufs*, *lauf* «folha, pétala», anglo-saxão *léaf*, antigo alto-alemão *loub*, *louba* «tábua de casca», alto-alemão moderno *Laube*, lituano *lubà* «tábua», letão *luba* «ripa», antigo prussiano *lubbo* «tábua, lituano *luðbas* «casca de árvore», (\**lōubbos*), letão *luðbs* «fruta», lituano *lúbena* «pele de fruta»; russo *lub* (луб) «casca, córtice» etc. eslavónica eclesiástica *lobъ* «crânio», sérbio *lùbina* ...; com *p-*: antigo hindi (= sânscrito) *lumpáti* «danificado, estragado», *lōpdyati* «ferido» (= eslavó *lupiti*, lituano *laupýti*), *lōptra-* «mossa»; grego *λύπη* «ofensa», *λῦπέω* «aflitivo» etc., lituano *lupù*, *lupti* «descascar», letão *lupt* «roubar, privar», lituano *laupýti*, letão *laupit* «descascar», lituano *lùpena* «pele de fruta», *lupsnis* «casca tirada de abeto»; russo *lupitъ* ([*lupit'*] лупитъ) «descascar», eslavónico eclesiástico *lupežъ* «roubo» etc.

As referências de Watkins (*supra*), fazer lembrar outros reflexos, nas línguas germânicas, tais como o alemão moderno *Laub* «folha-

gem», *Laube* «caramanchão, casa de verão» e formas derivadas ou compostas de ambas, o antigo neerlandês *love*, «galeria de um teatro ou de uma igreja»; nas línguas românicas, além do francês *loge*, «alojamento», vários reflexos no provençal *lotja* «abrigo temporário, de ramos de árvores», *lotjamen*, «alojamento», *lotjar* «alojar», com formas cognatas em português *loja* e derivados, em espanhol *lonja*, em catalão *lloja*, em italiano *loggia*, em provençal *laupia*, em galego *lóxia* (< italiano *loggia*) «termo arquitectónico para designar uma arcada, galeria, varanda, própria de um edifício italiano», além do sentido mais tradicional «pequeno espaço cuberto», *lóbio* «parra, à beira da casa, para dar sombra», «galeria ou alpendre fechado», «lugar escondido onde se reúnem os membros da sociedade secreta maçónica» e os topónimos galegos *Lóbio*, de três localidades, e *Lóbios*, de duas localidades, com os topónimos portugueses correspondentes, *Loivo* e *Loivos*, representados pelas formas *Lovio* e *Lovyó* em documentos antigos, havendo outras formas afins nos referidos idiomas e em outros, como o inglês *lodge*, com vários sentidos, e *lobby*, «salão de entrada, ante-sala».<sup>14</sup>

Quanto à forma russa палубы [palubui]<sup>15</sup>, trata-se do plural de палуба [paluba]. O radical da palavra é луб-, de forma que o respectivo significado refere a superfície *plana* da cobertura, do lado ou do leito de um carro ou de uma carruagem.<sup>16</sup> Historicamente, луб- referia-se à casca ou à entrecasca de uma árvore, utilizada para fazer peças na forma de placas ou tábuas, sempre rectas. Por causa de evoluções semânticas posteriores, passou a designar com frequência, na língua moderna, o convés de barcos (plano, feito de tábuas) e, na linguagem da construção, os quadros (de tábuas rectas) que usam na preparação de blocos de cimento.

Um caso de mudança semântica interessante encontra-se no uso do topónimo лубянка «Lubianka», o nome de uma das praças centrais de Moscovo (perto do Teatro Bolshoi, onde antigamente se tratava a casca (луб) e viviam as pessoas que exerciam este trabalho.

Posteriormente, a praça passou a ser conhecida pelos moscovitas como a sede da KGB, de forma que frases eufemísticas como «ele trabalha na Lubianka», ou «levaram-no à Lubianka» significam «ele trabalha no KGB» e «está detido no KGB».

É de notar que o vocábulo português *livro*, que provém do latim *liber*, está indirectamente relacionado com палуба. A palavra *Liber*, no sentido de «entrecasca (de árvore)», está documentada em Cícero e Sérvio (e no de «casca» em Virgílio), e era empregada como suporte material para a escrita, sendo que tal uso é referido por Plínio e por Santo Isidoro (*Etymologiae*, ou *Origines*): «Liber est interior tunica corticis, quae ligno cohaeret, in qua antiqui scribebant».

É curioso observar que, na identificação da origem da palavra portuguesa *livro* e das palavras afins em outras línguas românicas, tem havido algumas omissões. Por exemplo, o *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, da autoria do grande romanista Wilhelm Meyer-Lübke (mesmo na 5.<sup>a</sup> edição, 1972), não inclui a palavra portuguesa *livro*, nem as palavras em outra línguas românicas (tais como o espanhol *libro*, o francês *livre*, etc.), pois referente à palavra de origem latina, *liber* (5011, p. 406b) no sentido de «entrecasca», só inclui os vocábulos romenos *lior* e *lăor*, no sentido de «entrecasca» para determinado uso, embora incluía também o *wallisch* e o *waadtländisch* «laivro» como reflexos de *liber* no sentido de «livro», e de Blonay (Waadt), também no sentido de «Kräutermagen»; no galês *llyfr* «livro».

Observa-se, porém, que o mesmo Autor inclui *libellus* (5010, p.406b) no sentido de «pequeno livro» e a palavra italiana correspondente, *livello*, com o significado «acto escrito, registo, contrato de arrendamento».

É de notar que o étimo da palavra portuguesa *livro* já havia sido correctamente identificado por F. Adolfo Coelho (1890), algumas décadas antes da *editio princeps* do *Romanisches etymologisches Wörterbuch* (1911-20). Por outro lado, está implícita a identificação da origem (a partir do latim *liber*) das palavras com o significado

de «livro» em várias das línguas românicas, em referências ao uso da entrecasca (*liber*), nas obras de alguns autores romanos (Cícero, Sévero, Virgílio) e especialmente na obra etimológica do hispano-romano Santo Isidoro de Sevilha.

Também antes de Meyer-Lübke (1911, 1920, 1930-35), Körtung (1891, 1901 [reimpressão 1924], 1907: 5560) havia incluído um verbete referente a «**libēr**, **-brum** m., Buch...rum. *lior* [no sentido de «canhamo, linho», proveniente da palavra latina *liber* no sentido de «entrecasca]», em que se refere «ital. *libro*;... prov. *libre-s*, franco-pro. *laivra*; frz. *livre*; cat. *llibre*; span. *libro*; ptg. *livro*».

A omissão do étimo da palavra correspondente a «livro» também se nota no *Diccionario etimológico indoeuropeo da la lengua española* (Roberts e Pastor 2009), trabalho influenciado por Watkins (1985), obra mais elaborado, em que se inclui, entre muitas outras do indoeuropeu, a raiz IE \*leup-, «descascar», com a indicação de alguns dos reflexos no latim e em línguas românicas e germânicas. É esta a raiz indo-europeia que deu origem ao latim *liber* «entre-casca», o qual, por sua vez, serviu de étimo para o português *livro*, o espanhol *libro*, o francês *livre*, o catalão *llibre*, o italiano *libro* e outras palavras afins, no latim, nas línguas românicas e em outros idiomas.

O processo pelo qual a palavra latina *liber*, que significava originalmente a película entre a casca da árvore e a madeira que se encontra no cerne, passou a designar o livro, envolve uma figura de linguagem relativamente comum como fundamento da mudança semântica: a metonímia (do grego μετωνυμία, de μετά «mudança» + ὄνυμα «nome», através do latim *metonymia*), que consiste em designar um objecto por meio do termo que refere a outro, quando os dois se encontram ligados por alguma associação real ou mental. Nota-se que a mesma figura de linguagem está no fundamento da origem da palavra *bíblia*, *Bíblia*: o grego βιβλία «os livros», sendo βιβλίον a forma diminutiva de βίβλος, que originalmente era empregada para designar a casca interna do papiro.

Observa-se que a origem da palavra que significa «livro» nem sempre é da mesma origem nas línguas românicas. Em português, espanhol, francês, provençal, catalão, italiano, sardo os termos básicos que correspondem à noção de «livro» provêm do latim *liber* (originalmente «entrecasca»); em romeno, as formas *lior*, *lăor* mantêm o sentido original do étimo latino *liber*, «entre-casca», enquanto a palavra que corresponde ao português «livro» é *carte*, do grego χάρτησις, através do latim *charta*, «papel» (o que constitui outro caso de metonímia).

Em geral, porém, a palavra latina *liber*, com o sentido de «entre-casca» usada com suporte material para a escrita, além de servir de raiz de palavras derivadas na própria língua latina (tais como *librarius* «secretário, copista», *libraria* «loja de livros», ou «livreiro» *librariolus*, diminutivo de *librarius* «copista», *librarius* (adjectivo) «relativo a livros», *librarium* «armário, gaveta, carteira para folhas ou papéis», *libellus* «pequeno livro» ou «opúsculo») serviu de étimo para palavras nas línguas românicas relacionadas com a noção de «livro», tanto o termo básico, como formas derivadas e compostas, tais como: no italiano, *libro* «livro», *libello* «libelo, panfleto» (como termo do direito «libelo», *libellista* «libelista», *libretto* «libreto», *librettista* «libretista», *librettistico*, *librettologo* *libraio* «livreiro», *libraio editore* «livreiro editor», *libraio antiquário* «alfarrabista», *libraccio* «mau livro» *librario* (adj.) «livreiro», *commercio librario* «comércio livreiro» e com o derivado *librariamente*, *librata* (derivado de *libro* com o sufixo *-ata*), *libreria* (com a variante *libraria*) «livraria, estante, biblioteca», *libresco* «livresco», *libroso* (derivado de *libro* com o sufixo *-oso*) , palavras compostas, tais como *audiolibro*, *discolibro*, *portalibri*, *libro-gioco*, *libro-game*, além de outras palavras derivadas ou compostas; no sardo, *liburu*, *libureddo*, *libreria*, *libràriu*, *libellu*, *libellista*, etc.; no espanhol, *liber*, *libro*, *libresco*, *librejo*, *librete*, *libreta*, *libreto*, *libretín*, *librote*, *libraco*, *librillo*, *librería*, *libreril*, *librero*, *libretista*, e outros derivados e compostos

(como, por exemplo, *libro de asiento*, *libro de caballerías*, *libro de horas*, e coloquialismos como *libro de las cuarenta hojas* «baralho», *libro verde* «caderno para descrever o povo e os costumes de algum país», etc.); no francês, *livre*,<sup>17</sup> *livret*, *livresque*, *libraire*, *librairie*, *libelle*, *libeller*, e outras palavras derivados, assim como palavras compostas; no provençal, *libre* «livro», *libras* (forma aumentativa de *libre*), *libroun* (forma diminutiva de *libre*), *libraire* «livreiro», *libradoira* «biblioteca», *librari* «prateleiras para livros», *librarié* «livraria, biblioteca», *libreiris* «mulher que vende livros», *libret* «libreto, álbum, opúsculo», *libretoun* (forma diminutiva de *libret*), *librun* «livros em geral», *libelle* e *libel* «libelo» etc.; no catalão, *liber* «líber» (termo da botânica), *libel* «libelo», *libelàtic* «libelático» (termo religioso), *libellista* «libelista», *llibre* «livro», *llibrer* «divresco», *llibreria* «estante» e «livraria», *llibresc* «divresco», *libret* «folheto» e «livrinho», *llibreta* «caderneta», *llibreter* «livreiro», *libreteria* «livraria», *libretista* «libretista»; no romeno, *lior* e *lăor* «líber», *librar* «livreiro», *librărie* «loja de livros», *libret* «libreto», *livret* «livrinho, livrete, caderneta» (sendo que *carte* significa «livro» em romeno); no português, *liber* (termo botânico, de transmissão erudita do latim *liber*, com o sentido de «floema»), *libelo*, *libelar*, *libelista*, *libelário*, *libelático*, *livro*, *livresco*, *libreto*, *libretista*, *livraria*, *livreiro*, *livreco*, *livro-caixa*, *livro-mestre*, entre outras palavras derivadas e compostas. No domínio das línguas germânicas, há várias palavras ligadas à antiga raiz latina no inglês, tais como *library* (< *librairie*, do antigo francês, com o significado «biblioteca», actualmente «loja de livros», compare-se com *livraire*, antes «copista», agora «vendedor de livros»), *libretto* (< italiano *libretto*), *libel* (< antigo francês *libel*, substituído por *libelle*, do Latin *libellus*, forma diminutiva de *liber*); no alemão, encontram-se as palavras *Libretto* «libreto» e *Librettoschreiber* «libretista», devidas, sem dúvida, à influência internacional do italiano no domínio da ópera, a qual também deu origem às palavras correspondentes do russo, либретто e либреттист, assim como de várias outras línguas,

mediante a importação das palavras *libretto* e *librettista* do italiano (sempre com maior ou menor grau de adaptação às convenções da língua importadora). A raiz *librett-* ocorre no italiano *libretto* «texto ou argumento de uma ópera» (*libretto* em inglês, francês e polaco, *libreto* em português e espanhol, *libret* em romeno, com formas afins em outros idiomas) e *librettista* «autor de libreto» (*librettist* em inglês, *libretista* em português e espanhol, *librettiste* em francês, *libretist* em romeno, com formas afins em outros idiomas).

Fora do âmbito indo-europeu, há várias palavras do euscara (das línguas caucasianas, havendo diferentes hipóteses de parentesco genético) que estão ligadas à antiga raiz latina, tais como *liburu*, *libru*, *librú* «livro», *liburuapal*, «estante de livros», *liburudenda*, «livraria», *liburudun*, «livreiro», *liburugile*, «autor, escritor», *liburugin*, «impressor», *liburujosi*, «encadernar», *liburutegi* «biblioteca», *liburuzain*, «bibliotecário», *librugintza*, «produção de livros», além de outros derivados.

No umbundu, língua banta niger-congolense, falada por mais de quatro milhões de angolanos, há (além da palavra tradicional *elyemela* «livro») o neologismo *elivulu*, empréstimo do português.

No que se refere ao suporte da escrita entre os romanos, também deverá ser observado que algo semelhante ao que se observa, no caso de *liber* (acima resumido) também ocorreu com a palavra latina *codex* (cōdēx, -īcis), que originalmente significava «tronco de árvore», mas que passou a aplicar-se (a) ao conjunto de tabuínhas usadas como suporte de escrita, posteriormente, por ampliação do sentido, (b) aos conjuntos de folhas de papiro, pergaminho ou papel, ligadas umas às outras e unidas em encadernações.<sup>18</sup>

Neste caso também, os étimos latinos com a mesma raiz (*cod-*) serviram de fonte para numerosas palavras em diversas línguas: tais como o inglês *codex* (plural: *codexis*), *code* «conjunto de leis ou regulamentos», e outras afins (*codicil*, *codicology*, *codification*, *codify*, etc.), e o português *códex* (pl. *códices*), *códice*, *código*, *codicologia*, *codicológico*, *codicologista*, *codicólogo*, etc. Veja-se,



entre outros, Ernout & Meillet (1959), Meyer-Lübke (1935) e Segura Munguía (2010), onde se encontram outros exemplos afins.

Há várias formas cognatas do russo палуба em outras línguas eslavas: ucraniano палуба «cobertura feita de cascas numa carroça», checo *páluba* «árvore com buraco», polonês *pałuba* «carroça coberta» e *pałub* «tronco de árvore, tronco de pessoa».

No russo moderno, há algumas palavras e expressões formadas com o radical de луб-: луб, «entrecasca», лубок, «tala», палуба com diversos significados ao longo do tempo, todos compatíveis com a noção de «plano, recto», палубный «de entrecasca, de talas», лубочный «de entrecasca» e опалубка «revestimento», assim como os termos наложить лубки «entalar, aplicar talas», лубок картина «estampa primitiva» e лубочная литература «literatura de cordel», além de outras palavras e expressões.

Pelo exemplos apresentados, torna-se evidente que são muito numerosos os reflexos da raiz IE \*leup-, \*leub-, \*leubh- «descascar», e que tais reflexos se encontram em várias línguas. Trata-se, portanto, duma raiz bastante difundida através dos seus reflexos. Por ser a raiz \*leup-, \*leub-, \*leubh- «descascar» de origem indo-europeia, é bastante antiga. A produtividade da raiz nota-se em reflexos de diferentes épocas ao longo da história, sendo que continua nos tempos modernos: por exemplo, dois dos amplos conjuntos de reflexos, representados em numerosas línguas, são de difusão relativamente recente, transmitidos, via empréstimo, a partir do italiano *libretto* e do inglês *lobby* que se tornaram parte do vocabulário «internacional», respectivamente no âmbito da terminologia musical (*libretto*, no sentido do «livrinho de ópera»), e do âmbito político (*lobby*, no sentido de «grupo de pessoas empenhado em influenciar os legisladores ou outros funcionários públicos em prol de determinado acção governamental»).

A forma па- no início da palavra russa палуба é prefixo, que se encontra em outras palavras, tanto em substantivos como em verbos, sendo па- e по- variantes. Embora seja difícil identificar

um significado comum a todas as ocorrências de па- e по-, parece frequente o emprego na indicação de uma categoria, ou espécie, dentro de uma classe mais ampla.

Exemplos do emprego deste prefixo incluem, entre muitas outras, as seguintes palavras: паводок «inundação, enchente», пагуба «ruína, destruição», погубить «destruir», падчерица «enteada», пасынок «enteado», патрубок «cano de ligação, entrada para cano», повозка «veículo, carruagem», поверье «crença popular, superstição», побуждение «motivo, incentivo», побуждать «incentivar, induzir».

### **1.3.3. A palavra указы [указы] (número 5 da Tabela 2), «um tipo de ordem imperial».**

A leitura desta palavra é facilitada pelo facto de que a sua forma completa está indicada no manuscrito, no primeiro parágrafo da mesma página do manuscrito (folha 69r, linha 1), pela translitação em francês: *oukazi*.

Verifica-se que a palavra russa указ (singular, plural: указы [указы]) foi adoptada em várias outras línguas. Está documentada a palavra no francês contemporâneo, com as representações ortográficas comuns *ukase* e *oukase*, como empréstimo do russo. A palavra também entrou como empréstimo no inglês (através do francês), com a forma gráfica *ukase*, para referir uma proclamação publicada como ordem imperial, com a força duma lei, na Rússia (no site <http://www.answers.com/topic/list-of-english-words-of-russian-origin> e *Webster's New International Dictionary* 1961: 2754e). A palavra entrou na língua portuguesa (também através do francês), sendo registada como *ucasse* nos principais dicionários da língua.<sup>19</sup> Em romeno é *ucaz*. Há palavras correspondentes, com formas semelhantes, em várias outras línguas, de modo que o russo указ constitui uma palavra de âmbito internacional, com o significado de «decreto do czar (russo)».

A raiz de указ é каз-, que tem a variante каж-, possui o significado geral de «aparência, expressão». A mesma raiz ocorre como base de várias palavras e expressões derivadas, tais como as seguintes: казать «aparecer», не казать глаз (popular) «não aparecer», казаться «parecer, aparecer», выказать «manifestar, mostrar», доказать «demonstrar, provar», доказать теорему «demonstrar ou provar um teorema», доказуемый «demonstrável», доказательный «convíncente, concludente», доказательство «demonstração, prova, evidência», заказать «mandar fazer, proibir (antigo)», заказ «ordem», заказной «mandado», заказное письмо «carta registada», заказчик «comprador por encomenda», наказать «punir, castigar, mandar», наказ «ordem, mandamento», наказание «castigo, punição», наказуемость «punibilidade», наказуемый «punível», наказанный «castigado, penalizado», безнаказанность «impunibilidade», безнаказанный «impunibilidade», безнаказанно «com impunibilidade», оказать поддержку «dar apoio», оказать содействие «prestar colaboração», отказать «recusar, negar, renunciar», показать «mostrar, indicar», сказать «dizer, contar», сказаться «manifestar-se», сказ «história, narrativa», сказание «conto de conteúdo histórico, lenda, narrativa», сказка «história, conto», сказочник «contador de histórias», сказочно «fabulosamente, fantasticamente», сказочный (adjectivo) «de conto de fada», сказуемое «predicado», сказывать «dizer, narrar, recitar», сказитель «narrador de contos tradicionais», высказаться «exprimir», наказ «ordem, decreto», отказ «recusa, negação, rejeição», приказ «ordem, mandamento», указать «apontar, mostrar, indicar», рассказ «conto», указатель «guia, indicação, índice», алфавитный указатель «índice alfabético», указание «indicação», указывать «mostrar, indicar», указанный «indicado, mencionado», указательный «indicativo, demonstrativo», указательный палец «dedo indicador», указать дорогу «mostrar ou indicar o caminho», указка «apontador», делать всё по указке «seguir instruções», entre outras palavras e expressões.

A palavra básica казать (e сказать) está historicamente relacionada com palavras de várias outras línguas. Entre as línguas eslavas, os exemplos incluem ucraniano казати «dizer, falar», antigo eslavónico

казати, кажж, búlgaro кáжа, bielorusso кажа «falar», servo-croata kázati, esloveno kázati, checo kázati, polonês kazać. Entre as línguas de outros ramos do indo-europeu, incluem-se o avéstico ākasat e o persa āgāb. (Vasmer *op. cit.* II, 159). São indicados outros reflexos da mesma raiz por Pokorny (2005, I:533), tais como o antigo irlandês *śāsti* (com a primeira sílaba tónica) «instruído, informado» e o arménio *sast* «autoridade», e respectivas palavras afins em ambas essas línguas.

Em face dos reflexos da raiz histórica tanto nas línguas eslavas como em línguas de outros ramos da grande família indo-européia das línguas, a base deve provir de um étimo antigo. Haverá duas hipóteses: (1) IE \*kās-, \*kēs-«ensinar», «mostrar o caminho» (Pokorny *op. cit.* 533); Watkins (2011: 39a) inclui o Indo-Europeu \*kās «mandar», raiz de vocalismo incerto, \*kēs ou \*kōs (forma mais antiga \*keh<sup>x</sup>), com a forma em inglês *shastra*, do sânscrito śāstram, «ensinamento, mandamento, texto sagrado», e, (2) mais provável, segundo Watkins (2011: 46b) \*k<sup>w</sup>ek-, também \*k<sup>w</sup>eg-, «aparecer, mostrar» (formas mais antigas \*k<sup>w</sup>eĕ-, \*k<sup>w</sup>eĝ-), variante \*k<sup>w</sup>eg- (Pokorny 638, \*k<sup>w</sup>eĕ-).

Quanto à origem do prefixo y [u], em palavras tais como указы e указать, este provém do IE \*au- «de» (Watkins 2011: 6a), também representado por ō- no latim *ōtium* (> português *ócio*, inglês *otiose*, etc.), antigo \*autium (Pokorny 3 *au-* 72).

É tão ampla a difusão da palavra russa указ, através de empréstimos em numerosas línguas, que também se pode considerar como componente do léxico «international», mormente para referências a um certo tipo de decreto czarista.

#### **1.3.4. O termo поле боиа [polie boia] (número 8 nas Tabelas 1 e 2), «campo de batalha».**

Convém considerar separadamente as duas palavras que compõem o termo поле боиа, «campo de batalha».

### 1.3.4.1. A palavra поле, na expressão поле боиа [polie boia], «campo de batalha».

O radical de поле «campo, planície» é пол-, que ocorre como base de várias palavras derivadas e expressões afins, tais como поляна «espaço aberto numa floresta», поляне «povo da planície, um povo eslavo que antigamente habitava uma região do Dniepre», поляк «polonês, polaco, literalmente pessoa da planície», полька «polca», танцовать польку «dançar a polca», Польша «Polónia», польский «polonês (adjectivo)», польский язык «polonês, língua polaca», полевод «agricultor», полеводство «cultivo dos campos», работать в поле «trabalhar no campo», полевой «campestre, do campo», поле битвы «campo de batalha», пшеничное поле «trigal», магнитное поле «campo magnético», поле зрения «campo de visão», полевые цветы «flores campestres», полевая мышь «rato do campo», entre outros.

Da mesma origem histórica, há palavras correspondentes em várias línguas eslavas: ucraniano поле, antigo russo поле, búlgaro поле, servo-croata поље, esloveno *poljë*, checo e polonês *pole*, alto sórbio *polo*, baixo sórbio *pólo*.

Para além do ramo eslavo, há reflexos da raiz IE \*pelə- «plano, estender, espalhar» (com as variantes \*plā-, <contração de \*plaə-, e \*pla-), que se encontram em alguns dos outros ramos do IE: no germânico, no itálico e no helénico; por exemplo, no antigo inglês *feld* «campo aberto», no neerlandês médio *veld*, *velt*, no antigo alto alemão *feld*, no germânico \*flōruz «chão» > antigo inglês *flōr*, no inglês moderno *floor*, no latim *planus* (étimo de numerosas palavras nas línguas românicas) e *palma*, no grego πλανάσθαι (*planasthai*) «vagar, vaguear», como evolução semântica de «espalhar», um dos sentidos da raiz primitiva do IE; cf. francês *flâner*, do escandinavo, possivelmente do norueguês *flana*, «ir de um lado para outro»).

Segundo Ernout e Meillet (1939), o latim *planus* está relacionado com o lituano *plóti* «estender» e *plónas* «delgado», o léxico

*plāt*, «estender um leito fino», *plāns*, «delgado» (adjectivo) e *plāns* (substantivo) «ar»: cf. grego πέλανος, referente a objectos planos, e πέλαγος, «mar, superfície do mar»; comparem-se ainda as palavras do grupo latino *plancus*, *planta*, *plautus*.<sup>20</sup>

Em face da ampla difusão da variante \*plā- e das formas \*plak- \*plat-, extensões da raiz IE \*pelə- «plano, estender, espalhar», assim como a grande productividade histórica das referidas formas em diversas línguas, convém tratar cada um destes elementos separadamente, embora sejam variantes da mesma raiz no indo-europeu.

#### 1.3.4.1.1. IE \*pelə- «plano, estender, espalhar».

A palavra russa поле «campo, planície» e as outras palavras eslavas afins provêm da raiz IE \*pelə- «plano, estender, espalhar» tem as variantes \*plā- (<contração de \*plāə-) e \*pla-, além das formas \*plat- e \*plāk- ou \*plak-, que são extensões da raiz \*pelə-.

Para além do ramo eslavo, há reflexos da raiz IE \*pelə- em línguas de outros ramos da família indo-europeia: no germânico, no itálico, no helénico.

Segundo o esquema classificatório de Watkins (1985, 2000: 48-49), com conteúdo ampliado, no presente estudo, por alguns exemplos adicionais e definições complementares, os reflexos de IE \*pelə- incluem: (1) a forma com sufixo \*pel(ə)-tu- no germânico \*felthuz, «terreno plano», no antigo inglês *feld*, «campo aberto», inglês moderno *field*; (2) a forma com sufixo \*pel(ə)-t-es- (provindo de \*pel(ə)-tu-) no germânico \*feltha, «terreno plano», representado (a) no alto alemão antigo *feld*, no alemão moderno *Feld*, ambos com o significado de «campo, terreno aberto», inglês *feldspar* (adaptação do alemão obsoleto *Feldspat*, literalmente «mineral do campo»), nome de um mineral encontrado com frequência no campo; (b) no neerlandês médio por *veld*, *velt*, «campo»; (3) a variante \*plā- (a) na

forma com sufixo \*plā-ru- no germânico \*flōruz, «piso», no antigo inglês *flōr*, inglês moderno *floor* «piso», (b) na forma com sufixo \*plā-no- no latim *plānus*, «plano, raso, direito, claro» e em várias palavras afins, nas línguas românicas, tais como no espanhol, *llano*, *plano* (cultismo), *llana*, *plana*, *llanada*, *llanero*, *llaneza*, *llanura*, *allanar*, *allanamento*, *aplanar*, *rellano*, *arrellanarse*, *planear*, *planeo*, palavras compostas tais como *planimetría*, *planisfério*, palavras derivadas do italiano *pianoforte*, como *piano*, *pianista*, *pianola* etc., no catalão *pla*, no galego *chao*, *chan*, *chau*, no português *chão*, que constitui a base de numerosos topónimos, tanto em Portugal como na Galiza: *chão* e *chãos* (várias localidades), compostos como *Chão da Aldea*, *Chão da Parada*, *Chão das Donas*, *Chão das Servas*, *Chão da Vã*, *Chão da Velha*, *Chão de Codes*, *Chão de Couce*, *Chão de Lopes Grande*, *Chão do Galego*, *Chão do Porto*, *Chão Frio*, *Chão Miúdo*, *Chão Padro*, *Chão Sobral*, *Chãos* (várias localidades); *Chan*, *Chans* e *Chãs* (várias localidades), *Chans de Abaixo*, *Chãs de Égua*, *Chãs de Tavares*, e na província de Vigo: *Chan*, *Chan da Gándara*, *Chan da Seca*, *Chan das Lagoas*, *Chan do Labrador*, *Chandebrito*, *Chan de Petaco*, *Chan Grande*, *Chans*, *Chantada*, *Chantado*, *Chantelos*, *Xanteira* ou *Chan da Eira*, *Chanu*, *Chão*, *Chaodastrabas*, *Chaodeleiras*, *Chaoporzún*, *Chenlo* (do latim *planelu-*), *Parachán*, *Vilachá*; no provençal *plan*, *plana*, *planaredo*, *planura*, *planarié*, *planas*, *planasso*, *piano*, *pianista*, *pianot*, *pianouteja* «tocar piano» (verbo neutro, Fourvières 1973: 577a), etc.; no francês *plain*, *plaine*, *plan*, *planer*, *planage*, *planeur*, *planimètre*, *planimétrie* *planimétrique*, *planisphère*, *aplanir*, *aplanissement*, *piano*, *pianiste* etc., no italiano, *piano*<sup>21</sup> (i) «superfície plana», com os derivados *interpiano*, *ipopiano*, *piana*, *pianale*, *painare*, *pianarello*, *pianello*, *pianerottolo*, *pianigiano*, *pianura*, *pianuzzo*, *ripiano*, *semipiano*, *sotopiano*, e formas compostas com *alto-*, *basso-*, *bi-*, *equi-*, *guarda-*, *marca-*, *médio-*, *multi-*, *pene-*, *pie-*, *pluri-*, *segna-* e *pianalto*, *pianiforme*, *piano-cilindrico*, *pianosfera*, *pianoterra*, *pianterreno*, (ii) *piano*

(derivado de *piantare* «plantar»), com os derivados *impianare*, *pianificare*, *pianismo* e o composto com *foto-*, (iii) forma reduzida de *pianoforte*, com os derivados *pianino*, *pianismo*, *pianistico* e o composto com *foto-*, (iv) «plano» (adjectivo) e «lentamente», com os derivados *appianare*, *dispianare*, *piana*, *pianamente*, *pianegare*, *pianella*, *painezza*, *pianotto*, *semipiano*, *soppiano*, *spianara* e os compostos com *forte-* e *trotta-*, além de *piano-concavo*, *piano-convesso*, *pianoforte*, *piano-paralelo*; no euskara, *lau*, *laun*, *lautu*, *piano* (<italiano *piano*, *pianoforte*), *pianogile*, *pianojole*, *plan*, *planari*, *planeadore*, *planeatu*, *plangintza*, *plangintzatu*, *planteatu*, *plafoi*, etc., no inglês *plain*, *plane*, *piano*, *pianoforte*, etc., no alemão *plan*, *planieren*, *Piano*, *Pianist*, etc. e no inglês (principalmente através do francês, do espanhol e do italiano), tais como *plane* (em diversos sentidos), *plain*, *piano*, *llano*, *plano-*, *planarian*, *planish*, *planula*, etc.; (4) na forma com sufixo e redução vocálica na raiz, \*plə-mā, no latim *palma* (<\*palama), «palma da mão» e em palavras afins, nas línguas românicas, tais como no espanhol *palma*, *palma-da*, *palmar*, *palmatoria*, *palmeta*, *palmeira*, *palmeiral*, *palmiche*, *palmito*, *palmotear*, *palmoteo*, *palmear*, *palmero* etc., no italiano *palma*, *appalmato*, *impalmare*, *palmare*, *palmata*, *palmato*, *palma-tura*, *palmella*, *palmio*, *spalmare*, *guardapalma*, *palmoplantare*, de *palma* referente à planta (da mão?), *diapalma*, *palmacea*, *palmario*, *palmatina*, *palmato*, *palmeto*, *palmiere*, *palmina*, *palmista*, *palmizio*, *palmone*, *palmoso*, *palmarosa*, *palmiforme*, *palmacristo* (termo da botânica), *palmarès* «digno da palma da vitória», *palmàcea* (termo da botânica, do latim científico *Palmaceae*), e em várias formas compostas, tais como *palmatocomposto*, *palmatofesso*, *palmatofido*, *palmatolobato*, *palmatopartito*, *palmatosètto* etc., no galego *palma*, *palmeira* etc., no português *palma* etc., no catalão *palma* etc., no provençal *palme*, *paum* etc., no francês *paume*, *paumé*, *paumelle*, *paumer*, *paumier*, *paumoyer* (antigo *palmeier*), *paumure*, *palmé*, *palme* (nos sentidos de «palma», «palmeira»), *palmeraie*, *palmette*,



*palmier, palmure, palmifide, palmilobé, palmipède*, no euscaro *palma, palmadi, palmazko* «palmeiral», *palmondo* «palmeira» etc.; no inglês, *palm* (como substantivo e como verbo), *palma, paume, palmilla, palmilha, palmar*, etc.; no alemão *Palme* «palmeira», *Palmin* «manteiga de coco», *Palminsäure* «ácido pálmico», *Palmnussöl* «óleo de coco», *Palmsonntag* «Domingo de Ramos», *Palmwoche* «Semana Santa», *Palmwedel* «ramo de palmeira» (como símbolo da vitória) etc. (5) possivelmente na forma IE \*plan-, como variante estendida: (a) no grego *πλανάσθαι* (*planasthai*) «vadiar, vaguear», e em outras palavras gregas afins, com a base *πλαν-* (<\*plan-), representando uma evolução semântica de «espalhar» (um dos significados da raiz primitiva do IE) no sentido de «vadiar, errar»; (b) possivelmente o germânico \*flan-, no nórdico antigo *flana*, «ir de um lado para outro, sem destino», relacionado com a fonte germânico do francês *flâner* «vadiar», com o substantivo derivado *flâneur*; (6) forma com sufixo e vogal eliminada \*plə-dh-, no grego *πλάσσειν* (*plassein* <\*plath-yein) «moldar» (semelhante à noção de espalhar algum material), com formas afins, tais como inglês *plasm* (forma curta de *protoplasm*, do grego *πλάσμα*, de *πλάσσειν* «moldar»), *plastic* (< *πλαστικός*, latim tardio *plastrum*, por *emplastrum*, do grego), com o derivado *plasticity*; *plaster*, com os sufixos *-plast*, *-plasia*, *plastid*, *-plasty*, *dysplasia*, *metaplastm*, *toxoplasma*, etc.; palavras correspondentes e outras formas cognatas em outros idiomas, tais como o espanhol *plástica*, *plasticidad*, francês *plastic*, *plasticage*, *plasticien*, *plasticité*, *plastie*, *plastifier*, *plastifiant*, *plastique*; (7) a variante, com a vogal «e» da raiz IE \*pelə- substituída por «o», a formar \*polə-, que serve de base histórica para palavras afins em diversas línguas eslavas: russo e ucraniano *поле*, antigo russo *поле*, búlgaro *поле*, servo-croata *пóље* (em letra romana *pólje*), esloveno *poljê*, checo e polonês *pole*, alto sórbio *polo*, baixo sórbio *pólo*, além de diversas formas derivadas nas referidas línguas. Vejam-se também as extensões em IE \*plāk- ou \*plak- (1.3.4.1.2) e IE \*plat- (1.3.4.1.3).

### 1.3.4.1.2. IE \*plāk- ou \*plak- «ser plano», extensão de \*pelə- «plano, estender, espalhar».

De acordo com o esquema classificatório de Watkins (1985, 2000: 48-49, 2011: 70), com conteúdo ampliado, no presente estudo, por alguns exemplos adicionais e definições complementares, os reflexos do IE \*plāk- ou \*plak- «ser plano», extensão de \*pelə- «plano, estender, espalhar», incluem: (1) Germânico \*flōhō no antigo nórdico *flō* «camada», inglês *floe*. (2) A forma variante \*plāg- (a) no germânico *flōk*, no antigo inglês *flōc*, «peixe chato, solha», cognato com o alemão *flach*, «plano»; (b) germânico \*flakaz no noroegues *flak*, «peça plana, floco», provavelmente relacionado com a fonte escandinava do inglês médio *flake*, «floco» > inglês moderno *flake*; (c) germânico \*flak- no antigo nórdico *flaki*, *fleki*, no inglês moderno *flake*. (3) A forma estendida \*plakā no germânico \*flagō\* e no antigo nórdico *flaga*, «camada de pedra», no inglês moderno *flag stone*. (4) Forma com sufixo (estativo) \*plak-ē-, «estar calmo» (como «mar calmo», inglês *flat sea*), no latim *placēre* «agradar, ser agradável»), e em palavras afins, como *placebo*, *plácido*, *complacente*, etc. (5) A forma com sufixo e com a vogal do radical alongada \*plāk-ā- no latim *plācāre* «acalmar» (forma causativa de *placēre*), provençal *aplacar*, português *aplacar*, inglês *placate*, etc. (6) A forma nasalizada \*pla-n-k- no latim *plancus* «plano, pé chato ou apalrado», relacionado com *planca* do latim tardio com o sentido de «placa, prancha», cognato com o grego πλάξ, πλακκ-, com os mesmos sentidos, sendo a referida palavra do latim tardio étimo do normando-χüpicardo *planque*, que deu origem ao francês *planche*, e cf. o provençal *planca*, italiano *pianca*, o espanhol *plancha*, o português *prancha*, o inglês *plank*, e outras palavras afins, como o russo планка «prancha, chapa». Uma das palavras relacionadas com estas é o francês *planchette*, diminutivo de *planche*, que data de meados do século XIX. (7) A forma variante \*plag-, (a) no latim

*plaga*, «rede» (objecto que se estende), com a palavra derivada latim *plagiarius*, «o que dá refúgio a escravos alheios», empregada por Martial em relação a roubos literários, daí o português *plagiário*, *plágio*, *plagiar*, *plagiador*, espanhol *plagiario*, *plagio*, *plagiar* (as quais deram origem ao euscara *plagio*, *plagiatu*, *palgiatzaile*, o provençal *plaga*, *plagar*, *plagador* (todas relacionadas com a noção de «ferir»), o francês *plage*, *plageur*, *plagier*, o inglês, *plagiarism*, *plagiarist*, *plagiarize*, e formas afins em outros idiomas, como o russo *плагиат*, *плагиатор*; (b) no grego *πλάγιος*, «oblíquo, transversal», *πλάγος* «lado, encostado», origem do latim *plaga*, que por sua vez deu origem ao espanhol *playa*, o português *praia*, o catalão *platja*, o italiano *piaggia* e *spiaggia*, o francês *plage* (todas com o sentido de «praia»), com o francês servindo de fonte para o russo *пляж*, cf. o inglês *plagal*, *plagio-*, *playa*. (8) A raiz na forma *\*plak-*, no grego *πλάξ*, *πλακ* «prato plano, planície, superfície», e em muitas palavras gregas afins, incluindo-se *πλαχοῦς*, que deu origem ao latim *placenta*, «tipo de bolo de massa folhada» (segundo Juvenal), que por sua vez deu origem ao romeno *plaşinda* e do russo *плацинда* (ambos em referência a um tipo de pastel, sendo a palavra russa empréstimo do romeno), além da palavra *placenta*, para referir um «órgão que se forma no útero na gestação da maioria dos mamíferos e que é expulso logo após o parto», em várias línguas: francês, espanhol, português *placenta*, inglês *placenta*, russo *плацента* etc. (9) A forma variante *\*pelag-*, no grego *πέλαγος*, que deu origem ao latim *pelagus*, «mar, alto mar, mar aberto» (referido por Virgílio, Horácio, Tácito), *pelagia*, «do mar, do alto mar, marino», étimos do italiano *pelagia* «marino», *pèlago* «de alto mar», espanhol *piélagο*, *archipiélagο*, *empalagar* (<*empelagarse*), *empalago*, *empalagoso*, catalão *pèlag*, *pelàgic*, italiano *pèlago*, *impelagarsi*, *pelagico*, *pela-gismo*, *pelagite*, provençal *pelec*, *pelech*, francês *pelagian*, *pelagique*, *archipel*, português *pélagο*, *pelágico*, *arquipélagο*, *arquipélagο-estado*, *archipelágico*, *pelágio*, *pelagografia*, *pelagoscopia*, inglês

*pelagian, pelagic*. São estas algumas das palavras relacionadas com a variante IE *\*pelag-*, nas referidas línguas, havendo outras palavras historicamente afins nestes e em outros idiomas.

### 1.3.4.1.3. IE *\*plat-* «estender», extensão de *\*pelə-* «plano, estender, espalhar».

De acordo com o esquema classificatório de Watkins (1985, 2000: 48-49), com conteúdo ampliado, no presente estudo, por alguns exemplos adicionais e definições complementares, os reflexos do IE *\*plat-* «estender», extensão de *\*pelə-* «plano, estender, espalhar», incluem: (1) Forma variante *\*plad-* no germânico *\*flataz-* «plano», no (a) antigo nórdico *flatr*, «plano», no inglês *flat*, «plano»; (b) antigo francês *flater*, «lisongear» (> inglês *flatter*). (2) Forma variante com sufixo *\*plad-yo-* no germânico *\*flatjam*, no antigo inglês *flet(t)*, «piso, habitação», inglês moderno (britânico) *flat*. (3) Forma básica *\*plat-* no germânico *\*flathō(n)*, «bolo plano», no latim tardio *fladō* «bolo plano, panquec a», inglês *flan* «tipo de bolo redondo». (4) Forma germânica nasalizada com sufixo *\*flu-n-th-r-jō*, no antigo sueco *flundra*, «tipo de peixe de corpo achatado», étimo do inglês médio *flounder*, inglês moderno *flounder* «solha». (5) Forma nasalizada *\*pla-n-t-* no latim *planta* «planta do pé», daí o verbo denominativo *plantāre* «enfiar no chão com a planta do pé», com o conseqüente sentido adicional do substantivo *planta*, «qualquer espécie vegetal», com as palavras afins no português *planta, plantar, plantação, plantio, plantula, plantador, implante, planturoso*, com as variantes do termos básicos (*planta, plantar*) *pranta* e *prantar*, no antigo português e na linguagem popular rural brasileira; espanhol *planta, plantel, plantilla, plantio, plantón*, etc., catalão *planta*, provençal *planta*, italiano *pianta*, francês *plante*, com outras formas afins nas referidas línguas; alemão *Pflanze, pflanzen*, inglês *plant*

etc., além de *clan*, *plan*, *plantain*, *plantigrade*, *supplant* e outras palavras afins. (6) A forma com sufixo \**plat-u* no Grego *πλατύς* «plano, amplo, largo», latim tardio \**plattus*, fonte do italiano *piatto*, sardo *platu*, francês *plat*, provençal *plat*, catalão *plat*, espanhol *chato*, *plato*, *plata*, que evoluiu para o sentido de «placa de metal, metal precioso (prata)», como no topónimo Rio de la Plata (com a evolução semântica posterior da palavra *plata*, em espanhol, a significar «dinheiro», além de «prata»), português *chato*, *prato*, *prata*, e formas afins. O inglês *plate*, *platter*, *platina* (no sentido de *paltinum*, através do espanhol *platina*, forma diminitiva de *plata*), *plateau* (<antigo francês *platel*, forma diminutiva de *plat*), *platform* (<francês *plate-forme*). Compare-se a evolução da forma feminina do grego *πλατύς*, *πλατεῖα*, latim *platea*, «via larga», e as palavras que provieram desta forma (por via directa ou indirecta): italiano *piazza*, as formas derivadas *piazzaiolo*, *piazzale*, *piazzare*, *piazzaro*, *piazzarolo*, *piazzata*, *piazzetta*, *piazzeggiare*, *piazzese*, *piazzino*, *piazzista*, *piazzoso*, *piazzuòla*, *spiazzare*, a forma composta *piazzafore*, a locução *piazza di sicurezza*, sardo *plazza*, *plazzixedda*, espanhol *plaza*, *plazuela*, *plazoleta*, *desplazar*, *desplazamiento*, *reemplazar*, *reemplazo*, *emplazar* «situar» *emplazamiento*, português *praça*, *pracinha*, *praciano*, *pracejar*, *pracear*, *pracista*, e formas compostas tais como *praça-d'armas*, *praça-forte*, locuções como *assentar praça*, *fazer praça de*, *praça de pré*, *praça de guerra*, etc., francês *place*, *placement*, etc., provençal *plaça*, *plaçage*, *plaçaire*, *plazo*, *placeto*, *placihoun*, *placeto*, *placié*, *placiero*, *placeja*, *placejaire*, *placen*, *placenco*, etc., inglês *place*, do qual o sentido antigo sobrevive no termo *market place*.

A forma arcaica inglesa, *plat*, com o sentido de «parte de um terreno», e com a variante *plot*, conserva-se no texto bíblico 2 *Kings*, ix: 26 (versão *King James*): «... and I will requite thee in this plat, saith the Lord. Now therefore take and cast him into the plat of ground...». Outras palavras afins incluem o antigo e

moderno francês *platel*, forma diminutiva de *plat*, que deu origem ao francês e o inglês *plateau*, sendo empréstimos o português *platô*, o russo плато, e formas cognatas em vários outros idiomas; inglês *platina* (nome usado no século XVIII, que corresponde ao actual termo *platinum*) da forma diminutiva espanhola, *platina*, com o mesmo sentido; russo платина, com palavras cognatas em outras línguas balto-eslavas. Outras palavras e termos afins a \*plat-i- em inglês incluem, entre outras, *piazza*, *place*, *plaiice*, *plane*, *plane tree*, *plate*, *plateau*, *platitude*, *platy*, *platypus*, *plaza*, havendo numerosas palavras afins em diversos outros idiomas. (7) A forma variante com a vogal «o», \*plot-, nas línguas eslavas, como no russo плоский «plano» (adjectivo), плоскость «plano» (substantivo), плоскогорье «planalto», плот «balsa», плотогон «balseiro», плоскостопие «ré chato», плотва «peixe ciprinido», площадка e платформа «plataforma»<sup>22</sup>, площадь «praça, esplanada», no ucraniano плоский e плаский (variantes) «plano, banal», плескатиий «achatado», площа «praça», площина «praça, espaço, superfície plana (como termo da geometria)», com formas afins nas outras línguas eslavas.

#### 1.3.4.2. A palavra боиа, na expressão поле боиа [polie boia], «campo de batalha».

A base de боиа é би-, бь-, бой-, бо-, «combater, bater», que se encontra na formação de um conjunto de palavras e expressões, tais como бой «luta, combate», бить «bater, espancar», вбить (aspecto perfeito) & вбивать (aspecto imperfeito) «forçar algo a entrar, martelar», выбить «tirar com força, a golpear», добить «dispachar, matar», избить «massacrar», набить «encher, imprimir» перебить «interromper, quebrar em pedaços», побить «derrotar, matar», подбить «incitar» прибить «pregar», пробить «furar [com golpe]», разбить «quebrar, espedaçar», сбить «derrubar», биение «batida», битва «luta, combate»,

боевой (adjectivo) «de batalha, típico de batalhas», боевой клич «grito de batalha», рукопашный бой «luta corpo a corpo», разбой «assaltar, roubo a mão armada, piratear», разбойничать «roubar», вбить себе в голову «introduzir com persistência na cabeça», бой скота «matança de gado», бойко «com desenvoltura», бойкий «corajoso, atrevido», бойкость «desenvoltura», боевик «filme com cenas de batalha, policiais; membro de guerrilha (sentido novo)».

Há palavras historicamente relacionadas com o russo бой «luta, combate» em outras línguas eslavas (segundo Vasmer *q.v.*): ucraniano бій (caso genitivo бою), antigo eslavónico оубои «assassinato», eslavónico eclesiástico бои «бой», búlgaro бой, servo-croata бôj, esloveno *bòj*, checo *boj*, polonês *bój*. É possível que a raiz mais antiga, que deu origem às formas cognatas nas outras línguas eslavas, corresponda ao antigo eslavónico Бои, que se encontra na palavra оубои.

#### **1.4. Resumo, conclusões e hipóteses das observações gráficas e filológicas.**

De modo geral, são corretas as representações gráficas das palavras russas no manuscrito de Ribeiro Sanches, de acordo com as práticas típicas da escrita cursiva da época, com algumas características comuns na «escrita rápida» (скоропись), a forma // da letra «к», embora a origem de tal representação gráfica seja a partir da forma correspondente da letra no antigo eslavónico, como, aliás, as origens das letras «у» e «я».

Por outro lado, a representação gráfica cursiva empregada por Ribeiro Sanches parece reflectir uma influência grega nas formas de algumas letras («Л», «П», «Е»), mas as peculiaridades não dificultam a leitura das respectivas letras. É de notar que semelhantes propriedades se encontram em outros manuscritos, de outros autores, da mesma época, podendo, portanto, ser típicos da escrita cursiva do

século XVIII. Além disto, a influência da grafia grega evidencia-se de diversas maneiras nos sinais do alfabeto russo.

A leitura objectiva das formas gráficas das palavras russas no manuscrito revela alguns lapsos por parte de Ribeiro Sanches. Tais erros são, porém, meros «lapsos», no sentido de serem ocasionais, não repetidos.

O exame cuidadoso da forma gráfica da palavra боиа revela que a primeira letra «б» [b] terá sido modificada de modo a passar a ser «В» [v] (o que se nota pela extensão do traço vertical da letra «б» para cima da curva superior da letra «В»). O presente estudo apresenta algumas hipóteses quanto à possível motivação da mudança da letra, mas não dispõe de elementos suficientes para confirmar qualquer das hipóteses dadas.

Quanto às propriedades filológicas das palavras russas empregadas por Ribeiro Sanches, de modo geral as suas raízes (уч-, луб-, каз-, пол-, бой, com as respectivas variantes) são bastante difundidas, quer nas famílias léxicas derivacionais do russo, quer entre as línguas eslavas, balto-eslavas e, nalguns casos, entre línguas de diversos ramos do Indo-Europeu. Trata-se, portanto, de palavras com raízes antigas, que pertencem à tradição da formação léxica básica da língua russa.

## **2.0. A edição do manuscrito de Ribeiro Sanches de 1766 por F. Machado (2001).**

Foi editado um livro com o título *Educação e Cidadania na Ilustração Portuguesa - RIBEIRO SANCHES*, de Fernando Augusto Machado, autor do texto inicial (pp. 11-106), e responsável pela publicação, em anexo, do «Plan pour l'éducation d'un jeune seigneur» (pp. 107-228), da autoria de António Nunes Ribeiro Sanches (manuscrito de 1766). Para o anexo, Machado escreveu uma nota

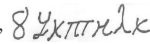
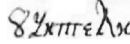
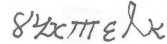

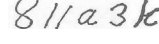
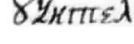


introdutória (pp. 109-113) e as notas finais (pp. 225-228), além de fazer uma versão em português, publicada junto com o texto original em francês, em colunas opostas às páginas em que se apresentam as folhas do manuscrito, editado em fac-símile. A edição deste texto reveste-se de grande interesse, por ser a primeira edição do respectivo manuscrito de Ribeiro Sanches.

Segue-se um exame, com revisão de alguns aspectos do trabalho de Machado, no que se refere (a) à leitura da representação cursiva e (b) à identificação das palavras russas contidas no manuscrito.

## 2.1. As palavras russas do manuscrito em escrita cursiva. Leitura e representação no texto em francês e na versão em português.

A seguinte tabela inclui (a) as representações das palavras russas no manuscrito da obra de Ribeiro Sanches (1766), seguidas (b) pelas interpretações na edição de Machado (2001) e (c) pelas leituras corretas.

(a) Formas cursivas das palavras russas no manuscrito de Ribeiro Sanches	(b) As palavras russas do manuscrito, impressas e com transliteração, segundo Machado (2001).	(c) A leitura correcta das palavras russas do manuscrito, com destaque das letras mal interpretadas por Machado (2001).
1. d' 	d'читили [tchitili] (página 129, linha 11)	d'учители (folha 66v, linha 7)
2. 	Чители [tchietili] (p. 129, l. 18)	учители (f. 66v, l. 12)
3. 	Чители (p. 131, l. 6)	учители (f. 67f, ll. 3-4)
4. 	ползы [polzie] <sup>24</sup> (p. 137, l. 20)	палубы (f. 68v, l. 12)
5. 	ази [  azi] <sup>25</sup> (p. 141, l. 20)	указы (f. 69v, l. 13)
6. 	Чител [tchitiel] <sup>26</sup> (p. 145, l. 32)	учител (f. 70v, l. 21)

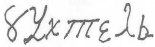
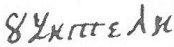
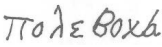
7.		Читель [tchitiel] <sup>27</sup> (p. 149, l. 24)	учитель (f. 71v, l. 15)
8.		Чители [tchietili] (p. 189, ll. 15-16)	учители (f. 81v, l. 11.)
9.		поле воиъ [polie voi] <sup>28</sup> (p. 195, l. 5)	поле боиа (f. 83f, l.3)

Tabela 4. As representações das palavras russas no manuscrito da obra de Ribeiro Sanches (1766) e nos textos correspondentes em francês e português na edição de Machado (2001).

## 2.2. Comentários de Machado referentes à representação das palavras russas no manuscrito.

Na primeira nota referente ao manuscrito, Machado afirma que «o texto contém bastantes e variados erros...» (p. 225). Tal afirmação não corresponde à realidade das propriedades do manuscrito, que é de leitura relativamente fácil e que contém apenas alguns lapsos. Encontram-se, porém, sem dúvida, «bastantes e variados erros» na leitura e na representação das palavras russas por Machado, como torna evidente o exame do tratamento das respectivas palavras.

## 2.3. Exame do tratamento das palavras russas por Machado.

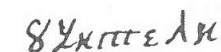
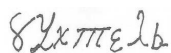
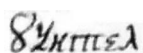
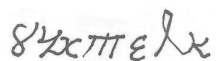
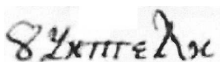
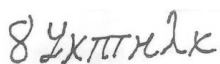
### 2.3.1. Tratamento da palavra учитель, utchitel', mestre.

#### 2.3.1.1. Leitura.

É de notar que a mesma palavra, com alguma alternância, de pouca importância, na representação gráfica,<sup>29</sup> ocorre várias vezes

no manuscrito do texto de Ribeiro Sanches: учитель, utchitel', com o sentido de *mestre*, “aquele que ensina”.<sup>30</sup> De acordo com as práticas comuns na escrita cursiva da época, a palavra é representada no manuscrito da obra de Ribeira Sanches com a letra cursiva *ŝ* no início, que corresponde a y [u] (folha 66v, linhas 7, 12, folha 67f, linhas 4-5, folha 70v, linha 21, folha 71v, linha 15, 81v, linha 11).

Segue-se a relação das ocorrências da palavra учитель, utchitel', no texto de Ribeiro Sanches (representadas pelos exemplos números 1, 2, 3, 6, 7 e 8 da Tabela 4):



A comparação das representações da palavra (quatro no plural, duas no singular) indica começarem todas com o mesmo sinal: a letra y [u], *ŝ*. em forma cursiva, «uk».

Machado interpreta, reiteradamente, a representação desta palavra como se não tivesse a primeira letra (isto é, como se fosse incompleta a representação da palavra no manuscrito). Na nota referente à última vez que ocorre a palavra no texto, Machado afirma: “Mais uma vez a palavra aparece incompleta...” (nota 19, p. 227).<sup>31</sup> Assim, trata todas estas representações como se a palavra começasse com a letra ч, a qual é efectivamente a *segunda* letra da palavra, não a primeira. Assim, Machado transcreve, incorrectamente, a palavra com

a letra ч [tch] em posição inicial, em vez da letra y [u]. Aliás, comete o mesmo erro na leitura da mesma palavra em todas as ocorrências representadas pelos números 1, 2, 3, 6, 7 e 8 das Tabelas 1 a 4.<sup>32</sup>

O mero exame visual (até por parte de um leitor sem conhecimento especializado da história da paleografia russa, nem conhecimento das práticas no uso cursivo da época) revela que algo ocorre antes da letra ч.<sup>33</sup> Machado simplesmente trata a figura neste contexto como se não existisse, o que constitui um grave erro de leitura, por se tratar da primeira letra da palavra, representada cinco vezes, em forma cursiva, no manuscrito (e que, devido à omissão da leitura da letra inicial, Machado lê de forma errada em todas as ocorrências). Nota-se que a mesma falha na leitura da referida letra escrita ocorre também nos exemplos 4 e 5 da Tabela 4 (*supra*): as palavras указы (exemplo 5) e палубы (exemplo 4).

Além disto, Machado sempre representa a palavra (tanto na impressão do manuscrito em francês, como na versão editada em português) com a letra inicial em *maiúscula*, embora os *contextos exijam, sem exceção, a letra minúscula*.<sup>34</sup>

Alguns factos da vida de Ribeiro Sanches tornam muito implausível a noção de que ele tenha errado repetidamente na representação da palavra учитель, utchitel': o texto do manuscrito versa sobre o *ensino*, no qual Ribeiro Sanches atribui ao *mestre* (referido em geral pela palavra учитель [učit'el']) uma importância fundamental; a raiz da palavra учитель [učit'el'], também se encontra em diversas palavras afins, do mesmo campo semântico, com significados tais como «ensinar» (учить, [učit']), «aprender» (учиться [učitsa]), «estudante» (учитель [učit'el']), «escola» (училище, [učilišče]), «estudos» (учение [učenie]), tendo todas o mesmo início: уч-, e sendo todas conhecidas, sem dúvida, por Ribeiro Sanches. A natureza deste conjunto de palavras, semântica- e formalmente afins, torna muito pouco provável que o ilustre medico tenha omitido a primeira letra na representação escrita de учитель [učit'el'], «mestre».

Em face da reiterada maneira de tratar elementos (tanto gráficas, como gramaticais, como semânticos) por ele não entendidos, torna-se mister observar que, quando Machado encontra algum problema na sua leitura das palavras russas no manuscrito, o procedimento que ele adopta é simplesmente de considerar que se trata de algum erro por parte do autor da obra, em vez de consultar as fontes que pudessem esclarecer o caso: em sumo, em vez de *investigar*, no caso de não entender algo, Machado meramente opta por *atribuir ao autor da obra falhas na representação cursiva das respectivas palavras!*

Deve ser lembrado e levado em conta o facto de que Ribeiro Sanches havia passado bastante tempo na Rússia (--16 anos, como reconhece Machado, p. 110), onde havia desempenhado funções importantes junto à czarina; escreveu textos em diversos idiomas (inclusive na língua russa, como observa Machado, p. 16); no fim do presente texto, como em outros contextos, Ribeiro Sanches manifesta amor à Rússia.

Em face do referido conjunto de factos, torna-se muito improvável que Ribeiro Sanches tenha adquirido um conhecimento meramente superficial e precário do russo, de forma que cometesse erros frequentes no vocabulário comum (como indicam as transcrições e os comentários em nota, feitos sem fundamentos científicos, por Machado). Efectivamente, de modo geral, nos casos em que Machado afirma haver erros na representação cursiva escrita por Ribeiro Sanches das palavras russas no manuscrito, as discrepâncias são antes falhas na leitura que o próprio Machado faz do manuscrito, em vez de serem erros na representação gráfica de Ribeiro Sanches.

Na transliteração da palavra, учитель, [učitel’], Machado representa em ambas as ocorrências no singular, (6) e (7) da Tabela, o núcleo da sílaba tónica por [i], que corresponde a uma vogal simples; nos exemplos no plural, porém, representa o núcleo da

sílaba tónica por [i] no exemplo (1), mas por [ie] (que corresponde a um ditongo) no exemplo (2). Omite a transliteração no exemplo (3). Representa, sem motivo nenhum, de *duas formas diferentes o mesmo segmento no mesmo contexto fonológico*, ora por [ie] (ditongo), ora por [i] (vogal simples), ou seja, de uma maneira contrária à ortoépia comum da língua russa moderna.

Por outro lado, na transliteração de ambas as ocorrências da palavra no singular учитель, Machado deixa de indicar a letra л com o sinal de brandura ь (da qual a transliteração é [-l']). (É verdade que, evidentemente por lapso, Ribeiro Sanches omitiu o sinal de brandura ь de uma das ocorrências no singular, mas isto não justifica a falha por parte do organizador da edição na representação da forma certa учитель).

Ainda na transcrição da mesma palavra, Machado indica, sem nenhum motivo, em ambas as ocorrências no singular, exemplos (6) e (7), o núcleo da última sílaba com a transliteração [ie] (representação de ditongo), enquanto nos exemplos (1) e (2) emprega, para o mesmo segmento no mesmo contexto, a transliteração [i] (vogal simples). Ora, há algumas regras que descrevem de forma muito simples a representação dos núcleos silábicos nos casos exemplificados, sendo que, em geral, a mesma letra deverá ter sempre a mesma transliteração em contextos equivalentes. As gramáticas pedagógicas e os tratados de fonética e fonologia russas indicam de forma clara as correspondentes que caracterizam ortoépia da língua.<sup>35</sup>

### **2.3.1.2. Tratamento do significado da palavra учитель [utʃitelʹ], mestre.**

Quanto à morfologia e a semântica da palavra, Machado erra na forma do plural exigida pelo contexto discursivo e mesmo

no próprio significado da palavra de acordo com o uso no manuscrito. Num trecho (em que também deturpa a representação gráfica da palavra no manuscrito de Ribeiro Sanches), Machado afirma (nota 7, página 225): «Este termo, que significa *professor*, aparece noutros locais do texto com grafias diferenciadas. Uma vez por incorrecção, outras por divergir em número (singular ou plural). A palavra correcta deveria ser учитель [utchitiel] (singular) e учителя [utchitielia] (plural).» No texto em francês, não ocorre a palavra *professeur* como termo correspondente à palavra russa учитель: só a palavra *Maitre* (ortografia actual: *Maître*); a este termo a versão portuguesa dá como correspondente sempre a palavra *Mestre*, nunca a palavra *professor*. Pelo contexto discursivo, é evidente que o Ribeiro Sanches emprega esta palavra no sentido de *mestre*, não de (simples) *professor*. A forma do plural indicado por Machado, учителя, é própria para o significado de simples *professor*, enquanto a forma do plural empregada por Ribeiro Sanches, учителя, é a forma própria para o significado *mestre* (de acordo com a observação de Розенталь 2001: 213). É absurda a crítica feita por Machado à representação gráfica da palavra учитель no manuscrito de Ribeiro Sanches: deturpa a realidade do sentido do texto do manuscrito; além disto, tal crítica é feita por quem não tenha conseguido ler correctamente a grafia cursiva desta palavra nem sequer uma única vez, mas antes errando sempre, na leitura de todas as ocorrências desta palavra básica!

Há, porém, implicações muito mais sérias na falha na tradução da palavra учитель: tal erro põe em dúvida a compreensão do teor geral do manuscrito de Ribeiro Sanches, que evidentemente não se destina ao simples ensino escolar, mas antes à preparação abrangente especial, para determinados fins específicos, do jovem fidalgo. Tal preparação é ministrada por mestres, mentores, preceptores – não por meros professores.

### 2.3.2.1. Leitura da palavra указы [указу], “tipo de ordens imperiais”.

No caso da palavra указы [указу], Machado interpreta novamente de forma errada a figura cursiva *ŷ* em posição inicial da palavra. Além da leitura errada deste elemento gráfico (que representa a letra russa comum *y* [u]), também falha na leitura da segunda letra, que é *к* (outra letra comum), representada nesta ocorrência pela grafia cursiva com duas linhas oblíquas (semelhantes a //). Em vez de reconhecer o segundo sinal escrito como a letra *к*, de acordo com as convenções da escrita cursiva da época, Machado interpreta-a simplesmente como “dois traços”, sem reconhecer o valor destes «dois traços» como representação da letra *к* na escrita gráfica. Machado afirma que “Sanches deixa assinaladas as duas primeiras letras da palavra... com dois traços” (nota 15, p. 226). Assim, Machado continua a não reconhecer o valor gráfica da letra «*y*» em forma escrita, nem sequer notando a sua presença, pois afirma que “Sanches deixa assinaladas *as duas primeiras letras* da palavra... com *dois traços*”, quando efectivamente os chamados «traços» representam a letra *к* (que é a *segunda* letra da palavra), de acordo com convenções da escrita da época, enquanto a primeira letra é representada pela figura *ŷ*, também de acordo as convenções da escrita da época.

É inegável, porém, o facto de que a representação cursiva no manuscrito seja completa e certa de acordo com as normas correntes na época, seguidas por Ribeiro Sanches. A primeira letra cursiva representa uma forma mais antiga na evolução da letra *y* [u] (que se mantém, até hoje, em certos contextos, como mostram alguns dos exemplos incluídos no apêndice aos presentes comentários), enquanto os referidos “traços” representam a letra *к* [k] (também uma forma cursiva comum).

É especialmente estranha a interpretação errada que Machado faz das primeiras letras no caso da palavra указы [указу], visto



que a forma completa da palavra está claramente indicada pela uma representação em transliteração, no manuscrito, do correspondente empréstimo na língua francesa no primeiro parágrafo da mesma página do manuscrito (folha 69r, linha 1): *oukazi*.<sup>36</sup> Tal forma de transliteração demonstra que Ribeiro Sanches conhecia perfeitamente a representação gráfica da palavra em cirílico, visto que indica claramente as letras correspondentes no uso do alfabeto romano de acordo com as normas da ortografia do francês.

Para além das falhas na leitura feitas por Machado, há também um erro gramatical na representação da palavra. A palavra указ [указ] (na forma singular) é empregada por Ribeiro Sanches no plural, do qual a forma certa é указы [указы]. Apesar de omitir as primeiras duas letras do radical na sua leitura desta palavra, Machado representa as últimas três, incluindo-se a terminação gramatical. Aparentemente, porém, Machado desconhece a flexão da palavra no plural (do caso nominativo), não obstante ser a respectiva forma de flexão a mais comum entre palavras de género masculina terminadas com o tipo de consoante representado por з [z]. Assim, Machado representa, erradamente, a forma do plural pela vogal final и [i], em vez de ы [u].

É verdade que as formas cursivas das letras «Ы» e «И» são pouco diferenciadas na escrita cursiva do manuscrito, segundo as convenções seguidas por Ribeiro Sanches, mas a semelhança entre estas formas não justifica um erro gramatical que resulta na falha da identificação do verdadeiro sentido da palavra, de acordo com o seu emprego no texto de Ribeiro Sanches.

Verifica-se que a palavra russa указы, [указы], foi adoptada em várias outras línguas. Está documentada no francês a palavra (com as representações gráficas *ukase* e *oukase*), como empréstimo do russo, a partir do século XVIII. A palavra também entrou como empréstimo no inglês, com a forma gráfica *ukase*, para referir determinados actos normativos de Pedro o Grande (veja-se o site <http://>

www.answers.com/topic/list-of-english-words-of-russian-origin). A palavra também ocorre em português, sendo registada nos principais dicionários gerais e etimológicas desta língua.<sup>37</sup>

### **2.3.2.2. Tratamento do significado da palavra указы [указу], “tipo de ordens imperiais”.**

Em vez de circunstanciar ao contexto do manuscrito (a levar em conta o teor especial do manuscrito de Ribeiro Sanches), Machado opta por basear o seu comentário meramente num artigo de enciclopédia, que apenas traz informações conhecidas, sem relevância especial ao contexto das ideias apresentadas no manuscrito.

### **2.3.3. Tratamento da palavra палубы [palubʊ], “carros, carruagens”.**

#### **2.3.3.1. Leitura.**

No que se refere ao número 4 da lista (Tabela 1), há diversos erros no tratamento que Machado dá à palavra палубы [palubʊ] (plural de палуба [paluba]).

Machado começa por atribuir a Ribeiro Sanches, erradamente, o emprego da palavra «ползьи [polzie]» (p. 137b) e afirma, numa nota ao texto (n. 11, p. 226), que a «palavra correcta seria [palozia]; o facto, porém, é que o autor do manuscrito emprega correctamente a forma escrita *палубы* para representar палубы [palubʊ] (o plural de палуба) -- palavra que Machado não identifica correctamente.

Na leitura da representação cursiva como «ползьи», Machado interpreta de forma errada a escrita cursiva das seguintes letras russas: а, у, б, ы – às quais atribui erradamente, na representação escrita de

Ribeiro Sanches, os valores respectivos de о, з, ъ, и. É especialmente estranha a interpretação de  $\zeta$  (y) como representação de з (ao contrário das leituras feitas de учитель, utchitel', como se esta palavra começasse com a letra ч-, em vez de уч-), de maneira que Machado não atribui nenhum valor a esta figura escrita num contexto, mas atribui um valor diferente, з, à mesma figura num outro contexto.

Ao afirmar (n. 11, p. 226), que a “palavra correcta seria полозья [palozia]”, ou seja, *patim de trenó* (na definição correcta, que Machado deixa de levar em conta, assim como não considera a identificação do sentido feita no próprio manuscrito -- o qual dá a palavra francesa *chariots* (português: *carruagens*) como tradução da forma russa: «la connaissance de la meilleure maniere de construire les chariots ou  $\pi\alpha\lambda\zeta\beta\eta$  (leitura: палубы [palubш])» (p. 137). Assim, o manuscrito emprega a palavra francesa *chariots* como sinónimo da palavra russa палубы [palubш].

### 2.3.3.2. Tratamento do significado da palavra палубы [palubш], “carros, carruagens”.

Devido à falha na identificação da palavra, Machado atribui a esta palavra um significado que não corresponde ao sentido do texto do manuscrito: «Troncos lisos ou polidos com as extremidades curvas no sentido ascendente à semelhança de trenós, que na neve ou no gelo dispensam as rodas, para deslocação de cargas». Tal sentido, baseado na palavra que resultou da leitura incorrecta da representação cursiva de палубы [palubш] – como se fosse полозья [palozia] – afasta-se muito do significado da palavra que se encontra, escrita de forma clara, no manuscrito de Ribeiro Sanches.

Em sumo, a leitura inexacta da representação escrita dá origem à identificação errada do lexema, que, por sua vez, resulta na atribuição

de um significado que nada tem a ver com o que está no manuscrito: «la connoissance de la meilleure maniere de construire les chariots ou палубы» (folha 68r do manuscrito, p. 136 do livro). Os referidos *chariots* não são simples carros de transporte comum: são veículos de guerra, de transporte para fins bélicos, com o leito como uma espécie de plataforma plana (não curva). A consulta de qualquer bom dicionário geral ou etimológico da língua russa <sup>38</sup> confirma que a palavra палуба designa uma superfície *plana*, por causa do sentido comum da raiz луб (veja-se a secção 1.3.2 *supra*). A forma não corresponde à forma atribuída por Machado, que errou na leitura da forma escrita e consequentemente na identificação da palavra que está no manuscrito.

#### **2.3.4. Tratamento do termo поле боиа [poli boia], “campo de batalha”.**

##### **2.3.4.1. Leitura.**

Um exame cuidadoso da representação do termo поле боиа, [polie boia], no manuscrito, revela que houve uma modificação da figura inicial na representação da primeira letra da palavra боиа [bóia], representada em forma escrita no texto original: a letra «б», que representa [b], foi alterada, de modo que passasse para a letra «в», que representa [v]. Isto é, a forma inicial correspondia a «б» [b], enquanto a modificação resultou em «в» [v]. Não é possível, sem outros elementos, determinar quem tenha alterado a forma cursiva inicial, nem quando esta alteração possa ter ocorrido. No entanto, deve ser admitida a hipótese de que Ribeiro Sanches tenha representado a palavra com a primeira letra de forma certa: é comum o termo, Ribeiro Sanches tinha um bom conhecimento da língua russa, há poucos erros no manuscrito.<sup>39</sup>

O tratamento do termo поле боиа [polie boia] (número 8 na Tabela 4) evidencia outras falhas no conhecimento de Machado no que se refere à representação escrita do russo. Na interpretação de боиа (ou воиа, segundo uma possível interpretação da representação da primeira letra desta palavra no manuscrito; veja-se a nota 5, *infra*), de acordo com as práticas cursivas seguidas por Ribeiro Sanches, o trecho final da palavra боиа, constitui um dígrafo, ou seja, o uso de dois sinais para representar só uma unidade fónica, o ditongo [ia], actualmente representado pela letra я, que evolui a partir da combinação иа.<sup>40</sup> Machado não identifica correctamente o valor do dígrafo, por desconhecer, aparentemente, as convenções cursivas em questão (como também demonstram as suas leituras erradas do sinal ъ, representação de «у» [u] nas palavras учителя, указы, палубы, e do sinal de duas linhas obliquas (semelhante a //; cf. o número 5 na Tabela 1), representação de к [k] na palavra указы (vejam-se também as secções 2.1, 2.2.2 e 2.2.3 *supra*).

Além disto, a representação da palavra na impressão, tanto do texto original em francês como na versão em português, indica a letra «Ъ», o sinal de brandura (ou de palatalização, em termos fonéticos mais precisos), no fim da palavra -- que Machado lê como «ВОИЬ», não obstante ser *inadmissível*, segundo as propriedades da pronúncia e de representação gráfica da língua russa, *utilizar a letra «Ъ», o sinal de “brandura” (ou de palatalização, em termos fonéticos mais precisos), depois de uma vogal.*<sup>41</sup>

Na nota 29 (p. 227), Machada indica que a expressão está «escrita incorrectamente por Sanches»: mas uma vez, o que está incorrecto é a interpretação que o próprio Machado faz da representação escrita. É preciso reconhecer que, no caso da representação escrita da expressão поле боиа a grafia original do manuscrito foi modificada posteriormente, como já foi indicado anteriormente no presente estudo, sendo que a modificação não impede a identificação da for-

ma original correcta (não obstante a afirmação crítica de Machado, sempre disposto a atribuir erros ao Autor).

Em sumo, os erros que Machado faz na leitura das palavras учителя [utchiteli] (números 1, 2, 3, 6, 7 da Tabela), указы [ukazh] (número 5 da Tabela) e палубы [palubh] (número 4 da Tabela) e do termo поле боиа [polie boia] (número 8) revelam falta de conhecimento da história das convenções comuns da escrita russa.<sup>42</sup>

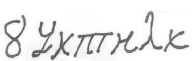
#### **2.3.4.2. Tratamento do significado do termo поле боиа [poli boia], “campo de batalha”.**

Está correcta a identificação do significado deste termo comum.

#### **2.4. Resumo das falhas no tratamento das palavras russas por Machado (2001).**

Em geral, as possíveis causas das deturpações das palavras russas representadas em forma escrita do cirílico que se observam tanto no texto editado em francês e como na versão em português, resultam de dois tipos de erro: (1) falhas na leitura das formas escritas no manuscrito, e (2) falhas na identificação da palavra representada. As falhas de leitura evidenciam-se no caso de *quase todas as palavras russas* do manuscrito, enquanto a falha na identificação lexical ocorre uma vez.

Segue-se um resumo das falhas de leitura, das palavras russas do manuscrito de Ribeiro Sanches (1766), que se encontram na edição de Machado (2001).

1. d' 

d'учители – omissão da leitura da primeira letra em forma cursiva: «Чители».

2. *8УхттеЛх*

учители – omissão da leitura da primeira letra em forma cursiva: «Чители».

3. *8УхттеЛх*

учители – omissão da leitura da primeira letra em forma cursiva: «Чители».

4. *Палубк*

палубы – leitura de а como о, у como з, б como ь: « ползьи».

5. *8Иазк*

указы – omissão da duas primeiras letras, leitura errada da última letra: «ази».

6. *8УхттеЛ*

учител – omissão da leitura da primeira letra: «Чител».

7. *8УхттеЛь*

учитель – omissão da leitura da primeira letra: « Читель ».

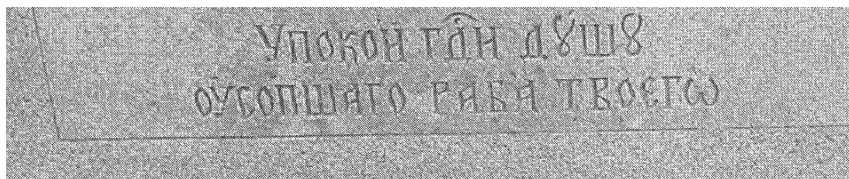
8. *ПолЕвоиь*

поле (б)оиа – leitura de б (letra emendada) como в, leitura de «а» como «Ь»: «ПОЛЕ ВОИЬ».

Os erros de leitura das palavras russas evidenciados pelo texto de Machado, porém, é superior em número a oito, visto que no caso de algumas das palavras ocorre mais de uma falha na respectiva leitura: de acordo com o exame e os comentários anteriores, há uma dúzia de ocorrências de letras cursivas mal interpretadas e um caso em que a palavra representada no manuscrito é identificada incorrectamente.

A reprodução do texto do manuscrito da obra de Ribeiro Sanches ocupa 55 páginas do livro *Educação e Cidadania*, a impressão deste texto com uma versão em português, outras tantas, de forma que o texto introdutório de 96 páginas constitui a parte principal do livro, em termos de extensão. Não obstante as qualidades e o interesse que o texto inicial possa ter, é lamentável que Fernando Machado não tenha tratado com cuidado e com procedimentos criteriosos a edição, como anexo ao seu longo ensaio, do texto de Ribeiro Sanches, o «Plan pour l'éducation d'un Jeune Seigneur». <sup>43</sup>

## Apêndice.



ДУШ

ИЛІА ДВЕРКІВНІЧЬ  
ИВАНКОВИЧЬ  
РОД. 2 АПРІЛА 1894  
УМ. 6 СЕНТ. 1979  
УПОКОЙ ГДН ДУШ  
ОУСОПШАГО РАБА ТВОЕГО

1. A palavra душу «alma» (no singular, caso acusativo) de uma lápide, com a data de 1979, que se encontra num cemitério ortodoxo. É de notar que a letra conhecida em russo como «ук», Ѹ em forma cursiva, que proveio do antigo eslavónico eclesiástico e que corresponde à letra «у» [u] do russo contemporâneo, ocorre duas na palavra representada (em cópia de forma digitalizada). O contexto mais amplo é o seguinte: «Упокой, господи, душу оусопшаго раба твоего». A palavra «господи» está numa forma abreviada comum nas lápides. A frase significa «Tranquiliza, ó Deus, a alma do teu escravo falecido».

РУССКИМЪ



2. A palavra русскимъ «russos» da frase Москва русскимъ воинам в плену, «Moscou ajuda aos soldados russos no cativeiro», de um cartaz de 1915, por Сергей Арсеньевич Виноградов, reproduzido em Бабурина, Н. И. Россия 20 век. История страны в плакате. *Russia 20<sup>th</sup> century. History of the country in poster*. Москва: Панорама, 2000. É de notar a letra conhecida em russo como «ук», ѣ em forma cursiva, que proveio do antigo eslavónico eclesiástico e que corresponde à letra «у» [u] do russo contemporâneo. A figura «ъ» (sinal de «dureza») não é usada actualmente na língua escrita.

ПРЪНУ

3. A palavra плену «cativeiro» (caso dativo), do mesmo cartaz referido na secção anterior. São de notar (1) o uso da letra «ять» do antigo eslavónico eclesiástico, que evoluiu para «е» (Изотов 2001: 19), sendo representada por «е» em forma impressa no russo contemporâneo, e (2) a letra conhecida em russo como «ук», ѣ, em forma cursiva, que proveio do antigo eslavónico eclesiástico e que corresponde à letra «у» [u] do russo contemporâneo.

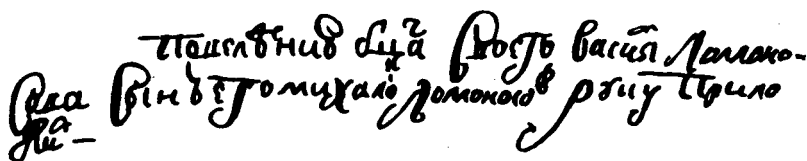


4. Este exemplo provém de um cartão que foi adquirido, a 12 de Julho de 2011, na livraria de um mosteiro da igreja ortodoxa russa. Embora sem data, é evidentemente uma reprodução moderna de um ícone de Nossa Senhora. A frase (em eslavónico eclesiástico) que se representa acima, em forma digitalizada, é, na escrita russa moderna, com a eliminação das abreviaturas ou formas reduzidas e das letras actualmente desusadas, a seguinte: “Образ пречистыя Богородицы нарицаемой «прибава разума»,” que significa “A imagem da puríssima Mãe de Deus, chamada «aumentadora da inteligência».” De interesse gráfico especial é o emprego, na palavra разума, da

letra «ук», Ѹ em forma cursiva, tal como se nota nos exemplos anteriores. O uso da letra «ук», Ѹ em forma cursiva, que era comum em textos manuscritos do século XVIII, ainda se encontra actualmente, sobretudo em textos religiosos.

К

5. A letra «к» representada da forma que se encontra com frequência em textos impressos do antigo eslavónico eclesiástico, com o traço do lado direito praticamente paralelo ao traço do lado esquerdo, com a excepção de um pequeno desvio no meio do traço direito para a esquerda.



Полное имя сына Василь Ломоно-  
сова в индустриальном Ломоносовском университете

6. São de notar as características na escrita cursiva da palavra руку «mão» no texto acima e no exemplo a seguir, do mesmo autógrafo.

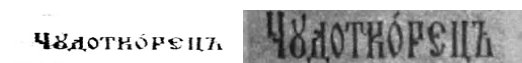


руку

7. A palavra руку «mão» (penúltima palavra na segunda linha do texto acima, copiado em forma digitalizada) de um autógrafo de Lomonosov reproduzido em Белявский 1986: 17, da mesma época que o manuscrito de Ribeiro Sanches (século XVIII). São de especial relevância para as perspectivas do presente estudo (1) o emprego de duas variantes na representação de [u]: a letra conhecida em russo como «ук», Ѹ, em forma cursiva, que proveio do antigo

eslavónico eclesiástico e que corresponde à letra «у» [u] do russo contemporâneo, assim como a própria letra «у» (sendo que o uso de ambos reflecte a alternância na escrita cursiva da época); (2) o emprego de dois traços para representar, na escrita cursiva, a letra «к», sendo que semelhante representação da referida letra também se encontra no manuscrito de Ribeiro Sanches; na representação cursiva da letra russa e o uso de formas semelhantes à letra grega ε.

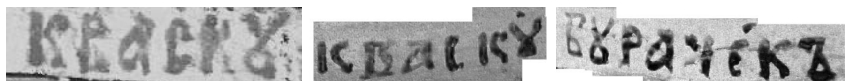
O texto do autógrafo reproduzido acima é «по велению отца своего Василья Ломоносова сын его Михайло Ломоносов руку приложил» («Por ordem do próprio pai Vasili Lomonosov o seu filho Mihailo Lomonosov assinou» -- literalmente, «rôs a mão»). Na mesma página, há outra frase de Lomonosov onde também vem a palavra «руку» (acima apresentada, a seguir ao texto) com as mesmas variantes na representação de [u] e o emprego de dois traços como representação cursiva da letra к, não havendo diferenças relevantes entre as representações da letra к em forma cursiva nos autógrafos de Ribeiro Sanches e de Mihailo Lomonosov, sendo ambas típicas da escrita cursiva do século XVIII.



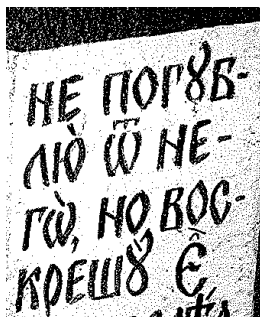
8. A palavra Чудотворецъ «Milagreiro», epíteto do São Nicolau, copiada (em imagem digitalizada) de um calendário de 2009 (mês de Dezembro), editado na Rússia («Русская Икона Чудотворная 2009», Москва: Издательство «Сувенир», 2008) para laicos praticantes da religião ortodoxa.

Nota-se, na palavra Чудотворецъ, **Чудотворецъ**, o emprego da letra conhecida em russo como «ук», **Ѹ**, em forma cursiva (com forma semelhante na letra impressa estilizada), que proveio do antigo eslavónico eclesiástico e que corresponde à letra «у» [u] do russo contemporâneo. Semelhante imagem de São Nicolau, com o mesmo epíteto, figura num calendário de 2011 (mês de Maio), também editado na Rússia («Календарь 2011 Чудотворная Икона», Санкт-Петербург: «Новатор», 2010), para uso por laicos praticantes

da religião ortodoxa. Esta imagem de São Nicolau, com o mesmo epíteto, é comum nas igrejas ortodoxas russas.



9. A palavra кваску, com a letra «ук», ъ, num recipiente usado para servir квас [kvas], um refresco popular de centeio fermentado, vocábulo registado em Vieira (1883, q. v.) com a forma kwas, «bebida muito salutar e d'um uso habitual na Rússia...» (*apud* Messner, 2002: 174, sem indicação de registos em outros dicionários portugueses, além de Vieira 1883). A forma indicada no presente estudo, representa algumas das palavras na pintura artesanal de uma peça típica da arte folclórica da região do rio Dvina do Norte (peça número 38, na obra de Круглова 1987), encontrada com muitas outras peças semelhantes, dos séculos XVIII a XX, numa excursão de pesquisa da história da arte realizada em 1950 pelo Museu de Arte e História de Zagorsk, na Rússia setentrional, seguida por outras investigações sobre a arte popular tradicional da região. Há outros exemplos da mesma palavra, com semelhante forma, na arte popular da região, como se encontra, por exemplo, numa caixa feita de casca de bétula para guardar квас (n.ºs 44-46, Круглова), chamada бурачок na linguagem da região, com a forma бурачекъ, da mesma palavra, escrita com a letra cursiva «ук», ъ, na referida peça.



10. Este exemplo provém de um ícone de um santo mostrando um texto sagrado, que inclui o trecho не погублю... но воскресу, com a letra y representada duas vezes pela forma cursiva «ук», ꙗ, nas palavras погублю e воскресу, dos verbos погубить, «destruir» e воскресить, «ressucitar».

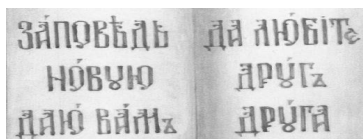
ГДѦ ПОМИЛУЙ, ТРИЖДЫ.  
СЛА́ВА ОЦУ, Ѧ СЫНУ, Ѧ СВѦТОМУ ДУХУ,

11. O início de uma oração da liturgia da igreja ortodoxa russa. «Господи помилуй. Слава Отцу, и Сыну, и Святому Духу», que significa «Senhor, perdoai-me. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo». Nota-se o uso da forma «ук», ꙗ, nas palavras помилуй, Отцу, Сыну, Святому e Духу. Trata-se de um trecho comum nas orações, copiado de um livro de catecismo muito difundido, Законъ Божій.

КОНЕЦЪ, Ѧ БГҀУ НАШЕМУ СЛА́ВА.

12. A frase final do livro Божественная Литургия (2006), «Конецъ, и Богу нашему слава», que significa «O fim, seja ao nosso Deus a glória». Nota-se o uso da forma «ук», ꙗ, na flexão do dativo singular nas palavras бог ꙗ, Deus, e нашем ꙗ, nosso.

É frequente o emprego de ꙗ em textos religiosos: por exemplo, o nome do discípulo Lucas, Л ꙗкас.



13. No Calendário Ortodoxo de 2013 (editado pela «Академия календарей», Moscovo), o mês de Janeiro traz na respectiva imagem o

texto acima indicado, com as palavras новую, другъ e друга escritas com ъ em vez de y. A tradução do texto é «o novo mandamento vos dou , que amem um ao outro».

### Образ Божией Матери «Неувядаемый Цвет»

14. No Calendário Ortodoxo de 2013 (editado pela «Академия календарей», Moscovo), o mês de Abril traz o título acima indicado, com a palavra Неувядаемый (com a letra я impressa no calendário na forma antiga) escrita com ъ em vez de y. A tradução do título é «Imagem da Mãe de Deus “Flor que eterna”».

### Воскресение Господа Бога и Спаса нашего Иисуса Христа

### Друзи изучены дубравы

15. No Calendário Ortodoxo de 2013 (editado pela «Академия календарей», Moscovo), o mês de Maio traz na respectiva imagem o título acima indicado, com a palavra escrita com ъ em vez de y. A tradução do título é «Ressureção do Senhor Deus e o Nosso Salvador Jesus Cristo».

16. Na história da grafia eslava, vem de longa data o uso de «uk», ъ. Numa ilustração russa que representa uma batalha contra os tártaros, dum documento do século XIV (Сказание о мамаевон побоище, 1380), que se preserva na Biblioteca Britânica (British Library), em Londres, a legenda inclui algumas palavras, acima reproduzidas, escritas com ъ em vez de y.<sup>44</sup> No russo moderno, em letra de imprensa, as palavras são: друзи «amigos», дубравы «bosque», изучены «treinados».

## Серафим Саровский Чудотворец

17. No Calendário Ortodoxo de 2013 (editado pela «Академия календарей», Moscovo), o mês de Agosto traz na respectiva imagem as palavras acima indicadas, com o termo Чудотворецъ «Milagreiro», epíteto empregado em relação a Santo Serafim Sarovski, escrito com ѣ em vez de y. No mesmo Calendário, o mês de Dezembro traz o mesmo epíteto em relação a São Nicolau, escrito com ѣ em vez de y. Os referidos usos são exemplos da vitalidade actual de «uk», ѣ, em determinados contextos discursivos.

18. Representação de um trecho do texto dum ícono, com dois exemplos da escrito com ѣ em vez de y, nas palavras Кресту твоему “teu Cristo” (caso acusativo), na frase “adoramos o teu Cristo”, Кресту твоему поклоняемся.



## BIBLIOGRAFIA

- Академия Наук Української РСР. Російсько-Український Словник. 3 т. Київ: Видавництво «Наукова Думка», 1968.
- American Heritage Dictionary of the English Language*. Third edition. Boston: Houghton Mifflin, 1992.
- Araújo, Ana Cristina. *Medicina e utopia em Ribeiro Sanches*. 44 p., s. d., consultado em [www.uc.pt/chsc/recursos](http://www.uc.pt/chsc/recursos).
- Baburina, N. I. [Бабурина, Н. И.] Россия 20 век. История страны в плакате. *Russia 20<sup>th</sup> century. History of the country in poster*. Москва: Панорама, 2000.
- Barnhart, Robert K. (ed.). *Chambers Dictionary of Etymology*. Edimburgo: Chambers Harrap Publishers, 2001.
- Belyavskiy, M. T. [Белявский, М. Т.] ...Всё испытал и всё проник. Москва: Издательство Московского университета, 1986.
- Божественная Литургия на церковно-славянском и английском языках. *Divine Liturgy in Church Slavonic and English*. Rochester: St. Benedict of Nursia, 2006.
- Braichevckiyi, Mychailo. [Брайчевський, Михайло.] Походження слов'янської писемності. 2-ге. Київ: Видавничий дім «КМ Академія», 2002.
- Brückner, Aleksander. *Słownik etymologiczny języka Polskiego*. Warszawa: Wiedza Powszechna, 1957.
- Buck, Carl Darling. *A Dictionary of Selected Synonyms of the Principal Indo-European Languages. A Contribution to the History of Ideas*. Chicago: University of Chicago Press, 1949.
- Buescu, Victor (organizador). *Dicionário Romeno-Português*. Porto: Porto Editora, 1977.
- Chantraine, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire des mots*. Avec um *Supplément* sous la direction de: Alain Blanc, Charles de Lamerterie, Jean-Louis Perpillou. Paris: Klincksieck, 1999.
- Coelho, F[rancisco] Adolfo. *Dicionário manual etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: P. Plantier Editora, 1890.
- Corominas, Joan e Pascoal, José A. *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*. 5 volumes. Madrid: Editorial Credos, 1991-1997.
- Cunha, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- Dal', Vladimir I. [Даль, Владимир И.] Большой иллюстрированный толковый словарь русского языка: современное написание: ок. 1500 ил. Москва: Астрель: АСТ: Хранитель, 2007.
- Dauzat, Albert. *Dictionnaire Étymologique de la langue française*. Paris: Larousse, 1938.



- d'Hauterive, Robert Grandsaignes. *Dictionnaire des racines des langues européennes*. Paris: Larousse, 1949.
- Diez, Friedrich. *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Hauptsprachen*. Bonn: Marcus, 1858.
- Dionísio de Halicarnasso. *Tratado da Imitação*. (Biblioteca de Evphrosyne – 1). Editado por Raul Miguel Fernandes. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Estudos Clássicos das Universidades de Lisboa, 1986.
- Donkin, T. C. *An etymological dictionary of Romance Languages; chiefly from the German of Friedrich Diez*. London, Edinburgh, 1864.
- Duff, Charles & Dmitri Makaroff. *Russian for Beginners*. New York: Barnes & Noble, 1962.
- Dulac, Georges. «Civiliser la Russie: sept ans de travaux de Ribeiro Sanches», in Georges Dulac (ed.), *La culture française et les archives russes: une image de l'Europe au XVIIIe*. Paris: Centre international d'étude du XVIIIe siècle, 2004, pp. 239-283.
- Dulac, Georges. «Deux réseaux au service da l'Académie des sciences de Saint-Pétersbourg: autour de Ribeiro Sanches et Johann Albrecht Euler», *CAIRN Dix-Huitième siècle*, 40 (2008), 40: 193-210.
- Dulac, Georges. «Science et politiques: les réseaux du Dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783)», *Cahiers du monde russe* 43, 2-3 (2002): 251-274.
- Ernout, A. & A. Meillet, *Dictionnaire étymologique de la langue latine. Histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1959.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3.<sup>a</sup> edição, totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.
- Fourvières, Xavier de. *Lou pichot tresor, dictionnaire provençal-français [et] français-provençal*. Avignon: Aubanel, 1973.
- Galvão, Ramiz. *Vocabulário Etimológico, Ortográfico das Palavras Portuguesas derivadas da Língua Grega*. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1994. (A *editio princeps* desta obra foi publicada no Rio de Janeiro em 1909, a segunda edição em Lisboa, pela Fundação Gulbenkian, em 1933. O Autor também escreveu um «Suplemento ao 'Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega'», *Revista de Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro), XII 2.<sup>a</sup> série, fasc. 2.<sup>o</sup> (1931), 25-36, fasc. 3.<sup>o</sup> (1932), 85-102, fasc. 4.<sup>o</sup> (1932), 93-101, a incluir a letra A).
- Gomes, Álvaro. *Heúresis – por uma Geneologia das Ciências Sociais e Humanas*. Porto: Didáctica Editora, 2000.
- Grevisse, Maurice. *Le bon usage*. Refondue par André Goose. Treizième édition revue. Paris: Duculot, 1994.
- Halle, Morris. *The Sound Pattern of Russian. A Linguistic and Acoustical Investigation, with an Excursus on the Contextual Variants of the Russian Vowels*, by Lawrence G. Jones. The Hague: Mouton & Co., 1959.
- Haudricourt, André & Alphonse Juilland, *Essai pour une histoire structural du phonétisme français*. Seconde édition révisée, avec une préface d'André Martinet. The Hague: Mouton, 1970.
- Havlová, Eva. «Paluba», *Studia Minora Facultatis Philosophicae Universitatis Brunensis, A 50 – Linguistica Brunensia*, 2002: 61-66.
- Hederici, Benjamini. *Lexicon Graeco-Latinum*. Conimbricae: Typis Academicis, 1845.

- Hill, Jonathan. *Zonderman handbook to the history of Christianity: a comprehensive global survey of the growth, spread, and development of Christianity*. Oxford: Lion Publishing, 2006.
- Ieromonakh, Apiniy (Gamanovich). [Иеромонах Апиний (Гаманович).] Грамматика церковно-славянского языка. Можайск: «Художественная литература», 1991. (Репритуное издания 1964.)
- Izotov, A. I. [Изотов, А. И.] Старославянский и церковнославянский языки: Грамматика, упражнения, тексты: Учебное пособие для средних и высших учебных заведений. Москва: ИОСО РАО, 2001.
- Karulis, Konstantīns. *Latviešu etimoloģijas vārdnīca*. Riga: Avots, 2001.
- Körting, Gustav Carl O. *Lateinisch-romanisches Wörterbuch. Etymologisches Wörterbuch der romanischen Hauptsprachen*. Reprint (da 2.<sup>a</sup> edição, de 1901). New York: G. E. Stechert & Co., 1923. Edições anteriores: 1891, 1901, 1907 (a partir da edição de 1907, com novo subtítulo: *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Hauptsprachen*).
- Круглова, Ольга Владимировна. Народная роспись Северной Двины. *Folk Painting on the Northern Dvina*. Москва: «Изобразительное искусство». Izobrazitelnoye Iskusstvo Publishers, 1987.
- Levy, Emil. *Petit Dictionnaire Provençal-Français*. Heidelberg: Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, 1909.
- Machado, Fernando. *Educação e Cidadania na Ilustração Portuguesa - RIBEIRO SANCHES*. Porto: Campo das Letras, Editores, S.A., 2001.
- Machado, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3.<sup>a</sup> edição. 5 volumes. Lisboa: Horizonte, 1977.
- Mauro, Tullio de e Marco Mancini. *Dizionario Garzanti etimologico*. Milano: Garzanti Linguistica, 2000.
- Mendes, António Rosa. *Ribeiro Sanches e o Marquês de Pombal. Intelectuais e Poder no Absolutismo Esclarecido*. Dissertação de Mestrado em História Cultural e Política, apresentado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 1991. Cascais: Patrimónia, Associação de Projectos Culturais e Formação Turística, 1998.
- Messner, Dieter. *Dicionário dos dicionários portugueses XXXIII, K*. Bibliotheca Hispano-Luso, vol. 20. Salzburg: Institut für Romanistik des Universität, 2002.
- Meyer-Lübke, Wilhelm. *Romanisches etymologisches Wörterbuch*. 5.<sup>a</sup> edição. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1972. Primeira edição: 1911-1920.
- Miranda, João. «A missão portuguesa e a Rússia nos séculos XVII e XVIII», *Actas*, Congresso Internacional de História. Missão portuguesa e encontro de culturas, vol. 3, pp. 103-122. Braga: Universidade Católica, 1993.
- Moralejo Lasso, Abelardo. *Toponímia gallega y leonesa*. Santiago de Compostela: Editorial Pico Sacro, 1977.
- Nabais, João-Maria. *Ribeiro Sanches. Um estrangeirado na Europa das luzes: 1699-1783*. [http://www.vidaslusofonas.pt/ribeiro\\_sanches.htm](http://www.vidaslusofonas.pt/ribeiro_sanches.htm)
- Nascentes, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Com prefácio de W. Meyer-Lübke. Segunda tiragem da primeira edição. Rio de Janeiro: s. n., 1955.
- Nascentes, Antenor. *Dicionário etimológico resumido*. Coleção Dicionários Especializados. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1966.

- Patrick, George Z. *Roots of the Russian Language. An Elementary Guide to Word building*. Lincolnwood IL: Passport Books, 1992.
- Pokorny, Julius. *Indogermanisches etymologisches Wörterbuch*. 2 volumes. Tübingen: Francke A. Verlag, 2005.
- Porru, Vincenzo Raimondo. *Nou Dizionariu universali Sardo-Italiano*. 2 vol. Nuoro: Ilisso Edizioni, 2002.
- Português Fundamental*. Volume I, *Vocabulário e Gramática*, Tomo 1, *Vocabulário*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1984.
- Potapova, Nina. *Learning Russian*, Book One. Tradução de Natalie Kadisheva. Moscovo: Progress Publishers, s. d.
- Puchkine, Alexandre. «A filha do capitão» em *4 Contos de Puchkine*. Tradução de José Augusto. Porto: Campo das Letras, 2002. Páginas 89-227.
- Púchkine, Alexander Serguéievitch. *A filha do capitão*. Traduzido do russo por Manuel de Seabra. 2a ed. Lisboa: Novo Imbondeiro Editores, 2002.
- Puşcariu, Sextil. *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen, I: Lateinisches Element, mit Berücksichtigung aller romanischen Sprachen*. Heidelberg: Winter, 1905
- Relações entre Portugal e a Rússia, Séculos XVIII a XX*. Lisboa: Instituto Diplomático / Ministério de Negócios Estrangeiros / Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo, 1999. Veja-se especialmente p. 45, «Relatório sobre a pensão a pagar a Ribeiro Sanches, residente em Paris, por serviços prestados à corte imperial russa».
- Rey, Alain (dir.). *Dictionnaire historique de la langue française*. 2 vol. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1992.
- Robert, Paul. *Le Grand Robert de la Langue Française*. Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française. Deuxième édition, entièrement revue et enrichie par Alain Rey. Paris: Dictionnaires LE ROBERT, 1988.
- Roberts, Edward A. y Bárbara Pastor de Arozena. *Diccionario etimológico indoeuropeu de la lengua española*. Madrid: Alianza Editorial, S. A., 1994.
- Rosental', Ditmar E. [Розенталь, Дитмар Эльяшевич.] Справочник по правописанию и литературной правке. Москва: Рольф, 2001.
- Rougé, Jean-Louis. *Dictionnaire étymologique des créoles portugais d'Afrique, avec une préface d'Alain Kibm*. Paris: Éditions Karthala, 2002.
- Sacau Rodríguez, Gerardo. *Os nomes da Terra de Vigo. Estúdio etimológico*. Vigo: Instituto de Estúdios Viguenses, 1996.
- Sanches, António Nunes Ribeiro. *Dissertação sobre as Paixões da Alma*. Introdução, organização do texto e notas de Faustino Cordeiro. Em anexo: A reprodução da versão francesa do Séc. XVIII. Penamacor: Câmara Municipal, 1999.
- Sanches, António Nunes Ribeiro. *Sobre a Agricultura, Alfândegas, Colónias e outros textos*. Introdução, organização do texto e notas de Faustino Cordeiro. Com prefácio de António Borges Coelho. Penamacor: Câmara Municipal, 2000.
- Sanches, António Nunes Ribeiro. *Diário de Campanha na Guerra Russo-Turca (1735-1739) e Outros Textos*. Introdução, organização do texto e notas de Faustino Cordeiro. Penamacor: Câmara Municipal, 2006.

- Saraiva, F. R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro: Garnier, 1993. (Com várias edições anteriores.)
- Segura Munguía, Santiago. *Nuevo diccionario etimológico Latín-Español y de las voces derivados*. Cuarta edición. Bilbao: Universidad de Deusto, 2010.
- Shanskii, Nicolai Maksimovich. *Russian Lexicology*, Translation by B. S. Johnson; Oxford: Pergamon Press, 1969.
- Shchepkin, Viacheslav Nikolaevich. [Щепкин, Вячеслав Николаевич.] *Русская Палеография*. Москва: Аспрент Пресс, 1999.
- Schöpfli, Johann-Daniel. *Brieflicher Verkehr*. Richard Fester, ed. Tübingen: Litterarsicher Verein in Stuttgart, 1906.
- Siilin, Lea. Отражение графико-орфографических норм церковнославянского языка в житийной литературе второй половины XVI века на материале Жития Александра Свирского. Joensuu Yliopiston Humanistisia Julkaisuja. University of Joensuu Publications in the Humanities. Joensuu: Joensuu Yliopisto, 2001.
- Silva, Amós Coêlho da & Aírto Ceolin Montagner. *Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro: Amós Coêlho da Silva e Aírto Ceolin Montagner, 2005.
- Slobodskiy, Serafim. [Серафимъ Слѣбодской] *Законъ Божій для семьи и школы*. Свято-Троицкая Сергиева Лавра: 1997.
- Толковая Псалтирь с краткими пояснениями Святых Отцев и указанием порядка чтения Псалмов на всякую потребу. ЗАО “Тираж - 51“, 1995.
- Torrinha, Francisco. *Dicionário Latino-Português*. Porto: Gráficos Reunidos, 1998.
- Trager, George L. «Writing and Writing Systems», in Thomas A. Sebeok (ed.), *Current Trends in Linguistics, Linguistics and the Adjacent Arts and Sciences*. The Hague, Paris: Mouton, 1974. Pp. 373-496.
- Українка, Леся Драматичні твори. Київ «Наукова думка», 2008. “Slavus – sclavus” p. 39-41.
- Vasmer, Max. *Russisches etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg: Carl Winter 1953. (Foi utilizada para os fins do presente estudo a edição russa, Макс Фасмер, *Этимологический Словарь Русского Языка*, Москва: Прогресс, 1987).
- Vieira, Fr. Domingos. *Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza pelo...;* vol. 3. Porto: Editores Ernesto Chadron e Bartholomeu H. de Moraes, 1883.
- Voinova, N. Ya. [Воинова, Н. Я.], С. М. Старец, В. М. Верхуша, А. Г. Здитовецкий. *Русско-португальский словарь*. Москва: «Русский язык», 1989.
- Watkins, Calvert (ed.). *The American Heritage Dictionary of Indo-European Roots*. Third edition, revised and edited. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2011. (See also first edition: 1985, second edition: 2000.)
- Webster's New International Dictionary of the English Language*. Second edition, unabridged. Springfield: G. & C. Merriam, 1961.
- Weekley, Ernest. *An Etymological Dictionary of Modern English*. In two volumes. New York: Dover Publications, 1967.
- Wolkonsky, Catherine A. & Marianna A. Poltoratzky. *Handbook of Russian Roots*. New York: Columbia University Press, 1961.
- Законъ Божій, для семьи и школы... (A Lei de Deus, para a família e a escola...). Reimpressão da edição Свято-Троицкая: Сергиева Лавра, 1997.

(Página deixada propositadamente em branco)

## NOTAS

<sup>1</sup> воевода é a primeira palavra russa que Ribeira Sanches emprega no manuscrito. Ao contrário da maioria das outras (representadas em letra cirílica), esta está em transliteração, em letra romana, numa forma adaptada ao francês: *vaiводе*. воевода significa «chefe militar ou governador de província na Rússia dos séculos XVI a XVIII».

<sup>2</sup> Na grafia cursiva empregada no manuscrito, parece ter havido interferência posterior na escrita original do referido trecho, de tal maneira que a letra inicial da segunda palavra tenha sido adulterada, passado de б [b] a в [v]. Comparem-se, por exemplo, a referida letra e a forma cursiva de б [b] na palavra палубы, número 4 na Tabela 1 (folha 68r, linha 12, no manuscrito).

<sup>3</sup> Veja-se a secção 1.2.2 *infra*.

<sup>4</sup> Não se trata de influência da forma primitiva do eslavónico eclesiástico, preservado apenas em alguns textos dos séculos IX e X, mas antes da língua litúrgica e literária que se mantém nalguns contextos até hoje (e da qual se incluem algumas amostras no Apêndice do presente estudo).

<sup>5</sup> A expressão que significa «campo de batalha», comumente registada nos dicionários, é, porém, поле боиа (forma escrita anterior) ou поле боя (forma escrita actual). No entanto, verifica-se que há algumas palavras iniciadas por вои- com semelhança de significado com as com o radical би-, бой-: воин, «guerreiro», воинский, «militar, guerreiro», воинственно, «belicosamente». É possível que a modificação da letra no manuscrito tenha sido introduzida por associação com palavras com вои- do mesmo campo semântico.

<sup>6</sup> Embora bastante difundida a noção de que Cirilo e Metódio criaram (ou «inventaram») o alfabeto russo, tal noção é inexacta: de modo geral, os sistemas de escrita (de todo e qualquer idioma, inclusive do russo) evoluíram ao longo dos tempos, num processo paulatino. No caso das línguas eslavas, veja-se, entre outros, Брайчевський (2002).

<sup>7</sup> Embora seja plausível ter havido influência da língua grega na forma cursiva da letra «e» na grafia de Ribeira Sanches, a resultar na forma ε, o uso desta forma pode ter sido consequência da evolução da letra «ять» do antigo eslavónico eclesiástico, que passou para «e» (Изотов 2001: 19), sendo rerepresentada, porém, por «e» em forma impressa no russo contemporâneo. É de notar que o uso da forma «ε» também ocorre no autógrafo de Lomonosov reproduzido em Белявский 1986: 17, o qual é da mesma época que o manuscrito de Ribeira Sanches (século XVIII). No Apêndice do presente estudo há um exemplo da letra «ять», de um cartaz de 1915. O uso de «ять», na língua russa, foi oficialmente abolido em 1918.

<sup>8</sup> São claras (embora de grau pequeno) as diferenças entre o russo π, л e o grego π, λ. Quanto às diferenças entre as formas cursivas do russo π e do grego π, nota-se que, na letra grega «pi», o traço horizontal se coloca por cima dos dois traços verticais, estendendo-se para além de ambos, enquanto na letra russa correspondente

o traço horizontal se coloca justamente por cima dos dois traços verticais, sem se estender para nenhum dos lados. Esta diferença significa que, nas formas cursivas, a letra grega exige três movimentos, enquanto a forma russa correspondente se faz com um movimento contínuo (sendo, portanto, uma forma gráfica verdadeiramente «cursiva»). Quanto às diferenças entre as formas cursivas do russo л e do grego λ, nota-se que a letra russa se faz com um traço contínuo, enquanto a letra grega correspondente se faz com dois traços, um maior (de cima para baixo), que define a altura da letra, outra lateral (de baixo para cima), que liga à anterior aproximadamente num ponto médio.

<sup>9</sup> As palavras constituídas a partir da raiz уч, com as variantes ыч, ук ou ык, representam alternâncias comuns na variação entre os radicais de palavras derivadas da mesma raiz (nas palavras mencionadas na exemplificação das derivações, as alternâncias manifestadas são entre к e ч, у e ы; cf. Patrick 1992: 12-13).

<sup>10</sup> Em ambas as traduções do referido conto, os textos (Seabra 2002, Augusto 2002), os textos em português incluem a transliteração que se encontra no texto original, *outchitel*, enquanto empregam palavras tais como «preceptor» e «mentor» na versão em português.

<sup>11</sup> Segundo Ernout e Meillet (1939: 1143), a palavra latina *uxor* resultou da combinação de \*uk-, semelhante ao arménio *us-*, em *usanim*, «eu aprendo», com -sor- (em *uxor* [uksor]), o mesmo elemento constituinte que se encontra em *soror*, que refere uma «pessoa feminina do grupo». Ernout e Meillet notam a semelhança com o arménio *amusin* «marido, esposa», palavra composta pela preposição *am-* «com» e um reflexo da raiz \*euk- «habituar-se a, aprender» presente no arménio *usanim* «aprendo».

<sup>12</sup> Watkins indica uma forma nasalizada no antigo irlandês, *tu-ucc* «entender, acostumar-se a» (< irlandês gaélico *tuigim* «compreendo») que, além das palavras das línguas já referidas na secção 1.3.1, também pode ser considerada entre as formas historicamente derivadas da mesma raiz, conforme indica Pokorny.

<sup>13</sup> O significado «carros» é evidenciado pelo texto em francês (68v. do manuscrito), que refere *chariots* («carros» ou «carruagens»). De acordo com o contexto discursivo mais amplo, trata-se, evidentemente, de veículos de guerra. É falha a leiura da palavra палубы [palubʊ] como “полозя [palozia]” (Machado 3002: 226), a qual provém de uma interpretação errada da forma escrita em letras cursivas -- e resulta numa interpretação errada do significado. A palavra полоз (no singular) não significa nenhum tipo de veículo, mas apenas o *patim do treinó*. Evidentemente, não se constroi tais peças como veículos, mas como partes integrantes do treinó. Com tal leitura e o respectivo comentário, Machado manifesta desconhecimento tanto em relação à grafia como em relação à cultura material.

<sup>14</sup> É moderno o uso de *lobby*, na linguagem política, para designar um grupo que (na ante-sala do órgão legislativo, ou alhures...) procura influenciar a votação em relação a determinada proposta de lei; tal actividade é commumente designada pela palavra *lobbying*. O termo *lobbying*, em relação à referida actividade está documentada no inglês escrito a partir de 1820, enquanto os empréstimos correspondentes em português, *lobby* (ou *lobí*) e *lobbying*, datam só da década de '80 do século XX. Na linguagem política do inglês, o termo *lobbying* tem uma conotação negativa, sendo mais neutros alguns sinónimos, como, por exemplo, *advocacy*.

<sup>15</sup> Emprega-se o símbolo [u] do alfabeto da Associação Internacional de Fonética para indicar o som da vogal «dura» (segundo a terminologia frequente entre foneticistas russas e professores de língua russa, como Duff & Makaroff 1962:7) representada na ortografia pela letra «ы». Trata-se de uma vogal alta posterior não arredondada, peculiar ao russo (e encontrada em poucas outras línguas), no qual ocorre tipicamente depois de consoantes «duras» (isto é, não palatalizadas).

<sup>16</sup> A etimologia de *палуба* é analisada de forma ampla e profunda por Havlová 2002: 61-66, a considerar muitos dicionários etimológicos e formas historicamente afins de numerosos idiomas.

<sup>17</sup> No verbete referente à palavra *livre*, no *Dictionnaire Historique de la Langue Française* (A. Rey, dir. 1992: 1138), encontra-se a seguinte afirmação: «L'origine du mot est inconnue [sic!]: le lituanien *lupù* 'j'écorce' et le vieux slave *lubū* 'écorce' sont trop isolés pour fournir des correspondences fiables». Evidentemente a referida afirmação carece de fundamentos filológicos visto que o Autor não leva em conta a ampla documentação relevante, de diversas línguas indo-europeias, que se encontra em dicionários históricos de perspectivas mais amplas, tais como Ernout-Meillet (1959), Vasmer (1953) Pokorny (1959) e Watkins (1985), entre outros.

<sup>18</sup> Os dicionários do latim comumente indicam diversos sentidos na entrada de *cōdēx*: assim, o dicionário de Saraiva (1898; que se tornou clássico como obra de referência para latim-português), indica «Tabuinha de escrever, registro, escripto, livro» (com a indicação de Cícero e Ulplanus, como fontes). Em comparação, na entrada correspondente, o dicionário mais moderno de Silva e Montagner (2005) indica os sentidos «códice, tabuleta de escrever, livro; livros de registro; código, coleção de leis».

<sup>19</sup> O «Aurélio» (Ferreira 1999: *q.v.*) abona *ucasse*, com o sentido de «decreto dos antigos czares russos», e com a indicação de que provém do «russo *ukase*, 'edito imperial', pelo fr. *ukasse*». O *Dicionário Houaiss* regista *ucasse*, com o sentido principal de «decreto, sentença emanada do tzar, na Rússia imperial» e o sentido metafórico de «resolução autoritária, despótica», do russo «*ukaz...*, pelo francês *ukase* ou *oukase...*».

<sup>20</sup> Ernout e Meillet consideram «de relações pouco claras» as palavras do grupo latino *plancus*, *planta*, *plautus*. No entanto, as variantes das raízes IE \*pela- «plano, estender, espalhar», e \*plā- (<contração de \*plāə-) e \*pla-, e as formas afins \*plat- e \*plāk- ou \*plak- (extensões da raiz \*pelə-) tornam evidente haver laços históricos entre as palavras *plancus* e *planta*, embora seja de outra raiz (IE \*plāi-, pləu- «alagar») a palavra *plautus* (Pokorny *op. cit.* I:838).

<sup>21</sup> Segundo o *Dizionario Etimológico*, de Mauro e Mancini (2000), realizada na sequência do *Grande Dizionario Italiano dell'Uso* em 6 volumes (Torino: 1999), que serviu de fonte principal do *Dizionario Etimológico*, a palavra *piano* tem quatro domínios principais de significado, enumerados com algarismos romanos de i a iv no presente estudo, e fim de facilitar a respectiva referência (e de evitar a eventual confusão devida ao uso de algarismos árabes em outros contextos na mesma secção). O exame das diferentes fontes associadas com os diversos sentidos da palavra italiana *piano* indica que se trata de quatro homónimos, de origens distintas, sendo, portanto, historicamente quatro formas convergentes de diferentes étimos.

<sup>22</sup> Observa-se na língua russa a alternância, segundo os contextos, entre diferentes letras que representam sons afins, tais como «O» e «a», «C» e «Ш», «T» e «Ч» ou «Щ» (veja-se Patrick 1992: 12-13).

<sup>23</sup> Na tabela 4, estão entre parênteses retos as transliterações segundo a leitura que Machado faz da representação cursiva das palavras russas no manuscrito; no presente estudo os parênteses retos abrangem transcrições fonéticas.

<sup>24</sup> Veja-se a nota 11, p. 226.

<sup>25</sup> Veja-se a nota 15, p. 226.

<sup>26</sup> No último exemplo da palavra *учитель* (número 7 da Tabela 4), o texto de Ribeiro Sanches representa o singular com a letra final *ь*, o “sinal de brandura”, empregado para indicar que a consoante que o precede é do tipo “brando”, ou palatalizado. No penúltimo exemplo da mesma palavra, esta letra está omitida, aparentemente devido a um lapso. Por sua vez, na transliteração de ambas as ocorrências da palavra no singular Machado não indica o sinal de brandura *ь* após a letra *л* com (transliteração: [-l']). Por outro lado, Machado indica, sem motivo, em



ambas as ocorrências no singular, o núcleo da última sílaba (que é átono) com a transliteração [ie] (ditongo!). Por outro lado, ainda na transliteração desta mesma palavra, Machado representa o núcleo da sílaba tónica ora por [i], exemplos (1) e (3), ora por [ie], exemplo (2).

<sup>27</sup> Veja-se a nota 19, p. 227.

<sup>28</sup> Veja-se a nota 29, p. 227. Machado lê a segunda palavra do termo, na representação de Ribeiro Sanches, como *воиъ* (p. 195), sem notar que a primeira letra foi mudada de «б» para «в», e interpretando a última letra, «а», como o sinal de brandura «ь».

<sup>29</sup> Das cinco vezes que Ribeiro Sanches emprega a palavra *учитель*, *utchtitel*, escreve-a quatro vezes de forma ortograficamente correcta, com a vogal e na última sílaba, uma vez (a primeira ocorrência da palavra no manuscrito) de forma fonética, com a vogal и [i], que corresponde à pronúncia comum neste contexto. Por sua vez, F. Machado indica, entre parênteses rectas, a pronúncia [ie] para esta parte de palavra em três das representações na versão em português (vejam-se os exemplos números 2, 6 e 7 da Tabela), que corresponde a realização comum da vogal e do alfabeto russo em posição tónica, mas não na posição átona, na qual ocorre na referida palavra. Com este erro e outros de semelhante índole, F. Machado revela desconhecimento das propriedades dos sistemas gráfico e fónico da língua.

<sup>30</sup> Trata-se de uma palavra comum, básica no léxico do russo e de outras línguas eslavas. Não é plausível que Ribeiro Sanches tenha cometido, na representação gráfica desta palavra, erros tais como a omissão do início, indicado várias vezes (sempre sem razão) na transcrição que faz F. Machado de acordo com uma leitura defeituosa, feita ao longo da edição do texto. A vasta cultura de Ribeiro Sanches, o seu conhecimento da língua russa, e a sua longa e distinta experiência na Rússia não coadunam com tal hipótese. E, afinal, trata-se de um texto sobre o ensino: muito dificilmente poderia haver equívocos da natureza alegada por F. Machado, na representação de uma palavra desta natureza, mormente no referido contexto discursivo.

<sup>31</sup> Não há nada de especialmente estranho na evolução da letra y [u] do alfabeto russo através do dígrafo *ou*, *o* com *u* sobreposto, ѳ: ambas as representações estão documentadas nas práticas gráficas na história da escrita russa. Por outro lado, semelhante evolução também ocorreu na evolução da representação gráfica do francês, quando o dígrafo *ou* passou a representar [u], visto que a letra *u* havia adquirido o valor de [ü].

<sup>32</sup> Haveria diversas fontes de informação para superar a falha no conhecimento da representação gráfica: o conhecimento de textos religiosos ortodoxos tradicionais (mesmo de edição moderna), o conhecimento das formas de representação gráfica comuns nos túmulos dos cemitérios ortodoxos, a consulta de qualquer manual de paleografia russa (como, por exemplo, Shchepkin 1999: 143, 151) ou até mesmo a consulta de alguém com conhecimento da cultura linguística russa. (Vejam-se os materiais incluídos no Apêndice do presente estudo).

<sup>33</sup> É de notar que a figura ѳ ocorre em sete registos de palavras russas no manuscrito. Assim sendo, não é plausível que a figura não corresponda a nenhuma letra.

<sup>34</sup> A consideração das propriedades de pronúncia e de representação gráfica do francês poderiam ter ajudado Machado a identificar o início vocálico da palavra: o texto em francês (no próprio manuscrito) indica a forma reduzida da preposição *de* (*d'*), que só se emprega em casos de elisão, a qual ocorre por sua vez exclusivamente diante de palavras iniciadas por sons vocálicos. O emprego da forma reduzida *d'* diante da palavra russa indica seguramente que esta tem como letra inicial uma vogal (representada no caso pela figura ѳ, que Machado deixa de reconhecer com grafia alternativa de y [u] típica de outra época).

<sup>35</sup> Veja-se, entre muitos outros, Halle 1959, Potapova, s.d.

<sup>36</sup> A palavra russa указы [ukazuj] foi adoptada em várias outras línguas. Está documentada no francês a palavra (com as representações gráficas ukase e oukase), como empréstimo do russo, a partir dos século XVIII. Ocorre a palavra também em outras línguas: por exemplo, no inglês, com a forma ukase (veja-se o site <http://www.answers.com/topic/list-of-english-words-of-russian-origin>), para referir determinados actos normativos de Pedro o Grande.

<sup>37</sup> Veja-se a nota 8, supra.

<sup>38</sup> Por exemplo, o excelente dicionário etimológico de Черных (1994; q. v. I, 618b, cf. Brückner 1957: 392b).

<sup>39</sup> Na respectiva nota (n. 29, p. 227), Machado dá a entender que Ribeiro Sanches não representa a palavra correctamente. Tal noção carece de fundamentos exactos. Parece que Machado não examinou o manuscrito com o cuidado necessário no que se refere à representação cursiva da primeira letra, visto que nem sequer menciona a evidente alteração da forma escrita inicial. (Além disto, o próprio Machado faz uma leitura errada da letra final da mesma palavra, a interpretar a letra «a» como o sinal de brandura, «Ъ»).

<sup>40</sup> Segundo Trager (1974: 414), foi só na década de 1930 que as letras latinas -ia foram substituídas definitivamente pela letra cirílica я. Segundo Shchepkin (1999: 152) a alternância entre as variantes na representação de -ia existia na escrita cursiva desde o século XVI.

<sup>41</sup> O sinal de brandura, «Ъ», não representa nenhum determinado som segmental (ao contrário das letras que representam as vogais e as consoantes); indica a pronúncia palatalizada (ou «branda») da consoante que o procede na mesma palavra. O sinal de brandura, «Ъ», só se emprega depois de consoantes, nunca depois de vogais, ao contrário do que faz Machado na transcrição da sua leitura (errada) da respectiva palavra russa do manuscrito. O uso deste sinal na ortografia e a sua relevância fonética são propriedades essenciais da pronúncia e da representação gráfica na língua russa.

<sup>42</sup> É de estranhar que, na preparação da edição de um texto de meados do século XVIII, existente só em manuscrito, Machado não se tenha informado das convenções gráficas da época. Por outro lado, é verdade que os caracteres cirílicos das palavras russas do manuscrito da referida obra de Ribeiro Sanches revelam alguma influência pelo conhecimento da escrita das letras gregas, mas tal influência, nas formas de algumas letras (por exemplo, Л [l] e П [p]), não afecta as possibilidades de leitura.

<sup>43</sup> A 21 de Novembro de 2002, realizou-se, na Universidade do Minho, um colóquio organizado pelas Dras. Aldina Marques e Aida Lemos, sobre a edição de textos, com a participação de docentes de diversas universidades portuguesas, mas sem a presença de qualquer docente de outros departamentos da Universidade do Minho além do Departamento de Estudos Portugueses. É sintomático o facto de não ter participado deste colóquio o professor que tinha em preparação uma edição que incluiria o manuscrito de Ribeiro Sanches (1766). Na ocasião, antes de apresentar uma comunicação sobre a edição de textos autógrafos, o Professor Ivo de Castro, especialista nesta área, observou que, embora seja comum dizer que há muitas edições de textos antigos em português, na sua opinião, há poucas edições de boa qualidade.

<sup>44</sup> Uma reprodução da referida ilustração encontra-se em Hill (2006: 220).

(Página deixada propositadamente em branco)

## COMENTÁRIOS FILOLÓGICOS SOBRE O FRANCÊS DO MANUSCRITO.

### 1. Ortografia.

No que se refere às formas gráficas típicas do manuscrito, convém fazer duas observações iniciais, quanto ao uso das marcas de acento e quanto ao uso da cedilha. No tocante aos acentos, na época representada pela linguagem do manuscrito, ainda não estava normalizado o emprego dos acentos (agudo, grave, circunflexo). Assim, não é de estranhar a alternância no emprego de tais diacríticos na escrita de Ribeiro Sanches.

Algo semelhante é relevante ao uso da cedilha. Antes do seu emprego, usava-se a vogal *e* e entre a letra *c* depois de *s* e antes das vogais *a*, *o*, *u*, inicialmente para indicar o som [ts] ou [ć], depois [s]. Data de 1530-1531 o primeiro documento em francês com o emprego da cedilha, importada do espanhol. Não obstante alguma resistência inicial, devido ao facto de que a cedilha não era empregada em latim (por exemplo, pelo famoso gramático Estienne que pela mesma razão também rejeitava o uso da letra *z*) embora já fosse empregada a cedilha na tipografia da época (século XVI). Nicot (1606) introduziu o emprego sistemático da cedilha, sendo depois adoptado pela Academia. Evidentemente, porém, levou algum tempo para o uso chegar a ser geralmente convencional.

Durante o século XVIII, a ortografia do francês era imprecisa em vários aspectos, dando origem a algumas alternâncias no uso.

A terceira edição do *Dictionnaire de l'Académie* (1740) incluía algumas modificações na representação ortográfica que afectavam um bom número de palavras, cerca da quarta parte das formas registadas: (a) o abandono da representação das letras gregas em muitos substantivos comuns (por exemplo, *détrôner* em vez de *détrôner*, mas não em *bibliothèque*), embora não nos nomes próprios (por exemplo, *Athènes*), nem na linguagem científica (*theorie*, *thermometre*, entre muitas outras palavras); Ribeiro Sanches emprega tanto *biblioteque* (72v 15) como *bibliothèque* (81v 17-18), mas *theatre*, *theorie* e *thermometre*, e usa a forma *Pythagore* (89v 12); (b) as consoantes «etimológicas», sem valor de representação fónica, foram eliminadas (por exemplo, *avocat* em vez de *advocat*); (c) o *s* implosivo («*s muet*»), foi sistematicamente substituído pelo acento circunflexo na vogal antecedente (por exemplo, *tête* em vez de *teste*, entre muitas outras palavras. Em relação a esta última modificação, é de notar que a palavra que actualmente se escreve *plutôt* (sem a consoante etimológica *s* no fim da primeira sílaba, nem o *s* implosivo no fim da segunda) era representada por diversas grafias antes de meados do século XVIII: *plustost*, *plus tost*, *plus-tost*; no manuscrito de Ribeiro Sanches este advérbio é empregado várias vezes, sempre com a forma *plutot*.

A edição do *Dictionnaire de l'Académie* de 1835 introduziu duas modificações importantes pelo número de formas atingidas: (a) o dígrafo *-ai-* [ɛ] substituiu *-oi-* (nas formas onde a correspondência fónica já era [ɛ]) e (b) os plurais das palavras em *-ant* e *-ent* passaram de *-ans* e *-ens* a *-ants* e *-ents*. Ambas as mudanças são relevantes a propriedades do francês do manuscrito, em que se encontram muitas formas com *-oi-* e com *-ans* ou *-ens* (por exemplo, *enterremens*, *couvens*, mas também *couvents*). No texto do manuscrito, é especialmente comum na flexão verbal o uso de *-oi-* (por exemplo, *connoit* 65f 5, *conservoit* 78v 9) mas também em palavras de outras classes gramaticais (por exemplo, o substantivo *connaissance*, empregado várias

vezes, tanto no singular como no plural, sempre escrito com *-oi-*; não se nota no manuscrito alternância das flexões verbais com *-oi-*.

Quando às formas das palavras no manuscrito de Ribeiro Sanches, nota-se que a forma *elemens* é usada algumas vezes; não ocorre a palavra com a terminação *-nts*. De modo semelhante, ocorre a forma *habitans*, mas não *habitants*, *Parlemens* mas não *Parlements*. Por outro lado, o plural de *President* é dado como *Presidents*. Assim, nota-se que são variáveis as formas dos plurais dos substantivos no manuscrito; parece bem fundamentado a prática introduzida pelo *Dictionnaire de l'Académie* de 1835, segundo a qual os plurais das palavras em *-ant* e *-ent* passaram a *-ants* e *-ents* (em vez de se manterem em *-ans* e *-ens*).

Nem todas as características de representação gráfica das palavras que se observam no manuscrito de Ribeiro Sanches estão abrangidas nos casos de determinadas mudanças ortográficas acima mencionadas, que resultaram das referidas edições do *Dictionnaire de l'Académie*. Há várias características que parecem ser de uso próprio.

É intrigante o uso das letras duplas que se observa no manuscrito. Alguns casos não são de fácil explicação, embora admitam algumas hipóteses. Por exemplo, Ribeiro Sanches usa as formas *ball* e *balls*, além de *bal* e *bals*, todas no sentido de «baile» ou «bailes». Em francês, não ocorrem consoantes duplas em final de palavra: qual seria o fundamento de *ball* e *balls*? Nota-se que, embora escassos, há no russo terminadas com consoantes duplas, especialmente nomes próprios (em letra romana, por exemplo, Smirnoff, Kirill). Mas há também alguns casos de substantivos comuns com terminação em letra dupla de consoante: até existe балл (em romano, *ball*), mas não no sentido de «baile».

Outro caso do uso de letras consonânticas duplas em fim de palavra ocorre com a palavra *maréchal*, que corresponde a маршал em russo. Ribeiro Sanches emprega as grafias *Marechal* (68f 13, 86f 4) e *Marechall* (66f 8, 80f 6, 86f 8), chegando a usar ambas

as grafias na mesma página. Não há explicação aparente para tal alternância, mas deve-se notar que não haverá diferença entre as correspondências fônicas destas duas terminações na escrita.

No que se refere às vogais pré-tônicas, Ribeiro Sanches emprega várias vezes a palavra *premier*, no masculino e no feminino, singular e plural. Sempre representa a primeira sílaba como *pri-*. Desde o século XVI, é sempre *pre-* em francês. Assim, o uso de Ribeiro Sanches neste caso não pode resultar da influência de formas anteriores. Haverá algumas hipóteses: (a) influência da palavra russa *пример*, com semelhança de forma [primier] ao francês *premier*, *première* [prəmje, prəmje:r], embora haja diferença de significado, ou, mais plausivelmente, (b) influência da forma do étimo em latim (*primariu-*). Uma terceira hipótese seria baseada na fonologia contrastiva entre o francês e o russo: (c) em termos fonéticos, a vogal [ə], que ocorre em *premier* e *première*, não é nem anterior, nem posterior, mas antes da série central, assemelhando-se (até certo ponto...) à vogal russa [u], que corresponde à letra *ы* do russo, a qual pode ser representada por *i* em letra romana, por não haver alguma opção melhor (isto é, de representação mais exata).

Independente das alternâncias gráficas no manuscrito e das suas possíveis causas, as grafias empregadas por Ribeiro Sanches deverão ser mantidas na transliteração (de acordo com as normas das edições diplomáticas).

Além dos exemplos já referidos, há vários outros casos de representação ortográfica que devem ser comentados.

Encontra-se, na primeira metade do século XVIII, alternância na ortografia da palavra francesa *essaim* [esɛ̃] (do latim *exāmen*, «rancho, multidão», de onde proveio também a forma divergente *examen* [egzamɛ̃], que corresponde ao português *exame*, da mesma origem). Nos dicionários do século XVIII é comum ocorrerem as duas grafias *essaim* e *essain* (sem diferença de correspondência fônica). Da primeira edição (1694) até à terceira (1791), o *Dictionnaire de*

*l'Académie française* incluía como entrada a forma *essaim*, com *m* final (que é raro, não obstante *faim*, *daim*, etc.), seguida pela variante gráfica *essain*. É evidente que o *m* final serve para maior aproximação ao verbo derivado *essaimer* (XIII, *essamer*). A partir da quarta edição (1762), o *Dictionnaire de l'Académie* não retém mais a forma em *-m* (comparem-se *alun*, *étain*, *venin*, que não mantêm o *-m* final, em contraste com *étaim*). Não há diferença de correspondência fónica entre as formas *étain* e *étaim* (à semelhança de *essaim* e *essain*), sendo ambas representações de [etẽ].

Para o plural do adjetivo *different*, Ribeiro Sanches escreve *differeñts* (79f 13) e *differeñs* (85f 5). O valor fónico de ambas as formas é [diferã], sem diferença de pronúncia, o que pode ser um factor na falta de distinção gráfica no manuscrito.

O verbo *dompter* e as palavras afins (*dompteur*, *domptage*) contiuem um caso especial da ortografia moderna. O étimo de *dompter* é o latim *domitare*, forma frequentativa do verbo *domare*, «submeter, domar». Assim, a letra *p* na forma moderna não tem fundamento etimológico: representa apenas a transição entre a nasal bilabial [m] e a oclusiva áfona [t]. Na representação do verbo, as formas empregadas no manuscrito acusam alternância entre *-t-* e *-tt-*, com duas formas sem a letra *-p-*; na representação de *indomptable*, as formas usadas tem a letra simples *-t-*, mas falta a letra *-p-*. Não há explicação simples evidente para a alternância gráfica observada.

Devido à história das convenções no uso da cedilha, não é de estranhar que no manuscrito considerado Ribeiro Sanches não empregue a cedilha de forma sistemática. É sintomático, por exemplo, o caso da palavra *françois*, que ocorre cerca de uma vintena de vezes, apenas duas vezes grafada com cedilha.

Algo semelhante ocorre em relação aos diacríticos de acento, em que o emprego que se observa no manuscrito não está de acordo com as normas actuais. A impressão é não se fazer distinção entre as diversas marcas possíveis. Até é relativamente comum não ha-



ver nenhuma indicação de acento em casos que actualmente são marcados com acento de acordo com as normas convencionais.

## 2. Fonologia e morfossintaxe.

Em relação às formas morfológicas actuais, e no que se refere também à fonologia, a diferença que se observa com maior frequência está relacionada com a evolução da correspondência fónica à sequência *-oi-*. Com a mudança para [ɛ], a representação escrita passou, posteriormente, ao dígrafo *ai*: na fonologia, entre *-ai-* [ɛ] actual e *-oi-* [wa] (por exemplo, *connoissance*, do manuscrito, e *connaissance*, do uso actual). Evidentemente, a mesma mudança constitui o fundamento entre muitas formas diferentes na flexão verbal, típicas ao texto do manuscrito, em contraste com o uso moderno.

Quanto à morfologia dos substantivos e dos adjectivos, notam-se no texto de Ribeiro Sanches algumas alternâncias na flexão do plural. Por exemplo, a palavra *loi* ocorre várias vezes. Das nove ocorrências no plural, sete têm a forma *loix*, comum nos séculos XVII e XVIII, talvez por associação com o latim *lex* (embora o étimo seja o acusativo *legem*). A forma mais moderna *lois* ocorre apenas duas vezes.<sup>5</sup>

Ocorrem vários casos de palavras com o singular em *-nt*, o plural em *-ns*, tais como *elemens*, *enterremens*. O plural de *enfant* ocorre como *enfants* e *enfans* (duas vezes cada).

Na morfologia derivacional, o manuscrito não apresenta particularidades especiais.

No que se refere à sintaxe (ou morfossintaxe, segundo uma terminologia muito comum actualmente), convém comentar uma diferença no uso dos auxiliares *avoir* e *être* entre o período representado pelo manuscrito e a época actual, na formação do *passé-composé*, visto haver, em certos casos, uma tendência que favorece cada vez

mais o emprego de *avoir* em detrimento do uso de *être*, mesmo em casos onde o uso de *être* era comum antes.

Observa-se que Ribeiro Sanches emprega «est-il peri...?» (folha 79, linha 2), com o uso do auxiliar *être* de acordo com a prática comum no século XVIII. Encontra-se o uso do mesmo verbo auxiliar com o mesmo verbo principal no referido tempo verbal exemplificado numa carta da autoria de Madame de Sévigné, considerada grande estilista da época: «Ainsi EST-il péri devant nos yeux cet homme si aimable» (com ênfase na própria citação; *Lettres*, 25 août 1679), trecho referido por Grévisse (1993: 1182). É inexacto em relação ao texto do manuscrito, e anacrónico em relação ao respectivo período, representar tal trecho da autoria de Ribeiro Sanches por «a-t-il peri...» (Machado, *op. cit.* 179).

### 3. Léxico e semântica.

Entre as ocorrências das palavras, notam-se algumas diferenças quantitativas que correspondem a diferenças na frequência relativa de propriedades significativas no texto do manuscrito. Por exemplo, são bastantes numerosas as ocorrências de *Seigneur*, *Jeune Seigneur* e *Seigneur Russe*, por se tratar a um plano de educação para os jovens fidalgos russos.

Como seria de esperar, em face do tema do manuscrito, ocorre com frequência elevada a palavra *education*. São significativas as frequências relativas de alguns termos relacionados com *education*: são bem mais frequentes os termos *precepteur* e *maître* (de significação mais elevada) do que o termo *professeur* (mais comum na linguagem corrente, mas de significado menos elevado).

No decorrer do texto do plano, Ribeiro Sanches refere-se à educação e à sociedade da França para comparações entre a educação na Rússia e a educação francesa. Assim, são frequentes as palavras

*françois e françoise*. Nota-se que o texto inclui algumas referências a outros países, tais como a Finlândia e a Suécia, mas não para fins de comparação dos sistemas educativos. Aliás, além das reiteradas referências à educação na França e na Rússia, a única menção da educação de âmbito nacional ou regional ocorre quando Ribeiro Sanches afirma: «La discipline militaire des Legions Romaines se perd peu a peu par la frivole education Greque & Asiatique...» (78v 15-17). (Nesta citação, como nas demais, mantêm-se as formas gráficas do manuscrito).

Como também seria de esperar, são especialmente numerosas as referências à Rússia e à respectiva sociedade, sendo frequentes no texto do manuscrito as palavras *Russe* e *Russie*.

São bastante numerosas as referências a Roma e aos romanos, muito apreciados por Ribeiro Sanches, que afirma que «Um Seigneur Russe... doit penser en Romain, agir en Romain, & se conduire en Romain» (82v 17-19).

O texto deste manuscrito não trata da imitação como método pedagógico: a única ocorrência do substantivo *imitation* (76f 6) está em relação à manutenção de um livro de receitas e despesas como um comerciante, com uma forma do verbo *imiter*, no contexto da noção de que os fidalgos russos vão imitar o uso do livro de receitas e despesas na educação dos filhos.

As únicas referências a Voltaire e a Rousseau (85v 2, 3) ocorrem no contexto de uma «grande vogue des livres de Mr de Voltaire, de Mr Rousseau...qui tachent de detruire la Religion». É sintomático o elevado número de referências à religião, sendo que o tratamento deste tema vai da página 85v até a meados da última página do manuscrito, a ocupar aproximadamente oito páginas e meio, ou seja, cerca da sexta parte do manuscrito.

A importância da religião no plano elaborado por Ribeiro Sanches, não se reflecte, porém, apenas pela extensão do tratamento no manuscrito e pelo número de ocorrências da palavra *religion* (mais de

vinte), mas sobretudo pela importância atribuída explicitamente a este factor na sociedade: «... un Etat ne peut jamais subsistir sans Religion... si on la voudra aneantir du Coeur das sujets, ... Cet'Etat tomberoit en poussiere, & seroit reduit a rien» (85v 12-15). Assim, torna-se evidente que qualquer estudo sério sobre o pensamento de Ribeiro Sanches, segundo o conteúdo deste manuscrito, não poderá omitir o tratamento da religião.

Além da consideração, em termos gerais, da relativa frequência de ocorrência das palavras do manuscrito, alguns aspectos de determinadas palavras deverão ser comentados. Limitamo-nos aos seguintes exemplos.

A forma *coeur* ocorre várias vezes no texto. Durante quase todo o século XVII, a mesma forma era empregada com o significado de «coração» e com o de «coro» musical, indicado pela forma *choeur*, a partir do fim do século XVII. Neste manuscrito, Ribeiro Sanches emprega a forma *coeur* só no sentido de «coração».

Encontra-se no manuscrito duas vezes a grafia *feu*. Há um uso metafórico da palavra que significa «fogo» (72v 9, «*le feu de la jeunesse*»), que provém do latim *focus*, sinónimo de *ignis* no período imperial. No outro caso (71v 21), *feu* significa «falecido»; o étimo é o latim popular *fatutus*. Sendo assim, são duas palavras diferentes, com étimos e significados distintos, embora convergentes na evolução formal.

Nota-se que *ombre* em francês (82f 13, 21-22, 87v 20, 88f 1) corresponde a «sombra» em português, sendo de difícil explicação o «s» inicial da palavra em português. É possível que tenha resultado da evolução de um latim vulgar \**solumbra*, como redução da frase *sub illa umbra* (segundo Nascentes 1966: q. v.).

Encontram-se no manuscrito as palavras *designer*, *dessein* e *dessiner*, todas relacionadas com o mesmo étimo em latim. O verbo *dessiner* («desenhar») foi formado a partir de *dessin*, de *designer*, derivado do latim *dēsīgnāre*, através do italiano *disegnare*; *dessein* é forma de verbal

de *dess(e)igner*, antiga forma de *dessiner*, também do italiano *disegnare*, provindo do latim *dēsignāre*, enquanto *désigner* (forma mais moderna) é empréstimo directo do verbo latino *dēsignāre*. Estão relacionados entre si os significados «desenhar, copiar, indicar, formar um plano, etc.» das palavras referidas. Nota-se que Ribeiro Sanches emprega a palavra *designer* no sentido de «desenhar», não de «designar».

Além da influência do italiano nas palavras *dessein* e *dessiner* do francês e da influência da cedilha do espanhol na ortografia francesa, seria possível mencionar numerosos outros exemplos de influência de outros idiomas. São de interesse especial duas palavras do texto do manuscrito que provêm de raízes indo-europeias também representadas pelas palavras russas do manuscrito: o IE \**leub-* e \**plat-*, extensão de \**pelə*, são representados por луб (que constitui o núcleo da palavra палубы, e que significa um tipo de carro utilitário aberto, de leito plano) e поле («campo», na expressão поле боя «campo de batalha») nas palavras russas do manuscrito, *loge* e *place* do texto em francês.

Não é de estranhar o facto de haver diferenças de significado (além das diferenças de forma) entre as palavras russas e as francesas provindas da mesma raiz do indo-europeu: afinal, as referidas línguas são de ramos diferentes da grande família das línguas indo-europeias, havendo passado muito tempo (isto é, alguns milénios) entre o antigo IE e o período de formação das línguas modernas que dela se derivam (neste caso, o russo, do ramo-balto-eslavo, e o francês, do ramo itálico).

A palavra *seigneur* (com as formas divergentes *sire* e *sieur*) provém da forma comparativo *senior* do adjectivo *senex* «velho», sendo cognatos o grego antigo ενοϛ, o gaélico *sean*, o irlandês *sen*, o sanscrito *sana*; cf. o italiano *signor*, o espanhol *señor*, o português *senhor*. Ocorre na *Bíblia* referente a Deus.

A palavra *fade*, antigo francês *fade* «insípido», provém do latim *vapidus*, com possível influência de *fatuus* «fátuo, néscio».

O termo *diable* provém do latim *diabolus*, com formas correspondentes adoptadas em vários idiomas da Europa: o antigo eslavónico eclesiástico (numa forma que deu origem ao russo дьявол e o ucraniano диявол), o alemão *Teufel*, o norueguês e o dinamarquês *djœvel*, o gaulês *diawl*, entre outros.

Quanto à forma *druides*, a palavra francesa vem do latim *druidae*, por sua vez do gaélico *draoi*, antigo irlandês *druí*. No gaulês, a palavra cognata *derwyddon* tem o sentido de «adivinho», sendo derivado de *derw* «verdadeiro», cognata do inglês *true*.

O étimo de *maison* é o latim *mansionem*, o acusativo do substantivo *mansio*, *mansionis*, que provém do verbo *manere* «ficar, permanecer». A forma popular *maison* exemplifica a mudança do grupo em latim *-ns-* > *-s-* [z], que foi frequente (cf. *pensare* > francês *peser*, entre vários outros exemplos) e de ocorrência relativamente cedo, como indicam as formas de numerosos inscrições e as correspondências nas línguas românicas modernas. É de notar que a palavra *maison*, derivada do latim *mansionem*, substituiu, como substantivo comum, a palavra latina *casa* «choça», de origem osca, em galo-romance (ao contrário do ibero-romance, cf. o espanhol e o português *casa*). Em francês, vestígios da forma *casa* são preservados na preposição *chez* e em componentes de alguns topónimos.

O verbo *méprendre* (século XVI), representado no manuscrito pelas formas *meprisé* e *meprisoit*, provém da combinação em latim do prefixo *més-* de sentido negativo, do indo-europeu *\*mei-* (representado em inglês por *mis-* e no antigo francês por *mes-*, do frâncico *\*miss-*) «mudar, alterar», com o verbo *prehendere*, na forma alternativa *prendre*, «tomar», o que torna evidente o fundamento do significado «iludir-se, enganar-se».

A palavra francesa *parapet* (XVI, Rabelais) provém do italiano *parapetto*, que significa, literalmente, o que protege o peito (italiano *petto*), em combinação com *para* do latim *parare*, «preparar, preparar-se», por extensão «proteger».

Segundo um dicionário do século XVI, a palavra *parlement* (XI) provém da combinação de *parle* com *ment*, «parce qu'on y parle et ment». É derivado de *parler*, com o sufixo substantivador *-ment*, com evolução semântica a partir das noções de «falar» e «discutir» no sentido de passar a indicar uma instituição onde se realizam tais atividades.

A origem de *patriarche* (XII) é o grego πατριάρχης de πατριά «família».

O termo *patricien* (XIV) é derivado do latim *patricius*, que designava os que pertenciam aos *patres conscripti*, «senadores».

A palavra *patrie* (XVI) provém do adjetivo *patrius*, no singular do género feminino do adjetivo que corresponde ao substantivo *pater*, com o sentido «que pertence ao pai».

A palavra *perruque* (XV), representada no manuscrito por *peruque*, com o verbo derivado na forma *peruquier*, em vez de *perruquier*, com os desvios na representação gráfica devidos ao facto de não haver distinção na pronúncia correspondente a *r* e *rr* em posição intervocálica, ao contrário do português, em que ocorre a oposição entre «*r* brando» e «*r* forte». É comum considerar de origem obscura ou desconhecida o étimo de *perruque*, mas é empréstimo do italiano *parrucca* e *perrucca*. Há por vezes com a sugestão de haver uma relação de origem com o espanhol *peluca*; segundo o *Diccionario de la Lengua Española* da Real Academia Española, o espanhol *peluca* provém do francês *perruque*, com influência do latim *pilus*, «cabelo».

É plausível haver uma relação de forma e de significado entre as palavras francesas *perruque* «cabelo postiço» e *perruche* «periquito», devido ao facto de que alguns tipos de periquito têm uma formação de penugem na cabeça semelhante ao tufo de uma peruca.

A palavra *philosophe* (XII, com formas mais antigas *filosofe* e *filosofre*) provém, via o latim *philosophu*, do grego φιλόσοφος, «amante da sabedoria».

Por via do latim, *politique* provém do grego πολιτικός, derivado de πολίτης «cidadão», com base em πόλις «cidade».

O termo *ponton* (XII) provém do latim *pontonem*, acusativo de *ponto*, «barcaça para transporte», associado com o latim *pons*, *pontis*, «ponte».

A palavra *poudre* (antigo francês *poldre*, *polre*) provém do latim *pulvis*, *pulveris*, «pó», sendo o verbo *poudrer* derivado do substantivo *poudre*.

O étimo de *precepteur* (XV) é o latim *praeceptor* «preceptor, mestre, professor», de *praecipere* «tomar antecipadamente, receber antes», com a raiz *capere*, «tomar».

A palavra *profane* (XIII) tem como étimo o latim *profanus*, literalmente, «diante do templo» (combinação de *pro* «diante de, fora» com *fanus* «templo»), com o sentido original de não iniciado, seguido pela evolução do significado a «não iniciado, blasfemador».

Estão relacionadas com as noções de «saber» e «sabedoria» as palavras *sage* (representada no manuscrito pelo advérbio *sagement*) e *savoir* (*scavoir*, *scavant*), com \***sapius** por *sapiens* no latim vulgar, de *sapere* «saber». O uso de *sapere* substituiu o de *scire*, do latim clássico. A raiz indoeuropeia é \***sep-** «perceber».

A origem de *saint* e o latim *sanctus*, do verbo *sancire* «consagrar», cognato com *sacer* «sagrado, consagrado», do Indo-Europeu \***sak-** «santificar». Por ser homófonos, *saint* e *sain* «são», por vezes são confundidas, como no caso de *sainfoin* «feno são», representado erradamente em inglês com a expressão «holy hay».

A palavra *seigneur*, como as formas divergentes *sire* e o seu acusativo *sieur*, provém de *seniorem*, acusativo da forma comparativa do Latim *senex* «velho», sendo cognata do grego arcaico ένος, o gaélico *sean*, o irlandês *sen*, o sânscrito *sana*, entre outros; cf. o italiano *signor*, o espanhol *señor* e o português *senhor*. A palavra ocorre na *Bíblia* com o sentido de «Deus».



A origem de *sénat* (XIII) é o latim *senatus*, «concelho de velhos», de *senex* «velho», sendo *sénateur* do derivado *senator*.

Provém do latim *sermo*, com o radical *sermon-* (no acusativo *sermonem*), o frances *serment* (X). A raiz de Indo-Europeu é **\*ser-** «alinhar».

A verbo *souper* (XII, representado por *soupper* no manuscrito) e o substantivo *soupe* estão relacionados com o baixo latim *suppa*. A raiz do Indo-Europeu é **\*seuə-** «tomar líquido», com vários reflexos em diferentes línguas (e. g., o inglês *soup* e o alemão *Suppe*, do germânico **\*sūp-**).

A palavra *souverain* (XII, *soverain* no antigo francês) provém do latim vulgar **\*superanus**, da combinação de *super* «sobre» com *regnum*, do verbo *regere* «reinar».

Provém do latim *superstitione-*, relacionado com *superstes* «sobrevivente», a palavra *superstition* (XIV). A raiz do Indo-Europeu é **\*sta-** «manter-se, durar», cuja forma com sufixo **\*st -tu-** é a mais relevante neste caso.

O étimo do francês *tolerer* (XIV) é o latim *tolerare*, do mesmo sentido, e cognato com *tollere* «levantar, tomar».

O francês *toilette* (XIV) é forma diminutiva de *toile* «toalha», que provém do frâncico *thwahlja* (M. Lübke, REW, 8720).

A origem de *tour* (antigo francês *turn*, *tor*) é o latim *tornare* «tornar, trabalhar com uma roda, como fazer os torneiros», do latim *tornus*, grego τόρνος. A raiz do Indo-Europeu é **\*terə-** «tornar, torcer», com reflexos de diversos sentidos, em várias línguas.

O francês *trahison* (XI, antigo francês *traïson*, *trahison*) provém do latim *tradition-*, de *tradere* «entregar» da combinação de *trans-* com *dare*, literalmente «dar de um lado a outro».

A origem de *trésor* (XI, representado no manuscrito por *tresor*) é, por via do latim *thesaurus*, o grego θησαυρός, do verbo τιθέναι «guardar». A forma *trésorier* (*tresorier*) é o resultado de um processo de derivação comum.

A palavra *tribuna* é empréstimo do italiano *tribuna*, derivação do latim *tribunus* «protetor», de *tribus* «triba». Por exemplo, na frase *tribunus plebis* «protetor da plebe». A palavra *tribunal* provém do latim *tribunal*.

A origem da palavra *trigonométrie* (XVII, no manuscrito *trigonometrie*) é o latim moderno *trigonometria* (século XVI), termo formado da combinação do grego τρίγωνον «triângulo» com -μετρία «medição».

A origem de *trône* (XII, também com a forma *trone* no manuscrito) é o grego θρόνος «assento elevado». A raiz do Indo-Europeu é *\*dber-* «segurar, sustentar», com reflexos em diversos ramos da família indo-europeia.

A palavra *troupe* (XII) provém do latim tardio *troppus*.

O francês *Turque* provém do latim medieval *Turcus*, grego tardio Τούρκος.

A palavra *tyranie* (XII) «tirania» é derivação do francês *tyran*, que provém, via o latim, do grego τύραννος «tirano».

O termo *université* (XIII) está relacionado com a palavra *univers*, que provém do latim *universus*, da combinação de *uni-* com *versus*, de *vertere* «tornar», que significa «tornado em um». A palavra *université* formou-se a partir de *univers*.

A palavra *usurper* (XIV, representada no manuscrito pela forma *usurpent*) provém do latim *usurpare*, que representa a combinação de *usu* «para lucro» com *rapare* «captar». A respetivas raízes indoeuropeias são *\*oīt-* «levar» e *\*reup-* «agarrar», com reflexos em vários idiomas.

A origem de *vice* é o latim *vitium*, com o mesmo significado.

As palavras *violent* (XIII) e *violenter* (XIV) estão relacionadas com *violer*, do latim *violare* «violar». A raiz do Indo-Europeu é *\*weið-* «desejar, perseguir com vigor», com formas substantivadas relacionadas com a noção de «força»-

Quanto à origem das palavras que constam do léxico do manuscrito, além das palavras já referidas que vieram do latim (clássico e imperial), do italiano e do antigo indo-europeu, mas há numerosos

outros casos destas origens e de outras. Tal diversidade reflecte, em parte, a riqueza do léxico do manuscrito de Ribeiro Sanches.

De origem grega, notam-se, entre outras, além das já referidas, as seguintes palavras: *astronome* (século XVI), de ἀστρονόμος via o latim *astronomu-*; *baromètre* (XVI), de βάρος «peso» e μέτρον «medida»; *bibliothèque* (XV), de βιβλιοθήκη, via o latim *bibliotheca-*; *blasphème* (blásfeme no manuscrito, XII), de βλασφημία, via o latim *blasphemia*; *catalogue*, de κατάλογος (XIII, baseado em λέγειν «escolher») via o latim *catalogus*; *catholique* de καθολικός «universal», via o latim *catholicus*; *diable* de διάβολος (IX), do grego eclesiástico, via o latim eclesiástico *diabolus*, literalmente «caluniador», do verbo διαβोलειν, sendo que διάβολος se emprega na *Septuaginta*, para substituir o hebraico *Satanás*; *évangile* (XII) do grego εὐαγγέλιος, por via do latim eclesiástico *evangelium*, «doutrina de Cristo» (cf. o espanhol e o italiano *evangelio*, o português *evangelho*); *mathématicien*, derivado de *mathématique* (XIII), que veio, via o latim, do grego μαθηματική, de μανθάνειν «aprender» com τέχνη «ciência»; da combinação do grego θερμός «calor» com μέτρον «medir» resultou o francês *thermomètre* (XVII, *thermometre* no manuscrito), para designar um instrumento para medir o calor, com formas cognatas em numerosas outras línguas.

(Página deixada propositadamente em branco)

Série Documentos  
Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra University Press  
2016



• U C •

